IOLANDA MARIA ALVES ÉVORA

**(DES) ATANDO NÓS, (RE) FAZENDO LAÇOS:
ASPECTOS PSICOSSOCIAIS DA MIGRAÇÃO FEMININA CABO-
VERDIANA NA ITÁLIA**

*Tese apresentada ao Instituto de
Psicologia da Universidade de São Paulo
como parte dos requisitos para obtenção
do grau de Doutor em Psicologia*

**São Paulo
2002**

IOLANDA MARIA ALVES ÉVORA

**(DES) ATANDO NÓS, (RE) FAZENDO LAÇOS:
ASPECTOS PSICOSSOCIAIS DA MIGRAÇÃO FEMININA CABO-VERDIANA
NA ITÁLIA**

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos para obtenção do grau de Doutor em Psicologia

Área de concentração: Psicologia Social e do Trabalho

Orientador: Profa Dra. Sylvia Leser de Mello

**São Paulo
2002**

**(DES) ATANDO NÓS, (RE) FAZENDO LAÇOS:
ASPECTOS PSICOSSOCIAIS DA MIGRAÇÃO FEMININA DE CABO
VERDE NA ITÁLIA**

IOLANDA MARIA ALVES ÉVORA

BANCA EXAMINADORA

Salvador A.M. Sandoval
(Nome e assinatura)

Flávia Schelling FRÁVIA SCHELLING
(Nome e assinatura)

LEILA M.G. LEITE HERNANDEZ
(Nome e assinatura)

KENY SATO
(Nome e assinatura)

Sílvia Bessa de Mello
(Nome e assinatura)

Tese defendida e aprovada em: 10/03/2023

*À Arakcy Martins Rodrigues
in memorian .*

AGRADECIMENTOS

À professora Sílvia Leser de Mello pela orientação segura e compreensiva

Às professores Leny Sato e Flávia Schilling e à Helena Singer pelas sugestões apresentadas por ocasião do exame de qualificação

À CAPES pela concessão da bolsa.

À Comunidade Eclesiástica Italiana e à Igreja Católica de Cabo Verde pelo suporte material que tornou possível a pesquisa de campo em Roma.

Ao embaixador Hólvio Fernandes e a todo o pessoal da embaixada de Cabo Verde em Roma pela ajuda em todos os momentos. Em especial, à Fernanda Santos pela calorosa acolhida em sua casa.

Ao Jaime Oliva pela ajuda com o texto final e a Annie Dymetman também.

Ao José Manuel Pinto Monteiro, em Cabo Verde, à Fernanda Padovesi, Marcelo Justo, Mônica Rique e Wânia Pazinato, no Brasil, pelo apoio e amizade em todos os momentos.

À Guida, Nancy, Valdira e Jandira pelo auxílio oferecido na compilação dos dados

À Nalva e Cecília do Departamento de Psicologia Social pelo apoio e atenção.

Por fim, às migrantes sem as quais este trabalho não existiria. Agradeço pela generosidade com que me receberam e guiaram por Roma e Cabo Verde.

Resumo

ÉVORA, Iolanda Maria Alves. *(Des) atando nós, (re) fazendo laços: aspectos psicossociais da migração feminina cabo-verdiana na Itália*. São Paulo, 2002. 298p. Tese (doutoramento). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

A partir de uma pesquisa com mulheres cabo-verdianas que realizaram uma migração solitária e que vivem na Itália (em sua maioria como empregadas domésticas) investigamos os significados que elas atribuem às suas experiências de vida para compreender as maneiras de ser, de estar e de sentir ligadas ao fato migratório. No trabalho, consideramos as explicações da psicologia social acerca da ação dos sujeitos vivendo as suas experiências de vida que transformam as relações sociais. Para tanto, trabalhamos novas interpretações da questão migratória que contemplam abordagens integradas da migração, evitando dicotomias tradicionais, tais como: separação geográfica e temporal entre origem e destino e a cisão do sujeito em sujeito da imigração e de emigração; evitando também o tratamento dos fenômenos migratórios como processos anômalos, assim como a abordagem predominantemente centrada na razão do trabalho. Com essas posturas analisamos e interpretamos um conjunto de entrevistas das mulheres que nos permitiram concluir sobre as virtudes dessa abordagem mais integrada que faz uso da psicologia social para compreender o sujeito que pertence a uma comunidade constituída "entre lugares" e encontra formas de integrar os seus "cruzados eus". Finalmente, concluímos sobre as possibilidades e necessidades de se adotar como ponto de referência fundamental para estudos da migração a perspectiva do protagonista do fenômeno, que é o migrante.

Abstract

ÉVORA, Iolanda Maria Alves. *(Un) binding knots and (re) making ties: some psychosocial aspects of capeverdian women migration to Italy*. São Paulo, 2002. 298p. PhD Thesis. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

In this study about migrant women that emigrated all by themselves from Cape Verde to Italy, mainly as domestic servants, we looked for the meanings the women ascribed to their own life experiences in the new country, in order to understand some ways of being and feeling directly related to migration.

In this work we took into account the social psychology explanations about social actors experiencing transformation in their social relations. In this sense, we applied new interpretations on migration in the way of integrated approaches to the matter. We avoided traditional dicotomies such as geographic distance and temporal separation between origin and destination as well as the social actor's schism between emigration and immigration. We avoided as well the approach to migratory phenomena as anomalous processes and/or as processes prevailingly centered around job reasons.

The analysis and interpretation of the whole set of interviews led us to conclude about the virtues and advantages of this kind of integrated approach which applies social psychology to understand the social actor that belongs to a "among places" formed community and that finds different forms to integrate "crossed selves". Finally, we drew some conclusions on the possibilities and the necessities of adopting the protagonist's perspective - that of the migrating subject - as a main reference to the studies on migration, in opposition to the perspective of those who have remained in their own land.

SUMÁRIO

RESUMO.....	i
ABSTRACT.....	ii
APRESENTAÇÃO.....	iii
PARTE 1- QUADRO TEÓRICO	
1. MIGRAÇÃO	1
Uma experiência de deslocamento.....	2
Espaços e mudanças.....	3
Um problema humano.....	8
A migração para o trabalho.....	12
2. MODOS DE MIGRAÇÃO	17
Sociedade de emigração: as redes.....	21
Definições do imigrante	26
O encontro na migração: aculturação.....	30
Assimilação.....	31
Separação e segregação.....	34
Gênero.....	34
Usos e implicações da categorização.....	39
Raça, etnia e cultura imigrada.....	44
A integração do imigrado.....	53
Perspectivas integradoras.....	57
A sociedade de imigração.....	58
Transnacionalismo.....	63
3.MIGRAÇÃO: O ITINERÁRIO PSICOSSOCIAL	67
Sujeito emigrante/imigrante.....	81
PARTE 2- O CONTEXTO	
4.CABO VERDE.....	93
Das ilhas para o mundo.....	100
Efeitos da emigração.....	105
A origem e o destino.....	109
5. OS LUGARES: CABO VERDE /ITÁLIA.....	114
As mulheres que emigraram.....	114
A imigração na Itália.....	117
As cabo-verdianas na Itália	120
Entre as ilhas e a Itália.....	128
PARTE 3 - A PESQUISA	
6.O CAMPO.....	141
Metodologia.....	144
Instrumentos metodológicos.....	148
As entrevistas.....	151
Amostra.....	152
Abordagem.....	155
Local de realização.....	159
O contato entrevistado – entrevistador.....	161
Observação do campo.....	165
Forma de análise.....	167

7.(Des) Encontro.....	172
O trabalho.....	181
Trabalho e superação.....	189
A ocupação dos espaços.....	197
A chegada do estranho.....	201
Síntese do (des) encontro.....	216
8. Destino, Cabo Verde.....	220
Uma historia familiar.....	221
Sociedade de emigração: as interferências nas viagens.....	250
Os agentes anônimos.....	253
Uma comunidade entre lugares.....	259
PARTE 4- CONCLUSÃO	
9.O DESAFIO DO ESTRANHO.....	274
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	287

APRESENTAÇÃO

Há migrantes que assim já o são na partida, mas há outros que apenas se descobrem migrantes após um longo percurso, quando os motivos da partida se modificam no destino pois, é da condição humana ir significando a vida ao longo da experiência. Essa percepção, que foi se esclarecendo com o tempo, nos despertou para o problema que constitui o objeto de estudo dessa pesquisa: compreender os significados que são atribuídos à situação migratória e verificar as modalidades de experiência em que tais significados se fixam, o que, certamente, indica uma multiplicidade de experiências que se encerra apenas no limite da existência humana individual.

Soma-se o fato de a migração - uma constante na vida dos cabo-verdianos- ser freqüentemente apontada como o molde mais importante de uma sociedade de indivíduos sempre confrontados com as partidas, as viagens e os diversos lugares além da sua ilha e do seu país de origem. Em especial, a literatura cabo-verdiana tem retratado a partida como o destino inevitável para a maioria dos ilhéus por causa da pobreza e como meio de evasão e fuga ao espaço insular diminuto. Tal a dimensão da migração para Cabo Verde que costuma-se apontar para a singularidade de uma sociedade em que, a experiência das relações fundamentais são também experimentadas e protagonizadas pelos cabo-verdianos que estão fora. Além disso, no seu interior, o arquipélago ressoa intensamente as impressões vividas por tantos nacionais e gerações seguintes, no exterior. Portanto, é pertinente que se investiguem as dimensões da interferência da migração nos padrões cotidianos de comportamento que determinam as maneiras de ser, de estar, de fazer e de sentir dentro e fora do país. Acrescenta-se que a experiência cabo-verdiana demonstra as especificidades dos deslocamentos para os diferentes grupos que se movimentam, exigindo novas interpretações para o fenômeno migratório, como as que procuramos ao estruturar esta pesquisa.

Desta forma, completamos o enunciado do nosso problema inicial com a necessidade de examinar de forma mais sistemática as implicações do fato

migração para as identidades dos cabo-verdianos, nas condutas e modos de estar dentro e fora do país, nos significados que atribuem às experiências migratórias e às dinâmicas singulares de presenças e ausências. Sobretudo, torna-se necessário compreender como esta condição específica define as histórias pessoais e dos grupos e estrutura as relações e interações marcadas pelas constantes idas e vindas.

O grupo das mulheres cabo-verdianas em Roma foi o universo empírico do qual partimos para as reflexões mais amplas, escolhido por que, a nosso ver, expressa a complexidade das migrações cabo-verdianas. Este grupo social passa a compor um fluxo específico de deslocamento feminino individualizado que, a partir da década de 1960, se movimenta pela razão explícita do trabalho, ao invés da movimentação para o reagrupamento familiar. A escolha deste grupo deve ser entendida em duas dimensões: em primeiro lugar, de acordo com o olhar eurocêntrico sobre o mundo, incluem-se as mulheres, num dos grupos mais representativos dos fenômenos coletivos que definiram o século 20, a saber, os movimentos sociais, e nestes, os que trazem as questões das minorias e das identidades, com destaque para as mulheres, a negritude, o gênero e o terceiro mundismo. Além disso, em relação a Cabo Verde também expressam os efeitos sociais dos fluxos migratórios constantes desde o século dezanove que resultaram numa transferência de responsabilidades familiares no seio da sociedade cabo-verdiana pois, os homens estão ausentes nas épocas em que seriam mais importantes na vida familiar, o que transforma as mulheres em chefes de família e acentua o caráter matriarcal da sociedade. Neste sentido, as viagens das mulheres sujeitos da nossa pesquisa já são o efeito da outra migração (anterior, dos homens) e, paradoxalmente, como a migração costuma atingir primeiro os chefes de família, são também suscitadas a se deslocar quando assumem tal papel.

De posse da percepção do fenômeno migratório como algo bem mais complexo do que a percepção usual, somado aos significados peculiares que esse fenômeno possui em Cabo Verde, o investimento num quadro teórico que

pudesse avançar novas interpretações obrigou-nos a trabalhar algumas das abordagens tradicionais da migração que construíram um padrão para, a seguir, detectar abordagens que fugissem desse padrão e que nos permitissem ler as experiências que nosso objeto de estudo coloca. Esse intento foi parcialmente atendido. E nesse caso, a psicologia social foi um dos elementos que se apresentou com potencial teórico importante na constituição de nosso instrumental, capaz de abordar a migração como um fenômeno social dinâmico e também de alcançar os sentidos que somam os significados subjetivos e suas raízes sociais. A ela se juntaram perspectivas que dentro do campo conceitual da migração, procuram compreender de forma integrada, as múltiplas realidades que compõem o mosaico da migração contemporânea

O modo como organizamos a apresentação da pesquisa foi o seguinte. Estruturamos o trabalho em quatro partes: 1. O quadro teórico; 2. O contexto; 3. A pesquisa; 4. Conclusão. O quadro teórico foi trabalhado realizando abordagens críticas sobre os argumentos que, tradicionalmente referem-se à migração como o deslocamento fundamental da história do mundo contemporâneo, impulsionado essencialmente pela razão do trabalho, motivo exterior aos sujeitos, que reflete uma falha material e econômica na origem, a ser preenchida pela estadia em outro lugar. Neste momento do trabalho, são abordadas as formulações teóricas que, em síntese, traduzem a realização objetiva de um deslocamento geográfico que se efetiva entre dois lugares distantes entre si como principal elemento definidor do sujeito do movimento, nomeado, portanto, por ser emigrante na origem e imigrante no destino. A seguir examinamos quais os aspectos que se destacam na investigação sobre emigração, referentes aos motivos pessoais e do grupo familiar por detrás do deslocamento, aos aspectos da sociedade de emigração e às redes que se formam para assegurar a continuidade das partidas. Vários autores concordam que os reflexos da migração sobre a sociedade de emigração têm sido pouco analisados, ao contrário da imigração, tema atual em destaque. Sobre a imigração e o imigrante na sociedade de destino, verificamos que a preocupação central se refere ao processo de adaptação, com foco nos fatores contextuais ou psicológicos e nas diferentes respostas cognitivas ao contato

com os outros grupos no destino e à mudança. Do mesmo modo, tratamos das perspectivas que procuram esclarecer sobre os motivos essenciais para a construção de categorias definidoras do imigrante e suas implicações como fontes de legitimação da dominação e da exclusão. Com base nos pressupostos da nossa disciplina discutimos como abordar este fenômeno histórico, crônico, efeito da desigualdade política e econômica e indicador da desigualdade social mas que também atinge por dentro, alcançando a identidade e orientando para uma forma de demarcação temporal e espacial que se registra internamente no corpo, na imaginação e na memória de quem parte e de quem fica. Procuramos as explicações para o processo de produção e atribuição de sentido da experiência migratória que se baseiam tanto nos conceitos sobre as determinações sociais e as organizações duráveis de percepções e conhecimentos relativos a certos aspectos do mundo, como nas explicações sobre as práticas cotidianas, os eventos do dia-a-dia, as maneiras de fazer que as pessoas ensaiam nas práticas e nas interações.

No capítulo sobre o contexto, abordamos a forma como foram construídos os traços, os motivos profundos e as justificativas para as migrações em Cabo Verde desde a fuga mais tradicional à pobreza até à problemática dos personagens emprestando a sua carga emocional e nostálgica influenciada pela insularidade, pelo apego à terra, pela ambivalência do mar e pelo dilema do partir e do ficar. Também nos referimos aos aspectos históricos das migrações cabo-verdianas e da migração das mulheres que são o núcleo do objeto de estudo. Referimo-nos à origem e ao destino pela descrição que as mulheres fazem do seu trajeto entre Cabo Verde e Itália e o entrelaçamento das movimentações entre ambos.

Por sua vez, no universo empírico inicialmente tratamos dos motivos da escolha e do perfil do grupo, posteriormente apresentamos os pressupostos da metodologia qualitativa utilizada e das entrevistas constituídas por discurso livre, perguntas intermediárias e questionário sócio-econômico. Foram trabalhados o contexto do campo da pesquisa e os procedimentos para a escolha da amostra, a abordagem e a realização das entrevistas. Feito isso

partimos para a análise que considerou o conteúdo dos discursos e todas as circunstâncias presentes nos encontros. Visando alcançar as elaborações inconscientes, construímos categorias de análise com base nos discursos das mulheres e chegamos a dois conjuntos de temas: um que se refere a questões envolvidas no encontro e desencontro, em particular, entre as mulheres e os nativos da sociedade de destino; sobretudo por meio das relações de trabalho. A seguir, organizamos as categorias trazidas pelos discursos num conjunto que diz respeito às construções afetivas, emocionais que os deslocamentos produzem e às estratégias que visam manter a migrante vinculada a um país e a uma comunidade, ao mesmo tempo que deve permanecer no exterior. Foi no interior dessa construção que chegamos à elaboração sobre as metáforas pessoais e coletivas em torno do pertencimento a Cabo Verde (o mito do retorno e da nacionalidade cabo-verdiana), o que nos permitiu configurar uma idéia de caboverdianidade como algo que, implicitamente, define o caboverdiano identificado e identificável em relação a uma comunidade situada entre lugares.

Por fim, chegamos a algumas conclusões que combinam aspectos epistemológicos referentes aos estudos migratórios com reflexões sobre aquilo que constitui o sujeito da migração como algo não cindido, que engendra um fato social completo. Concluimos sobre outras dimensões da presença e ausência que se entremeiam e misturam suas características e também sobre o seu poder : o poder de se ausentar do lugar e por um momento, de um lado, e, inversamente, o poder de se tornar presente em um outro e num outro tempo.

Tais dimensões aproximam-se das perspectivas que, epistemologicamente, entendem que o ponto de partida para a compreensão das migrações contemporâneas deve ser a universalidade dos homens transportados através do mundo, homens traduzidos, produtos das diásporas, ao invés das verdades produzidas pelas interpretações sobre o deslocamento como anomalia que se instala tanto na origem, como no destino, incrustando-se, ainda, na constituição do sujeito que se desloca.

PARTE 1

QUADRO TEÓRICO

1. MIGRAÇÃO

Muitas são as dobras que constituem o tema da migração, ainda mais no mundo contemporâneo em que o aumento da escala das relações humanas e a ampliação dos contatos marcam os encontros entre coletividades e sujeitos vindos de tantos lugares e explicam a diversidade de caminhos possíveis oferecida pela literatura especializada.

Soma-se a este contexto o valor da migração para Cabo Verde e os cabo-verdianos como um dos aspectos mais salientes da vida social dos cabo-verdianos dentro e fora do país, e de cada sujeito, muito antes de partir, como membro de uma comunidade de migração. Como desdobramentos deste quadro, seguem-se as interrogações sobre o significado das experiências de vida dos cabo-verdianos, as dimensões da continuidade afetiva que estabelecem entre parêntesis físicos e presenças e ausências, as lógicas dos ajustamentos seletivos exigidos na concretização dos projetos migratórios e de como se dá a integração das referências que provêm de diferentes contextos.

Isto implica que a relação sujeito e migração envolve dimensões simbólicas não contempladas pelos conceitos centrais sobre a migração, suas causas e as formas de estar na imigração. Para esclarecê-las, examinaremos aqui como a teoria aborda a migração, os significados dos movimentos no espaço e suas implicações humanas e percorremos as abordagens que procuram alcançar aquilo que a tragédia da condição de migrante não revela, os percursos pessoais, e as formas de se tornar implicado nos lugares e para com as pessoas.

Uma experiência de deslocamento

Conforme Cohen, o início da história humana marca as experiências originais de organização social humana¹ e, ao mesmo tempo, as de mudança das pessoas e da forma nômade de vida. Todos os povos geraram seus mitos migratórios e histórias sobre o deslocamento das suas populações² e, mesmo que nos refiramos à terra prometida e à odisséia, sem estarmos cientes da origem de tais expressões³, a viagem como peça mestre na experiência humana, a parábola do filho pródigo que deixa a casa dos pais em busca de fortuna e glória, se inscrevem no folclore de quase todos os povos e, universalmente, representam a busca simbólica pela sabedoria e o enriquecimento da experiência (Cohen, 1995; Stalker 1995). Por seu lado, Cowan considera que, com as viagens, procuramos um glorioso cume de onde podemos observar o mundo de um relance, localizamos, enfim, certos lugares que presumimos existir para além do mundo conhecido. Para isso, precisamos ser observadores perspicazes de um mundo imaginário, deixar o mundo familiar e, sobretudo, não nos contentarmos em sonhar e deixar que os outros nos façam a narração sobre o mundo (Cowan, 1998).

Entretanto, aos deslocamentos humanos nos quais se costuma incluir a migração cabo-verdiana, atribuem-se outras definições e descrições, pois, conforme Cohen (1995), a história das migrações internacionais do século XX- marcada pela persistente migração laboral forçada como parte intrínseca da evolução do capitalismo mundial e os que não têm como ficar na sua origem- consiste em imensos e complexos fluxos de pessoas deslocadas, envolvem massas significativas de pessoas, constituem verdadeiras diásporas, portanto. A definição contemporânea, afirma Rocha-Trindade, toma como pré- requisitos a dispersão, o afastamento por um

¹ Atividades de caçada e colheita, além das fugas a desastres naturais, mudanças climáticas adversas, fomes, agressões no território por outras comunidades ou outras espécies vivas são ocorrências comuns (Cohen, 1995; Dollot, 1970)

² Por exemplo, outras civilizações antigas não influenciadas pelo mundo judeu-helenístico- notavelmente os impérios da Mesopotâmia, Inca, Hindu e Zhou. Os jardins suspensos da Babilônia, e os templos, palácios e pirâmides de outras culturas foram construídos por povos subordinados, forçados ao trabalho, freqüentemente, vindos de longas distâncias.

³ A lenda bíblica do êxodo dos judeus e o poema épico de Homero da viagem da Odisséia estão registrados na consciência ocidental. As diásporas pré-modernas dos mercadores africanos a negócios foram começaram na África, Ásia, cruzando o oceano Índico e o Mediterrâneo.

tempo significativo e a identificação e necessidade de evocar e tomar como referência uma pátria longinquamente afastada no tempo e no espaço. Mantém-se a relação emocional forte, nascida da tradição, da raiz étnica ou da religião e outras motivações, ao mesmo tempo em que é possível identificar um caráter de continuidade da migração e uma dinâmica que envolve mecanismos de adoção, rejeição ou modificação cultural (Rocha-Trindade, 1995, pp.141-142)⁴. Nesta definição, incluem-se movimentos migratórios como o de Cabo Verde que desde o fim do século XIX, a partir do arquipélago, encontra paragens como Estados Unidos da América, Brasil, Argentina, ex-colônias portuguesas na África, Senegal, Portugal e outros países europeus⁵.

Espaços e mudanças

Do grande movimento migratório a partir da segunda metade do século XIX, a investigação e a literatura destacam a grande mobilização europeia, sobretudo para a América⁶ e, por muito tempo ignoraram outras migrações contemporâneas que se movimentam pela Ásia⁷, África, Caraíbas

⁴ Nesta definição não se incluem as diásporas que recebem a designação de formas pré-modernas de migração⁴ por terem ocorrido antes da abertura da economia mundial europeia e das viagens que começaram nesse continente, a partir do século XV.

⁵ Rocha-Trindade assim define o movimento dos judeus da Europa para os Estados Unidos da América entre 1880 e 1914, os irlandeses para esse mesmo país no século XIX, os portugueses para o Brasil, Malaca, Estados Unidos da América, Venezuela e África do Sul. Além dos deslocamentos dos judeus desde os tempos bíblicos e os ciganos cuja origem talvez seja da Índia ou Egito, refere-se à diáspora chinesa desde o século XIII para outros países do Sudeste asiático e o mundo, os indianos que desde o início do século XX percorreram todas as possessões inglesas no Índico, chegando à África do Sul depois da abolição da escravatura no Império Britânico (Rocha-Trindade, 1995)

⁶ Diz-nos Klein que as grandes migrações europeias (1880-1915) deslocaram dez milhões de africanos e possivelmente cerca de quinze milhões de europeus. Após 1880, os Estados Unidos da América eram o principal país de recepção, recebendo 70% desses imigrantes. O segundo lugar em importância, porém, não era o Canadá, que recebeu apenas 2,5 milhões, mas de dois países latino-americanos: a Argentina, com 4,2 milhões, e o Brasil, com 2,9 milhões de imigrantes. Houve mesmo uma importante migração pós-independência para Cuba, no século XX, de cerca de 379 mil imigrantes espanhóis (Klein, 1999).

⁷ Os deslocamentos relativos à Ásia têm, entre os motivos, os processos de queda dos impérios coloniais e as independências e conflitos internos (nacionais, religiosos ou étnicos) na formação da nova nação. Outro resultado na Ásia é o processo de multiplicação de sub-unidades como regiões e minorias, a separação territorial, com resultados econômicos favoráveis, como é o caso de Singapura e Malásia (Fee, 1995), ou a criação de países muito pobres como Bangladesh (Islam, 1995). Raramente se trata do Vietnã, ou dos chineses, grupo que amplamente discriminada no local, compunha a maioria dos migrantes para Hong Kong (Bun, 1995), o deslocamento dos homens do Nepal para ocupar empregos subalternos na Índia e das mulheres, freqüentemente, empregadas na indústria do sexo em outras partes da Ásia (Seddon, 1995), a migração da Ásia para a Austrália restauradas após a guerra do Vietnã (Collins; Bottomley, 1995), as novas redes de correntes migratórias, segundo Stalker (1995), de trabalhadores das Filipinas, Indonésia, China, Tailândia e Paquistão em direção ao Japão e às novas economias industrializadas da Ásia do sudeste. O autor define-as como redes muito complexas, pois têm origem em países que são, igualmente, importadores de mão-de-obra.

e América Latina⁸, estes dois últimos, com países antes de emigração e que agora se transformaram em países de recepção.

Na África, o maior deslocamento foi, sem dúvida, a migração forçada de mais de dez milhões de africanos para o continente americano depois do século XV, a serviço da colonização, exploração e dominação colonial européia. Entretanto, na atualidade, são significativas as migrações acidentais devido às guerras e ao caráter artificial das fronteiras estabelecidas durante o período colonial. Assim pode ser descrita a mobilidade no continente, ao sul do Sahara

Todos os dias, centenas de milhares de pessoas- nômades, sazónários e fronteiriços- atravessam as fronteiras, desconsiderando os controles. Os nômades percorrem as terras áridas e semi-áridas com seus rebanhos, em busca de pastagens ou de mercados. Encontramos também pastores Fulani em Burkina-Faso, no Niger, na Nigéria e no Senegal, da mesma forma que encontramos as tribos Kuria, Luo e Masai ao longo da fronteira entre o Quênia e a Tanzânia. Estes nômades procuram, freqüentemente, a nacionalidade que lhes pareça mais segura no momento (Stalker, 1995, p. 251).

Por estes movimentos fronteiriços, a migração intercontinental escapa às estatísticas gerais que contam a mobilidade e o deslocamento humano como fluxos de pessoas. Stalker destaca, ainda, a presença feminina nos deslocamentos internos (aos países e ao continente), revelando a substituição do motivo de se juntar ao companheiro para a do deslocamento como resultado da assunção de responsabilidades de chefe de família e, conseqüentemente, a busca de melhores condições para o grupo⁹(1995).

⁸ Na América Latina, por exemplo, é o tradicional migrante bem-vindo a terras como a Argentina, o Chile, o Uruguai e o Brasil que tem ocupado os pesquisadores e, em alguma medida, foi incorporada à compreensão da migração internacional (Fausto et al., 1999). O longo deslocamento forçado dos escravos da África para o continente americano não costuma ser incluído, porém, na história dos imigrantes que vieram "fazer a América" (Fausto, 1999; Taeco, 2002) nas colônias européias deste continente, cujo empreendimento é apontado pela mudança que causou na fisionomia socioeconômica de países como a Argentina, Brasil, Uruguai ou Chile (Klein, 1999).

⁹ Na maior parte dos países representam 50% dos que se movimentam, ou, como na Nigéria ou Gana, correspondem a 75% ou três vezes maior número que os homens, respectivamente (Stalker, 1995, p.254)

A mobilidade intercontinental referente às ex-colônias portuguesas na África mostra que, além de fornecedoras da coroa portuguesa no comércio internacional de escravos¹⁰, essas regiões foram palco do deslocamento de mão-de-obra para o trabalho forçado entre si¹¹.

Cabo Verde merece especial atenção, afirma Ishemo (1995), pois, apesar de ser a colônia mais antiga na África, Portugal nunca dispendeu medidas para desenvolver uma base econômica viável que sustentasse a sua população¹². Cabral (1971) discute como os portugueses exploraram a fome de um lado, para fortalecer a sua dominação e, por outro, para conseguir trabalhadores baratos que exportavam para Angola e São Tomé e Príncipe. A partir do meio do século dezanove, inicia-se a emigração cabo-verdiana para os Estados Unidos da América, primeiro, exclusivamente para a Nova Inglaterra onde eram contratados como criados (Cabral, 1971; Matteos, 1973; Meintel, 1984).

Após o período entre os séculos XIV e XIX, a migração africana intercontinental pode ser conhecida por três formas predominantes, como aponta Cohen (1995): a primeira marca o fim dos impérios coloniais na África e os processos de independência dos países, em particular ao sul do continente, e as tentativas dos descendentes de portugueses e franceses, por exemplo, de se deslocar para os países de origem dos seus antepassados¹³. O segundo fenômeno envolve africanos que fogem das guerras, rivalidades políticas ou dos colapsos governamentais e emigram,

¹⁰ Moçambique, Angola e Guiné-Bissau eram importantes fontes de suprimento e Cabo Verde desenvolveu-se como colônia de assentamento, de tomada de decisão, com escravos tirados da costa superior da Guiné, funcionando como entreposto de escravos, tal como São Tomé e Príncipe.

¹¹ Com o declínio do tráfico de escravo transatlântico, especialmente no período 1855-57, cresceu a produção de café e cacau em São Tomé e Príncipe, acompanhado pelo crescimento da importação e exploração do trabalho escravo. As pressões internacionais impeliram Portugal a criar a nova categoria social de liberto para Moçambique, Angola, São Tomé e Príncipe e Cabo Verde. Conforme Ishemo, tratava-se de um eufemismo para a continuação da escravatura, para a importação clandestina de escravos de Angola para as plantações de café e cacau de São Tomé e Príncipe. O disfarce continuou e tornou-se política oficial instituir o trabalho contratado de outras colônias para o desenvolvimento da economia da plantação em São Tomé e Príncipe, sendo Cabo Verde a principal fonte de recursos deste tipo de trabalho (1999).

¹² No século XX, dois fatos determinaram a emigração de Cabo Verde. Em primeiro lugar, as secas sucessivas que até 1970, por um período de 21 anos, ceifaram 135,000 vítimas. Em segundo lugar, o interesse do estado colonial nas plantações de São Tomé e Príncipe. Foi durante a fome que as leis sobre "vadiagem" foram estritamente aplicadas. Entre 1903 e 1970, cerca de 80,000 pessoas foram transportadas à força para São Tomé e Príncipe. Na década de 1970, os cabo-verdianos estavam empregados nos EUA, em especial, nas colheitas de morangos da Nova Inglaterra (Matteos, 1973; Meintel, 1984).

¹³ Porém, muitos países não aceitaram os repatriados que, por conseguinte, procuram outras regiões como o Canadá, Estados Unidos ou Austrália (Cohen, 1995).

principalmente para os Estados Unidos da América¹⁴. A migração das ex-colônias portuguesas inclui-se entre os dois primeiros modelos de fluxo, pois, a independência de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe resultou no deslocamento de portugueses e seus descendentes e muitos ex-colonizados que, igualmente, também procuraram a antiga metrópole¹⁵. O terceiro movimento se desloca do norte e, em menor escala, do oeste, para o sul da Europa, para países do mediterrâneo com os quais os africanos do norte partilham uma experiência histórica vital interdependente e uma única economia e área cultural.

Pela dimensão espacial predominante acima referida, Stalker (1995) e Sayad (1998) explicam que, de tal forma, nesta época, os deslocamentos humanos resultam em expressiva modificação geográfica de uma realidade, que adotam-se, de forma incontestada, fundamentos espaciais como construtores dos paradigmas e das teorias dominantes sobre os mecanismos de mobilidade humana contemporânea. Para Rocha-Trindade, os deslocamentos a que se referem ao autores acima, são tomados como itinerários que individualizam determinadas épocas, traçadas pela conjunção de motivações individuais prioritárias e por um jogo de forças internacionais e nacionais. Por isso, muitas vezes não se consegue articular conscientemente todos os motivos pelos quais "entre os espaços que se deixam e os espaços que se procuram, os homens migrantes estabelecem largos circuitos de comunicação e estruturam redes de contato que interesses comuns e afinidades culturais, de aquém e de além fronteiras, ajudam a cimentar" (Stalker, 1995, p.146)

A análise do fenómeno migratório, na opinião de Amselle (1976), encontra-se encoberta pelo que o autor designa de *ideologia espacial*, embora, como afirma, o deslocamento no espaço, em si, não crie nenhuma modificação decisiva na forma geral de uma sociedade ou no status de um indivíduo. A migração ocorre, diz o autor, com uma mudança de estado e de

¹⁴ Bigman (1995) afirma que esta migração envolve um número significativo de nigerianos e etíopes, mas, nos Estados Unidos, este fenómeno é academicamente ignorado porque o número parece pequeno e porque, como "outros" na sociedade eurocentrica, os africanos tornam-se parte da comunidade afro-americana.

¹⁵ Aponta-se, comumente, que o aumento da emigração cabo-verdiana para Portugal neste período se deve, sobretudo, ao deslocamento de pessoas identificadas com o regime colonial anterior. De Angola e Moçambique, porém, deve-se não apenas a esse motivo como ao recrudescimento da guerra, não mais de libertação mas entre os grupos nacionais que divergem em termos políticos e ideológicos.

condição social para além da evidência do deslocamento, e, por conseguinte, o ponto de partida da abordagem não deve ser a evidência do deslocamento mas "a transformação das sociedades e a mudança do estatuto social dos seus membros." (p.29).

Mas, as definições, em geral, tratam da migração que dá lugar à classificação das pessoas como *emigrantes* e *imigrantes*, em que o deslocamento realiza-se de um país para outro ou de uma região para outra suficientemente distinta e distante, por um tempo suficientemente prolongado¹⁶ para que implique viver em outro país e nele desenvolver atividades da vida cotidiana, portanto, ação e efeito de passar de um país para outro e nele estabelecer-se (Grinberg & Grinberg, 1984)¹⁷. Significa, adotar de forma temporária ou definitiva, um país e um ambiente que não os da sua origem (Dolot, 1970, p.5). Neste mesmo sentido, afirma Rocha-Trindade que o processo de emigração/imigração é corporificado por elementos humanos individuais e, os mesmos indivíduos recebem designações e estatutos sociais diferentes no desenvolvimento das situações que, cronologicamente, se desenvolvem desde o país de emigração ao país de imigração:

O emigrante é um nacional ausente, com perda pouco significativa de direitos no país de onde provém e, talvez até, uma certa diminuição dos deveres e obrigações inerentes à sua qualidade de cidadão. Em contrapartida, como imigrante é um estrangeiro vindo de fora, encontrando uma sociedade que provavelmente desconhece e onde terá de inserir-se, sujeitando-se às leis que a administram (Rocha-Trindade, 1995, p.31).

¹⁶ Conforme Petersen (1978), a Organização das Nações Unidas recomenda (e vários países seguem) que seja usado para definir "migração" a remoção por um ano ou mais, pois estabelece condições para a definição de um comportamento futuro. Por menos tempo, considera-se o deslocamento como uma visita.

¹⁷ Há dificuldades em especificar termos como movimento "permanente" e distância "significante". A generalização não inclui todas as situações, como as migrações repetidas, os que retornam periodicamente ao lugar de origem, a separação temporária institucionalizada comum, por exemplo, dos homens que trabalham na indústria e nas minas e se mudam para países vizinhos na África ao sul do Sahara. A distância significativa não considera que migrar significa mudar de residência, mas na utilização atual, significa muito mais mudar de comunidade, não considerando as pessoas que se mantêm sob uma mesma estrutura social mesmo mudando de casa ou de vizinhança. Ao mesmo tempo, o migrante cruza para outra comunidade sem que, no entanto, a distância cultural entre a sua origem e esta seja significativa (Petersen, 1978).

Um problema humano

Para Monteiro, em geral, as hipóteses fundamentais que precedem os estudos sobre a migração relacionam-se ao mito da sociedade estática – uma forma organizada, completa e compreensível- e ao pressuposto de que a condição natural do homem e das populações é sedentária. Conseqüentemente, descreve-se o migrante como um forasteiro ou pessoa marginal, um desvio em relação à sociedade estabelecida pois, afirma Ciampa, desde a emancipação da condenação da natureza, quando o homem diferencia-se dos animais e deles se distancia, os grupos primitivos nômades ganham, muito lentamente, o caráter excepcional, face ao fortalecimento do sedentarismo como modo mais característico e adequado de vida do ser humano (Ciampa, 1986).

Além disso, afirma Monteiro, toma-se como ponto de partida que é necessário haver motivos internos e externos para a migração de um indivíduo ou grupo, o deslocamento no espaço significando desenraizamento, mudanças e alterações que atingem as histórias pessoais e também as sociedades na origem e no destino. Entre inúmeros fatores responsáveis por tais definições, destacam-se, por exemplo, o distanciamento que separa o migrante da comunidade de origem, a ruptura numa biografia perturbada, a não coincidência de normas e valores com a sociedade de inserção, as alterações na identidade, a descontinuidade relativamente a expectativas, carreira e projetos, e a modificação dos horizontes cognitivos e o redesenho das redes sociais (Monteiro, 1998).

Conforme Amselle (1976), toma-se como naturalizada a oposição entre o lugar de origem dos migrantes e o de acolhimento, entre a sociedade que *cria* os migrantes e a que os recebe¹⁸. Por este modo bipolar predominante de tratar os fenômenos migratórios, o debate que se desenrola, em geral, parte de pares de conceitos, sob a constatação

¹⁸ Nasce, assim, uma série de questões, conforme Amselle: quais as razões que fazem os homens deixar o seu lugar de origem? Qual a condição dos imigrantes no lugar de destino? É diferente da de origem? Quais as ligações que estabelece entre origem e destino? Qual o efeito para a sociedade de origem a partida de uma fração maior ou menor dos seus membros? Qual o efeito no país de chegada de uma proporção maior ou menor de estrangeiros?(1976)

explícita de um deslocamento original que se efetiva entre um ponto de origem oposto a um ponto de chegada¹⁹.

Klein responde à questão tradicional sobre por que as pessoas emigram com a seguinte síntese:

Para começar, deve-se dizer que a maioria dos migrantes não deseja abandonar suas casas nem suas comunidades. Se pudessem escolher, todos- com exceção dos poucos que anseiam por mudanças e aventuras- permaneceriam em seus locais de origem. A migração, portanto, não começa até que as pessoas descubrem que não conseguirão sobreviver com seus meios tradicionais em suas comunidades de origem. Na grande maioria dos casos, não logram permanecer no local porque não têm como alimentar-se nem a si próprias nem a seus filhos. (1999 p. 13).

Grinberg e Grinberg, a partir da psicanálise explicam que, em virtude do grande número de imigrantes com transtornos psíquicos, consideram a incidência de uma problemática psicológica particular que afeta a pessoa que migra e o seu meio, e se relaciona tanto com as suas motivações como com as suas consequências (1984). Cabendo em seus argumentos uma suposta ligação visceral do indivíduo ao seu lugar de origem, por conseguinte, "a migração é uma dessas contingências da vida que expõem o indivíduo que a experimenta a passar por estados de desorganização, que exigem uma reorganização ulterior, que nem sempre acontece" (1984, p. 26)²⁰.

Nas posições acima apresentadas podemos reconhecer uma correspondência entre migração e desorganização: quem sai, cria, com o seu deslocamento, uma situação de excepcionalidade para si e para as

¹⁹ Amselle aponta para a correspondência entre esta posição binária e a que ocorre em grande parte das ciências sociais, particularmente quando se ocupam das sociedades dominadas, estabelecendo uma visão eminentemente dualista dos fenômenos sociais, adotando-se pares de conceitos que fornecem uma visão dicotômica do mundo social. Fenômenos sociais complexos como a migração são assim compreendidos e explicados por um pensamento repetido e solidificado que não permite a adoção de formas de pensar combinadamente aspectos da realidade ou verificar se, efetivamente, as oposições não constroem falsos problemas (1976).

²⁰ Com base no modelo original de Otto Rank sobre o trauma do nascimento e da perda da mãe protetora, Grinberg e Grinberg (1984) analisam o sentimento de desamparo, segundo eles, a qualidade específica da experiência traumática da migração. Corresponderia, igualmente, nas suas palavras, à explicação de Bion sobre a experiência de perda do objeto continente, "que traz como consequência, e em situações extremas, a ameaça de desintegração e dissolução egóica, com perda dos limites do eu." (p.25). Os

sociedades de origem e de destino, o que marcará o seu percurso e todas as consequências dessa deslocação. Além disso, a questão da ruptura instaurada pela migração, tal como analisado por Hanna Arendt, sugere um movimento em que não há uma opção, as pessoas somente podem perder e isso nega todo o movimento da construção de um movimento (1989).

Aplicada à migração atual, a tese reproduz-se na medida em que, como mostra Palidda, como a possibilidade de emigrar e imigrar regularmente torna-se inacessível, a migração clandestina/ ilegal reduz o número de migrantes uma vez que a emigração clandestina custa caro, implica em riscos consideráveis: "o fato de migrar torna-se um ato que, em si mesmo, conduz o migrante à categoria criminalizada, nas classificações de sujeitos potencialmente delinquentes e que, portanto, devem evitar a polícia." (1999, p.45)²¹.

Tese aplicada à migração atual que, conforme a autora, encontra contexto favorável pelo fato de que a ilegitimação crescente das presenças imigratórias nas sociedades de recepção europeias, conduz os imigrantes, a outros delitos, "em especial, os que podem ser classificados na categoria de delitos da imigração, a saber, a imigração clandestina, a ocultação ou destruição de documentos de identidade, a declaração de falsa identidade, os falsos documentos, as faltas de todos os gêneros (1999, p.45).

Quer dizer, no passado, a grande maioria dos migrantes acreditou que todo o mundo poderia alcançar o êxito através do trabalho e pela via legal, desde que soubesse se adaptar, aceitar os sacrifícios, por vezes, pesados, as humilhações e os sofrimentos consideráveis, de saber se arrumar e trabalhar duro até alcançar a salvação: a autorização de estadia permanente, ou até mesmo a naturalização, um bom trabalho corretamente remunerado, ou talvez um trabalho independente, o acesso à posse da moradia e tudo o que simboliza o êxito, face à sociedade de origem ou aos outros imigrantes, e mesmo, face aos autóctones pertencentes às classes subalternas. Ao contrário, atualmente, a maioria está condenada à precariedade e mantém-se constantemente sob a ameaça de perder a

autores associam vivências mais intensas de desamparo, carência e separações na infância, com o maior sentimento de desamparo e angústia vivida na experiência migratória.

²¹ Todas as citações de autoria de Palidda, são traduções livres a partir do original, em francês.

renovação da sua autorização de permanência, pouco mais lhe restando que mudar entre empregos precários, moradia provisória e indigência.

A criminalização da migração na Europa é um dos fatos sociais mais característicos da redefinição da ordem política e social no continente. Discriminação 'negativa' muito menos pelas atitudes racistas do que pela escolha do poder político local e nacional partilhado e mesmo solicitado por cidadãos nacionais.

Assim, se durante toda a história da sociedade industrial a exclusão social foi o produto do esgotamento das capacidades de inclusão e se a criminalização estava reservada somente aos subversivos e às classes perigosas que se confundiam com aqueles, atualmente, a criminalização da migração significa que a fronteira entre autóctones e imigrantes estrangeiros, quer dizer, entre cidadãos dos países dominantes e dos outros tornou-se uma barreira de violência. (1999 p.47).

No campo da migração, mantém-se o tratamento científico na dependência do tratamento social que, no nosso tempo, a designa como *problemas da migração*, tratando-se, portanto, a investigação como o estudo dos diferentes "problemas sociais" que tanto o senso comum como a ciência deslocaram para os primeiros. Tal como outros objetos sociais, o discurso sobre o imigrante e a imigração é um discurso imposto, e mais do que isso, é até mesmo toda a problemática da ciência social da imigração que é uma problemática imposta. E uma das formas dessa imposição é perceber o imigrante, defini-lo, pensá-lo ou, mais simplesmente, sempre falar dele como um problema social (Bourdieu, 1998, p.56).

Autores como Sayad (1998) e Portes (1997; 1999) notam que a abordagem contemporânea da migração a constituiu como um problema, um tema científico, alicerçada na história da sua gênese e utilização, associada a representações específicas, produzida por meio de processos e constituída por pressupostos mais ou menos dissimulados que estão incluídos em campos como o político, o social, o histórico e o acadêmico. Por isso, como destaca Sayad, é necessário reportar à lógica da história deste campo e às disposições historicamente constituídas que incluem - no caso de migrações como a de Cabo Verde - desde a própria colonização, à

ocupação, emigração, imigração e as favelas onde reside a maioria dos migrantes atuais nos lugares de destino (1998).

A migração para o trabalho

A principal definição sobre o migrante e a migração contemporânea é a de que se explicam pela busca de segurança e melhores rendimentos e traduzem a instabilidade econômica e financeira à partida. Stalker assim se refere à sua origem:

atualmente, associa-se freqüentemente, a idéia de migração à do mercado internacional de emprego. Os excessos ou falta de mão-de-obra que conhecem certos países são compensados pelos fluxos com destino ou provenientes de outros países. é neste sentido que se pode afirmar que a migração internacional de mão-de-obra começou, efetivamente, com a esclavagismo. (1995, p. 11)

Dollot compara a migração até ao século XIX com a do século XX e conclui sobre esta

A maior parte das migrações atuais obedece a imperativos de ordem política, econômica e social preponderantes, pelos quais, os direitos da coletividade prevalecem aos do indivíduo. O emigrante pioneiro cedeu lugar ao candidato selecionado que é negociado entre dois ou mais Estados ou ao refugiado que, freqüentemente, ninguém deseja. O século XX decidiu em favor do estado e da planificação aquilo que o século XIX tinha deixado à liberdade do homem e a seu espírito criador e de aventura (1970, p.126)

Em relação às migrações africanas, defende Amselle, resultam em transformações sociais e devem ser analisadas essencialmente no quadro da economia capitalista mundial. Em conseqüência, estudar as migrações é apreciar a eficácia do deslocamento na perpetuação e transformação de uma sociedade; é medir o efeito que a mobilidade faz pesar no funcionamento e na evolução das relações de produção (1976, p.30). Conclui o autor que "mais do que economias de transição, as sociedades camponesas africanas, verdadeiras sociedades reservatório, não passam de apêndices do capitalismo e se definem apenas pela função que ocupam

nesse sistema" (p.33). Não sendo, porém, o sistema de reservas o instrumento indispensável à exploração dos trabalhadores migrantes, para que esta prossiga, é necessário que

mecanismos de exclusão se instaurem no quadro do sistema capitalista e que sejam instituídas diferentes categorias de trabalhadores. No caso dos trabalhadores migrantes, é o estatuto de estrangeiro ou de cidadão de segunda região imposta pelos Estados africanos e europeus que, paralelamente à ideologia difundida pelo meio de origem, permite ao setor capitalista adquirir a força de trabalho abaixo do seu valor. (1976, p.134).

Para Portes, o movimento migratório torna-se o principal instrumento da internacionalização do capital e o capitalismo promove, agora, o colonialismo interno, com a transferência do objeto de exploração (os trabalhadores) para as metrópoles (1999). Muito mais do que o diferencial de salários (variável renda) entre países de origem e de destino, ou a pobreza, as determinantes da emigração estariam radicadas nos setores da população mais afetados pela disparidade entre as expectativas de vida moderna e os meios econômicos para as alcançar. Diz o autor que, as idéias amplamente divulgadas defendem que são os homens e as mulheres mais pobres do terceiro mundo que emigram para escapar da miséria dos seus países. Ao contrário, verifica que não são os mais pobres de entre os pobres que emigram mas

a emigração atual é resultado de duas forças ligadas entre si, cuja fonte encontra-se na dinâmica da expansão capitalista em si mesma: a necessidade dos países ricos em mão-de-obra, bom mercado é acompanhada pela penetração, nos países periféricos, pelos investimentos produtivos, os modelos de consumo e a cultura popular das sociedades avançadas²². (1999, p.16)

São criadas novas aspirações de consumo e aumenta a distância entre estas e as realidades locais, exacerbando o desejo de partir da classe média e dos operários, geralmente os mais expostos às mensagens

²² A tendência do capital mundial em desenvolver mercados em países periféricos retirando-lhes a reserva de mão-de-obra teve uma série de consequências previsíveis, entre elas a remodelagem da cultura popular em relação aos modelos estrangeiros e a introdução de modelos de consumo sem relação com o nível dos salários locais (Portes, 1999).

publicitárias e aos símbolos culturais projetados pelos países avançados (1999).

Sobre os desdobramentos das explicações economicistas da migração, acima sucintamente apresentados, Sayad considera importante o fato de resultarem nas formas de definição e de tratamento do sujeito da migração. Para Sayad, tais posturas descrevem a subordinação da migração ao trabalho, razão que lhe é exterior e à qual, conseqüentemente, também se submete a razão de ser do emigrante e do imigrante. Sem a justificativa do trabalho, a ausência (do emigrante) e a presença (do imigrante) perderiam o seu sentido racional, tornando-as intoleráveis e absurdas do ponto de vista da razão nacional, da razão do Estado nacional e em todos os outros pontos de vista: intelectual, ético, econômico ou cultural.

Dasseto (1990) descreve as migrações modernas que tomam a forma de verdadeira mobilização de massa das populações assalariadas e suas famílias, favorecidas, inicialmente, pelos estados. Os movimentos migratórios sofrem uma transformação radical para fenômenos de massa que, a partir do século XIX, definem o estabelecimento de regras e acordos bilaterais entre países *importadores* de mão-de-obra e os países *exportadores*.

Subordinada à razão do trabalho, a presença do imigrante, não sendo um processo natural, pode naturalizar-se por um processo de legitimação, pois, não saberia ter em si mesma o seu próprio fim, ou encontrar outro sentido que não o da atividade salarial que o imigrante deve realizar. A entrada do imigrante é caracterizada como uma entrada salarial discriminada, eventualmente associada a uma função demográfica, ligada, portanto, às relações de produção da sociedade que é seu destino e a sociedade de origem. Estas condicionam a sua inserção no espaço institucional e político, o tratamento diferencial em termos de direitos sociais e as práticas oficiais e não oficiais de ambas as sociedades (Dasseto, 1990).

Sendo a lógica da entrada do migrante justificada pela lógica do trabalho, a economicização e a despolitização são características que recebem uma adesão quase universal, por um processo inconsciente e eficaz das estruturas mentais. Estas permitem que os discursos sobre a

imigração emanem dos mesmos esquemas de pensamento que operam a distinção entre cidadãos residentes- que pertencem à nação e têm todos os privilégios específicos- e os residentes estrangeiros, excluídos. Por este processo, partilhamos as percepções do Outro que é o estrangeiro, e das mesmas definições que existem a respeito de Si e do Outro, sendo este, explicitamente, o negativo da definição de Si (Sayad, 1998). Estas definições em comum estariam presentes nos discursos que, com base na noção de que a migração põe em contato duas nações, fundamentam as determinações sobre o ser emigrante/imigrante às necessidades aparentes dos dois lugares, as quais seriam coincidentes com as necessidades e aspirações do sujeito da migração.

A ilusão compartilhada, diz o autor, está na base da imigração e ninguém infringe às categorias pelas quais o imigrante é pensado (e se pensa) e é constituído (e se constitui). Pelo tipo de entrada na sociedade de destino (entrada econômica), é necessário pensá-lo como provisório, mesmo que, objetivamente, se torne definitivo. Na sua avaliação, a ilusão é construída e compartilhada pelos três parceiros: sociedade de origem, sociedade de destino e emigrante/imigrante: a sociedade de origem procura acreditar que os imigrantes são simples ausentes, o abandono é provisório e devem retomar ao lugar idênticos ao que eram. A sociedade de imigração define o estatuto de provisoriedade negando outra forma de estadia que não seja a provisoriedade contínua, e tolerando a presença (mesmo que antiga) desde que se prolongue definitivamente o provisório.

Partem, sobretudo dos autores preocupados com a construção da migração como *problema social* e sua transformação em um problema para a ciência, a reflexão sobre as implicações da dicotomia verificada no tratamento da emigração/imigração, apesar da constatação dos motivos e efeitos complementares entre origem, destino e sujeito migrante.

As questões sobre as causas e os motivos que podem determinar as partidas, a diversidade de condições de origem e das trajetórias devem ser objeto de um mesmo sistema de compreensão do fato migratório, defendem Sayad e Bourdieu (1998). Conforme os autores, é preciso procurar a origem dos 'imigrantes' que também são 'emigrantes' e todas as

particularidades que a ela encontram-se associadas e que explicam muitas das diferenças observadas nos destinos posteriores.

Conforme verificaremos a seguir, a literatura trata a emigração e a imigração de forma separada, encontrando para cada um, um conjunto diferenciado de temas e preocupações.

2. MODOS DE MIGRAÇÃO

De Ravenstein às modernas abordagens, migrar traduz-se na escolha dos que não têm escolha, obrigados a partir por falta de alimentos, por perseguição política, religiosa, étnica, ou por causa de alguma catástrofe natural. Assim, as primeiras teorias preocupadas com o móbil da partida, tratavam dos fatores de atração - expulsão, numa clara referência ao caráter de involuntariedade do gesto de se afastar da origem, em contraste com os motivos que explicariam a escolha pelo destino ou ponto de chegada. Os modelos clássicos e suas versões modernas²³ retomam a relevância das causas das deslocações, ao sustentarem-se na perspectiva de se tratar, o migrante, do *homo economicus*, indivíduo racional que, não sendo o objeto fundamental da sociedade nem seu principal interveniente, age segundo padrões utilitários e decide sobre a sua mudança espacial a partir da análise das condições objetivas, quer dizer, da funcionalidade instrumental e "fora de qualquer consciência que não a da própria racionalidade imanente ao progresso histórico" (Rocha-Trindade, 1995, p.61)²⁴.

²³ Desde Ravenstein e as suas 11 leis sobre a migração, as teorias economicistas explicam a migração com base nas desigualdades econômicas entre as regiões que se equilibram porque as pessoas se deslocam das regiões pobres (de origem), com desemprego e baixos salários, para as regiões ricas (de destino) que oferecem trabalho e melhores salários (Lee, 1969). Os fatores pessoais (alterações do ciclo de vida, capacidades pessoais de avaliar a situação e adaptar-se ao novo meio social, contatos e informações disponíveis sobre o meio no destino), e os obstáculos intervenientes (barreiras físicas, custos dos transportes e distâncias envolvidas) também dominariam a matriz das tomadas de decisão, conforme Lee (1969) e Borjas (1989). Além do padrão de salários e os fatores de oferta e procura relativos ao fornecimento de mão-de-obra (Kindleberger, 1967), os indivíduos decidem emigrar no seio de um "mercado de migração" que serve aos recursos humanos, à semelhança dos bens que são servidos pelo mercado internacional de mercadorias (Rocha-Trindade, 1995, p.76). Neste sentido, as migrações serviriam para compensar as diferenças que as variáveis das vantagens dos diferentes locais de emprego provocam, contribuindo para a manutenção do equilíbrio salarial (Jackson, 1986).

²⁴ No centro das críticas aos modelos neo-clássico e do equilíbrio, aponta-se o fato da ausência de uma análise do contexto histórico no qual as decisões individuais são tomadas e das questões relativas a

Uma das interrogações mais freqüentes sobre os aspectos psicológicos da migração trata dos motivos pessoais que levariam ao deslocamento, com destaque para os aspectos cognitivos da satisfação pessoal. Ao destacar os trabalhos sobre as contradições de estatuto, os conflitos de papéis sociais, os desequilíbrios de estatuto e as tensões estruturais e anômicas, Hoffman-Nowotny interpreta a migração como fator atenuante das tensões entre os grupos e pessoas em disputa pelo poder e prestígio, recursos diferentemente repartidos na sociedade. Hoffman-Nowotny analisa que a pessoa se dá conta que o seu estatuto social e seu poder real na sociedade encontram-se em dissonância mútua tornando contraditória a sua situação social. O indivíduo deixa a sociedade e o lugar por experimentar um sentimento de frustração e procura um meio onde não existam pressões de estatuto pré-estabelecidas determinando o seu estatuto e prestígio, ou no seio do qual o seu estatuto objetivamente pouco elevado servirá para justificar a sua falta de prestígio (1981).

Kubat e Nowotny concluem que as análises sociológicas sobre os fatores micro-sociais orientam-se para o fato de que a maioria dos indivíduos toma a sua decisão no seio da família da qual é membro, antes de tudo, e as considerações objetivas sobre a decisão de partir sempre são contrabalançadas pelas considerações subjetivas, sobretudo quando se trata da resolução sobre a partida do marido (1981)²⁵.

As decisões individuais de migrar estão sujeitas aos constrangimentos dos modos de orientação, dos fatores sociais e dos processos de decisão socio-psicológicos. Lee (1969) estima que os atributos dos sujeitos são variáveis decisivas do processo migratório, na medida em que a apreciação que o indivíduo faz da situação é primordial para que a mudança aconteça. O indivíduo age de acordo com a sua vontade, que se traduz na necessidade experimentada de mudar de lugar e, por isso, os estudos se concentram nos processos de decisão, indicando como o emigrante maximiza as suas vantagens quando decide partir e, em relação

fatores estruturais que determinam o volume, as tendências e os padrões migratórios (Giddens, 1976; Salt, 1981; Wallerstein, 1979)

²⁵ Consideram Kubat e Nowotny que tais abordagens tropeçam em duas dificuldades ao traduzir os resultados da micro-análise em proposições macro-analíticas: determinar o processo de tomada de decisão exige que se considere um grande número de variáveis explicativas individuais. As variáveis de

aos que ficam, os fatores sociais, sócio-psicológicos, familiares e as atitudes subjetivas de adaptação à deslocação e à ausência do emigrante.

Muito tempo após a contribuição clássica de Ravenstein, Everett Lee procura compreender os efeitos das migrações nas áreas receptoras e emissoras, acrescentando fatores pessoais como, por exemplo, as alterações no ciclo de vida, as capacidades pessoais de avaliar a situação e adaptar-se a um novo meio social e os contatos e informações disponíveis acerca do meio de destino (1969).

De outro modo, Amselle concorda com as abordagens psico-sociológicas ou culturalistas das migrações que procuram na história da sociedade estudada certos fenômenos que podem estar na origem das migrações atuais como as investigações próximas da etnologia, sobre povos que seriam mais ou menos propensos à migração, de caráter pioneiro e dinâmico (1976). As teses dessas disciplinas consideram as características internas de uma coletividade - que observadas localmente, por um determinado período e comparativamente- apontaram para etnias mais dinâmicas ou conservadoras, mais ou menos voltadas para si mesmas, introvertidas ou extrovertidas, de acordo com a personalidade de base dos membros de uma coletividade e o seu modelo cultural²⁶.

Pouco autores têm aprofundado se aspectos como as motivações, objetivos, valores e aspirações individuais por detrás da decisão de emigrar podem ser reunidos para se constituir uma personalidade migratória e responder à questão: Por que as pessoas emigram? Boneva e Frieze orientaram os seus estudos pela interrogação sobre quem escolhe sair e por quê, face à constatação de que, sob as mesmas condições, alguns saem e outros ficam (Boneva e Frieze, 2001). Os autores encontraram em seus estudos que os indivíduos que desejam emigrar possuem características de personalidade específicas que os diferenciam dos que preferem ficar no seu país de origem. Mesmo em situações de países com políticas emigratórias muito restritivas, muitos indivíduos correm grandes riscos para sair; ao

todos os indivíduos não correspondem entre si, mas o modelo só pode considerar a soma das respostas, o que se torna mais complexo ainda quando se acrescentam mais variáveis como a etnicidade (1981).

²⁶ Por exemplo, afirma Amselle (1976), determinada tese defendida considerava que existiria um modelo cultural padrão específico de tal ou tal população, reatualizado em diferentes épocas históricas (por exemplo, durante a época pré-colonial e, posteriormente, na época contemporânea), induzindo certos efeitos sociais como, por exemplo, as migrações.

mesmo tempo, em países muito abertos à emigração e com uma condição econômica desfavorável, os indivíduos podem preferir manter-se nas suas fronteiras. Por outro lado, as redes de amigos e familiares que emigraram anteriormente podem tornar-se fatores de transformação de uma nova região no destino mais provável, e a rede social no país de destino determinante para o comportamento migratório. Os autores argumentam que as condições econômicas desfavoráveis, as políticas de emigração e imigração e as redes de apoio no país de destino e outros fatores do meio criam as condições para se querer sair, mas o desejo de fazê-lo baseia-se na personalidade dos que fazem a escolha.

Esta personalidade padrão, associada a outros fatores psicológicos, interage com fatores do meio e oportunidades para produzir o comportamento migratório atual. O modelo sugere que indivíduos que de fato se deslocam para outro país podem fazê-lo por várias razões, e não esperamos que todos os migrantes tenham personalidades similares. Argumentamos, entretanto, que um certo padrão de características da personalidade poderá ser previsto em relação a um elevado nível de desejo de emigrar (Boneva e Frieze, 2001, p.419)

As suas conclusões têm por base pesquisas que mostram que as pessoas mais propensas a emigrar são mais orientadas para o trabalho e têm maior motivação para procurar conhecimento e poder, mas menor motivação para a afiliação e menor centralidade da família nas suas vidas.

Grinberg e Grinberg têm o foco do seu trabalho centrado nas possíveis interferências psicológicas no processo de aculturação dos imigrantes. Verificam que, além dos fatores externos que justificam as migrações, os lugares são considerados ou fantasiados como acolhedores porque, na escolha, opera também uma fantasia inconsciente de busca de uma mãe-terra nutridora e protetora, freqüentemente idealizada (1984). Determinados aspectos psicológicos caracterizam a *emigrabilidade*, quer dizer, a capacidade potencial do emigrante adquirir no novo ambiente, de forma gradual e comparativamente rápida, uma certa medida de equilíbrio interno considerado normal para aquele indivíduo. Entre tais aspectos, incluem-se as características específicas das pessoas que se considera em

melhores condições para emigrar, como a capacidade de dominar ou superar a nostalgia. Os indivíduos que estariam contra-indicados à emigração seriam "os que apresentam problemas pessoais e familiares, com pouca eficácia em sua atividade laboral, ou os que têm perturbações psíquicas acentuadas"(p.33)²⁷. Os grupos familiares que tendem a "engolir" os seus membros e apresentam grandes dificuldades para a separação, ou então, as famílias "do tipo esquizóide (que) parecem 'vomitar' seus membros" e tendem à dispersão (1984, p.33). Concluem Grinberg e Grinberg pela inexistência de uma personalidade específica que condicione a tendência migratória, mas acreditam em maior ou menor predisposição a migrar, vinculada à constituição e história de cada indivíduo que o levam a emigrar quando se manifestam em função de circunstâncias e motivações externas e internas.

Sociedade de emigração. as redes

Diversos autores apontam que tem sido negligenciada a compreensão sobre as sociedades de emigração e os efeitos dos deslocamentos dos seus membros. Como anteriormente apontamos, o fato da migração atualmente de maior interesse das ciências sociais tem sido a imigração, ignorando-se os resultados da advertência de Amselle para quem "se as migrações contemporâneas são o sintoma de uma situação de crise que afeta o conjunto das sociedades dominadas, é evidente que todo o aparato conceitual que visa dar conta dos movimentos de população é pertinente para a análise dessas formações sociais". (1976, p. 28).

Tal influência exige que os diferentes esquemas de interpretação da migração passem pelo crivo da crítica, diz o autor, de forma a circunscrever o campo e os limites dos fenômenos migratórios, particularmente aos países do Terceiro Mundo, principais fornecedores da mão-de-obra não qualificada aos países desenvolvidos²⁸.

²⁷ Como os caso das personalidades esquizóides por suas dificuldades de integração, as paranóicas ou as profundamente depressivas

²⁸ A este respeito, por exemplo, Leveau (1990) refere-se à ambigüidade do discurso oficial unitário e totalizador dos que aspiram controlar todos os aspectos da vida coletiva, pregam os princípios de retorno, mas mantêm negociações para procurar manter uma liberdade de circulação entre os dois países (de origem e destino).

Saint-Maurice refere-se ao envolvimento dos países por meio de suas políticas de emigração e imigração, respectivamente, e orientadas pelas formas de dependência estabelecidas entre ambos (Saint-Maurice, 1997). Neste sentido, ainda, e com base na investigação sobre os resultados materiais da longa migração cabo-verdiana pelo mundo, Amaro (1996) concorda com Böhning (1981) sobre a dependência entre as regiões como traço que se mantém e desmonta a idéia de uma associação entre emigração- remessas- desenvolvimento- retorno, capaz de eliminar a alimentação constante dos fluxos de emigrantes. Além disso, se as primeiras abordagens do fato migratório previam que, após um certo tempo, os benefícios das remessas dos imigrantes conduziram à redução e mesmo à extinção dos fluxos migratórios, estes autores concordam que, ao contrário, a capacidade econômica dos países de emigração só aumenta com as remessas caso tais países possuam capacidades produtivas e de exportação, o que não acontece com a maioria dos países pobres do mundo. Por esta razão, diriam, o grande volume de remessas enviadas tem servido principalmente para gerar hábitos de consumo de luxo e inflação, comprometendo a balança de pagamentos. Böhning (1981) alerta, ainda, que os motivos para a migração também devem ser vistos a partir dos interesses dos países de imigração que estão de acordo com a conveniência dos seus grupos dominantes e da sua forma de satisfazer as necessidades de recursos humanos e os interesses nacionais.

Ainda sobre o envolvimento das ligações entre os migrantes e seu meio de origem, em relação às migrações africanas internacionais entre os países do continente, alguns antropólogos sustentam que as migrações de trabalho não teriam necessariamente o efeito de desestabilizar o lugar de partida, contradizendo as perspectivas mais aceitas²⁹.

Sayad considera que facilmente encontramos os motivos para que a análise dos países de emigração se encontre distante dos grandes progressos obtidos na ciência que se refere à imigração, pois trata-se de uma ciência desprovida de instrumentos de investigação apropriados às

²⁹ Amselle cita estudos sobre os Tonga do Malawi e os Mambwe da Zâmbia que concluíram sobre as migrações de trabalho que reforçaram a coesão da sociedade tribal. A tese no modo de produção das sociedades de origem destes grupos que, sob responsabilidade das mulheres, não sofreu com a migração dos homens na sua organização social da produção no setor de subsistência (1976).

realidades das sociedades de emigração dominadas. Por este motivo, pouco se tem investigado sobre aspectos como as estratégias de adaptação à nova situação por parte dos membros atingidos pela emigração de um parente e que ficam no lugar de origem, as modificações dos papéis familiares (sobretudo no que concerne às sociedades que, ao contrário do modelo ocidental, não se baseiam na família nuclear como centro das solidariedades e pólo das referências emocionais), as modificações que sofrem os núcleos familiares com a assunção do papel de provedora por parte da mulher que emigra e os resultados destas constelações familiares originalmente experimentadas, nas posteriores constituições afetivas e emocionais na imigração (1977).

As explicações sobre a forma como a migração é acionada desde a origem ganham destaque com as análises que consideram as redes sociais orientadas para a migração e mostram como as redes sociais, afetam a decisão de emigrar. Além de esclarecer o modo como o migrante potencial toma a sua decisão com base nos critérios que lhe vêm dos grupos sociais de que faz parte e conserva os modelos de interação do seu lugar de origem (Petersen, 1978), orientam mesmo a direção das correntes migratórias.

O conceito de redes sociais marca uma viragem na Sociologia das Migrações, pois desloca a investigação dos movimentos populacionais centrada nos atributos dos indivíduos considerados isoladamente, para o estudo dos vínculos entre indivíduos e a compreensão das condutas individuais e coletivas. Partindo da análise dos contextos sociais, autores como Portes (1978; 1999) e Tilly (1990) verificam que os novos deslocamentos populacionais são sustentados por pessoas ligadas por laços familiares, de amizade e de identidade comunitária. Estes laços interpessoais formariam as categorias fundamentais de análise dos sistemas migratórios, pois, funcionam como fatores de intermediação entre os atores individuais e as forças estruturais, vinculando pessoas e grupos nas duas unidades ligadas pela migração: a origem e o destino. A adoção deste conceito, a orientação voltada para os movimentos populacionais passou a considerar que "há um contexto macroscópico que estabelece condições estruturais, mas ao nível microscópico, as decisões migratórias são

influenciadas pela participação na rede que proporciona o acesso dos atores a determinados recursos, nomeadamente, assistência e informação” (Rocha-Trindade, 1995, p. 91)

O estudo das estruturas relacionais que são as redes sociais, os fatores estruturais determinam as condições no âmbito das quais grupos e indivíduos tomam decisões; a posição do ator na estrutura da rede permite compreender o grau de autonomia ou dependência em relação aos outros, além de possibilitar a sua identificação com a estrutura de oportunidades e as facilidades de acesso do ator aos recursos de outros atores na rede. É esta interligação dos indivíduos no espaço que alimenta novas correntes, e muitas vezes, garante a persistência de determinados fluxos mesmo sem as condições estruturais que os favoreceram inicialmente. Explica, posteriormente, a crescente informalidade e autonomia do deslocamento das pessoas, em contraste com as restrições ou expectativas oficiais.

Além disso, a perspectiva que destaca os contextos sociais (as redes) em que fluxos são alimentados mostra que as pessoas, mesmo quando emigram sozinhas, o fazem como participantes de um processo social. As redes complexas de relações interpessoais ligam migrantes e não-migrantes num mesmo espaço, são responsáveis pela “construção dos vínculos necessários à emigração, pela veiculação do conjunto de informações e percepções que os indivíduos necessitam para emigrar” (Martes, 1999, p.43), pois, é nos agregados familiares, na unidade doméstica- a menor das entidades coletivas- que se veicula a informação capaz de influenciar os comportamentos individuais e a decisão de emigrar.

O uso do conceito de redes provocou uma profunda alteração na abordagem do fato migratório, permitindo que as migrações fossem estudadas no seu caráter de processo de mudança social que altera constantemente os contextos de origem e de destino, afetando as estruturas demográficas, a vida social, as culturas e a economia. Ao mesmo tempo, permite compreender como as migrações se institucionalizam, porque determinadas redes se desenvolvem e se estabelecem, favorecendo também o acesso a relações no país de destino e a constituição de um *saber migratório* ao qual o migrante pode recorrer. Por esta nova abordagem, importa a compreensão das condutas individuais e coletivas e

das estruturas relacionais por meio das quais o indivíduo se posiciona na rede.

Paradoxalmente, sobretudo as redes que são mais estáveis e fechadas, quanto mais prestam apoio ao imigrante perante uma crise biográfica também dificultam as inovações. Conforme Saraceno, ao procurar garantir a continuidade na descontinuidade, "podem obstaculizar a elaboração da descontinuidade como tal, a reorientação das biografias e a modificação dos horizontes cognitivos" (Monteiro, 1997,p.484), responsáveis pela maior flexibilidade que o indivíduo deve ter perante uma nova realidade. Entretanto, ao mesmo tempo, aponta o autor para as conseqüências de uma inserção no destino através de redes que apresentam fraca coesão, pois, estas proporcionariam um maior risco de desenraizamento.

Para Cabo Verde, as redes evidenciam que há percursos, caminhos e modos de encaminhar um projeto migratório pessoal e coletivo, seguindo estratégias e orientações pré-determinadas. As origens encontram-se nos primeiros deslocamentos que abriram caminhos para parentes, amigos e o grupo, em geral, como veremos adiante neste trabalho.

Apontadas os principais aspectos das abordagens sobre a emigração, encontramos na afirmação de Jackson (1969), a indicação dos fatores que, na sua opinião, os estudiosos deveriam reter para o estudo da migração: compará-la a outros movimentos que levam à mudança social, ao fluxo e refluxo de uma experiência social normal e aos processos sociais de transição que pressupõem rupturas emocionais e forçam separações dos membros de um mesmo ambiente familiar. Para Jackson, as teorias ou métodos que abordam o processo migratório devem considerar os domínios espacial, temporal e social em que a mudança se realiza, pois, são estes indicadores de uma mudança de status porque o indivíduo muda para um novo ambiente social e físico. A migração, afirma o autor, implica num movimento individual ou grupal de duas sociedades: a que deixou e a que é o seu destino. O processo não se diferencia das transições alcançadas como resultados de um lento movimento histórico que trazem uma mudança social. Por fim, cabe reter a importante atribuição ao fenômeno feita pelo autor, por ser um movimento que se expressa através dos atuais

movimentos de indivíduos de A para B, mas, principalmente, que contrasta e compara duas sociedades- no seu todo- que continuam a existir de forma encapsulada dentro do indivíduo migrante, cuja experiência escancara a diferença, a existência conflituosa de ambas dentro de si, mas em direção a uma reconciliação interna de uma com a outra (1969).

As abordagens teóricas dominantes inicialmente debruçavam-se sobre as causas da emigração. Mais tarde, o móvel da partida deixou de ser o único foco, posto que os conceitos de redes e vínculos não se aplicam apenas às condições em que a decisão da partida é tomada, mas também aos estudos sobre os imigrantes, o seu deslocamento e a fixação no lugar de destino³⁰, como veremos a seguir.

Definições do imigrante

Na grande fase de ocupação mundial europeia, de colonização e exploração sobretudo das Américas e da África, os imigrantes vindos de Portugal, Espanha, Inglaterra e França tornaram-se numerosos o suficiente para insistir tanto na independência em relação à terra de origem como na manutenção da hegemonia sobre as populações autóctones (Cohen, 1995). De forma diametralmente oposta, os imigrantes oriundos das regiões pobres do mundo contemporâneo raramente são considerados atores sociais, mas simples atores econômicos, presentes apenas temporariamente (Taboada-Leonetti, 1985). Situando-se no interior da estrutura produtiva dos países industrializados (de destino), participam de um segmento

³⁰ Monteiro aponta para as evidências da vinculação ideológica encontrada nos temas da produção acadêmica sobre a imigração que, no período anterior a 1973, orienta-se para a reflexão sobre as formas que favorecem os processos de assimilação e inserção do imigrante, sob a perspectiva e interesse na melhor adaptação do mesmo. Ao contrário, após os anos de 1960, e com a chegada dos ex-colonizados, a literatura especializada preocupa-se com as consequências sociais da imigração e a reflexão orienta-se para as dificuldades de adaptação do imigrante, sobretudo pelas características dos grupos de origem, formulando conceitos como de etnia e minoria, por exemplo. A discussão sobre os aspectos sociais da imigração coincide com a reordenação das prioridades a favor da integração dos imigrantes, com maiores restrições à regularização dos imigrantes e limites à concessão de autorização de residência. Os modelos de migrações dão preponderância à força de atração exercida pelos países de destino em relação às forças de expulsão dos países de origem, concluindo pela imigração como maior poder contratual de sobrevivência. As forças de expulsão são sistematicamente apontadas como superiores às de atração, e, conseqüentemente, se lhes atribui a responsabilidade pela inserção dos imigrantes nas áreas mais débeis e degradadas, a falta de relação com os sindicatos, a ausência de mobilidade ascendente, além do conflito que se instala no mercado e a agressividade de uma economia submersa da imigração irregular (1998).

secundário do mercado de trabalho³¹, em que as condições oferecidas - relações informais e pessoais e uma situação desfavorável aos de baixa qualificação - são as piores (Piore, 1979).

De acordo com Zolberg, a composição das sociedades do hemisfério norte marca a virada na abordagem: problemas trazidos pela permanência duradoura de populações antes estrangeiras, a convivência de grupos e comunidades minoritárias com sociedades receptoras, as relações entre imigrantes e as relações interculturais; a questão do ajustamento dos imigrantes, freqüentemente fazendo a distinção entre características individuais e as dos países de origem e de destino. Procura-se analisar os motivos que condicionam o *antes* e o *depois* do processo migratório num continuum espaço-temporal definido. Ganham destaque os fatores da adaptação e o grau em que esta se realiza, o tipo de conciliação entre os desejos individuais e as exigências sociais que permitem o ajustamento social e emocional, a aceitação das normas sociais prevalecentes e a capacidade de cooperar, bem como releva as pressões internas e externas sofridas pelos imigrados, os constrangimentos e as respostas dos grupos às dificuldades encontradas (1989).

A inserção atual dos imigrantes justifica a insuficiência da abordagem sobre a imigração como "livre circulação de mão-de-obra" presente no conceito de "política de emprego". Como a preocupação central encontra-se

³¹ As discussões sobre "melhores práticas" para a promoção do mosaico pluralista e mudanças estruturais associadas à emergência do "conhecimento econômico", têm afetado o sucesso profissional dos novos imigrantes. Reitz refere-se a variáveis da estrutura social cujo acesso aos imigrantes, mesmo os com alta qualificação técnica e educacional, é extremamente limitada. Na medida em que nem os imigrantes e nem a sociedade ampla parecem encontrar um lugar para os recém chegados na estrutura, pode-se concluir, diz Reitz, que está embutida na estrutura das instituições econômicas, a predisposição para excluir o imigrante e suas qualificações (Reitz, 2001).

³² Monteiro aponta para as evidências da vinculação ideológica encontrada nos temas da produção acadêmica sobre a imigração que, no período anterior a 1973, orienta-se para a reflexão sobre as formas que favorecem os processos de assimilação e inserção do imigrante, sob a perspectiva e interesse na melhor adaptação do mesmo. Ao contrário, após os anos de 1960, e com a chegada dos ex-colonizados, a literatura especializada preocupa-se com as consequências sociais da imigração e a reflexão orienta-se para as dificuldades de adaptação do imigrante, sobretudo pelas características dos grupos de origem, formulando conceitos como de etnia e minoria, por exemplo. A discussão sobre os aspectos sociais da imigração coincide com a reordenação das prioridades a favor da integração dos imigrantes, com maiores restrições à regularização dos imigrantes e limites à concessão de autorização de residência. Os modelos de migrações dão preponderância à força de atração exercida pelos países de destino em relação às forças de expulsão dos países de origem, concluindo pela imigração como maior poder contratual de sobrevivência. As forças de expulsão são sistematicamente apontadas como superiores às de atração, e, conseqüentemente, se lhes atribui a responsabilidade pela inserção dos imigrantes nas áreas mais débeis e degradadas, a falta de relação com os sindicatos, a ausência de mobilidade ascendente, além do conflito que se instala no mercado e a agressividade de uma economia submersa da imigração irregular (1998).

em torno do processo de adaptação do imigrante, ganham relevância tanto o papel do Estado em relação ao bem-estar social e à previdência social, bem como as políticas regionais para a demarcação urbana dos limites étnicos e a integração de minorias étnicas.

Pressionadas pela questão das nacionalidades regionais que se reclamam histórica, lingüística e culturalmente distintas, as políticas regionais têm que gerir os conflitos entre tais nacionalidades e as novas minorias imigrantes, tais como superpopulação, degradação da qualidade de vida, insegurança pública. São apresentadas novas estratégias de integração, negócios étnicos, oportunidades numa sociedade economicamente pós-industrial, a questão da segunda geração e da formação de fronteiras étnicas no seio de populações minoritárias -, entre comunidades e novos e velhos grupos de imigrantes .

Com o aumento dos conflitos étnicos, da violência e da xenofobia, proliferaram estudos sobre o neo-nacionalismo, a sociologia do racismo, e sobre cultura jovem e violência juvenil. Além disso, o desenvolvimento e a difusão massiva de novas religiões, aliado à problemática do fundamentalismo, exigiram mudanças na percepção autóctone sobre educação multicultural e multiculturalismo, evidenciando o choque entre duas forças contraditórias: as pressões xenófobas contra a presença de outras culturas e etnias e a consciência moral do Estado e de parte da sociedade quanto aos direitos humanos e a sociedade dos imigrantes e das minorias (Rocha-Trindade, 1995)³³.

A questão central sobre a imigração desde o intenso contato entre grupos provocado pelos Descobrimentos, as Cruzadas, os processos de ocupação de lugares, dominação, exploração e subjugação de povos refere-se aos resultados do encontro: é inevitável que um alto grau de contato sempre leve a uma fraca preservação cultural? Então, a única possibilidade de resultado do contato intercultural é a absorção de um grupo por outro, a

³³ Com base nos aspectos acima citados, a autora propõe um conjunto dos temas que têm merecido mais atenção dos pesquisadores: estudos de caso sobre comunidades, inserção e integração dos imigrantes (assocacionismo; construção de identidade; sincretismos e simbolismos; espaços de residência e lazer; atividades profissionais; desemprego e exclusão; descendentes), relações interétnicas e discriminação (imagens recíprocas e estereótipos, formas de discriminação, xenofobia e racismo, ideologias, políticas e manifestações, educação intercultural) e temas ligados aos direitos humanos e sociais dos imigrantes.

fusão para uma cultura misturada, o desaparecimento de grupos culturais distintos (Berry, 2001)?

Um estudo dos psicanalistas Grinberg e Grinberg aponta para o fato de situações problemáticas ocorrerem seja quando o imigrante parece se identificar rapidamente com os hábitos e modalidades de funcionamento do novo país, seja quando se apegava aos costumes e idioma de origem, relacionando-se de forma exclusiva com seus conterrâneos, em grupos muito fechados que funcionam como verdadeiros guetos. Segundo os pesquisadores, o ideal seria a integração da cultura original com a nova, sem renúncia ; promovendo o enriquecimento do ego e a consolidação de um sentimento de identidade remodelado. Para tanto, afirmam, há certas etapas a seguir: primeiro, vive-se intensa dor pelo que foi abandonado ou perdido, pelo temor do desconhecido e vivências profundas de solidão, carência e desamparo³⁴; a seguir, aflora a nostalgia pelo mundo perdido. São as "dores do crescimento" após as quais, deve ganhar fluidez a interação entre o mundo interno e o externo. A mudança bem sucedida corresponde, pois, à recuperação do desejar e da capacidade de fazer projetos para o futuro, de forma que o passado não é mais vivenciado como "paraíso perdido" (1984).

Os estudos colocam ênfase maior nos efeitos gerais do deslocamento, em que subjaz a idéia do imigrante como possuidor de uma *personalidade de base* ou de uma memória coletiva construída na infância e da qual guarda a marca indelével, muito mais que ênfase sobre o ritmo e as modalidades de adoção dos comportamentos dos nacionais por parte dos imigrantes (ou vice-versa). Neste sentido, Girard (1975) propõe uma sociologia da imigração, em que aos conceitos - processo dos grupos em contato, aculturação -, acrescenta-se a compreensão dos contatos prolongados entre as comunidades, aspectos estes centrais para a psicologia de migração..

Examinaremos, a seguir, como, a partir da psicologia da imigração, tem sido compreendida a questão do encontro na imigração.

³⁴ Conforme os autores, esta etapa pode ser seguida ou substituída por um estado maníaco, em que o imigrante minimiza a transcendência da mudança que se opera na sua vida, ou, pelo contrário, supervaloriza as vantagens da mudança.

O encontro na imigração: aculturação

No âmbito da psicologia da imigração, Berry compreende a aculturação como fenômeno que resulta do contato entre dois grupos, na interseção entre os dois e a conseqüente criação de um espaço intercultural, no seio do qual se formam as fronteiras culturais e as relações sociais, vista como experiência adaptativa (2001). Os estudos proliferam com referência aos processos de mudança cultural quando dois grupos distintos estão em contato, por um período de tempo extenso.

São estudados os fatores contextuais ou psicológicos, as variáveis intervenientes e as áreas atingidas pelo processo de adaptação, mais especificamente, as respostas cognitivas ao contato e à mudança, os recursos psicológicos e o tipo de percepção que se tem da mudança (Berry, 1989; 2001). Dois aspectos são essenciais: a preservação das características do grupo (determinante para que o grupo imigrante se mantenha culturalmente distinto ou empreenda a fusão) e o contato entre os grupos (que define a penetração ou o nível em que o novo grupo é ignorado pelo outro).

Neste modelo de imigração como processo de aculturação, as formas de adaptação ou fixação dos imigrantes são estratégias de aculturação: assimilação, separação, integração ou marginalização. Vistas sob a perspectiva da sociedade receptora, as estratégias de aculturação correspondem ao *melting-pot*, ou segregação, multiculturalismo ou exclusão, respectivamente (Berry, 2001).

As estratégias não têm caminhos pré-fixados: o indivíduo ou o grupo experimentam diferentes opções, inicialmente, por exemplo, conduzindo-se para a assimilação e, posteriormente, optando pela integração. Ou elas podem se apresentar inconsistentes quando, por exemplo, ocorre assimilação econômica e/ou lingüística, mas não em todas as outras áreas da vida cotidiana (Berry, 1989, p.189).

A aculturação resulta em marginalização (portanto, em exclusão quando imposta pelo grupo dominante) se o grupo não-dominante

apresenta pouca possibilidade ou interesse na preservação cultural, provavelmente, por perda de reforço cultural. Neste caso, também não demonstra interesse em desenvolver relações com outros grupos por razões de exclusão e discriminação. Berry lembra que estas opções de adaptação envolvem indivíduos e grupos nas sociedades plurais. A escolha pela assimilação pode ser feita por um indivíduo e não por outro; um grupo étnico pode orientar as suas organizações formais para a separação, enquanto outro procura a integração. É evidente, diz o autor, que as escolhas entre as diferentes opções de adaptação não são totalmente independentes; se o grupo como uma unidade, opta pela assimilação, uma pessoa desse grupo fica sem a possibilidade de se identificar como membro desse grupo e as demais opções se tornam totalmente insignificantes. E se há uma ampla assimilação do grupo, é eliminado o caráter plural da sociedade em geral e as demais opções não podem ser experimentadas também (Berry, 1989, p. 188).

A marginalização é de difícil definição, considera Berry (1989), provavelmente porque é acompanhada por forte confusão e ansiedade, coletiva e individual. Para Rocha-Trindade, atitudes para evitar a rejeição, marginalização e segregação em relação à sociedade ampla, advém dos grupos claramente identificados como diferentes, seja por características de pele, língua ou religião (Rocha-Trindade, 1985). Os autores também apontam para sentimentos de alienação, fracos sentimentos identitários, bem como a presença de "stress aculturativo". Na situação de marginalização, a perda de contato - com o grupo original e/ou com a sociedade mais ampla - é psicológica e cultural e, se promovida pela sociedade dominante, pode levar ao etnocídio (Berry, 1989).

Assimilação

Como já citada anteriormente, a assimilação total, conhecida como *melting-pot*, é o resultado social de um todo coeso, formado por grupos

³⁵ Estes devem ser estudados nos dois domínios essenciais da psicologia de imigração, na sua opinião, a aculturação, parte central da psicologia intercultural, e as relações intergrupais que formam o núcleo central da psicologia social.

³⁶ Os estudos de Berry referem-se com frequência ao Canadá, cuja sociedade define como multicultural e que reúne as características que favorecem a integração como estratégia de aculturação.

como partes interdependentes, cada uma a desempenhar uma função indispensável à manutenção do consenso (Böhning, 1991), e produz, inevitavelmente, aculturação total e assimilação cultural do que é do grupo dominante³⁷. Segundo Park, a assimilação efetuar-se-ia pelo processo de interpenetração e fusão e, mais ainda, por um processo de uniformização pelo qual pessoas e grupos adquirem sentimentos, memórias e atitudes comuns, constituindo um tipo de solidariedade cultural marcada pela interdependência mútua dos diferentes componentes da sociedade, a partir da aquisição de modos coletivos de comportamento (1928).

Nos países europeus, a teoria assimilacionista contribuiu para o mito da mobilidade social, através da aproximação sucessiva e gradual às características culturais da maioria, com o abandono de práticas originais. À popularização da assimilação como ideologia subentende a promessa universal de mobilidade bem sucedida, baseada na motivação individual e no esforço, bem como a promessa numa sociedade sem barreiras sociais.

Berry (2001) define a assimilação como uma das estratégias de aculturação possíveis, pela qual o grupo não-dominante não mantém a sua herança cultural e, em suas atitudes, enfatiza a interação cotidiana com outros grupos. As tentativas de assimilação total acontecem, em geral, com os grupos de imigrantes cujos traços específicos colocam-nos à parte, servindo esta estratégia, para evitar a rejeição objetiva da sociedade mais ampla.

Stalker, entre outros, discute a ambigüidade da assimilação pois, argumenta, os princípios de igualitarismo democrático de tais teses resultam, na prática, no abandono a si próprias das populações para as quais seria necessário, por um tempo, a assistência específica a fim de diminuir certas desigualdades. No âmbito das imigrações a que a de Cabo Verde se inclui na Europa, não se verifica que, em longo prazo, tais políticas tenham conduzido ao nivelamento cultural e à desestruturação das

³⁷ Desde Park (1928), desenvolve-se a perspectiva de que, neste processo em que o tempo é o fator-chave, estariam garantidas a participação dos diferentes grupos na vida cultural, o esbatimento das distâncias sociais, a adaptação ecológica humana e a acomodação espacial.

³⁸ Dasseto considera que a segunda interpretação parece mais coerente com o pensamento de Park e sugere que o autor teria considerado a co-inclusão total como irrealizável e da ordem do imaginário, na medida em que seria percebida como intolerável pelos atores sociais (1990, p. 13)

comunidades imigradas, implicações consideradas negativas e reveladoras do caráter racista e de negação do valor das culturas das minorias (1995).

A idéia do engajamento total nas relações interculturais como resultado do contato intercultural é questionado pela constatação freqüente de outras modalidades, ou mesmo da completa ausência de comunicação e de interação entre grupos heterogêneos, em vários contextos e sociedades de imigração. Como exemplos da viabilidade de alternativas ao legado cultural do grupo dominante e assimilação, Berry lembra-nos da "persistência dos povos indígenas na África e América após a migração européia, e a continuidade das sociedades imigrantes de franceses e espanhóis na América do Norte." (Berry, 2001, p. 3)³⁹.

Autores como Rocha-Trindade afirmam que nas sociedades complexas, a tendência é para o pluralismo que descreve a existência dos não-assimilados, a recuperação das tradições e das normas culturais dos antepassados na situação imigratória, questiona a homogeneização entre grupos em contato, destaca a diferenciação baseada na origem do grupo e que implica uma entrada diferenciada dos grupos na nova sociedade e o acesso diverso ao direito aos bens sociais (Rocha-Trindade, 1985)⁴⁰. Os processos de "dessocialização" e "ressocialização" não são sucessivos, mas compreendem um movimento específico de oscilação pelo qual a integração a um outro grupo não significa necessariamente a perda de todos os laços com o grupo de origem.

³⁹ Desde o estudo clássico sobre o grupo de poloneses imigrantes nos Estados Unidos da América, os diferentes grupos que compõem a nova comunidade dos centros urbanos norte-americanos que se formam, apresentam a persistência de traços específicos do seu grupo de referência. O questionamento sobre as possibilidades de assimilação total tem fundamento nas crises raciais e a institucionalização dos conflitos étnicos que evidenciaram o aspecto multicultural da sociedade norte-americana e a preservação da identidade cultural dos imigrantes e minorias étnicas.

⁴⁰ Em outros contextos, quando há manifestação de atitudes e hostilidades de setores sociais para com grupos minoritários, adota-se, oficialmente, a proteção legal das minorias, atribuem-se-lhes determinados privilégios para se evitar a perda de uma identidade coletiva e garantir a sobrevivência social. Por outro lado, a transferência de população é o resultado de uma imigração, adotada de forma ilegítima por alguns governos que realizam a deslocação integral de uma minoria para outra região geográfica, fora do seu espaço geo-político⁴⁰. Há, ainda, circunstâncias de subjugação instituída pela força ou pela segregação física, como o apartheid na África do Sul. Em situações extremas, promove-se a tentativa de destruição física ou a aniquilação de membros de uma dada minoria, como a ideologia nazi em relação aos judeus ou a Turquia em relação à minoria armênia (Rocha-Trindade, 1995)

Separação e Segregação

No âmbito da psicologia da migração, a estratégia de separação define as atitudes do grupo não-dominante que não mantém relações positivas com a sociedade dominante, valoriza e preserva a identidade étnica, as tradições e um estilo de vida tradicional e específico, distante da sociedade e independente desta. Quando é o grupo dominante que determina o tipo de relações, a segregação que ocorre consiste na imposição de padrões por parte deste grupo e na predominância de atitudes que pretendem manter o outro grupo "no seu lugar" (Berry, 1989; 2001).

Na opinião, de Dasseto (1990), Girard (1975), Perrota (1989), na atualidade, é a estratégia de fixação predominante nas sociedades europeias de imigração, assim como a marginalização e sua complementar, a exclusão. As características apontadas para o par separação/segregação, incluem a constituição dos enclaves econômicos, analisados por Portes⁴¹, como um dos resultados das classificações e categorizações do senso comum em relação ao imigrante. Mais especificamente, referem-se à construção de categorizações e classificações que denominam os imigrantes e servem para estabelecer as distâncias que se mantêm entre imigrantes e nativos, pela atribuição de características discrepantes a um e outro.

Tais categorizações ganham tratamento científico e servem para definir, delimitar e orientar as ações relativas ao imigrante e à imigração. Entre os conceitos aplicados aos migrante tal como as que aqui estudamos, ganham destaque as de imigrado, raça, etnia, cultura imigrada e gênero, formas de conceituação dos processos de aculturação, cujas implicações de uso a seguir discutiremos.

Gênero

Conforme Dion e Dion, "a identificação de uma pessoa como mulher ou homem é uma categorização social fundamental que pode ser

⁴¹ Sob formas aparentemente marginais e fechadas das comunidades- os enclaves empresariais étnicos- efetivam-se processos específicos de incorporação dos imigrantes com baixa qualificação proporcionados pelos grupos de referência. Os enclaves econômicos definem a concentração de grupos de imigrantes numa localização espacial onde organizam uma série de empresas que servem o seu mercado étnico ou a população em geral. São iniciativas (das comunidades e não do Estado) de oportunidades de emprego, educação e formação e oportunidades de progressão cuja vantagem em relação à economia periférica é a de que permite a integração econômica vertical (Portes, 1981; 1999).

considerada pelos percebedores como tendo maior valor de informação do que outras informações sociais”(1991, p.511). Gênero é definido como construto social por todas as obrigações, direitos e comportamentos que a cultura considera apropriados para homens e mulheres e é relevante para se compreender as experiências das imigrantes relativamente à imigração e adaptação na sociedade receptora.

Os estudos destacam os fatores da estrutura social e valores relativos às relações familiares que podem levar a experiências muito diferentes para homens e mulheres e, conseqüentemente, ao desenvolvimento de identidades diferentes para ambos, por causa das pressões de socialização relativas a gênero. As demandas por acolhimento na sociedade de recepção podem resultar em mudanças no comportamento da mulher e do homem, ao mesmo tempo em que o núcleo de valores da sociedade de origem define o grau e o tipo de mudança comportamental que ocorre (De Biaggi, 2001; Dion e Dion, 2001).

Os autores consideram que a teoria e a pesquisa sobre as experiências de imigração são fortalecidas pela inclusão da questão de gênero, importante lente conceitual para visualizar os processos interrelacionados de continuidade e mudança que envolvem a adaptação cultural da família imigrante. No processo de imigração e adaptação à nova sociedade, as expectativas e as responsabilidades relativas aos papéis da família têm de ser renegociados e seus resultados atingem a família, o que evidencia pelo menos dois domínios de análise: a negociação (ou renegociação) das expectativas e responsabilidades relacionadas aos papéis familiares e a socialização da geração seguinte⁴².

Na atualidade, afirma Lodiagini (1994), as mulheres deixaram de constar das notas de rodapé dos estudos sobre migração internacional, pois as razões econômicas globais da migração deixaram de atingir

⁴² Oferece esclarecimentos sobre as mudanças com que as famílias se confrontam, como as exigências quanto à escolaridade dos filhos, enquanto mantêm continuidade na transmissão de importantes valores e comportamentos das sociedades de origem dos pais. Este objetivo resulta em diferentes demandas de socializações para as filhas comparadas com os filhos, o que, por seu lado, tem implicações potenciais para alguns aspectos da identidade etnocultural entre adolescentes e jovens adultos das famílias imigrantes.

(diretamente) apenas homens jovens⁴³.Anteriormente, as mulheres migrantes apareciam de forma estereotipada nos estudos que reproduziam a visão inferiorizada da mulher quanto à sua posição social, o estereótipo da mulher passiva, subalterna, levada à emigração pelo objetivo de se unir ao marido ou ao pai, sem projeto migratório pessoal, relegada ao papel de dona de casa, e o elemento familiar com mais dificuldades de se integrar à sociedade de acolhimento (Lodigiani, 1994).

Apenas recentemente a pesquisa sociológica se dedica à leitura crítica desta interpretação convencional, conduzindo ao delineamento de uma nova abordagem teórica que tenta conhecer o caráter dinâmico e multidimensional da migração feminina, reconhecer seu papel ativo, valorizando a função econômica, política e social, a sua disponibilidade para o trabalho e a funcionalidade da sua inserção em alguns setores do sistema produtivo para além da sua contribuição para a manutenção e reprodução da família (Tapinos, 1991)⁴⁴.

Tem se apontado com mais destaque atualmente a descoincidência entre a relação da migrante com o mercado de trabalho e a sua atribuição como um sujeito marginal a todos os níveis, a idéia de uma imigrante dependente e passiva que não influenciaria a economia e a sociedade. Continuam, porém, pouco investigadas, as profundas relações entre motivações para a emancipação pessoal e o papel não necessariamente marginal ou subalterno da mulher na fase inicial do processo migratório, na decisão de deixar o país e na elaboração de um projeto migratório pessoal, na fase de inserção e de integração na sociedade de destino. Em contraste com a ausência dos estudos sistematizados sobre este tema, as políticas de restrição aos fluxos migratórios adotados pela Europa desenvolvida a partir dos anos de 1970 e 1980, tiveram como consequência a feminização dos

⁴³ No recenseamento de 1970 e 1980 disponíveis para um total aproximado de 208 países ou Estados, as mulheres correspondiam a 47% de um total de 77 milhões de pessoas recenseadas (Stalker, 1995 e Giudici, 1997).

⁴⁴ Na década de 1980 dirige-se mais atenção às experiências das mulheres migrantes, para questões do status à entrada; participação na força de trabalho na sociedade de recepção; relação entre emprego e trabalho familiar. A seguir, na década de 1990, o foco dirige-se para o modo como a imigração afeta a adaptação de homens e mulheres o que estabelece o gênero como um sistema social. Ganham destaque os fatores socio-estruturais e de nível individual que contribuem para a imigração de ambos como o desejo de melhorar o nível educacional e/ou oportunidades de emprego para si e sua família reflete a esperança de melhorar as circunstâncias de vida, definidas em termos do bem-estar pessoal e material.

movimentos migratórios que continuou nos anos de 1990 (Stalker, 1995; Giudici, 1997).

Os estudos que já foram adiantados neste sentido encontram a origem desta nova realidade nas estratégias familiares de sobrevivência e as crises dos países mais pobres que forçam as mulheres a procurar soluções como a emigração, antes destinadas aos homens. Somam-se a busca por mais independência, emancipação e satisfação pessoal e os ecos das conquistas femininas que chegaram aos países menos desenvolvidos e atraem, sobretudo, as mais jovens. Esta situação põe em causa a sua invisibilidade social o pouco reconhecimento social que as leis e as pesquisas lhes têm atribuído, alertando para a situação vulnerável da maioria e a tripla exploração a que estão sujeitas como mulheres, imigradas e trabalhadoras (Hune, 1991; Campani, 1998).

A discussão sobre gênero e migração interessa em particular à Itália, o país europeu de mais expressiva presença migratória feminina (40% da população imigrada), provenientes de países asiáticos e sul-americanos de religião católica, que inauguram fluxos independentes e decidem emigrar por razões objetivas vinculadas ao trabalho e não ao reagrupamento familiar. Todavia, apesar da longa atração exercida pelo mercado de trabalho italiano, apenas recentemente as pesquisas têm considerado a questão de gênero como um elemento de relevo para a compreensão da dinâmica migratória, a posição social da migrante e a sua identificação como sujeito decisivo no processo migratório.

Campani (1998) destaca como razões objetivas para o aumento de mulheres imigradas, em primeiro lugar, o reagrupamento familiar (atualmente, em alguns países, a única forma autorizada de imigração), a demanda crescente por mão-de-obra em setores tradicionalmente femininos (serviços domésticos e serviços gerais) e cada vez mais recusados pelas autóctones que disputam outros setores com os homens. Campani (1998), Giudicci (1997) concordam sobre a tripla exploração a que, segundo eles, as mulheres imigradas estariam sujeitas: a maior tendência atual da

⁴⁵ No recenseamento de 1970 e 1980 disponíveis para um total aproximado de 208 países ou Estados, as mulheres correspondiam a 47% de um total de 77 milhões de pessoas recenseadas (Stalker, 1995 e Giudici, 1997).

migração para o trabalho é o recrutamento de mulheres enquanto trabalhadoras migrantes clandestinas ou que se mudam de forma legal.

A migração internacional solitária de mulheres ocupa agora os cientistas sociais, com ênfase nos temas do trabalho e as implicações da entrada da mão-de-obra feminina mais barata no mercado laboral. Acrescentam-se, portanto, às análises sobre o papel das mulheres que acompanham os companheiros nas suas migrações, em especial, à sua centralidade como sujeitos encarregados da manutenção e equilíbrio dos laços e valores culturais originais, as estratégias desenvolvidas para dar conta das expectativas pessoais de independência e ascensão profissional, a par da imagem predominantemente conservadora e discriminatória das culturas imigradas em relação à figura feminina. O debate também tem se centrado nas contradições entre as práticas de desigualdade de tais culturas e as reivindicações dos benefícios do movimento feminista profundamente sedimentadas nos países de recepção, as consequências para as famílias, em particular, para os filhos, das mudanças nas atribuições da mulher, os contextos de rompimento com as atribuições tradicionais e as consequências para o grupo primário ((Campani, 1998)

Taboada-Leonetti (1985) dirigiu a sua investigação, originalmente, para os resultados ideológicos das ambigüidades do uso de termos como cultura imigrada, cultura de origem ou cultura étnica e identifica o peso importante das mulheres no percurso coletivo de uma cultura e uma identidade, pelo papel que assume como intermediária e porta-voz junto às instituições estratégicas para a sobrevivência do seu grupo. Pesquisas como as da autora exploram as formas de reivindicação das condições para o investimento pessoal na escolaridade e na participação, as estratégias para lidar com os temas dominantes da nova cultura, a contestação do estatuto de mulher e as relações pais-filhos nas famílias imigradas. Indicam, ainda, as pesquisas, que a atuação da mulher na imigração se evidencia quando se trata de recusar o mito de origem, apontando para o seu passado distante e seu *discutível* peso sociológico e político. Vários autores apontam que as mulheres se mostram mais sensíveis à novidade e à pluralidade e, também, ao mesmo tempo, mantêm-se mais ligadas afetivamente à cultura-mãe e à família. Conclui Taboada-Leonetti que estas características são um

elemento-chave na possível realização do sincretismo necessário para a criação de uma nova cultura, não por assimilação da cultura do país de acolhimento, mas a partir de elementos de múltiplas culturas⁴⁶.

Entretanto, em países como a Itália e a Espanha, por exemplo, as pesquisas orientam-se especialmente para as questões laborais da inserção e fixação das mulheres. Estudos como o de Tapinos (1991) procuram aliar às razões econômicas e sociais, as profundas motivações para a emancipação pessoal e concluem pela existência de maior responsabilidade e capacidade de decisão em relação aos percursos de inserção social e laboral femininos. Entre os múltiplos fatores considerados como responsáveis pela melhoria ou deterioração da posição feminina a partir da migração, Tienda e Booth (1991) destacam as obrigações familiares, os papéis produtivos nas comunidades de origem e de destino, as razões para a migração e a natureza do movimento, além dos acordos culturais que são o significado concreto aos efeitos sociais da migração.

Usos e implicações da categorização

Numa abordagem crítica, Portes (1997) defende que o foco analítico do estudo sobre gênero e migração não se dirija exclusivamente às mulheres (ou homens), mas ao padrão social de relações entre os sexos e de como eles são influenciados pelo processo de imigração, tornando-se um elemento de relevo para a compreensão da dinâmica migratória. Para o autor, a geometria das relações entre sexos não é adequadamente capturada por um foco centrado num único sexo ou por uma repetição sem nuances da realidade da exploração sexual e da subordinação que existem mas não esgotam a história. Como as categorias de raça e classe, afirma, a de gênero representa uma dimensão dominante da estrutura social e o foco nessa dimensão torna o estudo das relações de gênero interessante e capaz de trazer novos *insights* a muitos fenômenos e de produzir tais *insights* para o enfoque teórico.

⁴⁶ Estas orientações, todavia, aplicam-se muito especificamente à realidade das imigrantes em países como a França, partindo-se da concepção de uma diferenciação cultural e religiosa significativa entre o país de origem e o de destino. Reproduzem o que Lodigiani (1994) designa como uma interpretação convencional sobre a migração feminina, reprodutora da imagem estereotipada da mulher na sua posição social inferiorizada, passiva, subalterna, levada à emigração pelo objetivo de se juntar ao marido ou ao pai, sem um projeto migratório pessoal, relegada ao papel de dona de casa, incapaz de se integrar à sociedade de acolhimento.

Na opinião de Tienda e Booth (1991) quando o modelo intercultural é a referência, as evidências empíricas se mostram fragmentárias e difusas e o estudo das mudanças nas relações de gênero desafia generalizações simples. Por isso, defendem os autores, as novas abordagens procuram salientar o caráter de construção social da categoria gênero, por um processo histórico que conduziu à construção de traços, atividades, crenças, comportamentos e acordos universais, associados com os papéis ocupados pelos homens, provocados por assimetrias no acesso aos recursos que se baseiam no sexo e geram privilégios para os homens e subordinação para as mulheres.

Tal como outras disciplinas, as categorias que abordam o feminino ou a questão de gênero mostram que a psicologia social sofreu as influências que a revolução do movimento feminista introduziu no meio acadêmico. Ao criticar o enviesamento do modelo masculino na análise das diferenças entre os sexos, as novas investigações colocaram em causa alguns universais conceituais e teóricos e uma das consequências foi a orientação para a objetivação de uma *essência* feminina, apoiada na acentuação de um discurso feminino e centrado nos valores e nas práticas femininas. A investigação científica segue a estratégia política de relevância conceptual das noções de masculino e feminino, tornando visível a especificidade do pensamento e das práticas das mulheres, a ponto de se atribuírem diferentes modos de pensar e fazer ciência a homens e mulheres. Estabelece-se assim uma correspondência entre sexo e gênero que transporta consigo um curioso naturalismo, como se pudesse haver uma "ciência do homem" ou uma "ciência da mulher", como poderia haver uma "ciência dos judeus" ou uma "ciência ariana" (Amâncio, 1993).

Considera a autora que a investigação orientada para o essencialismo do(s) gêneros(s) aos quais se confere um realismo dicotômico e interno aos indivíduos dos dois sexos conduz à redução do gênero a um perfil de *personalidade* dos indivíduos de ambos os sexos. A autonomia analítica conferida à especificidade do feminino coloca o risco de se reproduzir, no plano científico, a materialização do "ser mulher" e do "ser homem" que existe ao nível do senso comum e que integra estes seres nos indivíduos dos respectivos sexos, deslocando-os da sua origem social (1993;1994).

dos saberes comuns não se configura como uma mera diferenciação, uma assimetria dos modelos masculinos e femininos, apesar de adquirirem objetivação através dessas diferenças. Entretanto, os estudos de cognição social indicam que quanto mais as configurações de atributos forem socialmente partilhadas, tanto mais importante é a identificação da categoria de pertença uma dimensão importante das interações sociais porque suscita a inferência dos atributos a ela associados. Assim, além do papel informativo, a identificação da categoria de pertença suscita um conhecimento subjetivo sobre o indivíduo e tem um papel importante no comportamento, pois facilita a definição de estratégias antecipatórias.

Apresentados por categorias cognitivas dicotômicas, os sexos representam o papel de critérios classificatórios em torno dos quais se organizam configurações de atributos baseados em características físicas permanentes tal como a cor. Sexo e cor constituem identificadores que os indivíduos transportam consigo e a mudança não está ao seu alcance, ao contrário de classe social (Amâncio, 1994). Para Bourdieu, há uma ação social para manter a diferenciação entre os sexos, por meio de atos que acentuam em cada um os sinais exteriores que conformam a sua identidade sexual, encorajam as práticas que convêm ao seu sexo e proíbem e desencorajam as condutas impróprias na relação com o outro sexo. A dificuldade em vencer a dominação simbólica deve-se a que, primeiro, é necessário historicizar os mecanismos, as estruturas e as estratégias que levam as mulheres a contribuir para a sua exclusão, procurando apreender as oposições básicas e os princípios que as regem. As transformações nas condições conseguidas após anos de muita luta e às quais atribui um papel preponderante ao movimento feminista, não indicam, contudo, que houve mudanças também na posição social (Bourdieu, 1999). A separação entre os sexos é muito antiga, a antropologia encontra-a nas sociedades mais primitivas, por isso, mais importante do que descrever as tarefas destinadas a homens ou mulheres é a apreensão das oposições básicas e dos princípios que as regem, buscando as explicações mais profundas sobre a dificuldade em que a mudança de condições sociais femininas sejam acompanhadas por efetivas mudanças de posição.

Conforme Moscovici (1972), a divisão sexual do trabalho é quase sempre a primeira forma de organização do grupo, quase junto com o ato fundador da sociedade; a diferenciação sexual e a dominação masculina são reiteradas pelo todo social e em cada sociedade. Como no espaço do trabalho em que as teorias sobre os papéis sexuais visam reforçar e tornar definitivas as representações estáveis sobre masculino e feminino, cada lugar na sociedade serve de cenário e nele se usam os recursos materiais e humanos para a instrumentalização de algo que é sempre reiterado. Essa é a conclusão do estudo de Rodrigues (1992) sobre o trabalho industrial feminino e, pelo qual, a autora procurou verificar, por um lado, se guarda relações com as tarefas domésticas, e, ainda, o papel que é reservado às mulheres neste setor, além da imagem e das representações que informam as diretrizes e práticas relacionadas à diferenciação de tarefas masculinas e femininas. Os argumentos apresentados pelas chefias para explicar os motivos pelos quais determinadas tarefas são atribuídas às mulheres mostraram à autora como as inovações tecnológicas trazem consequências para homens e mulheres que podem ser opostas; muitas vezes a tecnologia desqualifica postos anteriormente qualificados e os feminiza ou, ao contrário, qualifica postos anteriormente desqualificados e os masculiniza (1992).

Embora a separação entre masculino e feminino seja, provavelmente, a mais antiga das divisões nas sociedades, as clivagens que provoca referem-se a formas específicas de separação de tarefas para cada cultura ou grupo. Mas, conforme Amâncio apenas a explicação cognitiva não esclarece a saliência das categorias sexuais, pois, existe uma assimetria das representações sociais do masculino e do feminino e, por isso, os significados masculinos se estendem a diversos contextos enquanto que os do feminino se referem a contextos especificamente femininos. Assim se explica que uma mulher "fora do seu meio natural, seja pelo contexto em que se encontra, seja pelo comportamento que assume, suscite um esforço de explicação e justificação por parte dos observadores, que não tem equivalente no caso de um homem (...)" (Amâncio, 1993,p.131).

A autora assim conclui sobre as consequências desta assimetria:

A objetivação do masculino e do feminino em entidades ontologicamente diferentes é, portanto, regulada por uma assimetria que atravessa todos os processos sócio-cognitivos que participam para essa construção do "ser homem" e do "ser mulher". Munidos deste "saber", os indivíduos orientam a sua percepção dos actores homens e mulheres nas interações do quotidiano, de forma enviesada, uma vez que a atenção dedicada ao comportamento das mulheres não é orientada pelo reconhecimento da sua diferença, enquanto indivíduos, mas sim pela acentuação dos limites dessa diferença, enquanto condição coletiva, ou destino (...). Além disso essa assimetria desempenha também uma função reguladora dos efeitos das mudanças sociais sobre o universo simbólico que diferencia os dois sexos. (Amâncio, 1993, p.131)

Raça, etnia e cultura imigrada

Nas sociedades de imigração, o racismo tem tido o papel de demarcar a categoria "nós" e "outros" (identificados como diferentes) e de delimitar fronteiras de inclusão e exclusão intergrupar, facilitada pela possibilidade de distinção dos "intrusos" a olho nú, pela cor da pele ou por características físicas e reforçada quando se identifica, ainda, costumes e modos de vida diferentes.

Embora sejam amplamente contestados uma suposta superioridade biológica, o processo que torna as variações físicas etnicamente significantes e mascaram os motivos de natureza social (e não biológica) que estão na origem da discriminação racial e do preconceito (Memmi, 1993; Miles, 1991; Giddens, 1989), tal é a firmeza do suporte da construção histórica de raça no seio da estrutura capitalista global e das estruturas de desigualdade social que, para muitos autores, a organização social com base na raça é melhor descrita como uma "ordem racial" na qual as categorias étnicas parecem efêmeras e fluídas. Ultrapassando as

⁴⁷ Se por um lado, as manifestações atuais de racismo e xenofobia guardam semelhanças com as do passado, por outro, não deixam dúvidas sobre a sua relação direta com os problemas socio-políticos que marcaram os anos de 1980 e 1990. O enfraquecimento dos sindicatos e partidos operários na Europa explica a necessidade dos jovens desempregados dirigirem o seu descontentamento a outros objetos, assumindo os ideais racistas da nova direita fortalecida pelo desaparecimento da utopia de esquerda.

categorias de etnia⁴⁸ ou o termo nacional, o de raça passa a designar e constituir um grupo político, econômico ou com identidade ideológica. De tal modo que se atribui as mesmas características a indivíduos com pertenças diversas, como é o caso dos negros aos quais se aplica a mesma designação discriminatória de "africanos", mesmo pertencendo a países e regiões diferentes e não necessariamente terem nascido no continente africano (Rocha-Trindade, 1993).

Na atualidade, as discussões sobre racismo e anti-racismo tendem a se focalizar nos propósitos discriminatórios e sobre os comportamentos racistas, ou, ainda, sobre o voto da extrema direita, segundo Lebaron, deixando de lado o elemento essencial do debate sobre a imigração: os imigrantes estão, na realidade, sujeitos às leis do funcionamento o mais comum possível do espaço social nacional e internacional, que tende a reproduzir a estrutura das diferenças de dotação iniciais (1999). Quer dizer que, por serem menos ricos em capital econômico, cultural e social, possuidores de um capital cultural considerado negativo, estão sujeitos à discriminação estrutural não apenas legal como consciente. O autor propõe que o racismo deve ser analisado em associação com as condições sociais que o produziram, produto da intensificação da concorrência no interior das classes populares em relação ao trabalho e ao emprego, e, igualmente, nos domínios da escola, dos serviços públicos e da proteção social. Conclui que os propósitos racistas, freqüentemente, testemunham a derrocada dos mecanismos coletivos e das instituições que deveriam censurar a expressão do ressentimento social. Na ausência dos mecanismos de resistência coletiva e de solidariedade social, o racismo pode oferecer uma justificativa, um refúgio.

⁴⁸ Epistemologicamente, os termos etnia e raça apresentam semelhanças: em ambos os casos, as diferenças e a forma como são interpretadas dizem mais a respeito da percepção de escolha ou imutabilidade do classificador do que do próprio classificado (Wallman, 1986, p.229). Todavia, existe uma operação diferente das categorias étnica e racial pela diferença histórica de ambas no interior do desenvolvimento capitalista.

De fato, em relação à raça, desde os primeiros volumes da obra do Conde Joseph-Arthur de Gobineau, *Essai sur l'inégalité des races humaines* de 1853 que se procura uma base científica para a classificação dos povos com base em fenótipos. Muitas atitudes racistas que se manifestam na Europa remontam a períodos distantes da história. A criação do Estado-nação repousa sobre a exaltação do fervor nacionalista que pode degenerar em chauvinismo e em xenofobia. Por outro lado, a ideologia que contribui para justificar a expansão colonial no século XIX se apoiou no mito da supremacia branca, contribuindo para que fosse forjada uma cultura na qual as características raciais têm muita importância mesmo que representam apenas uma parte ínfima do código biológico.

O contexto em que predomina o discurso a favor da diversidade cultural centrado na questão das identidades e respeito pelas diferenças favoreceu a relevância atribuída ao conceito de etnicidade, até hoje dominante na teoria da imigração. Os conceitos de etnia e raça são desenvolvidos devido às diferenças encontradas entre os grupos, indivíduos ou sociedades que se encontram e se mostram distintos na vivência dos quotidianos; a herança das tradições; a língua em que se exprimem e comunicam; os valores que se referem às suas crenças e guiam seus comportamentos; o nível de desenvolvimento econômico e tecnológico que caracteriza os contextos de onde são originários (Rocha-Trindade, 1995, p.221)

Os estudos de Petersen (1978) são importantes para o novo campo que se estrutura por relacionarem o fenômeno migratório e as interações étnicas e ráticas, concluindo sobre a transformação das comunidades imigrantes em étnicas e a caracterização do grupo étnico como produto final da migração. Kubat-Nowotny e Hoffman (1981) ao analisarem a relação entre etnia e migração consideram que aquela é o meio pelo qual o imigrante exprime a sua identidade depois de emigrar, definindo-a, por isso, como a identidade exteriorizada, portanto, normativa e resistente à mudança. O conceito de ethnic stratification model de Glazer e Moynihan (1975) procura explicar como, a partir da etnicidade, é possível analisar todos os fatores implicados na persistência da identidade cultural. Pelo conceito de "cultura emergente", os autores além de distinguirem os grupos étnicos entre si e cada um em relação ao grupo de que descende na origem, analisam a construção de uma identidade cultural e um tipo de organização política particular a cada grupo na imigração.

Para autores contemporâneos como Kubatt e Hoffman (1981), os grupos étnicos representam as organizações sociais dos imigrantes e são a nova expressão das ligações sociais deixadas para trás. Gordon (1994) concorda que o grupo étnico, além de ser o lugar do sentido da identificação histórica, se apresenta também como uma das opções mais importantes para a identidade do imigrante, proporcionando referências significativas para a auto-avaliação, a partir das quais o indivíduo seleciona suas opções identitárias e assume os diferentes papéis que lhe são prescritos. Como

explicação para a formação dos grupos étnicos, a sociologia das relações étnicas e ráticas salienta que a privação e a marginalidade são os principais motivos apontados para a partilha das experiências em comum.

A raiz implicitamente racial das diferenças étnicas tem como base os aspectos particulares que tornam os grupos e os indivíduos "visíveis" e os destacam no contexto sócio-cultural, levando-os ao isolamento, à auto-segregação e à marginalidade cultural e sócio-econômica (Kubat & Hoffman, 1981).

Além das divisões entre autóctones e imigrados, os conflitos envolvem também grupos étnicos, principalmente os que se distinguem pelo tempo de permanência no país de acolhimento⁴⁹.

Pelo fator etnicidade, procura-se explicar a forma como se encontram distribuídos os rendimentos e a posição social dos grupos na sociedade, influenciando de forma decisiva a integração do imigrante. Em essência, o modelo da etnicidade explica os obstáculos à adaptação dos imigrantes, atribuindo-os aos valores e comportamentos com os quais se identificam. A análise desses fatores elucidaria sobre o que impede os grupos e indivíduos de competir em pé de igualdade com os autóctones ou mesmo com outros grupos de imigrantes, pelo acesso aos recursos existentes (Rocha-Trindade, 1995).

Cashmore (1988) aponta a etnia com uma das opções mais importantes da identidade do imigrante, destacam o caráter efêmero da etnicidade, mostrando o seu provável enfraquecimento com o evoluir das gerações ou a ascensão do indivíduo na escala social e a sua característica básica reativa em relação às condições sociais e culturais encontradas pelo grupo. Saint-Maurice considera que a noção permite alcançar os fatores originais da estruturação das interações entre maioria e minoria e associada à categoria "classe" constitui agora um binômio estruturador das identidades, por vezes sobrepondo-se a classe ao efeito de etnia, outras se diluindo esta categoria para se afirmar uma identidade étnica que confere coesão simbólica à comunidade (1999).

⁴⁹ Por exemplo, os negros de Nova Iorque em boicote contra as mercearias dos novos coeranos, os operários espanhóis e portugueses no sul da França que se contam entre os partidários mais fervorosos da Frente Nacional contra a mão-de-obra africana e árabe que aceitam trabalhar por salários muito

O contexto em que predomina o discurso a favor da diversidade cultural centrado na questão das identidades e respeito pelas diferenças favoreceu a relevância atribuída ao conceito de etnicidade, até hoje dominante na teoria da imigração. Os conceitos de etnia e raça são desenvolvidos devido às diferenças encontradas entre os grupos, indivíduos ou sociedades que se encontram e se mostram distintos na vivência dos quotidianos; a herança das tradições; a língua em que se exprimem e comunicam; os valores que se referem às suas crenças e guiam seus comportamentos; o nível de desenvolvimento econômico e tecnológico que caracteriza os contextos de onde são originários (Rocha-Trindade, 1995, p.221)

Os estudos de Petersen (1978) são importantes para o novo campo que se estrutura por relacionarem o fenômeno migratório e as interações étnicas e ráticas, concluindo sobre a transformação das comunidades imigrantes em étnicas e a caracterização do grupo étnico como produto final da migração. Kubat-Nowotny e Hoffman (1981) ao analisarem a relação entre etnia e migração consideram que aquela é o meio pelo qual o imigrante exprime a sua identidade depois de emigrar, definindo-a, por isso, como a identidade exteriorizada, portanto, normativa e resistente à mudança. O conceito de ethnic stratification model de Glazer e Moynihan (1975) procura explicar como, a partir da etnicidade, é possível analisar todos os fatores implicados na persistência da identidade cultural. Pelo conceito de "cultura emergente", os autores além de distinguirem os grupos étnicos entre si e cada um em relação ao grupo de que descende na origem, analisam a construção de uma identidade cultural e um tipo de organização política particular a cada grupo na imigração.

Para autores contemporâneos como Kubatt e Hoffman (1981), os grupos étnicos representam as organizações sociais dos imigrantes e são a nova expressão das ligações sociais deixadas para trás. Gordon (1994) concorda que o grupo étnico, além de ser o lugar do sentido da identificação histórica, se apresenta também como uma das opções mais importantes para a identidade do imigrante, proporcionando referências significativas para a auto-avaliação, a partir das quais o indivíduo seleciona suas opções identitárias e assume os diferentes papéis que lhe são prescritos. Como

explicação para a formação dos grupos étnicos, a sociologia das relações étnicas e ráticas salienta que a privação e a marginalidade são os principais motivos apontados para a partilha das experiências em comum.

A raiz implicitamente racial das diferenças étnicas tem como base os aspectos particulares que tornam os grupos e os indivíduos "visíveis" e os destacam no contexto sócio-cultural; levando-os ao isolamento, à auto-segregação e à marginalidade cultural e sócio-econômica (Kubat & Hoffman, 1981).

Além das divisões entre autóctones e imigrados, os conflitos envolvem também grupos étnicos, principalmente os que se distinguem pelo tempo de permanência no país de acolhimento⁴⁹.

Pelo fator etnicidade, procura-se explicar a forma como se encontram distribuídos os rendimentos e a posição social dos grupos na sociedade, influenciando de forma decisiva a integração do imigrante. Em essência, o modelo da etnicidade explica os obstáculos à adaptação dos imigrantes, atribuindo-os aos valores e comportamentos com os quais se identificam. A análise desses fatores elucidaria sobre o que impede os grupos e indivíduos de competir em pé de igualdade com os autóctones ou mesmo com outros grupos de imigrantes, pelo acesso aos recursos existentes (Rocha-Trindade, 1995).

Cashmore (1988) aponta a etnia com uma das opções mais importantes da identidade do imigrante, destacam o caráter efêmero da etnicidade, mostrando o seu provável enfraquecimento com o evoluir das gerações ou a ascensão do indivíduo na escala social e a sua característica básica reativa em relação às condições sociais e culturais encontradas pelo grupo. Saint-Maurice considera que a noção permite alcançar os fatores originais da estruturação das interações entre maioria e minoria e associada à categoria "classe" constitui agora um binômio estruturador das identidades, por vezes sobrepondo-se a classe ao efeito de etnia, outras se diluindo esta categoria para se afirmar uma identidade étnica que confere coesão simbólica à comunidade (1999).

⁴⁹ Por exemplo, os negros de Nova Iorque em boicote contra as mercearias dos novos coeranos, os operários espanhóis e portugueses no sul da França que se contam entre os partidários mais fervorosos da Frente Nacional contra a mão-de-obra africana e árabe que aceitam trabalhar por salários muito

Tedeschi (1989) e Bonifazi (1992) analisam a introdução da migração como importante tópico do debate político na Itália, por causa da extensão dos efeitos econômicos e sociais da imigração e, igualmente, por causa da tendência para os conflitos étnicos e raciais. Descrevem uma sociedade antes receptiva que, atualmente, reage como se estivesse perante uma "invasão" e manifesta o desejo de mais restrições, embora, em geral, desconheça o número exato de imigrantes⁵⁰.

Ao estudar diferentes grupos étnicos em países como a França e os Estados Unidos da América, Taboada-Leonetti conclui que no caso da França, as estratégias de formulação de projetos culturais que visam a sociedade global e não somente uma suposta cultura étnica; a nova cultura mostra-se impregnada de elementos de várias culturas étnicas, feita de um sincretismo e de "bricolagens" culturais a partir de elementos tomados da sociedade dominante e de outras culturas imigradas. Ao contrário, as estratégias dos grupos étnicos estudados nos Estados Unidos da América indicam a formação de uma cultura étnica marcada pela resistência, organizada sobre a base do reconhecimento e da solidariedade que aparecem como as mais operatórias. A estas estratégias de resistência baseadas na etnicidade, é necessário atribuir um fundamento, uma autenticidade e uma transcendência históricas. Neste sentido, o grupo étnico tem a função de prover os grupos minoritários de certezas do passado — os mitos de origem e os heróis do passado atualizados, por vezes, a partir de uma busca messiânica e utópica bastante recuada- e futuros- os projetos culturais que não incluem aspectos da cultura dominante que, por definição só pode oferecer o negativo. Nesta situação, os grupos étnicos são contestatários por natureza e, num mesmo lugar, minorias (negras, hispânicas ou asiáticas) permanecem separadas e fechadas em estratégias culturais ou políticas por vezes concorrentes⁵¹.

inferiores, o mesmo motivo que faz com que estes dois últimos grupos protestem contra poloneses e romenos que, atualmente, disputam vagas no trabalho das vindimas (Stalker, 1995, p. 89)

⁵⁰ Um estudo realizado entre os autóctones (e o resultado de 3 surveys o confirmam), mostrou que apenas 21% da população tinha uma avaliação correta sobre o número de imigrantes. Dos italianos autóctones, 61% partilham a ideia de que a imigração traz mais desvantagens do que vantagens, sobretudo se se trata dos que vêm da África Negra (11,4%), países árabes (14,7%) ou do Irã (Bonifazi, 1992).

⁵¹ Estas duas situações são coerentes com os respectivos contextos, assegura a autora; de um lado, a França representa a situação atual dos países que se tornam pluriétnicos, com tentativas de integração, assimilação e busca de sincretismo entre as culturas, por parte dos imigrados, e esforços nacionais para

A etnicidade é o centro organizador do mundo contemporâneo, depois que a supremacia cultural se transforma em supremacia genética. A globalização somente acirrou as identidades étnicas, afirma Sandoval (2002). O autor explica a dinâmica psicossociológica contida nesta opção de identidade social, as vantagens psicológicas, materiais e sociais de se conhecer códigos que se tornam importantes para a auto-identificação. Os elementos constitutivos da etnicidade (linguagem, cultura, território, religião) que permanecem no indivíduo ao longo da vida, refletem-se em alguns conjuntos de relações sociais. Quando há uma intenção de fazer com que as marcas não se apaguem, a etnia transforma-se em uma forma de interação na sociedade e define as relações, percepções de si e dos outros⁵².

Em relação à cultura imigrada, face à presença crescente de africanos e asiáticos na Europa, analisa Taboada-Leonetti (1985) que a dinâmica das inter-relações apontam para modificações terminológicas no campo, e o termo cultura imigrada aparece como substituto conceitual e uma atualização do conceito de raça. Taboada-Leonetti (1985), Girard (1985), Monteiro (1984) sistematizam os motivos pelos quais os grupos comprometidos com o bem-estar das populações imigradas defendem as políticas oficiais de preservação cultural: a defesa do tratamento específico aos imigrados em defesa dos seus traços culturais de origem favorece a coesão dos grupos, consiste numa estratégia de resistência baseada na força da ação coletiva, proporciona também o refúgio, a entre-ajuda, a comunicação e a sobrevivência material, pois diminui o isolamento e as difíceis condições materiais de vida. Por se tratar de um sistema simbólico, tem a função essencial do reassseguramento psicológico dos indivíduos que no grupo descobrem o fio da continuidade da identidade de sujeito, o que lhes permite, em termos coletivos, resistir à aniquilação cultural e à inferiorização coletiva.

manter as sociedades de acolhimento distantes da influência cultural e social dos novos habitantes. De outro, no caso dos Estados Unidos, os cientistas apontam para o perigo de uma sociedade que faz da raça e do grupo étnico o fundamento da ação pública e das atividades privadas, sem que esta situação deixe de ser profícua para a classe hegemônica.

⁵² Encontra-se aqui apontado o caráter relacional da etnicidade que se destaca na medida em que os grupos se confrontam com outros grupos e só assim pode se criar e formar a consciência da etnicidade, embora os elementos já estivessem presentes (Sandoval, 2002).

Por outro lado, os autores colocam acento em como tal separação perpetua as culturas diferentes, contribui para a preservação das desigualdades e reforça a rejeição por parte dos autóctones. É por isso que a preservação das culturas de origem e a revalorização das identidades culturais estrangeiras transformam-se em aspectos consensuais, defendidos por grupos que no terreno político e social se opõem: responsáveis de partidos de esquerda, de extrema-direita, a nova direita, os intelectuais e os próprios imigrados e suas organizações. Por seu lado, os imigrantes e seus grupos organizados também têm interesse na revalorização cultural que pode lhes permitir ser alvo de políticas de favorecimento e apoio governamental, ou facilita a ocupação de determinados espaços sociais. Espaço cultural, menos disputado por causa de menor capital simbólico. Deste modo, os grupos de direita, os que não são favoráveis à presença de imigrantes encontraram um substituto conceitual à noção de raça, não mais colocada como obstáculo à assimilação por parecer abertamente racista.

A preservação da cultura imigrada e da distância cultural são conceitos tidos como mais neutros e científicos (Taboada-Leonetti, 1985), mas Giraud critica que as ciências sociais deveriam desmascarar os objetivos inequívocos da substituição ao conceito de raça pois, a ideologia colonial invocava a inferioridade racial, ou mais academicamente, uma *constituição mental* particular para explicar a lentidão e a imperfeição da progressão da racionalidade colonial nos povos colonizados. Ao contrário, os culturalistas adiantam uma radical alteridade das "culturas indígenas" a esta racionalidade ocidental⁵³, o que, para o autor, significa "trocar um doente por outro", pois os colonizados, que são os imigrantes atuais, mantêm-se prisioneiros, não mais dos seus genes, mas da sua tradição cultural. E se, como defendido pelos culturalistas, a cultura transforma-se quase que numa segunda natureza, a tradição cultural se perpetua nos imigrados. Deste modo, a separação e a segregação apoiam-se solidamente na indissolubilidade da cultura imigrada, que, como segunda natureza, um superorganismo, uma realidade em si, separa-se das razões históricas e das

⁵³ O discurso sobre a cultura imigrada é influenciado pelas teses culturalistas da antropologia que vêem as culturas dos países de origem dos imigrantes como totalidades homogêneas, funcionais e idênticas de geração para geração.

relações sociais e do contato possível com outras culturas que produz transformações e mudanças (1985)⁵⁴.

Taboada-Leonetti é um dos autores que aponta para a ambigüidade do tratamento dado ao imigrante, presente em qualquer das opções de fixação e inserção feitas pelas partes envolvidas na migração. O discurso sobre a revalorização das culturas imigradas pode indicar o estranhamento em relação ao imigrante, visto como temporário, além de subentender a permanência dos laços com o país de origem que não devem ser rompidos, porque o retorno (voluntário ou provocado) é sempre considerado. Ao mesmo tempo, caso não se aceitem as diferenças culturais, configura-se uma situação de rejeição, de negação do outro em nome de um imperialismo cultural e nacional, considera o autor (1985).

Por qualquer ângulo, destaca Taboada-Leonetti, verifica-se a utilização de um discurso estereotipado sobre a cultura imigrada; a cultura de origem é conhecida como uma totalidade homogênea, funcional e transmitida de forma idêntica de geração em geração. A crítica do autor se fundamenta na utilização desta imagem, ideal típico de uma cultura estrangeira que se constrói através de produções artísticas e literárias e através de um folclore estereotipado que serve de referência ao discurso sobre a cultura imigrada.

Veronique de Rudder (1985) acredita que é necessário estudar a lógica da dinâmica e variação das práticas de origem que ganham significação diferente na imigração pois, a inscrição dos imigrantes é ainda prejudicada por um passado destes grupos que permanece mal estudado e se torna conhecido apenas pelos trabalhos sobre as construções sociais das culturas que nada mais são do que fragmentos aleatoriamente escolhidos pela classe hegemônica para representar outros povos de forma folclórica e estereotipada. Nesta construção sobre a cultura imigrada, ignoram-se as clivagens e sub-culturas das regiões no país, as formas diferenciadas de

⁵⁴ As abordagens das culturas populares tendem a sacralizá-las como entidades dotadas de auto-suficiência simbólica (de sentido), esquecendo-se das características que se devem às relações de dominação entre as classes nas quais estão inseridas. Ou, ao contrário, as práticas populares são encaradas como hierarquizadas em relação às formas dominantes consideradas mais legítimas, como se as atividades dos dominados se referissem continuamente à dos dominantes. De qualquer modo, a leitura das produções dos meios populares é em função de critérios dominantes, de um etnocentrismo que culmina num racismo de classe em que as classes populares são excluídas do universo humano da cultura e reduzidas à ordem da natureza (Passeron, 1989).

apropriação, dominação e participação na cultura de acordo com as classes e os grupos dos indivíduos. A visão no país de imigração (e que as elites locais também favorecem) é de unidade, continuidade e funcionalidade da cultura que também "emigra", como se estas sociedades tivessem permanecido isoladas e seus membros participassem de um sistema único de valores. O mito da coerência da cultura é uma aparência que serve à hegemonia da classe dominante e não considera as reticências do indivíduo e os antagonismos ou conflitos de interesse (Taboada-Leonetti, 1985; Bourdieu, 1989; Sayad, 1991).

É preciso lembrar, conforme Bourdieu, que o capital cultural que podemos reconhecer nas práticas simbólicas dos imigrantes foi inicialmente distribuído para as classes ainda no lugar origem, de forma a manter e garantir as vantagens das classes dominantes e a monopolização por estas (Bourdieu, 1989, p.311). O autor questiona a referência que fazemos sobre a cultura de origem sem verificar, antecipadamente, se teriam os trabalhadores imigrados os meios ou o desejo de adquiri-la, já que a cultura oficial, a língua nacional, ou o patrimônio cultural costumam ser reservados, no país de origem, a uma minoria.

Para o autor, a cultura imigrada descreve uma situação de subordinação e dominação na qual, o tipo de contato entre culturas reproduz a estrutura dessa relação. Assim como as relações interpessoais, as culturas em contato geram a reprodução das desigualdades dos *status* sociais e econômicos dos dois grupos sociais. O tipo de adaptação que o imigrante realiza está, portanto, na dependência do tipo de desigualdade original entre os dois países, pois, a imagem de cada um dos países condiciona o tratamento que o imigrante receberá (Canclini, 1983). Contudo, considera Passeron que a sociologia de Bourdieu não escapa às armadilhas "dominocêntricas" (Corcuff, 1997) porque aborda as produções populares quase exclusivamente a partir das suas relações com as formas culturais dominantes, Passeron lembra que, por exemplo, se aplicarmos a noção bourdieuniana de capital cultural (que visa a apropriação dos recursos culturalmente legítimos, como os títulos escolares, os gostos artísticos, etc) para medir as atividades dos membros das classes populares, certamente que esse instrumento tendencialmente legitimista

nos fará encarar negativamente todas as alteridades como existências-menores, e tudo o que não foi adquirido pelas classes populares, em termos de incapacidades, limitações, privações, ausência de escolha, não-consumo e não-práticas (Grignon, 1989).

Considera Taboada-Leonetti que a alternativa consiste em denunciar a utilização racista do termo, desconstruir a noção e seus derivados, evidenciando suas ambigüidades. Além disso, deve-se explorar uma nova definição que a afaste das ligações de similaridade com a cultura de origem, indicando-a, ao contrário, como um conjunto de fragmentos reinventados, uma cultura composta de práticas, crenças ou ritos transplantados e reinventados no país de imigração, que não formam um sistema cultural e têm poucas relações com o país de origem. Esta cultura assume a função cultural de fornecer uma identidade coletiva e assegurar a coesão relativa do grupo que exerce uma pressão considerável sobre cada membro. Esta resistência da cultura imigrada deve ser analisada em termos de estratégias, investimentos e resultados, uma forma de garantir a sobrevivência (material) e o asseguramento psicológico. A sua ambigüidade reside no duplo caráter de resultado e instrumento de luta pois o imigrante deve assegurar as suas especificidades para manter o seu grupo e, ao mesmo tempo, precisa recusar as diferenças assinaladas pelo país de imigração, defende Taboada-Leonetti (1985).

A integração do imigrado

Conforme Berry (1989), a integração ou multiculturalismo, abordados do ponto de vista do grupo não-dominante ou das ações do grupo dominante, respectivamente, significa que os imigrantes adotem os valores básicos da sociedade, integrando-se como um grupo específico e, ao mesmo tempo, todos compartilhem o desejo de preservar a herança cultural do grupo e tenham a vitalidade para tal (1989; 2001). Ao mesmo tempo, a sociedade de recepção deve estar preparada para adaptar as suas instituições e assim, responder às necessidades dos diferentes grupos. Como resultado, haverá um número grande de grupos etnicamente

diferenciados, todos co-operando dentro do sistema da sociedade mais ampla (1989, p.188)⁵⁵.

Nos termos de Gordon (1994), este arranjo (manter a integridade do grupo e, ao mesmo tempo, tornar-se parte integrante da sociedade mais ampla) acontece quando há algum grau de assimilação estrutural e, ao mesmo tempo, reduzida assimilação cultural e de comportamento. A sociedade multicultural resultante, segundo Berry, favorece a acomodação mútua, a aceitação mútua dos direitos de todos os grupos de viver como pessoas culturalmente diferentes dentro da mesma sociedade. Todavia, só se constitui sobre pré-condições psicológicas estabelecidas, como a aceitação muito difundida do valor da sociedade de diversidade cultural com a presença da ideologia multicultural, portanto de baixos níveis de preconceito e de discriminação. Constata, igualmente, a inexistência de ódios ou aversões específicas entre os grupos, e a presença de um sentido de identificação e pertença em relação à sociedade mais ampla, pelos indivíduos e grupos.

Com as estadias cada vez mais prolongadas dos imigrantes, o tema da integração predomina nas análises sobre a migração, com destaque para os autores preocupados em desconstruir os argumentos que, segundo eles, sustentam as categorizações e classificações dos imigrantes como fontes de legitimação da dominação e da exclusão. Neste sentido, a análise de Spire (1999) sobre a categoria específica de 'imigrado' nos remete aos mecanismos de instauração das demais categorias criadas para denominar e nomear o imigrante. Entre outros autores, Spire procura os motivos que levam à institucionalização de uma categoria e ao seu enraizamento na ação das instituições que têm papel importante em relação aos grupos. Em síntese, procura compreender as razões da insistência na preservação dos traços do grupo imigrado significando uma identidade forte e condição essencial para a aceitação dos outros grupos.

Em primeiro lugar, Spire se remete à terminologia e mostra que, ao contrário da estrita conotação econômica da imigração, a substituição pela

⁵⁵ Sobretudo a realidade do Canadá amplamente estudada por Berry, serviu ao autor para a formulação de uma perspectiva favorável a esta opção. O autor defende que a criação de uma sociedade multicultural em que todos têm espaço para se manifestar enquanto grupo com uma originalidade específica, sem a

temática da imigração e dos imigrantes adota a utilização do termo "integração", que reenvia à idéia de uma imigração que se instala⁵⁶. Na sua opinião, assiste-se a um deslizamento de uma fraseologia do economismo para outra que, do ponto de vista dos nativos das sociedades que recebem imigrantes, reflete todas as preocupações com os perigos de uma identidade nacional ameaçada e a urgência de se denominar uma população a integrar, a saber, os imigrantes⁵⁷.

Mas, verifica Spire, quando a estratégia adotada é a de integração, a institucionalização da categoria de imigrante corresponde ao trabalho de construção social de uma população, à legitimidade da sua existência e de sua ação⁵⁸. Conforme o autor, a categoria surge para ultrapassar as limitações da categoria de população estrangeira, cujo sentido estrito não permitia avaliar a contribuição demográfica, resultado de um século de imigração na França. É por isso que a noção de imigrante é definida a partir do lugar de nascimento, pois, o conceito de estrangeiro se refere a uma situação jurídica susceptível de modificação, enquanto a do imigrante é fundada numa característica invariável, o fato de ter nascido no estrangeiro, conforme Tribalat (1989, p.2).

Utiliza-se, então, tal categoria para dispor de uma ferramenta que melhor possa medir a integração, e serve para manter aquele que se deslocou ao país como sendo não nacional⁵⁹. O interesse do autor é por uma categoria que não tendo nenhum fundamento jurídico e pertencente aos discursos profanos foi, por fim, generalizada ao conjunto do aparelho

aversão dos demais, se mostra a mais propícia para incluir os múltiplos grupos que, paulatinamente, foram construindo as atuais sociedades de imigração.

⁵⁶ Referindo-se à imigração na França, Spire lembra que, a partir deste momento, não se refere mais somente a uma mão-de-obra descrita de forma um pouco caricatural como masculina, celibatária e operária, mas também a uma população feminilizada, tendo crianças nascidas e tocada por um relativo envelhecimento (1999).

⁵⁷ É neste sentido que Spire (1999) compreende o processo de institucionalização da categoria imigrante que, considera, revela a ambigüidade da política de integração: segundo as declarações oficiais, pode-se tratar tanto dos estrangeiros como de imigrantes ou de populações de origem estrangeira. Mais implicitamente ou explicitamente, o termo imigrante está sempre associado ao de integração. Por extensão, os bairros excluídos são freqüentemente definidos pela proporção de imigrantes. No discurso do poder público, nenhuma comunidade nacional é citada, mas sim os imigrantes são definidos como o grupo a ser atingido pela política de integração.

⁵⁸ Para isso, convergem os resultados das pesquisas em demografia, a necessidade política de fornecer um conteúdo sólido a uma categoria do senso comum já em vigor e, ainda, assiste-se ao aparecimento de instituições e de agentes especializados para lidar com tal população, agora classificada (1999, p. 52)

⁵⁹ No caso da França "É imigrante toda a pessoa que nasceu estrangeira no estrangeiro que vive em França, tenha ela adquirido ou não a nacionalidade francesa" (1999, p. 54).

estatístico, a ponto de tornar-se um sistema de classificação estandarizado⁶⁰. Como consequência, "A escolha de considerar esta nova categoria de imigrante em oposição ao critério jurídico de estrangeiro, igualmente, permitiu a construção de uma população constituída dos estrangeiros que adquiriram a nacionalidade e, portanto, vantagem susceptível de corresponder ao modelo de uma integração bem sucedida" (Spire, 1999, p. 56)⁶¹.

As categorias utilizadas para definir a situação das novas populações revelam as expectativas sobre os imigrados que devem ser integrados e inseridos, bem como os que seriam bons imigrados ou os que devem retornar ao país de origem. No seu uso contemporâneo corrente, o termo imigrado (por exemplo, nos enunciados do assunto da "integração dos imigrados") pode ser considerado um eufemismo por designar, na realidade, as populações estrangeiras às quais se atribui implicitamente uma origem diferente da do lugar em que se encontram. Percepção esta, aliás que se transforma em auto-identificação. Assim é que a atual representação social da questão "imigrado" se focaliza em torno de tais populações e é construída de parte a parte, tanto nas relações sociais cotidianas quanto pelo poder de sugestão do que se guarda no imaginário em relação a pares dicotômicos como cidadão/camponês, ateus/crentes, colonizador/colonizado, desenvolvido/sub-desenvolvido, etc. Por outro lado, é importante questionar o termo na medida em que circunscreve uma população de forma negativa e, por isso, é progressivamente recusada pelos filhos dos imigrados e pelos próprios enquanto designação fortemente fragilizante.

Em síntese, as categorias servem para manter o imigrante na condição de um sujeito provisório na sua estadia, justificável apenas pela razão do trabalho e que, portanto, não deve resultar em outras adesões no lugar de destino e em relação à sociedade de recepção, como afirma Sayad (1998).

⁶⁰ A análise do processo de institucionalização revela que a imposição de uma definição legítima somente pode de ser realizada se for certificada e autenticada por um conjunto de instituições e organismos e de agentes cuja ação seria coordenada e se inscreveria no contexto de uma política de integração de imigrantes.

⁶¹ Citação traduzida do original em francês.

O autor explica que partilhamos das mesmas categorias por um processo inconsciente e eficaz, pelo qual as nossas estruturas mentais permitem que os discursos sobre a imigração emanem dos mesmos esquemas de pensamento que operam a distinção entre os cidadãos residentes que pertencem à nação e têm todos os privilégios específicos, ao contrário dos residentes estrangeiros excluídos.

Ao analisar as qualidades da imigração como objeto social e as suas repercussões no espaço social, Lebaron conclui que a imigração é uma dessas questões não questionadas do debate público que pode se impor ao pesquisador através de categorias de linguagem comum, suscetível de ser pensada e abordada como realidade separada, produto de uma redução do fato migratório, que conduz à interpretação de fatos tão diversos como as práticas culturais, as trajetórias educativas ou as relações de certas populações no mercado de trabalho, com referência somente à sua origem geográfica⁶². Na sua opinião são estratégias que revelam as lutas simbólicas que estão por detrás das categorizações, no caso atual da imigração, as que opõem imigrantes e os grupos nativos (1999).

Perspectivas integradoras

Para Rudder-Paurd, em geral, as categorizações escondem a multiplicidade de estratégias adotadas nas sociedades em que os imigrantes se instalam e cujas atuações revelam a intenção de apagar os vestígios da sua origem, e, ao mesmo tempo, são indicadoras da utilização da etnicidade em algumas circunstâncias. Ao serem definidos pelas categorias que os outros elegeram para si, tornam-se quase invisíveis os projetos e as expectativas de mobilidade social numa sociedade que, ao menos idealmente, oferece uma multiplicidade de oportunidades. Contra tais categorizações, a população imigrada relativamente jovem começa a apresentar uma diversidade de nível de educação e de posições no mercado de trabalho e as elites sociais, econômicas e intelectuais se mostram melhor inseridas nas diferentes esferas da vida social. Todavia, os seus esforços

não costumam resultar em reconhecimento adequado na cena política ou como destaque e referência entre as populações estrangeiras⁶³.

A sociedade de imigração

Berry considera que é necessário compreender o impacto que a imigração provoca nas sociedades dominantes, focalizando-se a atenção nos processos de mudança e acomodação mútua entre os grupos e indivíduos e reconhecendo o poderoso papel das atitudes e comportamentos da sociedade de recepção na escolha das estratégias de aculturação por parte dos imigrantes. Na atualidade, estudos sobre as sociedades dominantes investigam os fatores contextuais⁶⁴ onde se encontraria a raiz da distinção psicológica entre visões sobre a imigração em si⁶⁵ ou as visões sobre o tipo de pessoa a ser admitida. Esta corresponde a fatores psicológicos tais como preconceitos e atitudes de ameaça ou perigo, anti-imigrantes, portanto. Inclui as visões das pessoas sobre o seu grau de tolerância, o temor com base na percepção dos imigrantes como ameaça ao bem-estar econômico e à coesão social; a percepção dos custos sociais dos imigrantes aos serviços sociais e o temor da perda do emprego (2001)⁶⁶.

Para Berry, muito ainda está por se formular sobre as correlações entre etnocentrismo, autoritarismo e propensão à discriminação de imigrantes e sua vinculação com atitudes negativas e de rejeição, as visões integracionistas e multiculturais e a sua relação com atitudes de aceitação e disponibilidade para com o imigrante e a não percepção de ameaça. As avaliações fundamentadas sobre a ideologia multicultural, a orientação

⁶² O autor critica o processo que associa o tipo das populações dotadas de certas características "nacionais" ou "étnicas" a práticas ou comportamentos particulares e alerta para o fato de que o espaço dos imigrados é, ele próprio situado no espaço social.

⁶³ Por exemplo, no seio da expressiva comunidade cabo-verdiana em Portugal, já se verifica um interesse grande e disputa (dos grupos organizados e associações) pela escolha dos candidatos à representação da imigração junto à Comunidade Européia.

⁶⁴ Por exemplo, estudos realizados no Canadá mostraram a correlação entre as atitudes com relação aos imigrantes e o padrão de desemprego (fator econômico) e o tipo de relação com o país de origem do imigrante (fator político referente aos países que são considerados aliados ou não e possíveis produtores de refugiados).

⁶⁵ Aspectos demográficos e econômicos (nível populacional desejado, desemprego) e fatores de ordem histórica e política como o papel da imigração na construção da nação.

⁶⁶ Entre os estudos sobre grupos da sociedade de recepção referentes à ameaça percebida, o racismo manifestado, Jackson et al, (2001) investigaram sobre manifestações da exclusão como forma extrema de marginalização, encontrada na Europa sob a forma do desejo de mandar os imigrantes de volta para os seus países de origem (Berry, 1989).

etnocêntrica e visão dos imigrantes como ameaça e de como podem viver a partir da sua instalação também devem orientar um importante setor de estudos, formulando-se as correlações entre orientações sociais positivas (integração) e negativas (assimilação e separação) e as formas de fixação ao novo meio social.

Sob outra perspectiva, Grinberg e Grinberg (1984) também descobrem insuficiências nas abordagens já que estudos referem-se com mais freqüência à qualidade das reações dos autóctones aos novos habitantes como influentes das distintas maneiras na evolução da sua instalação e adaptação. Com menor incidência, analisa-se o impacto da chegada do novo, cuja presença modifica a estrutura de um grupo, questiona alguns dos seus padrões de conduta moral, religiosa, política ou científica e pode desestabilizar a organização existente. Compreendem que, para os nativos, também deve ser efetivada a tarefa de *metabolizar* e incorporar a presença do *estranho*, em geral, vivido como ameaça à identidade cultural, à pureza do idioma, às crenças e do sentimento de identidade grupal. Esta abordagem nos orienta, ainda, para um importante resultado da migração que depende, em grande parte, da participação da sociedade receptora na chegada do imigrantes (por tê-lo convidado ativamente, por ter sido a entrada do imigrante não abrupta e sem aviso prévio e por tê-lo aceite)⁶⁷.

Na perspectiva da economia, isso significaria, conforme Portes, em retomar as causas da emigração/imigração em termos que evidenciam, igualmente, as necessidades originais das sociedades de destino:

Contrariamente às idéias que se divulgam, os imigrantes vêm para os países mais ricos menos porque desejam e mais porque têm necessidade deles. Uma conjunção de forças sociais e históricas provocou penúrias em mão-de-obra nas sociedades avançadas. Em certos casos, a penúria é total, como para os operários da indústria no Japão(...). Em outros casos, a penúria provém de uma resistência cultural dos trabalhadores nacionais em aceitar os empregos

⁶⁷ Na perspectiva da psicanálise, conforme os autores analisam que a nova presença, em alguns casos, incrementa as ansiedades paranóides do grupo receptor, origem das reações extremas de xenofobia. A vivência persecutória e o reforço das fantasias de rivalidade que a presença do outro pode provocar

desvalorizados e mal pagos freqüentemente ocupados pelos imigrantes de gerações anteriores. (Portes, 1999, p.17)

Ao estudar o que designam de sociedades pluralistas européias, Bastenier e Dasseto também analisam a fraca referência, do senso comum e das ciências sociais, aos mecanismos de defesa dos autóctones e a sua interação com os mecanismos de adaptação dos imigrados, cujo conhecimento permitiria uma melhor concepção dos elementos culturais que cada um dos dois grupos considera indispensáveis para marcar a sua etnicidade, esta estimulada, sobretudo quando a integração é difícil (1990).

As sociedades receptoras continuam a ser tratadas como realidades estáticas, ignorando-se as relações sociais cotidianas e a influência do poder de sugestão do que, nestas sociedades, se guarda no imaginário em relação a pares dicotômicos como, por exemplo, citadino/camponês, ateu/crente, colonizador/colonizado, para citar alguns (Dasseto, 1990).

Referindo-se, em particular, às atuais sociedades européias de imigração, Bastenier e Dasseto (1990) alertam para a participação das novas populações cuja presença faz emergir a questão da co-inclusão que se refere à necessidade de cada uma das partes incluir a outra nas práticas e no imaginário organizado de que dispõe cada ator. Ao contrário, permanece o acento colocado na integração social dos imigrados, de acordo com a forma dominante que exclui alguma participação dos autóctones e identifica a necessidade (ou impossibilidade) de mudança apenas nos imigrados.

As sociedades receptoras têm se mostrado mal preparadas para a inovação social e desenvolvem atitudes de resistência às pessoas cuja presença é vista como a ameaça que transformará a sociedade e desestruturará os seus espaços (Bastenier e Dasseto, 1990). A percepção sobre as novas populações se faz apenas pela comparação de um antes com um depois da presença do imigrante no espaço cotidiano, percebida de forma dramatizada pelos autóctones (Dasseto, 1990).

Neste sentido, a entrada do imigrante, continua sendo, uma seqüência temporal pouco explorada pela sociologia, pois se dá,

explicaria, sob este ponto de vista, o ataque à identidade do imigrante por parte da sociedade receptora, muitas vezes, recusando-o como alguma coisa, uma pessoa.

inicialmente, apenas numa sucessão de instantes do tempo material da sociedade em que chega, mantendo, em certa medida, uma temporalidade individual vinculada a uma pertença simbólica à historicidade do país de origem. Os primeiros imigrantes que entram recentemente no espaço de chegada se inscrevem apenas em uma sucessão de instantes do tempo social da sociedade de chegada e, particularmente, no seu tempo de trabalho. A sua temporalidade individual é, em alguma medida, exterior à historicidade que o cerca e provém de uma pertença simbólica à historicidade do país de origem, de onde ela se distancia pelos fatos. Mas a duração da implantação e, mais que o escoamento do tempo, a emergência de líderes biposicionados e a aparição das crianças, seu crescimento e sua entrada na escola, inscrevem passo a passo, por um processo lento de reconhecimento recíproco, os imigrados, indivíduos e famílias, no tempo social da sociedade que habitam (Dasseto, 1990). Menos evidente, porém, é a sua inscrição no passado, na memória coletiva. Para os próprios jovens lhes é dada à partida (a primeira história) é a história familiar, evocando algo que os torna diferentes dos jovens autóctones.

O movimento pelo qual, lentamente, imigrantes e suas famílias se inscrevem no tempo social da sociedade que habitam não costuma ser inscrito na memória coletiva da sociedade que parece não incluir a história da imigração na sua própria história; tudo se passa como se a imigração não tivesse um momento fundador que a pudesse inscrever, com legitimidade, nos anais significativos da memória vivida, esta traduzida em discurso na vida social. A imigração é considerada um elemento oculto da história da nação (1990)

Para os autores que vimos citando, a capacidade explicativa das análises, até ao momento mais preocupadas em cercar os determinantes dos problemas sociais ampliar-se-á se for considerada a dimensão histórica que descreve a seqüência temporal da mudança espacial, social e institucional do ponto de vista do imigrante e que se justapõe à seqüência

temporal da sociedade de implantação, sem se confundir inteiramente com ela⁶⁸.

De acordo com esta perspectiva, as análises terão a sua capacidade explicativa ampliada ao introduzirem o fator tempo e a questão histórica, considerando que a mudança física produz novas condutas e novos quadros sociais mas, no sentido mais nuclear do termo, a migração é uma experiência interiorizada de mudança social.

Tanto a categorização e classificação dos imigrantes como a forma pela qual a sociedade de recepção recusa o seu envolvimento no processo migratório apoiam-se fortemente, conforme Sayad, na idéia do imigrante como um sujeito portador de contradições e de um conflito entre as características trazidas e as do lugar de destino. O autor discute como se encontram fortalecidos os argumentos teóricos pelos quais refere-se aos imigrantes como homens "transfigurados" pela imigração, que são os homens de entre dois: lugares, tempos, sociedades, maneiras de ser e culturas. O autor identifica uma tendência geral em se considerar a imigração, antes de tudo, como uma ameaça à integridade cultural, introdutora de práticas susceptíveis de perturbar a homogeneidade cultural do grupo e prejudicar a autenticidade fundadora do grupo: a imigração fabrica ou tende a fabricar nos imigrados a semelhança, a similitude, para não dizer, idealmente, a assimilação, contribuindo, desta forma, para a redução da alteridade que eles constituem e que introduziram na sociedade de imigração (1998).

O desequilíbrio, de aparência científica, esconde uma relação de dominação, dissemetria e desigualdade que são as mesmas constitutivas do fenômeno migratório. A sociedade de imigração aborda o fato da imigração durante a sua realização, como questão de ordem pública e necessidade da vida prática, indiferente às condições e circunstâncias que governam a emigração. Mesmo quando é obrigada a interrogar-se sobre o nascimento da imigração, procura as causas, o princípio explicativo nas suas próprias estruturas internas, descrevendo argumentos (da economia, do mercado de trabalho, da estrutura demográfica e social, etc) que têm a função de

⁶⁸ Para os outros, a própria sociedade não parece incluir a história da imigração na sua própria história, como, por exemplo, na Bélgica. Ao contrário dos Estados Unidos da América onde a história é o

legitimação e justificação de uma presença que, de outra forma (intelectual, política, cultural e eticamente) seria escandalosa.

A entrada do imigrante se caracteriza pois, no duplo sentido cronológico e funcional, sob o viés de uma entrada salarial discriminada, eventualmente associada a uma função demográfica (Dasseto, 1990). Conclui Sayad que

a presença estrangeira sendo uma presença somente legitimada, portanto, uma presença sempre justificável por um empreendimento de legitimação, mas jamais uma presença intrínseca e fundamentalmente legítima, e tudo o que se possa dizer dessa presença, seja a seu favor ou, ao contrário, para condenar e denunciar seus efeitos (principalmente os efeitos sociais e culturais), contribui, de certa maneira, para esse trabalho de legitimação do ilegítimo, de licitação do ilícito (Sayad, 1998, p. 30)

As oposições às abordagens centradas nas dinâmicas impostas pelas sociedades de recepção na tentativa de manter a hegemonia que é também a das explicações sobre a migração, ou mais especificamente, a imigração, ganham novos argumentos ao dirigir a atenção para as realidades que se tornam cada vez mais descritivas e definidoras da migração contemporânea.

Transnacionalismo

Ao referir-se aos fundamentos teóricos da moderna Sociologia das Migrações, Rocha-Trindade, destaca que a dificuldade com relação às formulações teóricas se devem, entre outros problemas, ao fato dos movimentos migratórios como objeto terem sido sistematicamente designados e não construídos na abordagem sociológica. Uma das razões é que só muito recentemente o discurso científico tem se emancipado do discurso e das posições ideológicas e o trabalho de investigação tem sido prejudicado pelas representações acerca dos imigrantes "construídas a partir da visibilidade e diversidade étnicas ou tendo como referente o estatuto social dos trabalhadores" (1995, p.62).

De fato, diversos autores partilham da opinião no que se refere à influência das representações sociais acerca dos próprios imigrantes nas formulações teóricas a respeito das migrações (Sayad, 1998; Lebaron, 1999; Galissot, 1985; Giraud, 1985). Outro aspecto mencionado é o de que o impacto dos movimentos populacionais no período do capitalismo industrial confrontou os pesquisadores com padrões extremamente complexos como, por exemplo, "a coexistência de mecanismos e processos migratórios diferenciados numa mesma área geográfica, no tocante aos tipos e padrões de seletividade anteriormente observados e nas consequências, internas e internacionais, das migrações na estrutura dos mercados de trabalho" (Rocha-Trindade, 1995, p.62).

Lebaron indica para uma direção da análise crítica que nos parece importante; seguindo uma perspectiva bourdieuniana acerca da ocupação do campo social, sugere que o elemento essencial do estudo da imigração é o fato de os imigrantes estarem sujeitos às leis de funcionamento (o mais ordinário possível) do espaço social nacional e internacional: "menos ricos em capital econômico, cultural e social, e possuidores de um capital simbólico 'negativo', associado à estigmatização, são eles objeto de uma discriminação estrutural não apenas legal como consciente" (1999, p.3).

Para Portes e Basch, o foco não deve ser mantido exclusivamente nas características e processos de adaptação de migrantes individuais, mas, também no modo como as redes, as expectativas normativas da comunidade e as estratégias domésticas modificam e, ao mesmo tempo, subvertem as estruturas determinantes (Portes, 1993). A abordagem se fundamenta no novo tipo de imigração que emerge compondo redes, atividades e padrões de vida que abarcam tanto a sociedade de origem como a de estadia, indicando novas práticas sociais e a complexidade da existência dos migrantes transnacionais.

O transnacionalismo parte do modelo teórico que analisa a construção de campos sociais para observar a experiência migrante em processo, analisar as suas origens, monitorar mudanças e verificar como isso afeta os dois países, numa construção que procura contribuir para a formulação dos conceitos-chave das ciências sociais como os de sociedade e cultura. Neste campo de investigação, busca-se compreender como os

transmigrantes usam as suas relações sociais e as múltiplas e variadas identidades geradas pela sua posição simultânea em várias localizações sociais, tanto para se acomodar como para resistir às difíceis circunstâncias e às ideologias dominantes que encontram nos seus campos transnacionais (Basch et al, 1994).

De acordo com Portes, os estudos como o de Basch et al. (1994), Glick-Schiller et al.(1992) entre outros, mostram que a construção de comunidades transnacionais baseadas nas redes de longa distância provocam a crescente subversão do que ainda se encontra apoiado no agregado, a unidade mais próxima de inter-relações do indivíduo, muda, por exemplo, o caráter das associações dos imigrados, antes totalmente voltadas para o auxílio ao imigrante recém-chegado e, atualmente, se voltando mais para os negócios e para a política, orientados em torno, como já foi dito, dos dois países a que se mantêm ligados.

Afirma Portes que "os trabalhadores não são apenas objetos de exploração mas freqüentemente tomam consciência da lógica dos processos imperativos de mobilidade pessoal que eles implicam"(1999, p.18) e o transnacionalismo seria o resultado da avaliação de que as condições de trabalho e de remuneração que lhes reserva o mundo desenvolvido não satisfazem as suas aspirações econômicas; para evitar os trabalhos desvalorizados e sem futuro que a sociedade de acolhimento lhes reserva, é necessário acionar as suas redes de relações sociais.

Definimos o 'transnacionalismo' como o conjunto de processos pelos quais os imigrantes tecem e enredam relações sociais de natureza múltipla religando suas sociedades de origem e de acolhimento. Designamos esses processos de transnacionalismo para insistir no fato de que, em nossos dias, muitos imigrantes constroem espaços sociais que atravessam fronteiras geográficas, culturais e políticas... Um elemento essencial é a multiplicidade de atividades nas quais se aplicam os imigrantes na sociedade de origem e de destino, ao mesmo tempo. Continuamos a procurar um termo adequado para descrever essas posições sociais (Basch; Glick Schiller e Blanc-Szanton, 1994, p. 6)

O transnacionalismo é o fenômeno contemporâneo que mostra o crescente número de pessoas constantemente circulando em "via dupla", entre os dois países: "os indivíduos criaram comunidades que atravessam fronteiras e que, num sentido muito concreto, não se situam nem lá nem cá, mas aqui e lá ao mesmo tempo."(1999, p. 16). Para Basch esta realidade orienta tópicos promissores de um modelo teórico com base nas construções de campos sociais e numa atitude de puzzle em direção ao fenômeno transnacional (1985).

3. MIGRAÇÃO: O ITINERÁRIO PSICOSSOCIAL

Sob as mais diferentes formas e conteúdos, e após a crise dos grandes modelos explicativos do processo histórico, afirma Boris Fausto, o fenômeno migratório surgiu como terreno particularmente fecundo, abrindo novas perspectivas para a elucidação do comportamento dos agentes sociais, despertando também questões em torno de sensibilidade e do imaginário (1999)⁶⁹.

Cohen reconhece que “o estudo da migração no mundo conecta biografia, história e experiência social vivida”(1995)⁷⁰, e muito mais do que a compreensão sobre o dualismo clássico da migração, deve-se elucidar sobre a condição humana, fator que dá o sentido aos deslocamentos e nela, igualmente, se significa. Deste modo, considera que o bem estabelecido dualismo entre teoria social do agente e estrutura, fatores subjetivos e objetivos, perspectivas micro e macro, voluntarismo e determinismo e sentimento livre ou forçado, são tensões e contradições exercitadas, refletidas e ocasionalmente resolvidas na experiência migratória.

De igual modo, as conexões entre migração e formas emergentes de identidade têm destaque entre os estudos (Bammer, 1994; Berry, 1999; Chambers, 1994; Fausto, 1999; Phinney, 2001), sugerindo que, ao deslocamento físico, corresponde uma transformação do sujeito, ou mesmo a construção de um sujeito diferente do que se era antes de partir.

⁶⁹ Estudos sobre a experiência imigratória de países da América Latina como Brasil, Argentina, Uruguai permitiram que, nestes casos, as abordagens se centrassem sobretudo nos aspectos positivos da migração, do mesmo modo que as inserções favoráveis de imigrantes e os ganhos das gerações seguintes obrigam à revisão sobre o caráter anômalo da migração, de que partem, em geral, as abordagens (Fausto, 1999)

⁷⁰ Ao reunir autores de várias partes do mundo para realizar um dos mais completos surveys sobre a migração, Cohen verifica que muitos pesquisadores do tema são eles mesmos ou seus filhos, migrantes internacionais.

Tal a relevância da migração na conformação da condição existencial humana no mundo contemporâneo que, recentemente, a filosofia passou a somar a sua contribuição às demais ciências do homem interessadas no tema⁷¹ ao tratar dos dilemas morais e éticos trazidos pelo controle de imigração pelas vigorosas tentativas de autoridades oficiais em impedir determinadas formas de migração e o deslocamento das pessoas além das fronteiras e a sua escolha sobre o lugar aonde morar (Baubock, 1995). A migração é, igualmente o tema central das relações internacionais do mundo contemporâneo, entre norte-sul, este-oeste, especialmente as que se orientam para a Europa e são percebidas como ameaças à ordem política e social dos ricos estados-nação e ameaças ao controle internacional das regiões mais ricas (Cohen, 1995)⁷².

Todavia, ainda é tal a proeminência com que são apresentados os argumentos economicistas da migração e a sua definição pelo fato do trabalho que, num primeiro momento, é possível duvidar que se possa transportar nas viagens, além ingredientes para uma intensa vida imaginária. Mas é de se supor que, de alguma forma, tais ingredientes operam, caso contrário, não seriam os grupos dominantes obrigados a inventar constantemente novas formas de categorização e classificação do emigrante e imigrante e de recusar a visibilidade que insiste em ser reconhecida no meio das malhas da exploração, apontadas como descritoras da migração atual. O tratamento separado de duas condições atribuídas ao mesmo sujeito e as maiores preocupações da academia com os resultados das estadias prolongadas dos imigrantes dificultam que se verifique o que não deve ser tratado de forma separada nos discursos das protagonistas da migração.

Pela perspectiva adotada neste trabalho, o tema das migrações interessa à nossa disciplina pois, este fenômeno histórico, crônico, efeito da

⁷¹ Geografia social e humana, antropologia, ciências políticas, economia, psiquiatria, psicologia, demografia, sociologia e história.

⁷² Cohen (1995) aponta para a aparente centralidade histórica da Europa no quadro mundial contemporâneo de imigração e a fragilidade dos argumentos sobre a ameaça imigratória para este continente. Afirma que caso se considerasse os movimentos intercontinentais, mesmo com o fluxo atual considerável de africanos, asiáticos e demais partes do mundo para a Europa- representando uma ameaça na ótica dos grupos racistas e nacionalistas europeus- o continente, no período de 1500 a 1914 enviou entre 60 a 65 milhões de emigrantes para outros continentes, comparados aos cerca de 15 milhões de africanos e asiáticos que se deslocaram (Cohen, 1995).

desigualdade política e econômica e indicador da desigualdade social atinge por dentro, alcançando a identidade e orientando para uma forma de demarcação temporal e espacial que se registra internamente no corpo, na imaginação e na memória de quem parte e de quem fica. Além da afirmação constante (da ciência, da literatura e do senso comum) sobre a vida em conflito criada pela migração, torna-se necessário verificar como a realidade de ser emigrante/imigrante é interpretada e subjetivamente dotada de sentido para que se forme um mundo coerente, permitindo que as migrantes se movam por esferas diferentes da realidade.

O tema das migrações é um dos que incidem sobre problemas (intermediários), difíceis de considerar apenas pelo lado do indivíduo ou apenas pelo lado da sociedade. O movimento de emigração/imigração tem uma ordem linear dentro da dupla dimensão de fato coletivo e de itinerário individual, e do desenrolar do processo dependem as necessidades que o migrante encontra ou faz surgir, as interrogações e a forma que adota, a ordem temporal e de urgência do tratamento dessas interrogações. Sayad (1998) compreende que as abordagens têm seguido o itinerário do emigrante/imigrante que se presta a um recorte das diferentes etapas, por se mostrar por momentos diferentes e oferecer a possibilidade de se privilegiar determinados objetos para a reflexão. Por isso, afirma o autor, as investigações são atravessadas pela mesma idéia do imigrante como sujeito portador de contradições, referem-se a homens "transfigurados" pela imigração, que são os homens de entre dois lugares, tempos, sociedades, maneiras de ser e culturas.

Abordada como um fato produzido pela sociedade e no quadro da sociedade, a migração é compreendida pelo que produz de interações e conflitos, ou como uma associação que transforma uma coleção de indivíduos num gênero particular, e cujas idéias e as crenças que os acompanham estarão na origem da ação que cada um persegue (Moscovici, 1990, p.241)⁷³. Por estes conjuntos é comum considerar que, a psicologia só se deva manifestar sobre os fenômenos sociais onde surgem anomalias e

⁷³ Os autores que seguem a corrente dos grandes conjuntos impessoais que representam quadros duráveis e autônomos (Estado, religião, classe social, consciência coletiva, noção de sociedade que recobre), abstêm-se de associá-los a qualquer psicologia ou deduzi-los dela, criticando, assim, as tentativas da psicologia em entender os fenômenos sociais.

patologias devidas aos indivíduos e aos sentimentos, como se ela fosse capaz de atribuir um suplemento de alma aos fenômenos sociais, devendo explorar o lado subjetivo do que se passa na realidade objetiva. Com esta aplicação, mesmo quando a busca das explicações do psicológico vai do individual ao coletivo, o que se fundamenta em psicologia refere-se a uma falta e permanece ligada ao caráter pessoal, apelando-se, portanto, para os fenômenos vividos e subjetivos como fontes de erro (Moscovici, 1990, p.245)⁷⁴.

A análise separada do indivíduo e seu campo social obriga a preencher o sujeito social de um mundo interior e, do outro, a restituir o sujeito individual ao mundo exterior, quer dizer, ao mundo social. Neste trabalho, procuramos os argumentos pelos quais a abordagem dos fenômenos sociais associa-se a um sujeito singular e continua se interrogando sobre o que os homens conhecem e realizam coletivamente, considerando, por conseguinte, o aspecto de humanidade e busca de dignidade que a idéia de sujeito traz, sem implodir o sujeito coletivo e sem transferir as contradições da esfera pública à privada. Por esta perspectiva, por exemplo, o que podemos descobrir sobre os fenômenos da percepção, raciocínio, ansiedade, aprendizagem num indivíduo isolado, deve-se considerar que ocorrem porque pertence a uma classe ou grupo social e que mesmo no laboratório, "a sociedade está lá", o campo social penetra no laboratório, "enchendo-o dos barulhos do mundo" (Moscovici, 1984, p.8).

Em outro sentido, Mannheim defende que a psicologia social deve considerar a interdependência social das percepções individuais, sem se referir a determinação social do indivíduo, como se a pessoa e a sociedade se confrontassem como entidades separadas. A personalidade é um processo contínuo de integração e o indivíduo não é menos real que as suas relações, embora a ênfase deva recair sobre os aspectos sociais e funcionais da personalidade (1974).

Por outro lado, Mello enfatiza que é a ação dos sujeitos, vivendo suas experiências particulares de vida que transformam as relações sociais e,

⁷⁴ Afirma o autor que os motivos para este procedimento devem ser procurados no fato de termos aderido à equação causa e efeito "dado um estado de sociedade, um estado psíquico lhe resulta", pela qual, "estabeleceu-se que, uma vez conhecidas as forças e as instituições de uma sociedade, sua lei poderia

pelos seus conflitos com a cultura, não se conformam passivamente aos valores e às concepções do mundo adquiridas no processo de socialização (1994).

As possíveis especificidades da "invenção caboverdiana" a propósito da migração se colocam suscitam ao pesquisador que também se interroga sobre as construções pelas quais a migração se transformou num meio de ser da sociedade, criando uma possível ontologia, cuja construção e reflexos restam por ser desvendados. Há, portanto, a necessidade de considerar as ligações entre o que as demais ciências sociais nos dizem sobre o processo de construção social e a dinâmica de fenômenos sociais como a migração e alcançar os sentidos que constituíram a trama somando os significados subjetivos e suas raízes sociais.

A partir de Kurt Lewin, os fenômenos sociais ganham sentido pelos conjuntos em configurações significantes em relação aos quais os indivíduos se situam e agem (Moscovici, 1970). Ao analisar os fenômenos psicológicos dos grupos minoritários, Kurt Lewin, define de uma vez por todas que psicológico e individual não são mais sinônimos mas, conforme Rodrigues, os processos psíquicos permanecem, na maioria das vezes, apenas mencionados nos estudos sobre as práticas do cotidiano e do vivido social devido à "certeza sobre o caráter individual (dos processos psíquicos) e a sua identificação com 'diferenças individuais' e, portanto, sob a influência de determinações singulares" (1996, p.3). No entanto, como adianta a autora, "muitos processos psicológicos não são individuais: classificamo-los como 'psicológicos' devido às instâncias em que se passam e às leis pelas quais são regidos. Por outro lado, sabemos, a partir de desenvolvimentos teóricos mais recentes, que muitas vezes são criados e compartilhados coletivamente" (1996, p.3). Partindo da perspectiva de que o subjetivo não deve ser procurado apenas em instâncias que se julgam individuais, são evidenciados aspectos do social -no espaço social que é o espaço empírico real- como a influência do grupo (padrões sociais), o clima social, a ideologia e o estilo de vida (que determinam a incorporação ou a oposição da pessoa) e as forças que a levam a pertencer a determinados grupos,

decifrar e prever aquilo que se passa na cabeça e no coração dos homens que dela fazem parte" (Moscovici, 1990, p.13).

estabelecendo seu status social e segurança⁷⁵. As mediações psíquicas devem ser colocadas entre os mecanismos pelos quais as próprias determinações sócio-culturais se efetivam, restando então compreender como o indivíduo processa as suas determinações sociais e culturais.

Deste modo, num momento da análise da migração, devem ser consideradas as formas de interiorização do novo, a construção de uma nova rede de relações e de práticas exigidas pela situação de imigração, como atribuições das instâncias individuais tanto cognitivas como emocionais e que são também "produto de uma elaboração social lograda por um grupo ao longo da sua vivência com as mesmas condições objetivas de existência" (Rodrigues, 1997, p.14). Por esta perspectiva, as disposições que o migrante adquire pela pertença a grupos na sua sociedade de origem podem favorecer ou tornar conflitual a sua relação como estrangeiro, permitindo resistências e adaptações e uma forma específica de o indivíduo elaborar dentro de si mesmo a sua realidade objetiva e o interjogo constante com as realidades sociais das quais, como migrante, participa com mais ou menos proximidade física.

Ao estudar os imigrantes e como formas sociais de sofrimento moldam a subjetividade dos indivíduos, Bourdieu refere-se à unidade e continuidade da pessoa acionadas tendencialmente pelo habitus, que, no entanto, não são, geralmente, aquelas que a própria pessoa representa conscientemente e retrospectivamente como uma ilusão biográfica (Bourdieu, 1998)⁷⁶. O princípio da ação histórica dos agentes não é a de um sujeito que defronta a sociedade como se esta se tratasse de um objeto constituído na exterioridade. Esse princípio reside não na consciência nem nas coisas mas na relação entre a história objetivada nas coisas, sob a forma de instituições, e a história incarnada nos corpos, sob a forma do habitus. De algum modo, o habitus corresponde às estruturas sociais da

⁷⁵ Na psicologia social experimental, a psicologia topológica de Kurt Lewin estabelece que é possível estudar de maneira geométrica precisa a posição, a direção e a distância dentro do espaço de vida, mesmo que a posição da pessoa e a direção das suas ações sejam de natureza social e não física (Lewin, 1973)

⁷⁶ Pierre Bourdieu reteve de Weber que a dimensão simbólica da realidade social se deve à circunstância desta ser também um conjunto de relações de sentido. As representações e a linguagem participariam da construção da realidade social sem, entretanto, constitui-la totalmente porque dependem de certas condições sociais exteriores para a sua eficácia: as condições favoráveis previamente inscritas nas mentes e nas instituições (1990).

nossa subjetividade que se constituem desde as nossas primeiras experiências. A denominação do habitus como sistema de disposições (um capital de técnicas e referências, conjunto de crenças) duráveis e transponíveis, explica o autor, refere-se a disposições que permanecem enredadas entre si (sistema) e estabelecem propensões para pensar de uma certa maneira, perceber, agir e sentir que foram interiorizadas e incorporadas, muitas vezes, de forma não consciente, como resultado das condições objetivas de existência e da trajetória social do agente. Essas disposições são duráveis porque se encontram fortemente enraizadas em nós e resistem à mudança, estabelecendo uma certa continuidade na vida da pessoa. É o habitus que permite aos agentes o (re) conhecimento das leis imanentes do jogo e dos objetos de disputa dentro de um campo, espaço estruturado de posições ou postos que os agentes ocupam, pois o habitus é condição e produto do funcionamento do campo que, igualmente, pode acolher e consagrar um habitus já construído.

Considera Bourdieu que a forma como se estrutura a imigração já está contida antes mesmo das partidas e que os destinos posteriores das pessoas que se deslocam, a sua qualidade como imigrantes e todas as particularidades que a ela estão associadas remetem às origens dos imigrantes” que também são “emigrantes”, condições que são constantemente interpretadas e subjetivamente dotadas de sentido para que a pessoa mantenha um mundo coerente para si e possa mover-se por esferas diferentes da realidade aqui e lá. Manter tal par é resultado de infinitas estratégias sutis que os agentes sociais desenvolvem na conduta comum da sua existência, reunindo os eventos que compõem a sua trajetória desde a origem (1997, p.693).

As disposições adquiridas no decurso de determinadas experiências têm efeitos sobre outras esferas de experiência. Portanto, as diferenças estariam reguladas e codificadas em relação a um estilo e uma classe (Bourdieu, 1992), mas o habitus não seria mero reproduzidor das estruturas sociais das quais é produto, sendo levado a fornecer múltiplas respostas às diversas situações encontradas a partir de um conjunto limitado de esquemas de ação e do pensamento.

Por exemplo, a diferença entre os agentes, a existência de pessoas com disposição e identidade menos estilhaçadas que outros atores se deve, na análise do autor, ao fato dos habitus individuais unificantes serem também singulares; cada pessoa combina de maneira específica uma diversidade maior ou menor de experiências sociais. Bourdieu aceita, portanto, que, tendencialmente, o habitus reproduzirá quando é confrontado com situações habituais, e poderá ser levado a inovar quando se encontra perante situações inéditas.

Numa situação de mudança as práticas adotadas – a partir de mediações simbólicas e sobre uma matriz pré-existente de percepções, afetos e ações- não são, entretanto, uma réplica absoluta das práticas anteriores nem, ao mesmo tempo, um dado totalmente novo. A forma como os indivíduos as vivenciam a partir de reinterpretações e como por estas criam a singularidade das suas ações devem-se, conforme Bourdieu (1972), ao fato das situações inéditas poderem engendrar práticas diferentes ou mesmo opostas, em razão das transformações da situação na qual funciona. Por este motivo é que não encontramos as significações das condutas atuais apenas no passado, pois as pessoas são levadas a encontrar um acordo pelas circunstâncias como as que originalmente formaram o seu habitus, esse sistema de disposições aberto cujas virtualidades e potencialidades oferecidas não o fazem destino mas produto da história, sempre afrontado com experiências novas e afetado por elas (Bourdieu, 1992).

Por esta abordagem, o ponto de vista das migrantes cabo-verdianas é criado também no interior de uma cultura da migração, de uma sociedade em que todos devem tornar-se cúmplices da ausência e que, mesmo com a isenção de culpa, a emigração seja mantida como suspeita de traição, de fuga, e no limite, de um ser renegado (Sayad, 1998). Ao mesmo tempo em que faz parte da mais estrita intimidade e toca a parte mais profunda da vida privada, a migração também é coisa pública porque conhecidas de todos, no mundo que conta e tem importância para aquele que se identifica completamente com o grupo do qual é membro, para quem não há existência social senão por esse grupo, para esse grupo e no seio desse grupo (Sayad, 1998, p.113). Como sujeito, o migrante realiza “a faculdade de síntese e de conhecimento, apropriando-se da história por sua ação que

é, ao mesmo tempo, e intrinsecamente, ato de conhecimento" (Lopes, 1998, p.54). Por conseguinte, no caso aqui tratado, o contexto em que, originalmente, os sujeitos adquirem valores e concepções de mundo é o de uma cultura de migração que se faz conhecida para todos pelo processo de socialização, que é também manifestação e instância fundamentalmente histórico-social. Nos termos apontados por Sayad, significa compreender a vulnerabilidade do migrante, remontando o curso da imigração em toda a sua extensão e além dela, portanto, acima até mesmo da emigração, reconstruindo retrospectivamente a trajetória social, todo o itinerário (profissional e social) que o fez representante de um certo modo de emigração e, conseqüentemente, de imigração também (1998).

Em síntese, conforme Bourdieu e Sayad, trata-se de historicizar e desnaturalizar aquilo que parece natural, necessário, desde sempre existente, ou seja, de perseguir os processos de construção, reconhecendo que a sociologia nos mostra que os constrangimentos (exteriorizados e interiorizados) resultam de um trabalho sócio-histórico anterior, mas que, o que mundo social fez, pode, dotado deste saber, desfazer (1998). Para Moscovici (1984), na história temos de lidar com fatos de consciência, ideais, motivações pessoais e ações morais ou religiosas que imprimem um certo curso aos acontecimentos, revelando que os fatos históricos são fatos psicológicos, que mostram tanto o indivíduo no desenvolvimento do seu pensamento, de suas relações sociais e da sua subjetividade como o seu caráter de produto histórico-social porque revela os significados grupais e a ideologia inerentes a eles e produzidas historicamente. Por conseguinte, as trajetórias migrantes entre partidas, chegadas, origens e destinos, partem das questões de ordem cronológica e epistemológica que colocam a emigração e a imigração como faces da mesma realidade, vertentes que se prolongam mutuamente e sobrevivem sobretudo quando

O imigrante como duplo do emigrante, não desaparecer ou não tiver sido definitivamente esquecido como tal- e, mesmo assim, isto ainda não é absolutamente certo, pois o emigrante pode ser esquecido como tal pela sociedade de emigração mais facilmente e antes mesmo que tenha deixado de ser chamado pelo nome de imigrante. (Sayad, 1998, p. 14)

As críticas ao trabalho de Bourdieu consideram que o autor atribui um peso determinante às estruturas objetivas, enfatizando a reprodução das estruturas sociais e negligenciando as interações face-a-face no processo de construção da realidade social. O que o autor interpreta das interações produzidas parte da sua crítica de que as relações interindividuais tomadas como o fundamento de toda a objetivação ignoram que o objeto da sociologia se estende bem além da cultura do senso comum dos atores e deve, portanto, ser articulada com os processos macrossociais. Ao destacar os constrangimentos estruturais que pesam sobre as interações, o autor procura considerar também as representações subjetivas dos agentes mas atribui prioridade cronológica à dimensão objetiva da realidade social. Aquelas devem ser retidas para, posteriormente, permitirem a compreensão sobre as lutas cotidianas, individuais e coletivas que visam transformar ou conservar as estruturas (Bourdieu, 1990).

Numa resposta às críticas, o autor afirma que as histórias de vida lineares são artificiais diferentes da verdade da experiência temporal vivida e que as experiências não têm nada de singular e estão ligadas a uma trajetória social. Por exemplo, relativamente aos imigrantes, Bourdieu considera que vir de um lugar distante significa uma relação particular com as instituições centrais da sociedade e que, o fato de ser constantemente lembrado da sua estrangeiridade leva o imigrante a perceber coisas que outros não podem ver nem sentir⁷⁷.

As disposições adquiridas nos grupos primários tornam conflitual a relação do imigrante como estrangeiro, ao mesmo tempo permitindo resistências e adaptações. Na sua opinião, a migração é uma forma de pequena miséria que não deve ser vista como menor que a grande miséria porque, deixar-se definir negativamente por aquilo que já não se é e por aquilo que ainda não se é, pressupõe a aceitação de um conjunto de

⁷⁷ Também, numa tentativa de sair de um quadro demasiado interacionista e identificar novas articulações com aspectos macrossociais da realidade, o etnometodólogo Cicourel critica o que chama de utilização implícita e não problematizada que os referentes da análise micro ou macro fazem de elementos extraídos do outro nível. O trabalho de investigação micro consiste em situar a observação participante de um pequeno grupo de atores num quadro cultural e institucional mais vasto que é presumido como evidente. Por outro, o investigador interessado em aspectos macro, pressupõe uma competência cognitiva e discursiva dos atores, mas sem a tomar como objeto. Por estes procedimentos de pesquisa,

atribuições com o objetivo de se tornar representante de um grupo discriminado (Bourdieu, 1998, p.12-13). Ao mesmo tempo, em relação ao grupo de referência que fornece o equilíbrio simbólico ao imigrante, a perpetuação fictícia de rotinas tradicionais descontextualizadas exige uma "economia" na preservação e manifestação de traços anteriores reduzidos aos grupos, associações e encontros. Estas manifestações de rotinas tradicionais⁷⁸ se tornam, na sua opinião, mais e mais exteriores, depositadas nos momentos de encontro do grupo, tendendo a se constituir em fragmentos esparsos porque em oposição ao processo de adaptação ao novo lugar..

O sentido da análise apontado por Goffman (1989) parece apresentar uma forma menos rígida de se pensar os aspectos das determinações sociais que Bourdieu contidas nos *habitus*, por atribuir relevância transformadora às ações cotidianas dos indivíduos. Goffman observa a necessidade que os indivíduos têm de mover-se no seio de múltiplos palcos da vida cotidiana, através de lógicas de ação diversas, confrontados com experiências plurais, mobilizando, assim, aspectos diferentes, por vezes contraditórios da sua pessoa. Goffman refere-se à estrutura da experiência individual da vida social, analisando como as nossas atividades correntes se sustentam em quadros cognitivos e são ancoradas de diferentes maneiras no mundo exterior, mediante premissas organizacionais que estruturam os acontecimentos sociais, e de tal forma que tendem a reativar certas formas mentais de orientação na situação e os tipos de comportamento que se lhes associam. Os indivíduos não inventam os mundos específicos a cada vez que neles atuam, recorrendo a um quadro primário que nos permite, numa dada situação, atribuir sentido a este ou aquele dos seus aspectos que, de outro modo, seria desprovido de significação. A atividade dos atores, portanto, mostra que tais quadros são vulneráveis porque têm a qualidade de transformá-los à medida que as atividades secundárias mudam as iniciais (Goffman, 1989).

Nas relações interindividuais realiza-se aquilo que é característico dos nossos contextos contemporâneos, ou seja, o pluralismo das realidades e

acredita-se que os "ruidos" micro e macro são eliminados sem, no entanto, desconsiderar que ambos sustentam parcialmente o trabalho (Corcuff, 1997).

das identidades (Berger e Luckman, 1974; Corcuff, 1997). No entanto, os teóricos da migração têm apontado este campo como particularmente favorável à existência de assimetrias entre os diferentes atores, de tal modo que fica desacreditada a definição da situação projetada por um indivíduo, porque a definição fornece um plano para o que se realiza em torno e a respeito da migração. Estas situações, afirma Goffman, têm o potencial de gerar o colapso do sistema social de interação, pelos fatos que contradizem (1985) porque a ação de um dos atores não corresponde ao que o outro esperaria a partir do conhecimento prévio que tem da sua categoria.

Para Berger e Luckman (1974), o estudo dos processos de construção social do conhecimento da vida cotidiana destaca os processos de interpretação da realidade social, as formas como é subjetivamente dotada de sentido e transformada num mundo coerente pelos indivíduos. Os autores partem dos indivíduos e suas interações mas consideram entidades mais vastas que estes indivíduos e seus respectivos encontros face-a-face: instituições, organizações, redes e normas que se tornam, neste caso, constrangedoras para as atividades cotidianas do mundo social. Na orientação de Berger e Luckman, o possível colapso apontado por Goffman, poderia ser interpretado como uma manifestação de que a institucionalização (com base nas ilusões) não é irreversível, permitindo o surgimento e a efetivação de formas de desinstitucionalização. Pelo duplo processo de conservação e transformação que caracteriza a institucionalização, a realidade é continuamente mantida e modificada, elementos são abandonados ou acrescentados e certos setores da realidade enfraquecem, enquanto outros se reforçam.

Os autores referem-se aqui, certamente, às possibilidades de mudança nas formas de interação humana nos contextos contemporâneos. No entanto, em relação à migração, as sociedades autóctones recusam a sua característica como tecido plástico e em modificação por causa das múltiplas dependências recíprocas que ligam os indivíduos uns aos outros. Desconsideram, então, que as cadeias de relações recíprocas que associam os indivíduos têm amplitude e complexidade diferentes das interdependências marcadas pela desigualdade, dominação e poder.

⁷⁸ O autor procura escapar do termo cultura

Haverá especificidades neste processo para sujeitos pertencentes originalmente a uma cultura marcada pelo fato migratório, indivíduos desde cedo familiarizados com a possibilidade de um dia partir, como é o caso que pesquisamos? Na leitura construtivista de Berger e Luckman, é o trabalho simbólico que confere coerência às instituições e não alguma suposta funcionalidade ou coesão a priori; o mundo social é objetivamente construído e interiorizado pela socialização, ou seja, pela instalação consistente e extensa de um indivíduo no interior do mundo objetivo de uma sociedade ou setor desta (1974).

Giddens atribui aos atores sociais a competência pela consciência prática e discursiva que possuem e a sua capacidade reflexiva constantemente empenhadas no fluxo das condutas cotidianas. Os atores são capazes de compreender aquilo que fazem enquanto fazem porque conhecem, de forma tácita ou discursiva, as circunstâncias da sua ação e da dos outros e utilizam-na na produção e reprodução da ação. O autor tem uma visão circular da construção do mundo social cujas dimensões estruturantes estariam antes da ação (como condições para esta) e depois, como produto da mesma. São distintas, portanto, da ação humana no aqui e agora mas, ao mesmo tempo, não existem fora da ação presente. Embora não seja inventado a cada interação, o estrutural só teria realidade empiricamente apreensível quando é atualizado na ação e na interação (Giddens, 1987).

Para Cicourel (1983), a interação social não pode ser estudada como uma produção local e auto-suficiente, ao mesmo tempo em que os processos micro não podem ser ignorados. A sugestão do autor é a de que se investigue as formas como os membros de um grupo ou de uma sociedade criaram suas próprias teorias e métodos para realizar a integração micro-macro e como põem a funcionar esse sentido de integração nas suas atividades cotidianas, por meio de sínteses, ou seja, modos de tratamento da informação. Assim, por exemplo, em relação à migração, as informações singulares de um candidato à emigração, são recolhidas no decurso das interações com outros que já tenham a experiência. Esta é transformada em história emigratória utilizável por outros potenciais candidatos e considerada, então, como um dado no

âmbito das instituições, agregável a outros dados como, por exemplo, as condições econômicas em que a migração se realiza. Todas as informações servirão de dados para estudos da migração. Ao procurar a imbricação dos contextos nas atividades sociais, Cicourel propõe uma apropriação crítica do conceito de *habitus* de Pierre Bourdieu, atribuindo mais importância às dimensões interacionais, cognitivas, lingüísticas e institucionais⁷⁹.

Na perspectiva da cultura do senso comum e das relações interindividuais, os encontros face-a-face dos sujeitos de migração podem ser descritos como manifestações de tipificações, hábitos e sedimentação que, no decorrer do tempo, orientam as condutas em relação à migração e ao migrante. Como indica Garfinkel, as operações interativas efetuadas em situação resultam na ordem, regularidade e concordância manifestadas pelos fenômenos sociais, o que, neste caso, significa um tipo de institucionalização das ilusões em torno da migração nas atividades concertadas da vida corrente (Garfinkel, 1967). O universo institucional criado em torno deste fenômeno requer, para se manter e preservar, legitimações que são de ordem cognitiva e normativa, isto é, formas simbólicas que permitam o seu conhecimento (prático e teórico) e que o valorizem.

A discussão sobre a construção da realidade social mostra que ainda muito resta para ser elucidado com relação às marcas deixadas pela migração nos indivíduos e nas sociedades, cuja complexidade, ainda, mostra que não são estáticas, modificando-se, portanto, com a presença/ausência dos indivíduos. A construção de novas experiências relacionais indicam maneiras diferentes de marcar socialmente o que foi operado pela prática migratória que, em certa medida, não corresponde às definições pré-estabelecidas a respeito das condutas dos envolvidos. E se as visões políticas e as categorias ou temas sociais aplicados à migração de algum modo se "ajeitam" nos indivíduos e são fatores determinantes do seu ajustamento às novas condições, ganham significação nas consciências e se efetivam conforme as determinações sociais e por mecanismos como as mediações psíquicas. Estas seriam responsáveis pela realização do social

⁷⁹ Ao contrário de Bourdieu, destaca a competência interacional como a que permite as relações entre processos cognitivos, o aparecimento dos contextos e os vocabulários de narração, os *accounting*

através de uma introjeção sintética que desestrutura e reestrutura esse social ao mesmo tempo em que lhe confere formas psicológicas num espaço claramente delimitado; no seio de um sistema social que está em todos os nossos atos, obras e comportamentos e cuja história cabe "inteira na nossa vida individual" (Ferraroti, 1983, p.50).

Sujeito emigrante/imigrante

A abordagem deste trabalho procura alcançar aquilo que, consideramos, a tragédia da condição de migrante não revela, pois, cada pessoa realiza um extraordinário percurso pessoal para chegar onde está, e, longe do lugar onde nasceu, inventa uma nova vida para si mesma, ao mesmo tempo, tornando-se, implicitamente, parte da história do lugar aonde vive. Por conseguinte, deve-se somar à compreensão sobre o que previamente existe para os cabo-verdianos como parte da história do seu grupo e inflexiona a sua vida em outras terras. Refere-se ao que aponta para o processo de construção de um modo de ver e viver e fornece paradigmas importantes para a compreensão sobre os espaços mais recônditos do pensamento e da ação criadora, descrevendo um sujeito que o é muito antes da migração e nela procura realizar-se muito além das limitações econômicas.

A propósito das categorizações e classificações atribuídas ao sujeito migrante, o pressuposto sobre as suas insuficiências e o caráter de dominação que encerra parte da compreensão de que, entre as lógicas pelas quais o indivíduo circula como migrante, terá de arranjar algum acordo, mesmo que tal signifique despir a realidade presente naquilo que se opõe à realidade ausente/presente simbolicamente. Nesta situação, afirma Bourdieu (1998), busca-se um tipo de conciliação que elimine as contradições pressentidas entre ambas em benefício de uma totalidade interna coerente, conciliadora e singular não coincidente com uma definição que, gerada pelas tentativas de estigmatização, se apoiam em um único traço pessoal que pode ser atribuído ao sujeito.

Neste sentido, alerta Feldman-Bianco que estudos da imigração preocupados com a forma como os indivíduos (re) significam suas experiências de vida no país de destino devem evitar os enfoques prevalentes que "tendem a categorizar os imigrantes a priori como operários ou como grupo étnico, ou então, impor paradigmas feministas, enfatizando a dupla jornada de trabalho feminino e as relações de poder" (Feldman Bianco, 1995,p.100), deixando de captar as complexidades que envolvem as tentativas de (re)significação e de (re)construção de categorias pelas quais os indivíduos constróem a sua identidade. A autora indica que, por tais enfoques, não se considera "como mulheres e homens imigrantes reinterpretam e simbolizam o seu passado na terra natal no contexto das suas trajetórias de vida entre culturas" (1995, p.101), nem como reagem à experiência de imigração, inclusive às eventuais mudanças de posição de classe, e como confrontam e reelaboram valores culturais muitas vezes conflitantes em relação a gênero.

É a própria natureza do fenômeno migratório ou, conforme Sayad (1994), aquilo que dele foi naturalizado, que exige da abordagem psicossociológica o tratamento do que, historicamente, gera determinados padrões de existência fenomenológica, não sendo simplesmente acrescentadas à organização perceptual dos indivíduos (Rodrigues,1978). Os determinismos sociais geram um correlato intra-psíquico, constituindo um tipo de organização que inclui a percepção imediata do mundo exterior e as explicações para todos os eventos existentes no espaço da vida. Mas a importância dos determinismos sociais não significa que se chegue a uma visão epidérmica do homem que reage consciente do seu interesse, das suas necessidades ou da sua posição, de maneira a poder adaptar-se às circunstâncias exteriores (Moscovici, 1990,p.241). As relações exclusivamente causais não existem em nenhum domínio do comportamento social, e mesmo de um determinante social histórico, não se exclui a sua causa psíquica porque ela foi explicada por uma causa econômica (Moscovici, 1990).

A compreensão sobre os fenômenos que nos interessam exige o equilíbrio de uma explicação interativa entre o homem e os processos sociais historicamente dados, ao invés da separação entre a explicação

inter-subjetiva do homem e sua organização psíquica e o peso da percepção dos determinantes sociais. Situa-se, portanto, num espaço de fronteira entre as abordagens da psicologia social, não homogêneas e heterogêneas nos seus pressupostos e metodologias.

Na medida em que tratamos, a partir da psicologia social, de indivíduos e suas circunstâncias sociais, cabe descobrir as bases, os procedimentos minúsculos e cotidianos, as diferentes "maneiras de fazer e de dizer", o uso de múltiplas metamorfoses, a multiplicidade de táticas articuladas que lhes permitem circular inventando práticas por entre a ordem. Em particular, para compreendermos as significações em torno da imigração feminina, será necessário atentar para as maneiras diferentes com que marcam socialmente as próprias práticas, identificando as suas estratégias e astúcias nas práticas cotidianas (Giard, 1994, p.14), ou seja, as modalidades de transcendência às formas como as instituições e estruturas sociais exercem coação sobre os indivíduos, os dispositivos utilizados em situações reais e as redes que percebem como fornecedoras do seu equilíbrio simbólico.

A análise das determinações econômicas e culturais, da ordem dogmática que as autoridades e instituições organizam em torno da migração deve ser completada pelo estudo daquilo que o migrante faz durante a migração e com os determinantes da sua condição. A perspectiva neste trabalho considera que os determinantes sociais podem ser compreendidos como pressupostos básicos da ação, mas numa situação em que a mudança é inerente ao próprio fenômeno, a ordem reinante é o equivalente daquilo que as regras de metro e de rima eram antigamente para os poetas, ou seja, um conjunto de improvisações estimuladoras da invenção, uma regulamentação para facilitar as improvisações no cotidiano. Como explica Certeau na sua obra, a atenção dirige-se para a mínima resistência e a forma de mobilidade que abre, bem como da percepção de microdiferenças onde, aparentemente, só se vê obediência e uniformização. Detém-se, sobretudo, nos espaços onde a ordem é exercida e, ao mesmo tempo, burlada (Giard, 1994; Certeau, 1994). Como Certeau afirma a propósito das táticas dos consumidores culturais, a migração deve ser estudada naquilo que é produção e poética escondida, no que se dissemina

nas regiões definidas e ocupadas pelos sistemas. Porque se estes, na sua extensão sempre mais totalitária, não deixam um lugar onde o migrante possa marcar o que faz com a migração, ali mesmo ele realiza outra produção, esta mais astuciosa, dispersa, insinuando-se ubiquamente, silenciosa e quase invisível, sem produtos próprios, mas empregando de maneira original o que é imposto pela ordem econômica dominante (Certeau, 1994, p.39).

Não se pode supor que as práticas traduzam uma passividade absoluta, ou que as maneiras cotidianas de fazer, na expressão de Certeau, apareçam apenas como o fundo da atividade social, pois, na opinião do autor, as operações cotidianas descrevem uma série de combinatórias e uma cultura em que o cotidiano também é inventado de mil maneiras e de formas também não autorizadas (1994). Não se pretende um regresso ao indivíduo como unidade elementar na qual os grupos podem ser reduzidos porque cada individualidade é o lugar em que atua uma pluralidade incoerente (e muitas vezes contraditória) de suas determinações relacionais.

Portanto, é necessário se diferenciar as ações de cada um (enquanto consumidor) e estabelecer distinções entre as margens de manobras permitidas aos usuários pelas conjunturas nas quais exercem a sua "arte". Para Certeau, as táticas do fraco apresentam continuidades e permanências e manifestam, igualmente, a que ponto a inteligência é indissociável dos combates e dos prazeres cotidianos que articula, ao passo que as estratégias escondem sob cálculos objetivos a sua relação com o poder que os sustenta, guardado pelo lugar próprio ou pela instituição.

A contradição, a ambigüidade e as demais representações que têm definido a migração devem ser analisadas nas maneiras como são manipuladas pelos migrantes, num processo de utilização aparentemente secundário que, porém, indica as formas mais criativas de operar, apropriar, reapropriar, instaurar uma rede de relações e de lugares.

Se a ciência acumulou um considerável conhecimento acerca das determinações econômicas e culturais que circundam a migração, devem ser explorados os procedimentos, as bases, os efeitos e as possibilidades da "bricolagem" que é feita pelos migrantes com e na economia migratória

dominante e o uso de inúmeras, múltiplas e infinitesimais metamorfoses da lei, segundo seus interesses próprios e suas próprias regras. Ganham, pois, destaque na pesquisa, não apenas as práticas de ocupação do espaço e as maneiras de freqüentar o lugar, como também os processos complexos e os modos de instaurar uma confiabilidade nas situações sofridas e, conseqüentemente, as alianças microscópicas, multiformes e inumeráveis dos envolvidos como dominados. Como propõe Certeau, a reapropriação consiste em "abrir ali uma possibilidade de vivê-las (as situações), reintroduzindo dentro delas a mobilidade plural de interesses e prazeres, uma arte de manipular e comprazer-se" (Certeau, 1994, p.50). Porque, tal como o autor conclui a propósito das possíveis reações à expansão tecnocrática,

o problema não diz respeito somente a processos efetivos de produção. Cada vez mais coagido e sempre menos envolvido por esses amplos enquadramentos, o indivíduo se destaca deles sem poder escapar-lhes, e só lhe resta a astúcia no relacionamento com eles (...), (que podem ser reconhecidas nos) procedimentos das práticas cotidianas (1994, p.50).

As teorias e observações precisas dirigem-se às relações entre os indivíduos e os grupos num meio social determinado, procurando explicar a natureza de tais relações e inventar práticas para mudá-las. O destaque é para o senso comum, o conhecimento do sujeito sobre si e suas circunstâncias, para aquilo que, no cotidiano, exige a presença psicológica dos sujeitos. Como refere Mello, a ação do sujeito

Está orientada pelo ausente, por um universo simbólico que ordena o ontem e o amanhã, lembranças ou projetos, contidos na evocação do passado ou na percepção do devir. Mais ainda, toda percepção de tempo e lugar é construída pelo sujeito e pelas ordenações culturais. São estas que arquitetam o ausente dando-lhe significado no presente. (1994, p.26)

Além de um texto oficial a propósito da migração, no cotidiano das práticas, esse texto aciona um processo de produção e atribuição de sentido que se baseia no modo como as pessoas vêm, interpretam, representam, numa palavra, constroem a realidade social. Em cada contexto social, a

história do grupo, a produção que repousa sobre uma base simbólica e imaginária comum e por organizações duráveis de percepções e conhecimentos relativos a certos aspectos do mundo, encontram a ação cotidiana, os eventos do dia-a-dia, as maneiras de fazer que as pessoas ensaiam nas práticas e nas interações.

O cotidiano é, por conseguinte, a própria dimensão dos sujeitos que produzem o conhecimento sobre si mesmos e sobre as suas circunstâncias. "O sujeito do cotidiano é o sujeito total, assim como a totalidade dos sujeitos vive imersa no cotidiano. Da perspectiva do sujeito, o cotidiano é o momento presente, e neste tempo presente o sujeito está em ação" (Mello, 1994, p.24). O sujeito compõe a sua biografia, revela o cotidiano onde vivem todos e de onde retira tanto os elementos da sua singularidade como os elementos que vive em comum com outros homens, no espaço em que a história pessoal cruza a história do grupo social e a história de um sujeito cruza a história de uma época (p.26). É no cotidiano que encontramos a presença psicológica⁸⁰ dos sujeitos, cuja ação está orientada pelo ausente, por um universo simbólico que ordena o ontem e o amanhã.

Para muitos, diz Enriquez, o cotidiano é o lugar do neutro, do monótono, da tradição da repetição dos discursos, sobretudo, o lugar das alienações: do ritmo e das normas da sociedades. Pelo que ocorre no cotidiano é que se tem acesso ao que é da ordem do poder instituído e ao que se lhe opõe; o conflito ao invés da disfunção, como parte de um processo de mudança e reconhecimento a existência natural de disparidades⁸¹. O seu aspecto menos conhecido é o de ser o lugar das interações sociais, das desordens imprevistas, movimento no que parece regular, diferença no que parece sempre igual, enfim, matriz aonde nasce e se espalha a mudança (1990). Esse é, portanto, o lugar privilegiado para

⁸⁰ Kurt Lewin refere-se a regiões também na mente; o espaço vital, da interação entre indivíduo e grupo é de tal intensidade que o indivíduo e seu espaço psicológico vão constituir um campo, sendo este o máximo de representação da interação. O espaço psicológico corresponde à representação intrapsíquica e é tudo o que existe para o indivíduo, pois, nele se realiza a organização e a configuração das significações que as coisas, os seres e as situações têm para as pessoas. Por estes é possível analisar a forma psicológica como as pessoas representam o seu mundo e agem uns em relação aos outros.

⁸¹ Assim, por exemplo, o estudo das ideologias em torno da migração, como fenômeno humano, deve abordar tanto a sua aceção falseadora, ocultadora, destinada à manutenção social da hegemonia de certas idéias como as formas de adesão pelas quais os migrantes partilham os mesmos discursos hegemônicos e, por eles, explicam a sua experiência. Decorre daí, a importância do estudo da vida cotidiana e do sentido comum como produtor de significados, de conhecimentos e de ideologia.

estudarmos o que está além da idéia de que a migração, explicada tradicionalmente pelo caráter de ambigüidade e provisoriedade inerentes ao percurso do migrante, e a imigração como ajustamento e adaptação. Traduz-se, também, em mudança social, em ruptura essencial e transformação das estruturas sociais, dos modos de poder, dos processos de decisão e das relações de trabalho.

Neste sentido, os micro-movimentos são tão importantes quanto os macro-movimentos, implicam numa mudança da interioridade, colocando em causa consciente e inconscientemente, os pensamentos e as condutas do conjunto dos atores sociais. Por isso, é preciso fazer uma escuta atenta das palavras esquecidas, dos discursos confusos, contraditórios, fragmentários que assinalam a existência desses movimentos não percebidos à primeira vista (Enriquez, 1990).

A migração indica a mudança social como processo contínuo (na origem e no destino), exige que os agentes se envolvam e se engajem profundamente, criando, progressivamente, um novo paradigma de pensamento e de vida. O que pode escapar ao observador preso ao processo da migração cabo-verdiana que se inscreve na tradição e antecipa a adesão coletiva, é a auto-organização que anima as coletividades múltiplas e é afirmação reiterada de um direito de decidir no aqui e agora onde se dá a experiência.

A presença/ausência do migrante instala uma desordem nas ordens nacionais e na sociedade, na medida em que suscita uma ambigüidade autônoma, cria novas solidariedades, derrota mitos, interrompe ideologias e o processo de idealização dos mestres e de seus discursos, abre portas para um novo espaço em potencial de novas significações para as condutas. Considerando a migração nas suas implicações na mudança social (não seria, portanto, um simples ajustamento e adaptação) no cotidiano, este processo pressupõe para os homens, uma prática de memória, uma aceitação da temporalidade e da filiação para que seja capaz de, por seu lado, engendrar para o futuro (Enriquez, 1990,p.90)

Daqui, nasce, enfim, um (des) atar nós e laços num cotidiano não idealizado e não onipotente que sabe guardar seu pé tanto no passado como no futuro. Mesmo que os seus atores só tenham por projeto a

sobrevivência ou a vida no instante, sem o devir do futuro, deve-se considerar os movimentos que assinalam a existência de outros desejos, sonhos e condutas, referidos apenas indiretamente na análise da ação migratória porque descrevem um sujeito que o é muito antes da migração e nela procura realizar-se muito além das limitações econômicas por detrás da sua partida.

Cabe, então, perguntar sobre a persistência de formas tradicionais de pensar a imigração/emigração que recusam as possibilidades de, num novo contexto, os indivíduos serem capazes de (des) atar nós e laços de uma forma positiva. Aliás, não seria esta mesmo condizente com o que é suposto estar na base de um projeto migratório; procurar uma vida melhor, superar deficiências, acrescentar perspectivas?

A compreensão sobre a atuação das determinações sociais ou do funcionamento das *inclinações* a que as ações cotidianas podem orientar para o alcance de importantes argumentos para a abordagem integrada do sujeito emigrante e imigrante.

Para Rocha-Trindade (1995) as ligações mais freqüentes entre os lugares de origem e de destino, diminuindo os períodos de ausência e mantendo o contato permanente com o lugar de origem podem vir a reduzir a distinção entre emigrante e imigrante, "atenuada que esteja a distinção entre origem e destino, bem como as diferenças de estatuto próprio em relação ao dos cidadãos locais."⁸²

Para Sayad, emigração e imigração são faces de um mesmo processo que é, antes de tudo, de ordem cultural: concernem ao modo de vida, às formas de pensar e agir, aos comportamentos, práticas e atitudes cotidianas. Ambos os momentos são os mais abertamente suspeitos de subversão e acusados de provocar alterações culturais, pois, por eles, são introduzidas as práticas suscetíveis de perturbar a homogeneidade cultural dos grupos e prejudicar a sua autenticidade fundadora.

⁸² Rocha-Trindade aponta para a tendência dos termos caírem em desuso e, ao invés das suas significações, torna-se saliente a designação tendente a englobar o migrante, designando a mesma realidade de situação e de sujeito. Do ponto de vista sociológico, considera a autora que o uso crescente do conceito migrante ou trabalhador migrante corresponde à realidade social de movimentos que, ao invés de unidirecionais, se transformam tipicamente em oscilatórios, sem distinção explícita entre origem e destino, entre quem parte e quem chega (1995).

Na migração, o indivíduo realiza uma relação com o grupo que foi deixado (fisicamente) mas que continua a trazer dentro de si de uma maneira ou de outra e com aquele grupo no qual entra em relação ao qual precisa 'se fazer , aprender a conhecer e dominar'. Todas estas relações são solidárias entre si e a unidade que formam é a mesma que é constitutiva do que se pode chamar de 'ser social' que não cabe nas divisões técnicas entre emigração e imigração, cada um sob a responsabilidade de uma ciência de emigração (sociedade de origem, causas endógenas e seus efeitos e efeitos exógenos da emigração na origem)⁸³ e outra da imigração (sociedade que agrega).

Pretendíamos, com os argumentos aqui apresentados, esclarecer sobre a necessidade de se tomar o itinerário do migrante, que se dá, de certa forma, no cruzamento das ciências, como um "fato social completo". Portanto, devem ser analisadas as condições sociais que engendraram a emigração bem como as suas transformações, fatos estes muitas vezes ignorados. Em conjunto consideram-se as questões trazidas pela presença de estrangeiros, as condutas dos atores da migração, o imigrante, o nativo e os que não emigraram e todas as repercussões das ausências/presenças, em todos os espaços psicológicos envolvidos pelo deslocamento.

É certo, porém, que a relação com dois grupos, aquele no qual se é emigrante e aquele no qual se torna imigrado, nunca é clara, totalmente límpida de um lado ou do outro; é como a natureza do processo migratório, no que ela tenha de fundamentalmente ambíguo, esteja no núcleo das contradições que habitam a consciência de todo o emigrado e imigrado (real ou potencial) e, no limite, de todo o indivíduo face à representação que tem da emigração e da imigração (as suas e também as dos outros), na medida em que todo o indivíduo é membro de um grupo (aqui, a gênese não é apenas biológica, mas social, histórica, política, cultural, etc) e, seguidamente, membro de muitos outros grupos que se dirá, segundos, mas não secundários, sobretudo no caso da imigração em que se é inevitavelmente, de uma certa maneira, membros da sociedade de

⁸³ A emigração, como ato inicial do processo, é abordada nas condições sociais que a engendraram, as transformações dessas condições e, provavelmente, as transformações da emigração.

imigração e de outros grupos ainda como o grupo de imigrados da mesma origem ou de origem diversa.

Por esta perspectiva, explicar e prever o comportamento humano, sobretudo na situação de migração apresenta-se como tarefa complexa, pois, as pessoas criam em cima das condições econômicas e estruturais dadas, e, portanto, as tentativas de compreensão do poder de controle das agências e instituições sociais se efetuam num terreno em que os indivíduos tornam-se também cada vez mais imprevisíveis e menos controláveis. A migração proporciona a multiplicação das características e facetas, além de novas metamorfoses nos indivíduos e grupos e, consiste numa circunstância que ameaça as instituições pela forma criativa como podem ser seguidos os scripts culturalmente determinados (Certeau, 1994).

PARTE 2

O CONTEXTO

4. CABO VERDE

O arquipélago de Cabo Verde, localizado defronte ao Cabo Verde no continente, ocupa "simbólica e funcionalmente uma posição cêntrica, no Atlântico, em relação aos continentes marginantes" (Corrêa, 1954, p.5). As ilhas, em forma de meia lua, formam um conjunto cujo lado convexo vira as costas para o continente africano, orientando-se para o largo na encruzilhada dos caminhos oceânicos. Sempre apareceram aos navegadores como regiões inóspitas, sendo a sua posição geográfica responsável pela sua esterilidade: vizinhas ao trópico de câncer, situadas entre zonas de anticiclones subtropicais e a zona de baixas pressões equatoriais, em pleno domínio dos ventos alíseos (Ribeiro, 1962, p.139). Estiagens, secas e fomes são traços indissociáveis da vida insular e sua ocorrência tem sido registrada desde 1580, com diferentes períodos de crise nos séculos seguintes e interrupção do registro de mortes apenas nos últimos acontecimentos do século XX (a partir de 1970)¹.

O povoamento de Cabo Verde é motivo de teses controversas em relação à possibilidade de terem os portugueses encontrado população quando ali aportaram pela primeira vez em 1460², conforme consta em

¹ Somente a partir desta época o governo colonial teria tomado algumas medidas preventivas para evitar que a fome resultasse em estatísticas de mortes (Mello, 1995).

² Conforme uma das versões, teria servido o arquipélago, em especial a ilha de Santiago, como refúgio a naufragos sem propósito deliberado de povoamento (Carreira, 1972, p.301). Escreve um anônimo por volta de 1784 que os portugueses encontraram a ilha de Santiago já habitada por homens pertencentes à corte de um rei jalofo que fugira do seu país no continente africano e, por uma veemente tempestade, aportou à ilha. Porém, a presença dos jalofo é controversa, podendo se encontrar nos escritos de um mesmo autor, tal afirmação, ao mesmo tempo em que, mais adiante, o mesmo afirma terem os portugueses encontrado as ilhas desertas. Por uma outra tese, explica-se a referência a este grupo pelo fato de, efetivamente, esse grupo de africanos ter chegado a Cabo Verde ao longo do tráfico de escravos e por ter existido um rei jalofo que se deslocara a Portugal por volta de 1488 para pedir auxílio ao rei D.

carta do português infante D. Henrique. Também a ordem em que as ilhas foram encontradas é alvo de alguma contradição, mas a mesma carta faz acreditar que primeiro foi alcançado o grupo das ilhas de Sotavento (Santiago, Maio, Fogo e Brava) e só muito mais tarde o grupo de Barlavento (S. Vicente, Santo Antão, S. Nicolau, Boavista, Sal e a desabitada ilha de Santa Luzia).

Para o seu povoamento e para a formação da sua sociedade crioula somaram-se etnias de toda a costa africana da Guiné (do rio Senegal à Serra Leoa), escravos trazidos à força, e também negros livres que acompanhavam comerciantes, missionários e capitães dos navios. Portugueses da ilha Madeira, e em menor número, também das regiões do Minho e do Algarve, nobres, deportados políticos ou deportados de delito comum, genoveses, espanhóis e flamengos ali se fixaram a contragosto e, na maioria das vezes, somente por imposição da Coroa Portuguesa. Depois, no século XVIII, conta-se a presença de ingleses), espanhóis, franceses, holandeses e outros de origem nórdica e japonesa.

O povoamento de Cabo Verde nunca constituiu um foco de grande interesse para Portugal, pela ausência de riquezas naturais, mas o arquipélago sempre foi muito importante para as viagens marítimas dos europeus, tornando-se o melhor entreposto comercial de Portugal, durante o longo período de intenso movimento das rotas entre a Europa, a África e as Américas. Por isso, apenas um número limitado de escravos seria destinado ao povoamento das ilhas e constituiria a sua força de trabalho, sendo os demais destinados à ladinização e à exportação para a Europa (Portugal, Sevilha, Cádiz), e depois, para as Antilhas e Brasil. Igualmente, serviam os produtos das plantações da ilha de Santiago (a mais agrícola de todas) para abastecer os navios e, assim, fazem parte da história de Cabo Verde, algumas tentativas de tomada do arquipélago pelos ingleses e franceses também determinados a dominar o mundo na encruzilhada dos continentes. Mais tarde, no século XIX, é o Porto Grande da ilha de S. Vicente, ponto de parada obrigatória dos navios das rotas transatlânticas

João II. Mais tarde, esse rei teria sido assassinado no Senegal por uma armada comandada por Pêro Vaz que temia uma traição (Carreira, 1972).

que continua a assegurar a vocação de Cabo Verde pela sua localização estratégica (Carreira, 1972).

Neste "lugar de passagem" -como determinam as condições climáticas e a localização estratégica-, cada grupo de ilhas mostra as especificidades do seu povoamento (de imigração, portanto,) que são, mais tarde, as especificidades da sua história de emigração/imigração: Santiago, a primeira ilha a ser povoada, a maior e mais populosa de todas, é também a mais agrícola e de solo menos rochoso. Lugar de maior presença de escravos, ali se praticou o sistema do latifúndio, do tipo feudal-agrícola, comparável às zonas brasileiras de economia escravocrata à sombra das casas-grandes com os engenhos (Mello, 1995). Por este fato, conforme a autora, tornou-se marcante a distância entre senhores e escravos, a menor compensação e mestiçagem entre as duas classes e, deste modo, também, a maior fidelidade às raízes africanas e aos rituais originários (1995). O povoamento de outras ilhas do grupo de Sotavento segue o da ilha de Santiago, e em particular a ilha do Maio que lhe fica muito próxima, não atrai a população branca mas sobretudo as gentes que já tinham ocupado a região rural de Santiago. Na ilha do Fogo, o processo de miscigenação e predominância do mestiço foi mais lento o que, em parte, talvez justifique a permanência de clivagens sociais muito marcadas entre os diferentes estratos sociais; somente a partir do século XIX a elite dos mestiços ocupa significativamente o topo da hierarquia social na ilha, o que deve ter contribuído para a assimilação e reprodução acentuadas das condutas de superioridade dos brancos que se tornam minoria. A ilha da Brava, muito próxima à ilha do Fogo, manteve durante muito mais tempo as clivagens sociais, e até ao presente, a sua população revela predominantemente uma tez mais clara porque os poucos negros que fugiram do vulcão da ilha do Fogo e ali se instalaram, casavam-se entre si e, durante muito tempo, manteve-se a resistência a casamentos mistos. Apenas no século XX, com o início da emigração para os Estados Unidos da América, os mestiços e os negros anteriormente desprezados, são agora os emigrados, os "mercanos"³, transformados em "homens que valem", com um estatuto moral privilegiado, com o prestígio necessário para serem os candidatos

mais prováveis para contraírem casamentos com as moças de famílias brancas falidas, em franca decadência.

No grupo de Barlavento, e ao contrário das demais, a ilha da Boavista começa a ser povoada por mestiços e descendentes de escravos de outras ilhas que ali realizam a pesca e a pastoreio. Só mais tarde, o desenvolvimento da atividade comercial atrai brancos, determina um período de grande produtividade da ilha (que entra em declínio no século XX) e expulsa parte dos escravos para a ilha do Sal onde se dedicam à extração do sal. Enquanto alguns madeirenses e seus escravos ocupam a ilha de S. Nicolau e ali realizam os primeiros cruzamentos e mestiçagem, a ilha de Santo Antão é povoada pela população das outras ilhas e, no século XVIII, recebe população inglesa durante um curto período, até que a Coroa portuguesa a retome dos ingleses. Inicialmente, são os habitantes da ilha do Fogo que povoam São Vicente, e, pouco depois, somam-se originários de Santo Antão, São Nicolau e Boavista. O povoamento de S. Vicente se caracteriza pela presença significativa de homens livres ou aforrados que, mais tarde, são os primeiros a receber os ares arrojados da modernidade europeia que chega ao importante Porto Grande.

Conforme Lopes (1936), em Barlavento não vingou o sistema de latifúndio, mas o de minifúndios, as pequenas hortas-jardins pertencentes a gente modesta, sem recursos para a aquisição de mão-de-obra escrava, o que, na opinião do autor, teria favorecido a interpenetração entre senhores e escravos, a utilização dos seus filhos mestiços como mão-de-obra e, posteriormente, por intermédio destes, a pulverização das propriedades.

Por este sistema econômico, apontado como favorável à simbiose entre senhores e escravos, sustenta-se a mitologia de uma escravidão benigna e da formação de um grupo social de mulatos, intermédio entre o senhor e o escravo, os mulatos, que abrandou vínculos de subordinação seculares, esvaziou de conteúdo alguns preconceitos raciais e apressou a estabilização de padrões de cultura e a harmonização de antagonismos, na opinião de Gabriel Mariano (1991). Esta singularidade teria sido favorecida pela chegada quase simultânea de brancos e negros para ocupar um mesmo espaço, pelas condições de isolamento insular resultaram no

³ Expressão popular que define os emigrantes nos Estados Unidos da América.

aceleramento dos processos de aculturação e desculturação dos grupos em contato e não teriam permitido um distanciamento entre dominador e dominado, segundo Hamilton (1974).

É importante referir a forma como a mestiçagem tem sido apresentada como um fator que, para Cabo Verde, atenuou a forma dramática e violenta como, historicamente, se realizaram os encontros entre povos durante a colonização, pois, na emigração, resulta numa postura particular dos cabo-verdianos quando sujeitos às situações de discriminação racial de que os africanos costumam ser vítimas. Certos da sua mestiçagem descobrem, por vezes com muita surpresa, que o lugar determina a significação da sua cor de pele. A idéia de que o cabo-verdiano, o mestiço, o próprio "filho da terra" teria participado como ator e não simplesmente como reator da evolução social e econômica tem sido defendida desde que, em pleno domínio colonial, os portugueses apontavam o arquipélago como exemplo de uma bem sucedida integração de raças diferentes, escamoteando, desta forma, as condições desiguais e de sujeição em que se forja a identidade do mestiço natural das ilhas. Também as elites autóctones defendiam a caboverdianidade fundada no sincretismo cultural e na homogeneidade racial e étnica, à semelhança da defesa da singularidade da crioulaização cabo-verdiana por parte dos mais ilustres autores do arquipélago para os quais o isolamento teria permitido o amalgamento biológico e cultural, a ausência da consciência de cor, a eliminação, portanto, da necessidade de se fazer distinções na base da raça ou cor da pele, por exemplo. A tese do centramento sócio-cultural do mestiço encontra suporte na língua crioula, que, aos ouvidos de um português,

"ressoa como estrofes

Do luso e heróico navegar antigo"

(António de Cértima, in *Trópico de Câncer*, 1949, p.21)

O crioulo é uma linguagem negro-européia que corresponde à miscigenação biológica dos tipos humanos e cuja radicação no arquipélago também foi facilitada por uma maioria negra que se contrapunha a uma minoria branca e pelo isolamento e a solidão num território exíguo emparedado pelo mar que restringia contatos exteriores e aproximava uns

dos outros. Nestas circunstâncias, analisa Baltasar Lopes, o branco não podia constituir uma força aglutinadora e impeditiva do desenvolvimento de outra língua paralela à dominante (1936)⁴. Em comparação ao português usado em Cabo Verde que marca a cerimônia, a solenidade, a autoridade e a distância social nas relações interpessoais, o crioulo é a personalidade, a respiração do povo que o criou e dele se serve como instrumento de comunicação (Lopes, 1947). Sobretudo, diz o poeta e escritor, tornou-se a língua da rua, do amor, do cotidiano, usada na intimidade, no lar, no convívio, expressando, enfim, o pitoresco, a ironia, a sátira, porque melhor reflete a essencialidade das coisas.

Como suporte à provável democracia étnica e social, acredita-se que as diferenciações não se devem à cor da pele, mas ao poder econômico pessoal, servindo as denominações racistas anteriores para designar uma nova situação, que se aponta como sendo a mais comum em Cabo Verde; o "branco" é aquele que tem dinheiro e poder e o "preto", seja ele mestiço, branco ou preto, é o pobre e encontra-se na base da pirâmide social e econômica. Porém, vistos à luz do colonialismo, em nenhum momento proporcionador de uma interação sem dominador-dominado ou vencedor-vencido, os processos de mestiçagem não atenuam a brutalidade e a exploração próprias de encontros tão desiguais como pretendem as teses que defendem a suposta miscigenação e integração "sem traumas" de que resultaria a sociedade crioula de Cabo Verde. Essas referências, contudo, passam a constituir-se como categorias de apreensão da identidade nacional, mas, como alerta Hernandez:

A mestiçagem é cavada na diferença entre homens brancos e mulheres negras e, a partir desta dissemetria, o homem branco 'mistura-se' às escravas. Não há, pois, como idealizar esse processo como se o colonizador fosse autoritário e violento apenas no mando, mas generoso e igualitário na corporeidade. Ou, ainda, numa versão igualmente ingênua e romântica, de que a negra de Cabo Verde é uma colonizada ao mesmo tempo tão submissa e generosa que o português permite-se sucumbir à sua sensualidade. (1990 p.91).

⁴ Refutando a opinião de Gilberto Freyre que incluiu o crioulo de Cabo Verde na categoria dos "falares deficitários", Baltasar Lopes, em resposta, não tem dúvidas sobre a possibilidade da língua superar

A autora conclui que "(...) a cor da pele não explica a estrutura de classes, menos ainda, a mestiçagem pode ser considerada um fator responsável pela democracia racial no arquipélago, e tampouco a assimilação é um processo igualitário onde culturas se interpenetram com igualdade."(p.91). Considera Hernandez ser compreensível a transformação da negatividade do mulato em positividade, representante de uma categoria que apreende a própria identidade nacional. Seu argumento é para alertar para o fato de que o mito da mestiçagem promove a perda das especificidades da cultura negra e encobre as inúmeras dificuldades concretas para que ela possa se realizar. O perigo pode ser identificado nos primórdios da mobilidade social e econômica do mulato quando, aos poucos, e só após vencer, com grande dificuldade, a recusa em atribuir-lhe o prestígio da elite branca, passa a compor a classe dominante, sem contudo se confundir com o negro ou mulato pobres e reproduzindo as mesmas relações de exploração. Portanto, pelo que expõe a autora, no caso de Cabo Verde, a mestiçagem não se constituiu num fator de integração dos que se encontram na base da pirâmide social ou atenuante das clivagens sociais, ao contrário, tendo reforçado a diferenciação social e econômica.

Os argumentos de Hernandez ganham grande expressão nas construções nacionalistas que sustentaram a luta pela independência de Cabo Verde, quando se retomam as teses africanistas apontando-se para as marcantes influências da herança africana na formação da identidade e da cultura nacionais. Porém, as teses africanistas ou a da mestiçagem "branda" continuam sendo temas atuais, com repercussões importantes na caracterização da migração cabo-verdiana, nas atribuições identitárias do cabo-verdiano, sujeito ao intenso contato com o Outro, proporcionado pelas suas constantes viagens pelo mundo. Além de ambas se mostrarem concorrentes quando se trata de procurar o lugar e a identidade do cabo-verdiano, servem como pontos de apoio nas afirmações sobre prováveis particularidades da integração do cabo-verdiano nos países de imigração e ao tratamento (supostamente diferenciado) que os autóctones no país de

destino dispensariam aos cabo-verdianos em comparação com outros africanos⁵.

Das ilhas para o mundo

Entre o cerco (o isolamento) e os ecos do mundo, apresentam-se os motivos profundos e as justificativas que fazem da emigração a fuga mais tradicional à pobreza e mantêm mais cabo-verdianos no exterior do que o número dos que ficam⁶. Motivos sempre mencionados e que Saint-Maurice resume como "secas que flagelaram gerações inteiras; estruturas agrárias bloqueadas; processo de industrialização incipiente; indústria artesanal aniquilada pela concorrência; (...) exclusão dos camponeses da agricultura e, simultaneamente, não absorção dessa mão-de-obra pela indústria, etc" (1997, p.44). Monteiro acrescenta outras causas como a exiguidade das ilhas e a injustiça das estruturas fundiárias que limitam o acesso à propriedade ou à exploração da terra, sobretudo nas regiões mais densamente povoadas (1997). Além disso, destaca o crescimento demográfico que acompanha a escassez contínua dos recursos disponíveis e ilustra a sua influência no processo de emigração apontando para o temor de um crescimento mais rápido da população (apesar de índices menores de mortalidade e fecundidade em Cabo Verde), em oposição ao aumento das restrições à imigração na década de 1990, nos países desenvolvidos.

Há notícias de que a primeira corrente emigratória cabo-verdiana teria começado em finais do século XVII ou nos primeiros anos do século XVIII, entre 1695 e 1700, quando baleeiros norte-americanos começaram a aportar as ilhas⁷. Contudo, as referências a esta primeira emigração de "há mais de um século" datam apenas da segunda metade do século XIX, quando se consolida o trabalho nos baleeiros americanos como primeira

⁵ Nas entrevistas realizadas, há referências freqüentes a um modo de ser e de estar que diferenciaria o cabo-verdiano dos outros imigrantes.

⁶ Em 1998, calculava-se um número de 518.180 no exterior para cerca de 400.000 em Cabo Verde (Instituto de Apoio ao Emigrante, 1998). Para 2000, os números são de 500.000 na diáspora para 434.263 no país (Recenseamento Geral do Ano 2000 divulgado pelo Instituto Nacional de Estatística).

⁷ Os norte-americanos colhiam informações sobre regime de ventos, correntes, baías e enseadas aboráveis, além de contratar mão-de-obra, em terra, para esquarterar cetáceos, extrair o óleo de baleia. Também se abasteciam-se de água e mantimentos. Apona-se, como justificativa para que os cabo-verdianos tivessem sido contratados como homens de leme, arpoadores e pilotos desses navios, as suas

etapa para se alcançar os Estados Unidos da América (Carreira, 1977)⁸. Porém, o fluxo migratório contemporâneo para os países da América do Norte e Europa, é posterior às deslocções dos cabo-verdianos que, desde 1830, chegavam à Guiné⁹ e ali se encarregavam de criar as condições mínimas para que, posteriormente, os colonos ali se instalassem¹⁰.

O fluxo para os Estados Unidos manteve-se até ao período da Primeira Guerra Mundial, quando se impõem restrições à entrada de estrangeiros sem escolaridade¹¹. Os cabo-verdianos são incluídos na cota destinada a Portugal, iniciando-se, assim, a emigração clandestina, ao mesmo tempo em que o rumo da emigração cabo-verdiana se volta agora para o Brasil, Uruguai e Argentina, já conhecidos desde finais do século XIX. Também, um grande número de pessoas dirige-se para o Senegal e o governo colonial força¹² a emigração para as suas outras colónias africanas de Angola, Moçambique e Guiné-Bissau. No período, continua a emigração forçada para São Tomé e Príncipe iniciada a partir dos primeiros anos de 1800, e que incluía também angolanos e moçambicanos, mão-de-obra necessária para o trabalho escravo nas grandes plantações de café e cacau. Ainda hoje as plantações de cacau dessas ilhas mantêm-se no imaginário cabo-verdiano como o lugar do "degredo sem a existência do crime" (Saint-Maurice, 1997, p.46), onde a morte, na maior parte dos casos, não deixava vestígios que pudessem condenar os criminosos (Carreira, 1977). Esta condenação ao degredo só era aceite com o último recurso, uma vez reconhecida a impossibilidade de emigrar para outras paradas. Para o

habilidades com a pesca e a necessidade de substituir marinheiros que sucumbiam às péssimas condições das viagens marítimas da época (Mello, 1995).

⁸ Ali, os primeiros imigrantes cabo-verdianos trabalhavam nas plantações de algodão, na indústria da tecelagem, como fogueiros nos trens do Pacífico, como tripulantes da Polícia costeira ou na cabotagem de Fall River, como agricultores nas plantações de morangos.

⁹ Região que mais fornecia os escravos que eram levados a Cabo Verde.

¹⁰ Os portugueses temiam o clima muito húmido da Guiné e as possíveis doenças que estavam sujeitos a contrair no continente, ao contrário do clima seco de Cabo Verde, pouco favorável à proliferação das doenças tropicais mais comuns.

¹¹ Conforme Arendt, na década de 1920, numa época em que a humanidade havia alcançado o estágio em que a pessoa expulsa de uma dessas comunidades rigidamente organizadas (os Estados-nações) via-se expulsa de qualquer outra nação, excepcionalmente, os Estados Unidos atribuem cotas a cada nacionalidade representada no país, pelas quais podem receber um número de compatriotas, proporcional à sua fração de população (1989, p.327)

¹² Utilizamos como referência a definição de Jackson sobre migração forçada, uma deslocação que visa a salvaguarda da vida e da liberdade do indivíduo. A migração espontânea caracterizaria a hipótese de mudança como de decisão livre e de inteira responsabilidade do indivíduo.

“contratado”¹³ e sua família, restava o temor de que ficasse como Nicolau, o romanceiro de São Tomé que, conforme o poeta, “voltou desconjuntado, autenticamente... Desconjuntado... ele que era um rapazito sólido... voltou desconjuntado, magro, esquelético, abatido, subnutrido”, de tal maneira que o poeta, estarrecido, fez uns poemas quase de enfiada, como este:

Nicolau, menino,
Onde foi que deixaste
O corpo que te conheci?

(Osvaldo Alcântara In “Romanceiro de São Tomé”, 1958)

Na segunda fase da emigração, de 1920 a 1945, Portugal, antes apenas destino da elite (comerciantes, proprietários, funcionários públicos e estudantes), tal como o Senegal, também começava a servir de placa giratória para os emigrantes chegarem a outros países da Europa e também os Estados Unidos. Carreira define como terceira fase da emigração o período de maior êxodo de cabo-verdianos, entre 1946 e 1973. Para a Europa, o fluxo migratório mais significativo tem início na década de 1950; Portugal serve de “placa giratória” para os emigrantes, mas também retém mão-de-obra por causa da sua própria emigração para a França e para a guerra colonial. Neste período, considerado de grande virada dos destinos dos fluxos, o emigrante cabo-verdiano alcança os países de uma Europa carente de mão-de-obra, que se reconstruía no pós-guerra: Holanda, França, Bélgica, Alemanha, Luxemburgo, Itália e Países nórdicos.

¹³ Denominação popular pela qual ficaram conhecidos os cabo-verdianos que emigraram para São Tomé e Príncipe.

O quadro aproximado do número e distribuição atual dos cabo-verdianos pelo mundo é o seguinte¹⁴:

América	255.000
EUA	250.000
Brasil	3.000
Argentina	2.000
África	67.000 a 76.200
Angola	35.000 a 40.000
Senegal	25.000
São Tomé	8.000
Guiné-Bissau	2.000
Moçambique	700 a 1.000
Gabão	200
Europa	151.000
Portugal	80.000
Holanda	10.000
Itália	8.000 a 10.000
França	25.000
Luxemburgo	3.000
Espanha	1.500 a 2.000
Suíça	1.000 a 2.000
Bélgica	800
Suécia	700
RFA	500
Noruega	200
Total	500.000
	(aproximadamente)

A independência do país (proclamada em 1975) e as maiores restrições impostas pelos países europeus e Estados Unidos não impediram

¹⁴ Fonte: Emigrason (órgão informativo da Direção-Geral da emigração e Serviços Consulares do

a continuidade dos fluxos migratórios para os mesmos destinos: um sistema de entre-ajuda e redes eficientes no seio dos migrantes asseguram que gerações inteiras se encontrem representadas na imigração, pois a ilha de origem continua sendo fator importante na escolha e facilidade de acesso a determinados destinos da emigração, resultando na seguinte representação de cada região de origem no exterior¹⁵:

LOCAL DE DESTINO	ILHAS DE ORIGEM (mais representativas)
AMÉRICA	
U.S.A.	Fogo, Brava, St. Antão e S.Nicolau.
Argentina	St. Antão e S.Vicente
Brasil	S.Vicente e St. Antão
Canadá	S. Vicente
ÁFRICA	
Angola	Santiago e St. Antão
Moçambique	Santiago e St. Antão
S.Tomé e Príncipe	Santiago e St. Antão
Guiné-Bissau	Santiago
Senegal	Santiago e S. Vicente
Gabão	Santiago
EUROPA	
Portugal	Santiago, S.Vicente e St. Antão
Espanha	S. Nicolau e Santiago
França	Santiago, St. Antão e S. Vicente
Holanda	S. Nicolau, S.Vicente, St. Antão, Santiago, Sal e Maio
Luxemburgo	Santiago e St. Antão
Noruega	S.Vicente e St. Antão
Itália	S.Nicolau, St. Antão, S.Vicente, Sal e Boavista
Suíça	Santiago e Boavista
Bélgica	S. Nicolau
Suécia	S.Nicolau e S. Vicente
Alemanha	S. Nicolau
TOTAL GERAL	

É com este quadro que se apresenta também a participação (econômica) da emigração no sustento de muitas famílias e no desenvolvimento de alguns setores da economia. De 60 a 70% das famílias cabo-verdianas recebem ajuda de algum membro no exterior e é significativo o interesse dos emigrantes em adquirir propriedades rurais, embora seja mais visível a ajuda nas construções habitacionais, comércio e transportes de passageiros. Em 1992, a contribuição dos emigrantes correspondia a aproximadamente 12% do PIB do país e, nos anos

Ministério dos Negócios Estrangeiros de Cabo Verde), Praia, 5 de Julho de 1985, p.6.

seguintes, constata-se um incremento nas transferências individuais, portanto, na participação da emigração na economia do país. Além da melhoria das condições de vida, atribui-se à emigração a possibilidade de certa mobilidade social vertical e o estabelecimento de uma diferenciação e hierarquia sociais que dependem do valor e da importância que recebe cada país de imigração¹⁶. O impacto sobre a sociedade local é apontado desde a partida dos primeiros emigrantes; em finais do século XIX, as remessas enviadas dos Estados Unidos da América são utilizadas por mulatos e negros na compra de propriedades rurais até então pertencentes aos senhores portugueses, contribuem, assim, para as mudanças de posição na escala social, com evidente ascensão dos naturais. Estas importantes transformações no país que a emigração potencialmente pode realizar devem ser consideradas na sua relação direta com as difíceis condições de inserção vividas pelos imigrantes, a maior parte, dedicada a realizar trabalhos menos qualificados, inseguros e com fraca remuneração. Em geral, considera-se que o expressivo volume de remessas indica que o emigrante cabo-verdiano mantém-se fortemente ligado às origens, e apontam-se as novas percepções adquiridas no exterior (Monteiro, 1997), a responsabilidade pelas mudanças no comportamento, na estrutura familiar, na forma de gerir os bens e de organizar o trabalho e na arquitetura rural de Cabo Verde.

Efeitos da emigração

A concordar que Cabo Verde existe porque a migração persiste, são ainda incalculáveis os efeitos desta situação, pela qual a emigração torna-se um traço importante na formação da identidade nacional, participando na moldagem das maneiras de ser, de estar, de olhar o mundo à volta e imaginar o mundo mais longe. Meintel (1984) se debruça sobre as consequências para uma sociedade com uma longa história de migração de mão-de-obra, e aponta para seus efeitos estruturais como a monetarização da economia, a estrutura familiar e social, a dependência cultural e a falta

¹⁶ Fonte: Instituto de Apoio ao Emigrante, 1998.

de desenvolvimento de recursos locais. Os constantes fluxos retiraram um número exagerado de homens adultos da comunidade doméstica, compreendendo-se aqui a família mais próxima e outros membros, mesmo afastados mas estreitamente unidos por relações de ajuda mútua. Os elementos capazes que ficam para trás, (mulheres e crianças mais velhas) tornam-se agora responsáveis pela execução de todas as tarefas do campo, assim como de cuidar dos membros não produtivos da família. Os crescentes fardos sobre a comunidade doméstica ajudaram à degradação dos recursos locais de subsistência e minaram a força dos trabalhadores que não partiram. A monetarização da economia aumenta a necessidade de dinheiro para satisfazer as necessidades diárias, enquanto a forma como as remessas são usadas contribui para o desenvolvimento de novas necessidades e exigências, que requerem novos dispêndios. No interior do país, a dependência do dinheiro vindo do estrangeiro mantém-se até hoje, pois, só com eles é possível obter os bens não produzidos localmente e os serviços que ultrapassam o âmbito da estrutura local, esta igualmente muito afetada pela emigração; as tarefas que anteriormente eram realizadas por um sistema de trabalho cooperativo chamado junta-mão (trabalhos agrícolas, construção ou reparações em residências), com a emigração, por falta de homens jovens e por causa do dinheiro que é enviado, são agora realizadas em troca de pagamento, enfraquecendo a importância social e econômica do sistema junta-mão. As artes e ofícios locais anteriormente integrados no sistema econômico local de troca direta, desaparecerem quase por completo, consequência do influxo de mercadorias estrangeiras enviadas pelos emigrantes ou importadas pelos comerciantes na mira do lucro em dinheiro estrangeiro. Indiretamente, a emigração contribui para a acumulação de capital nas mãos de uma pequena classe de comerciante que, na opinião da autora, não é provável que venha a ser investida no desenvolvimento das fontes locais de produção (Meintel, 1984, p.110). Dreide Meintel exemplifica a quase extinção do mobiliário fabricado nas ilhas, do tipo oeste africano, da cerâmica e dos utensílios domésticos trabalhados em pedra, tais como os

¹⁶ A importância coincide com a distribuição pelos países de onde se efetuam as maiores transferências privadas: Estados Unidos da América, Países Baixos, França, Portugal e Itália (Fonte: Banco de Cabo

moinhos para milho, substituídos por importações dispendiosas dos Estados Unidos e da Europa.¹⁷

Em relação à estrutura social, e apesar da crescente presença feminina nos fluxos migratórios, os dados referem-se sobretudo à ausência do chefe de família do sexo masculino e suas implicações para a configuração da estrutura familiar e seus efeitos emocionais e afetivos. A discussão nos interessa porque retrata os contextos de origem das mulheres que são os sujeitos da nossa pesquisa e coincide com os relatos sobre as suas histórias de vida, histórias familiares e de emigração. Destaca-se, sobretudo, o efeito na configuração do perfil dos mais pobres em Cabo Verde: na década de 1990¹⁸, 30,2% da população podia ser considerada pobre e 14,1% como muito pobre, e viviam sobretudo na zona rural. Contudo, a gravidade e a intensidade da pobreza são maiores nos centros urbanos e em famílias chefiadas por mulheres que, por sua vez, somam 2/3 da população pobre cabo-verdiana (Monteiro, 1997). Pela sua incidência direta na participação nos fluxos migratórios, cabe referir os índices de pobreza de acordo com as regiões: 84% da pobreza nacional encontra-se nas ilhas mais produtivas e com maiores centros urbanos: Santiago (41,5%), Santo Antão (21,6%) e S. Vicente (20,9%). Nestas ilhas residem os que podem ser classificados como muito pobres, embora as maiores taxas de pobreza e pobreza extrema estejam nas ilhas da Brava, Santo Antão e S. Nicolau. Monteiro (1997) destaca importantes informações do estudo do Banco Mundial, sobre a relação entre pobreza, situação de emprego e sexo do chefe de família: 34% dos lares chefiados por mulheres estão na classificação de pobres. Entre os pobres com chefe de família analfabeto (44,8% do total de famílias pobres), 72% vivem no meio rural e, entre os muito pobres, também com o chefe de família analfabeto, 60% vêm de famílias chefiadas por mulheres.

Verde citado por Monteiro, 1997)

¹⁷ Este processo é acompanhado pela influência da migração para a constituição da dualidade cultural (que se alia aos outros aspectos da dualidade da identidade cabo-verdiana) refletida, por exemplo, na construção das "casas americanas" na ilha da Brava ou das "casas holandesas" na ilha de S. Vicente, com os quartos e salas mobilados com objetos idênticos aos das casas dos caboverdianos que há muito tempo vivem em Rhode Island, Massachusetts, Rotterdam ou Amsterdam, objetos esses que assumem usos e sentidos especiais porque ganham uma importância que ultrapassa o seu valor monetário e funcional.

¹⁸ Fonte: República de Cabo Verde- estratégia de redução da pobreza, relatório do Banco Mundial citado por Monteiro (1997).

Às informações de caráter quantitativo, somam-se as características sociológicas da estrutura familiar cabo-verdiana que, conforme Carreira, apresenta uma longa tradição da "poligamia de fato", praticada, inicialmente por homens brancos, cujas uniões não matrimoniais ou extramatrimoniais com mulheres de classe mais baixa, eram, em geral, do conhecimento público e, normalmente, toleradas pelas suas legítimas esposas. Ao contrário das considerações de Lopes Filho (1996) sobre uma suposta tolerância social à poligamia de fato, em particular, entre as mulheres de um mesmo homem que estabeleceriam condutas mutuamente tolerantes e permitiriam o contato entre os respectivos filhos, na sua pesquisa, Meintel destaca os relatos das mulheres, mães solteiras, sozinhas, que se referem ao prejuízo emocional provocado por essas relações extramatrimoniais, além do esgotamento dos recursos familiares e o sofrimento pessoal que lhes causa o fato de serem abandonadas e, sozinhas, terem de cuidar dos filhos. Em consequência, é freqüente a existência de tipos diferentes de lares matrifocais em que a permanência do elemento masculino não é sempre tomada como certa: as famílias em que as mulheres são os membros adultos estáveis, partilhando as responsabilidades econômicas, contribuindo para o sustento e gozando do poder de decisão; as famílias em que o homem é afastado, devendo-se a marginalização, direta ou indiretamente, à fragilidade da sua situação econômica. Nestes dois tipos de lares, é comum residirem, sob um mesmo teto, várias gerações de mulheres adultas, encarregando-se as mais idosas das tarefas domésticas e da atenção às crianças, enquanto em part-time podem se dedicar a tarefas remuneradas, que podem executar em casa, como, por exemplo, lavagem de roupa, fabricação de doces, a ser vendidos pelas crianças mais velhas, ou a moagem de milho para os vizinhos. Só esporadicamente as mulheres recebem contribuições econômicas dos seus parceiros sexuais.

Com a emigração, é produzido outro tipo de lar matrifocal que se assemelha ao que citamos acima, pois, tratando-se de situações em que há um casamento legal, o elemento masculino, visto como chefe do agregado, está ausente por longos períodos, mas contribui com apoio econômico regular e quase sempre substancial. Neste caso, apesar das mulheres

tomarem todas as decisões do dia-a-dia, as mais importantes (como as que se relacionam com o casamento, a educação escolar das crianças ou importantes decisões econômicas, dependem do chefe de família ausente. Neste caso, o ethos patriarcal sustenta o princípio da autoridade masculina, mesmo que as responsabilidades e decisões do dia-a-dia sejam das mulheres (Meintel, 1984), quer dizer, a emigração torna as mulheres os pilares do lar, matrifocal na composição mas patriarcal na estrutura da autoridade. Razões afetivas e o contributo econômico regular e substancial asseguram o poder do emigrado no agregado familiar. Contudo, para as crianças, trata-se de uma "orfandade", da ausência de um ethos modelador para a preparação para a vida, incluindo mesmo os casos em que o pai se mantém presente sob a forma de um discurso em circulação e configura uma alegoria, cujos símbolos edificantes constituem a sua representação abstratizante, tornando-se um Deus tutelar ausente que atribui um certo sentido e ordem ao cosmo do indivíduo (Carvalho, 1987).

A origem e o destino

Descreve-se a criação de Cabo Verde num espaço em que, de um lado, jogaram as juntas afro-européias; do outro, o espaço geográfico: a terra agreste flagelada por secas repetidas, as fomes quase cíclicas, os ventos excessivos; e, especialmente, a cilha do mar, a presença obsessiva do oceano, que detém ímpetos e insinua horizontes para lá do isolamento, colabora ou não nos destinos de libertação espacial e econômica (Mariano, 1991). Na esfera do real, o mar estabelece um cerco, isola o arquipélago e traz ao ilhéu o sentimento da limitação dos seus meios, da estreiteza dos seus limites, de quanto o leva a fechar-se sobre si próprio e lhe apresenta um futuro de estreitas perspectivas (Mello, 1995). Mas é também a fronteira líquida a ser rompida para se materializar a "hora di bai"¹⁹ quando chega a inquietação das distâncias. Na esfera do onírico, aguça o desejo de demandar a terra-longe, "para onde todos gostariam de partir a completar a sua alma" (Lopes, 1947:13) O mar entoia uma canção rumorosa, musicada com os ecos do mundo, um lamento para quem ainda fica entre

dois espaços- o mar e a terra- que metaforizam-se em cadeia (a ilha) e grades (o mar):

*Pobre do que ficou na cadeia,
De olhar resignado
a ver das grades quem passa na rua!
(...)
Pobre de mim que fiquei detido também
Na ilha tão desolada rodeada de Mar!...
... as grades também da minha prisão
Jorge Barbosa, in Poesias (1989,p.113)*

Na poesia e na novelística a emigração projeta uma problemática real, com personagens emprestando a sua carga emocional e nostálgica determinada pela insularidade, pelo apego à terra, pela ambivalência do mar e pelo dilema do partir e do ficar. A substância narrativa, como, por exemplo, no romance "Chiquinho" de Baltasar Lopes (1993), valoriza as relações intercontinentais, o espaço do Eldorado que é o lugar-esperança de uma ressurreição econômica, da redenção de um passado de penúria e de misérias. As vivências dos personagens dão espessura humana e cultural, mostram as ilhas como "as bases para partirmos" (1993, p. 234) e Cabo Verde como o destino, quer dizer, o lugar do qual é necessário partir para se regressar, para construir, para progredir.

Evidencia-se uma dualidade de caráter derivada da dicotomia entre a terra e o mar, entre a escravidão e a liberdade e entre a carne e o espírito, que se revela em pormenores de comportamento e projeta-se na emigração, no querer bipartido, na indecisão de ficar ou partir para terra-longe. Dilema este constantemente atribuído como a própria marca do cabo-verdiano, sempre oscilante, impelido pela insularidade a conhecer os outros mundos e, ao mesmo tempo, apegado à terra de que pretende libertar-se, enfim, preso à renúncia e à aventura. Neste campo, destaca-se também o motivo experimental de libertação moral como razão de ordem social que o impele para fora, pela convicção de que a sua ação nas ilhas é limitada e restringida, por ser a partida a única possibilidade de realizar o

¹⁹ Expressão poético-musical, há muito tempo consagrada pelo povo das ilhas, usada em crioulo e que pode ser traduzida por "momento (hora) da partida".

arquétipo da Terra-mãe, as imagens positivas do ninho, do berço, do abrigo. Para os poetas, na emigração o cabo-verdiano comunga com a terra "nua e esquecida, seca batida pelos ventos ao som das músicas sem música das águas que aprisionam angústias e ânsias" (Ferreira, s/d, p. 186), a dor da sua incapacidade de o alimentar, de o reter e de o fazer feliz.

Nós somos pássaros engaiolados. E o pior é que a porta da gaiola anda sempre aberta, e contudo não podemos sair dela.

(Baltasar Lopes, in Chiquinho, 1993, p.212)

Paradoxalmente, esta terra é a única em que o cabo-verdiano pode viver os seus devaneios; por ela, os seus sonhos adquirem a exata substância, e nela, ele pede a sua estrutura fundamental (Mello, 1995, p.33). É por ela, pelos vínculos afetivos com as pessoas e as coisas que a ambigüidade se instala entre dois impulsos antagónicos:

Eu não disse que ia nem que não ia. Tenho mais vontade de ficar aqui

(Manuel Lopes, in Chuva Braba, 1982, p.144)

E os mais velhos e mais sábios, sempre lúcidos na falta de piedade para os que hesitam em partir, são capazes de vociferar:

Larga tudo isto! Vai para a Guiné, para o Brasil, para o diabo! Mas não fiques aqui... Só conseguirás cair no grogue... Esta vida é como clorofórmio. Ao cabo, todas as tuas aspirações se dissolvem. E o grogue espera-te... Olha para mim... Aguardente e mães-de-filhos... Não há mais nada que fazer, em que pensar, é claro que Joca tem de beber grogue e fazer filhos...²⁰ (Baltasar Lopes, in Chiquinho, 1993, p.255)

Tio Joca ficou e sempre se arrependeu porque sabia que, mesmo sendo um burro de carga nas horas do trabalho difícil nas fábricas de algodão da América, ali teria à mão um mundo trepidante à sua volta, que ele, anônimo espectador, disciplinaria de acordo com a sua sede de aprender e a sua vontade de absorver (1993). Pois todos devem ser como a

²⁰ Trecho do diálogo em que tio Joca tenta convencer Chiquinho, o personagem do romance, quando este consegue um lugar de professor de posto, a única saída profissional na sua ilha de origem.

personagem mítica de Gabriel Mariano no conto "Vida e morte de João Cabafume", sem jeito de evitar a partida, mas ciente da sua liberdade, lutando para sobreviver sem ser subserviente (Mariano, s/d, p.75).

Na literatura e na poesia, mostra-se como a emigração alimenta a ilusão de todo o cabo-verdiano de conhecer o mundo pelos que regressam, pelos marítimos que por ali passam, pelas cartas que vêm de longe, pelo sentimento obsessional de lugares melhores (Lopes, 1936, p.5). As cartas estabeleciam aquela intimidade com a ilha, quase anulavam as distâncias, e, sobretudo, constituíam uma geografia sentimental que aproximava os emigrados das ilhas. A carta, esse substituto da presença corpórea, era esperada com ansiedade, trazia notícias, informações retratos e também cheques porque carta que vem sem dinheiro é "carta seca". Eram um acontecimento, coisa, espaço e momento em que cada emigrante partilhava a sua parcela da história da emigração com os outros. Por vezes, também catalizador de uma transformação que afetava reciprocamente a relação entre o expedidor e o receptor, de forma positiva ou negativa, "mas todas revelando a voz do arquipélago chamando tenazmente os emigrantes para o canto do mundo de onde partiram" (Lopes, 1993, p. 96). Agora, as distâncias são vencidas pelo telefone que substitui a representação material, palpável da vida que acontece cá e lá. Nos instantes preciosos de uma ligação, a presença se torna intensa, porém, efêmera, rapidamente esvaziada porque a ela não se pode retornar como a uma carta cuja presença é permanente e a ela sempre se pode retornar..

Mas os poetas bem sabem das terras que, afinal, são os mitos que consubstanciam o paraíso perdido da infância, o espaço da felicidade, a Terra Prometida, terra-longe para onde se empreender a viagem fraterna, identificada pela intensidade dos dramas e das renúncias a que as ilhas obrigam. Uma viagem desejada que pode nunca ter cais de acolhimento; de chegada hipotética, pois, as fronteiras definitivas ficam sempre a mais um dia de viagem:

Para lá da encosta.

(...)

Mais acolá.

(...)

Não é aqui ainda.

É mais além

Além

Da árvore ao longe

É mais além.

(Jorge Barbosa, in Poesias, 1989)

5. OS LUGARES: CABO VERDE E ITÁLIA

As mulheres que emigraram

Conforme os documentos sobre a história da migração cabo-verdiana²¹, Fevereiro de 1963 é a data exata do início da corrente migratória para a Itália, quando emigram três moças muito jovens da Vila da Ribeira Brava, principal centro urbano da ilha de S. Nicolau. Padre Gesualdo, italiano, missionário da Ordem dos Capuchinhos²², servindo na ilha, se encarregou de atender aos pedidos de famílias da média burguesia italiana por pessoas que pudessem trabalhar como empregadas domésticas. O religioso fez a escolha entre as moças que freqüentavam o Seminário e se dedicavam à catequese, decidindo pelas que pertenciam a famílias muito ligadas à igreja e que viviam com certo desafogo econômico, se comparado à situação muito precária da maioria, numa região que vivia mais um dramático período de seca.

Anteriormente, em 1961, duas moças (de São Nicolau e Santo Antão), a trabalhar num hotel de italianos na ilha do Sal, foram recrutadas por pilotos da companhia aérea Alitalia que escalavam regularmente a ilha, para trabalhar em suas casas e na de seus amigos na região de Latina, província de Roma. Em 1962, um comandante da companhia italiana foi o responsável pela deslocação de um rapaz também residente na ilha do Sal,

²¹ Baseiam-se sobretudo em relatos orais das primeiras emigrantes. Por exemplo, Adriana Almeida, a Lalache, integrante do primeiro grupo, retornou a Cabo Verde onde trabalhou numa instituição oficial dirigida para a emigração. Mais tarde, efetuou uma segunda emigração, desta feita para os Estados Unidos, para se reunir ao marido.

natural da ilha de São Nicolau que, na Itália, trabalha na casa daquele como empregado doméstico durante seis meses, antes de se tornar trabalhador de um restaurante em Anzio e, mais tarde, em Cisterna. O rapaz faleceu em acidente de viação em 1964, tal como ocorreu também em 1965 com outro caboverdeano que realiza uma imigração secundária para a Itália após residir na Alemanha. À semelhança das duas moças, em 1963, outro rapaz, também empregado do hotel da companhia aérea italiana na ilha do Sal, emigra para a Itália com a ajuda de um amigo.

A viagem das primeiras emigrantes de São Nicolau coincidiu com a do Padre Provincial dos Capuchinhos que se deslocara a Cabo Verde em visita oficial aos missionários, e inicia uma corrente migratória entre os fluxos que se consolidam por meio de canais criados sobretudo por estruturas católicas, e no contexto geral do mercado laboral da Europa centro-meridional, cuja principal característica é o de crescimento da procura por colaboração doméstica (Stolker, 1995).

O segundo grupo, integrado por mulheres catequistas de Queimadas, desloca-se em junho de 1963, por iniciativa do padre Fedele, da paróquia daquela região, o mesmo acontecendo com jovens mulheres de outras localidades de São Nicolau²³ no mesmo ano. O Padre Fiorino Gesualdo – vivendo na ilha de São Nicolau há mais de 40 anos – é considerado o principal “mediador” entre as senhoras italianas e as jovens de Cabo Verde que escolhia; deveriam ser solteiras, ter até pouco mais de vinte anos, mas, principalmente, pertencer a famílias católicas e serem freqüentadoras da paróquia. Conforme os documentos relativos à história da migração caboverdiana para a Itália, através da sua Ordem na Itália, os padres verificavam se as senhoras italianas que solicitavam a mão-de-obra também eram católicas e praticantes e poderiam oferecer garantias morais e de boa convivência às imigrantes. Ainda, deveriam comprovar possuir condições econômicas que lhes permitisse pagar as despesas da deslocação²⁴, garantir os salários e o alojamento durante a permanência na Itália.

²² Esta Ordem está em Cabo Verde desde 1947, primeiro nas ilhas do Fogo, Brava, São Nicolau e São Vicente.

²³ Fajã, Cachaço e Queimadas.

²⁴ O valor da passagem era descontado, em parcelas, do salário da imigrante.

A primeira fase da corrente migratória, portanto, se inicia com o recrutamento em Cabo Verde feito pelos padres Capuchinhos conforme solicitações encaminhadas pela sua Ordem das paróquias de Roma. Com a colaboração dos Capuchinhos de Roma, entre 1964 e 1965, o fluxo estende-se à ilha do Sal e, nos anos de 1965 e 1966, às ilhas de Santo Antão e São Vicente²⁵, e, mais tarde à Boavista²⁶. As paróquias em Roma se encarregavam também de fazer chegar o dinheiro para as despesas da viagem e, também pela rede da igreja, através da Obra de Santa Zita em Lisboa²⁷ e do Instituto Tra Noi em Roma, as emigrantes eram apoiadas durante a viagem e à sua chegada a Roma, sobretudo nos primeiros tempos de adaptação²⁸. Neste primeiro período permaneceu a ligação dos padres Capuchinhos com as jovens; um padre residente em Cabo Verde em visita a Roma, reunia as imigrantes em retiro espiritual, visitava as casas em que trabalhavam "para se assegurar que era bem tratadas e os seus salários eram pagos" conforme o acordado, encarregando-se, ainda, de levar as remessas em dinheiro que essas emigradas destinavam às suas famílias em Cabo Verde.

A exemplo de todas as migrações internacionais e de todo o projeto migratório, e contando ainda com o testemunho das primeiras emigrantes, afirma-se que a emigração feminina para a Itália nasceu para ser datada tanto à partida quanto no regresso; o desejo de retorno coincidiria com as expectativas demonstradas pelos padres missionários em Cabo Verde de que, após algum tempo, as jovens pudessem adquirir alguma formação (principalmente da catequização) e retornassem a Cabo Verde para os auxiliar na tarefa de evangelização. Se de entre os projetos iniciais das

²⁵ Cerca de uma vintena de jovens embarcaram num primeiro momento deste movimento.

²⁶ Em 1990, das 3394 inscritas nos seus serviços, o Consulado de Cabo Verde na Itália calculava que 33,6% eram de S. Nicolau, 23,62% de Santo Antão, 20,93% de S. Vicente, 7,06% da Boavista e 5,34% da ilha do Sal.

²⁷ Na época, o percurso era feito a partir da ilha do Sal (que tem o aeroporto internacional de Cabo Verde), passando por Lisboa antes de Roma.

²⁸ Entre as nossas entrevistadas, as mais velhas e de imigração mais antiga indicam o Instituto Tra Noi como o lugar mais importante para o encontro entre patricios, para alguns, o único que lhes oferece um espaço de lazer e afeição nas suas horas de folga. Nas nossas observações de campo, verificamos que as dependências colocadas à disposição pelo Instituto são ocupadas nos dias de folga do trabalho (quinta-feira à tarde e domingo à tarde), para o convívio entre cabo-verdianos, que ali trocam cartas, produtos e informações sobre Cabo Verde e realizam atividades culturais, recreativas. Aberto à participação de todos, no Instituto reúnem-se sobretudo os que praticam a religião católica, freqüentam assiduamente a igreja e participam das atividades religiosas. Ali perto, na Piazza Fiume, se reúne parte da comunidade pouco afeita à prática religiosa permanente, os mais jovens sobretudo.

jovens encontrava-se alguma perspectiva de retorno breve, é provável que esta tenha sido abandonada em pouco tempo e, no curto período entre a primeira deslocação oficialmente registrada (1963) e 1970 já se podia identificar o aumento da corrente migratória por iniciativa das que já se encontravam na Itália²⁹.

Para este processo contribui o conhecimento sobre a permanência das difíceis condições de vida em Cabo Verde e, conforme as imigrantes mais antigas nos contam, a crescente solicitação das amigas das primeiras dadoras de trabalho, também interessadas nessa mão-de-obra. Nesse momento, sob a responsabilidade da primeira imigrante, suas irmãs, primas e amigas também são incluídas na corrente migratória cujo crescimento, a partir deste momento, se torna espontâneo e não mais com a contribuição da igreja. Intensificam-se os contatos entre as pessoas interessadas, e, na opinião de Monteiro (1997), aplica-se a definição de corrente migratória assistencial, que tem o intuito de recriar o ambiente familiar, por meio de uma atitude de solidariedade e de atração afetiva que determinaria a escolha de quem viria a seguir.

A imigração na Itália

Após a Segunda Guerra Mundial, o barateamento dos transportes e as facilidades de comunicação contribuíram para a explosão da atividade migratória. Para a Europa Ocidental se deslocaram contingentes significativos de trabalhadores de outros países do continente, atraídos, primeiro, pela necessidade de reconstrução de vários países comprometidos pela guerra e, também, pela expansão industrial e o crescimento econômico desde a década de 50. Entre esse período e 1990, o número de residentes estrangeiros passou de 5,1 milhões para aproximadamente 17 milhões, sem contabilizar os imigrados que, após a naturalização, desaparecem para as estatísticas sobre estrangeiros³⁰. Dados de 1992 indicam que as minorias constituem cerca de 5% do total de habitantes da União Européia, o que corresponde a 13 milhões de pessoas das mais variadas origens: antigas colônias da África, Ásia e Caraíbas e países do leste europeu. Nos últimos

²⁹ Não há dados oficiais sobre as que regressaram, possivelmente por não ser um número significativo.

³⁰ Fonte: Nações Unidas (Stolker, 1994).

anos, a remoção de outras barreiras como a queda do muro de Berlim, também contribuiu para o crescimento natural dos fluxos de imigrantes já estabelecidos e a diversificação de novos fluxos (Monteiro,1997). A partir de 1974 e até aos nossos dias, as restrições aumentaram e muitos países limitam mesmo a entrada de membros das famílias de imigrantes ou refugiados políticos. Mas, se é verdade que múltiplas razões objetivas são apresentadas para explicar a aceitação ou rejeição de imigrantes em dado momento da história do país, sem dúvida que os mitos nacionais também são um fator essencial que determina a decisão, o que explicaria, por exemplo, que os Estados Unidos da América, país que funda a sua nacionalidade na imigração, ainda hoje imponha menos restrições à entrada de estrangeiros do que países da Europa Ocidental (Stolker,1995). No caso da Itália, é significativa a transformação o seu status de país de emigração para o de país de imigração massiva; entre 1968-1970 cerca de 250.000 pessoas emigraram, mas, desde 1980 e até 1990, as autorizações de permanência no país atingiram cerca de 800.000 migrantes. É necessário somar a este número oficial o contingente de mais de 600.00 em situação de clandestinidade e cerca de 40.000 refugiados da Albânia.

As mulheres oriundas de diferentes países estão entre os primeiros imigrantes na Itália e sempre constituíram um importante contingente do fluxo migratório no país devido à grande demanda por empregadas domésticas. Atualmente, representam cerca de 45% do total de imigrantes. Apesar da ausência de amplas perspectivas profissionais, a imigração feminina na Itália começa a apresentar maior diversificação: as magrebianas têm se deslocado para a reunificação familiar (juntar-se aos maridos ou pais que se deslocaram anteriormente), as chinesas estão incluídas numa migração familiar e trabalham nas pequenas empresas chinesas, enquanto as mulheres do leste europeu apresentam maior variedade de escolhas profissionais. As imigrantes que trabalham no setor de serviços doméstico são originárias principalmente de países como Cabo Verde, Eritreia, ilhas Maurício, El Salvador e, mais tarde, incluíram-se as de Filipinas e Sri Lanka. Entre a imigração cabo-verdiana e filipina, as mulheres representam de 70 a 90 por cento do total, com a característica de serem principalmente domésticas que vivem nas casas onde trabalham. Segundo

Campani (1998), mesmo uma pequena promoção (de domésticas a profissionais de serviços de auxílio doméstico como cuidar de idosos ou crianças) é difícil para essas mulheres por causa do problema de encontrar moradia que não afeta somente os imigrantes mas também os italianos, em geral. Ao estudar redes informais de imigrantes e associações formais que têm maior número de membros femininos ou são por elas dirigidas, Campani indica que, na Europa, apesar do grande número de mulheres imigrantes, são em número reduzido os grupos de pressão a seu favor e é baixo o interesse das estruturas oficiais em relação às mulheres negras, às imigradas e às refugiadas. Esta situação contrasta com a importância que tem assumido o setor de atividades domésticas, um dos que mais expõe o trabalhador à exploração e ao não cumprimento da legislação trabalhista. O fato de trabalharem no seio de uma família, dificulta a entre-ajuda e o apoio que redes formais e informais costumam fornecer a imigrantes, favorecendo, ao contrário, o trabalho por longas horas, baixos salários e más condições de trabalho. Stalker (1995) cita um estudo realizado na Itália em 1988 segundo o qual, as empregadas domésticas filipinas ganhavam cerca de dez por cento a menos do valor do salário mínimo do país, por uma jornada diária de dez horas. Na Espanha, a pesquisa mostrou que as empregadas domésticas imigrantes ganhavam menos vinte por cento do salário mínimo por uma jornada semanal de cinquenta e cinco horas.

Sobretudo os imigrantes cabo-verdianos do sexo masculino estão incluídos entre os clandestinos que vêm também da África do Norte, Médio Oriente, Senegal, Eritreia, Filipinas e Tailândia. A Itália, ainda tem sido o destino de muitos albaneses, num dos movimentos migratórios de massa mais significativo dos últimos anos. Os traços particulares desta imigração é a de que existe um grande desemprego no seu seio e se encontram envolvidos, principalmente, na economia informal ou nos trabalhos mais penosos recusados pela população nacional. Na Itália, os empregos que ocupam os imigrados são, freqüentemente, estratificados por nacionalidade, estando os cabo-verdianos incluídos entre os de mais baixa escala, ao lado dos albaneses, ganeses, nigerianos, somalianos e senegaleses. Numa escala um pouco acima encontramos as mulheres cabo-verdianas que trabalham

como empregadas domésticas, setor este dominado principalmente pelas filipinas³¹.

País que até pouco tempo era considerado de emigração, atualmente³² inclui-se entre os países europeus que considera a imigração um importante aspecto do debate político por causa da extensão dos efeitos econômicos e sociais da imigração e, em segundo lugar, por causa da tendência para conflitos étnicos e rracicos, numa sociedade antes receptiva e que atualmente reage de forma temerosa à "invasão" e manifesta desejos de mais restrições (Bonifazi, 1992)³³. Nos últimos anos, aumentaram os incidentes racistas na Itália, país que não tinha tradição em eventos do gênero. Crescem as atividades dos grupos de direita contra judeus e imigrados negros que resultam em violentas agressões como as que ocorreram em 1992 contra os norte-africanos em Roma. Conforme apontam autores importantes do tema da migração italiana como Ferraroti, os obstáculos à construção de uma sociedade tolerante advêm do enrijecimento do próprio estereótipo cultural e da mentalidade ligada ao fenômeno, apoiada pela aparente democracia que esconde a hipocrisia e nega, primeiro pela linguagem, a existência do conflito.

As cabo-verdianas na Itália

Os dados sobre o contingente de cabo-verdianos na Itália não são coincidentes, sobretudo pela dificuldade em contabilizar o contingente de imigrantes que permanecem no país de forma ilegal. Há ainda os que mantiveram a cidadania portuguesa mesmo depois de Independência do país em 1975 e aqueles que adquiriram cidadania italiana por casamento ou porque ali nasceram. As dificuldades em obter números exatos devem-se

³¹ Os norte-africanos encontram-se numa escala acima dos cabo-verdianos, ocupando-se do mercado ambulante, trabalhando também na agricultura, pesca, hotelaria, restauração e pequenas empresas têxteis. O mais alto grau é ocupado pelos europeus, acrescentando-se os que vieram recentemente do Leste e que trabalham no setor industrial.

³² Dados oficiais do ano de 1995 apresentavam o número de um milhão de estrangeiros declarados, dos quais 46,9% eram mulheres. A interpretação destes dados oficiais deve ser feita com precaução por causa da dificuldade de contabilizar-se o número de imigrantes clandestinos ou em situação irregular. Mais da metade encontra-se no Itália do Norte, em torno de 30% na Itália central e cerca de 20% na Itália do Sul (Giudici, 1997)

³³ Por meio da análise a 3 surveys realizados na Itália, a maioria dos italianos entrevistados mostrou ignorar o número exato de imigrantes no país e avaliou negativamente o contato entre culturas. A idéia de que o imigrante traz muitas desvantagens com a sua presença, é responsável pela perda de emprego dos

ainda ao alto percentual de contratos irregulares e aos sistemas inadequados de aferição do número de imigrantes no país por parte de autoridades italianas e cabo-verdianas (Perrota, 1988).

Em 1985 o Consulado de Cabo Verde na Itália indicava um número aproximado de 7000 imigrantes dos quais 6300 eram do sexo feminino. Com base nos números sobre os cabo-verdianos inscritos, em 1990, o mesmo órgão oficial calculava que havia cerca de 3784 imigrantes e, destes, 3394 eram do sexo feminino. O Ministério do Interior da Itália realizou uma aferição em 1995 a partir de informações sobre o número de imigrantes em situação legal no país e estimou que eram 4353 cabo-verdianos. Ainda em 1996, este número era de 4918, segundo o Ministério. O Instituto de Apoio ao Emigrante de Cabo Verde estima que, atualmente, esse número seja de 10.000, mantendo-se a maior percentagem do contingente feminino. A distribuição dos cabo-verdianos pelas diferentes regiões seria a seguinte:

Distribuição de cabo-verdianas na Itália³⁴

CIDADE	NÚMEROS	ILHAS DE ORIGEM
Nápoles	1.200	S. Nicolau,
Palermo	800	St. Antão,
Milão	400	S. Vicente,
Roma	7.000	Sal e
Gênova	600	Boavista
Total Geral	10.000	

Inicialmente as relações de trabalho tinham por base acordos orais entre as senhoras italianas e as imigrantes, e os padres Capuchinhos serviam como garante para ambas as partes. Mais tarde as senhoras empregadoras passaram a enviar uma "Carta de Chamada" que permitia à emigrante obter o visto de entrada com mais facilidade. A partir dos anos 70, o governo italiano passa a exigir a apresentação de um contrato de trabalho como condição de entrada no país. Após 1981, seguindo uma

nacionais e pelo incremento do terrorismo atinge primeiro os originários do Irã, a seguir dos Países árabes e os da África Negra, em proporção decrescente (Bonifazi, 1992, p.30)

³⁴ Fonte: Instituto de Apoio ao Emigrante, Praia, Cabo Verde, 1998.

tendência dos países europeus em geral, a Itália adota medidas que são vistas como de restrição à imigração, procurando "fechar as suas fronteiras" ao proibir novos contratos de trabalho (incluindo os de trabalho doméstico) com estrangeiros³⁵.

A maioria das imigrantes cabo-verdianas trabalha como doméstica o que, segundo Perrota (1988), corresponde ao tipo de trabalho que podem realizar em função da sua qualificação profissional à chegada³⁶. As condições de vida no trabalho são relatadas³⁷ como difíceis, a situação trabalhista é precária e irregular, muitas permanecendo na ilegalidade, sem possibilidades de exigir direitos trabalhistas e aceitando realizar as tarefas mais pesadas em troca de um salário menor³⁸.

Um dado freqüentemente referido sobre a imigração feminina cabo-verdiana na Itália, ao contrário da imigração masculina, diz respeito à procura pela elevação do nível de escolaridade das imigrantes como uma aquisição característica do grupo. Como exemplo do sucesso desta emigração, costuma-se apontar as trajetórias "vitoriosas" das imigradas que conseguiram obter grau universitário ou até alguma especialização através de um curso de pós-graduação. Entretanto, dados de 1988 indicam que 10% tinham nível superior, 86,4% algum grau de escolaridade inferior ao universitário e 3,4% não tinham nenhuma instrução formal. O esforço para estudar é sempre descrito como uma afirmação da força das mulheres cabo-verdianas em vencer dificuldades: "Utilizando intensamente as poucas horas livres, nos dias acordados para o lazer (às quintas-feiras e domingos nos horários de almoço), as estudantes cabo-verdianas se encontram para desenvolver atividades didáticas, sem material, sem subsídios, algumas delas escrevendo sobre os joelhos por falta de espaço e bancos suficientes" (Perrota, 1988,p.69). Desde sempre as associações, grupos humanitários

³⁵ Estas restrições não impedem, porém, que novos estrangeiros cheguem ao país. Segundo Perrota (1988), de um modo geral, mais de metade dos imigrantes na Itália entrou na Itália depois desta data, embora a imigração cabo-verdiana não tenha seguido esta tendência geral e conheça o seu principal fluxo antes de 1980.

³⁶ Isto se aplica também aos homens que posteriormente também procuram a Itália, para os quais, entretanto, o mercado "doméstico" é mais diversificado, pois encontram trabalho como motoristas, jardineiros, cozinheiros, etc.

³⁷ Conforme Évora (1996) e uma informante privilegiada (cabo-verdiana e pesquisadora de temas sobre a mulher, entre eles a emigração) que entrevistamos em Lisboa.

de ajuda a imigrantes e grupos religiosos foram procurados pelas imigrantes por oferecerem condições para a formação básica ou em cursos de formação profissional. Por iniciativa dos padres jesuítas e algumas religiosas voluntárias, é criada em 1971 a Escola Portuguesa de Roma com o intuito de dar assistência religiosa e humanitária às trabalhadoras de língua portuguesa e com finalidades práticas de "ajudá-las a escrever cartas aos parentes". Funcionando no Instituto Santo Antônio dos Portugueses³⁹, esta escola procura oferecer horários de acordo com os tempos livres dos alunos, na sua maioria cabo-verdianas que correspondiam a 70% dos 300 alunos inscritos (nos anos de 1983/1984 e 1984/1985), freqüentando os níveis da instrução primária, ciclo preparatório, curso geral e liceu. Nesta instituição se formaram muitas das que prosseguiram os estudos em universidades italianas. Na década de 80/90 a procura pela Escola diminuiu, segundo Évora (1996) porque as imigrantes recém-chegadas já possuem um certo grau de alfabetização e, por isso, escolhem entidades italianas de educação e voluntariado⁴⁰ e procuram cursos práticos de costura, datilografia e informática, por exemplo.

No que se refere à família, habitar na própria casa em que trabalha significa, num primeiro momento, uma vantagem para a imigrante mas, progressivamente, se revela um fator de desentendimentos e impedimentos, particularmente no que se refere à constituição de uma nova família; o medo de serem despedidas faz com que procurem esconder a gravidez e a nova maternidade é quase sempre acompanhada de atitudes de reprovação e condenação. A mulher grávida vive a espera do filho de um modo particularmente doloroso e envolto em sentimentos de culpa. Perrotta identifica três situações principais que surgem quando a criança nasce, mostrando que em qualquer dos casos, a relação mãe-filho fica prejudicada, criando problemas de adaptação e sentimentos de frustração mútua: às vezes a criança é entregue a alguma instituição religiosa para ser educada num regime de internato, em outros casos, a mãe retorna a Cabo Verde

³⁸ O autor refere-se sobretudo às condições encontradas pela imigração masculina cabo-verdiana -mais significativa nos últimos anos- pois não se verifica atualmente a solicitação de mão-de-obra para serviços domésticos.

³⁹ O Instituto é um espaço que a embaixada de Portugal junto à Santa Sé põe à disposição para fins humanitários.

para deixar o filho aos cuidados dos pais e regressar à Itália. Poucas conseguem ficar com os filhos e organizar a sua própria casa. O crescimento do número de homens cabo-verdianos que se transferem de outros países europeus para a Itália ou o casamento com italianos⁴¹ é visto como um fator de estabilidade, na medida em que permite às imigradas constituir a sua própria família dentro de um modelo padrão, ter a sua casa e continuar trabalhando por hora nas casas de famílias italianas (1988).

A partir desta estabilização alguns fatores identificados como problemáticos (Évora, 1996) parecem indicar um progressivo enraizamento no país de destino: problemas ligados à família (garantia de segurança social, por exemplo), conflitos entre a primeira e segunda geração, dificuldades de comunicação, isolamento, perda progressiva de valores, conflitos culturais, etc. As consequências da integração na sociedade italiana são apontadas como problemáticas por significarem, em termos objetivos, o distanciamento em relação ao país de destino. Formar família na Itália significa emancipação, ter a sua própria casa, modificar o seu próprio estatuto de trabalhadora (agora com horário de trabalho fixo) mas, numa visão oficial, implica que as poupanças serão, a partir de agora, consumidas no país de destino o que diminui o fluxo de divisas enviadas para Cabo Verde. Entretanto, não se encontram referências aos problemas de inserção na sociedade italiana (fora do contexto doméstico em que trabalham) das mães solteiras que constituem a maioria no grupo das imigradas.

No que se refere aos grupos e associações de ajuda, entre as raras associações mono-étnicas de mulheres imigrantes na Itália, encontramos as que reúnem cabo-verdianas, somalianas, nigerianas ou árabes, sendo que, em geral, as imigrantes se organizam em associações multi-étnicas ou associações nacionais ou regionais italianas engajadas na luta contra o racismo, a favor do feminismo ou que realizam trabalhos voluntários. Campani (1998) e Évora (1996) relatam que a primeira associação informal de cabo-verdianas na Itália nasceu em Roma de um grupo que se reunia na

⁴⁰ Como a Comunidade de S. Egidio ou o CIDI (Centro de Iniciativas Democráticas dos Professores)

⁴¹ Dados da secção consular da embaixada de Cabo Verde em Roma indicam que, entre 1997 e 1996, foram realizados 2092 casamentos dos quais 1281 uniram membros da própria comunidade e 811 foram casamentos mistos.

casa onde uma delas trabalhava. Nesses primeiros encontros, procuravam trocar experiências, notícias da terra e "matar saudades" dos familiares e amigos. O grupo cresceu, passou a reunir-se no Jardim "Villaggio Azzuro", onde algumas das imigrantes moravam. É ali que alguns membros da Casa Religiosa Tra Noi as procura e oferece as suas instalações para se encontrarem nas duas tardes livres de trabalho e os serviços de uma assistente social e de um padre. Em 1975 nasce a primeira associação oficial de cabo-verdianos na Itália que inclui também alguns homens. A associação propõe-se a defender os imigrantes nos problemas relativos a contratos de trabalho e informações sindicais e tem conseguido grande adesão. Na época já a Escola Portuguesa de Roma, é identificada pela sua natureza de instituição educativa que como local de encontro proporcionou condições para o intercâmbio e tomada de consciência da condição de imigradas e da sua identidade de cabo-verdianas (Évora, 1996). Além da cidade de Roma, outras associações são criadas em cidades importantes como Milão, Florença, Nápoles e Palermo. Grupos organizativos que se dedicam a uma área específica da cultura ou do esporte são também criados e em 1988 é criada a Organização das Mulheres Cabo-verdianas na Itália (OMCVI), um braço político da Organização das Mulheres de Cabo Verde, por sua vez, órgão do partido e do governo de Cabo Verde. Considerada como a organização mais ativa no seio da comunidade, esta organização integra as principais lideranças que emergiram na imigração, entre elas, as mulheres que obtiveram maiores níveis de escolaridade.⁴²

O aspecto da inserção das imigradas mais discutido refere-se ao seu afastamento progressivo dos grupos que representariam as suas referências originais. Numa perspectiva oficial, este fato enfraquece a formação de uma identidade própria, a preservação de valores culturais da origem e a sua transmissão às gerações seguintes, pois, sobretudo as que se casam com italianos tendem a "desaparecer" da sua comunidade original e são "adotadas" pelas famílias dos maridos (Évora, 1996). A percepção sobre o desenraizamento e o não asseguramento dos laços com a origem, a inserção e integração na sociedade de destino são tidos quase como

⁴² Entre as suas atividades descrevem-se, por exemplo, as de participação no processo de geminação entre cidades italianas e cabo-verdianas, assistência aos membros da comunidade no que se refere à

negativos pelos grupos que se querem representativos das imigradas, visão esta oficialista cujos motivos devem ser aprofundados, pois contrariam, à primeira vista, os esforços que estes grupos declaram empreender para a adaptação favorável das imigrantes e a naturalidade com que deveria ser vista a possibilidade do imigrante ser absorvido pela sociedade que escolheu para ganhar a vida.

A realidade da imigração feminina na Itália tem sido tema de estudos que procuram explicar desde as condições históricas que favoreceram o início desta imigração como a situação de algumas comunidades de mulheres imigrantes como as filipinas, as cabo-verdianas e as somalianas (Campani, 1998; Lodigiani, 1994).

As abordagens destacam o papel social e econômico das mulheres no seio dos movimentos migratórios, durante muito tempo subestimado. Sugerem também que a presença da mulher celibatária nos movimentos migratórios vem provocando mudanças no estereótipo da mulher passiva, subalterna, condicionada pelas escolhas migratórias dos maridos. As pesquisas de campo vêm indicando que, no plano social, em numerosos casos, as mulheres imigrantes exercem um papel ativo, recriando no país de acolhimento as relações familiares, de amizade e comunitárias. As conclusões apontam que estas redes informais têm favorecido a integração na sociedade de acolhimento.

Em particular, ao escolher mulheres cabo-verdianas com sujeitos da sua pesquisa realizada em Florença, Campani, em primeiro lugar, sistematiza as tendências atuais da imigração feminina, com destaque para o seu reconhecimento enquanto atores sociais. O trabalho da autora se centra nas imigrantes na Itália oriundas de Cabo Verde, Filipinas, Ilhas Maurícias e Somália. Analisa as redes e associações criadas por essas comunidades e, em particular, as líderes femininas. A autora observa que um dos principais efeitos da migração feminina é a "reestruturação da assimetria" entre os gêneros, mas o incipiente estado atual das pesquisas, segundo a autora, torna difícil a análise e sugere a urgência de investigações sobre a situação empírica (1998).

Retomando as principais abordagens da imigração, a autora explica que os estudos devem unir as dimensões micro e macro do fenômeno para que a unidade principal de análise seja o elo migratório, a ligação migratória. Ao considerar esses dois níveis (micro e macro) a análise inclui, a forma como a mulher reage no contexto da migração internacional, a ação social (por exemplo, as redes de mulheres) e as possíveis mudanças nas relações de gênero. A esta dimensão, juntar-se-ia a que aborda aspectos da inserção econômica das mulheres, a presença feminina nos fluxos migratórios (novas rotas, aceleração e dimensão mundial), as mulheres e as políticas migratórias (no destino e na origem), a relação entre a presença feminina e a demanda por mão-de-obra e a importância do trabalho doméstico. Sendo as migrações femininas um dos principais aspectos dos novos processos migratórios, devem ser estudadas as causas tanto na origem como no destino (1998,p.198).

Em relação à imigração feminina cabo-verdiana na Itália, destaca a sua presença como parte de uma imigração especializada para o setor de serviços a privados e os fatores econômicos e culturais bem como a política migratória de Cabo Verde. Investiga, ainda, a contradição encontrada entre as habilidades, as estratégias e iniciativas para realizar o projeto migratório e a sua posição enquanto trabalhadoras na Itália, função exercida sob o signo dos estereótipos negativos com relação ao serviço doméstico. A autora também considera de extrema importância que se compreenda como articulam as situações contraditórias: romper com estruturas familiares tradicionais; permanecer sob o domínio masculino apesar da relativa autonomia que lhe dá a condição de trabalhadora; reconhecer-se como autora de um projeto migratório ambicioso, ao mesmo tempo em que deve continuar a ser doméstica, numa posição considerada subalterna e, por fim, combinar a situação familiar com a situação do mercado de trabalho (Campani, 1998).

Com o estudo realizado em Florença e centrado na análise do elo migratório, Campani conclui que a imigrante feminina não é um sujeito econômico marginal. No entanto, a produção doméstica, as atividades realizadas em unidades familiares não têm sido contabilizadas como parte do produto social, as tarefas realizadas dentro de casa não costumam ser

consideradas como trabalho produtivo (Rodrigues, 1984). Campani aponta para o paradoxo em relação ao trabalho das empregadas domésticas, socialmente desvalorizado na sociedade receptora -apesar de realizar um tipo de atividades domésticas femininas que servem de retaguarda para as atividades extradomésticas dos membros da família para quem trabalha-, ao mesmo tempo, em que o seu resultado é essencial para a sobrevivência da sua família na origem, muitas vezes, o único recurso para esta (1998).

Por outro lado, apesar da permanência de relações tradicionais entre gêneros na origem, na imigração é maior a possibilidade de desenvolverem papéis de lideranças nas associações e nos grupos. Se a classe de origem é importante na capacidade de assumir uma vida formal na associação, verifica que é grande a presença de mulheres qualificadas, o que torna essa capacidade possível. A autora adianta sobre a hipótese de desenvolvimento de um tipo de etnicidade baseado numa perspectiva feminina, indicando que este campo ainda deve ser investigado pelo fato de serem muito recentes os novos fluxos migratórios que as incluem (Campani, 1998).

Lodigiani (1994), por seu lado, desenvolveu uma pesquisa qualitativa baseada na hipótese inicial sobre o papel não marginal e não necessariamente subalterno das mulheres, seja na fase inicial do processo migratório, seja na decisão de deixar o próprio país e, ainda, na elaboração de um projeto migratório. As suas conclusões coincidem com as de Campani.

Entre as ilhas e a Itália

Apenas por tentativa de organização do material é que se justifica a separação entre os conteúdos dos discursos que se referem a Cabo Verde e Itália. As histórias entrelaçam os dois lugares e recusam a separação que mesmo a ciência encontra entre emigração e imigração. Após o exercício, ambas permanecem aparecendo uma na outra, nas idas e vindas das migrantes, nos projetos que estão aqui ou estão lá, ou nos dois lugares, no futuro que se deseja aqui, mas também lá, no pensamento e nos sentimentos que estão em ambos ao mesmo tempo.

A viagem não tem apenas um ponto de partida e outro de chegada; quando se inicia, começa também um processo de constante decisão entre

um e outro, alternância de sentidos e afetos que talvez prossigam ao longo do tempo.

Tina

Quando estás numa terra em que vês que a coisa não tá bem, pensas que aqui é melhor! Quando vens, também vês as dificuldades aqui! E dizes " Ah, se soubesse, ficava lá!". Foi assim que... foi assim quando eu vim.

Dina também se preocupa com as justificativas para se partir do seu lugar de origem.

Quando uma pessoa sai de seu país para vir trabalhar fora, ela sente falta de qualquer coisa. Falta de dinheiro, alguns de instrução, alguns de família. Há uns que tem seus pais mortos e não tem noção do que é uma família.

Tânia acrescenta outras razões

As pessoas que viajavam para cá e voltavam de férias para Cabo Verde parecia que viviam bem por aqui. Mas eu também sempre quis ser emigrante. Talvez porque São Nicolau já me parecia estreito. E não me bastava ir para São Vicente. Quer dizer, hoje eu digo que talvez seja por esse motivo. Porque o primeiro país para o qual pensava emigrar era o Brasil, porque tinha lá uma tia de que gostava muito e que hoje vive em Portugal. Para mim, as opções eram ou ir para o Brasil ou ser costureira, que é uma coisa que eu não sei e não gosto. Sempre sonhei vestir uma bata branca parecida com aquelas que os médicos usam. Sempre sonhei com isso.

Tânia considera que estava preparada e com apoio na viagem e na chegada

Eu me lembro. Saí de Lisboa de manhã cedo, do albergue onde estávamos hospedadas. Éramos seis, todas de São Nicolau. Em seguida fomos pegar o avião para a Itália. No aeroporto encontrei a senhora e um rapaz jovem que tinham ido me buscar.

Quando a clandestinidade se introduz nos percursos, a viagem parece ser feita mais no escuro.

Quando cheguei em Portugal, ainda não sabia para onde ia, só sabia que tinha saído de Cabo Verde. Cheguei no Sal pela primeira vez e

no mesmo dia viajei para Portugal, que também não conhecia. Logo quando cheguei me encontrei com um rapaz que tinha ido buscar a mãe e a irmã que iam passar as férias em Espanha e me convidaram para ir com eles. No momento em que íamos atravessar a policia nos viu e se escondeu para depois nos abordar. Como só passei um dia em Portugal. Levaram-nos para o posto analisaram os nossos passaportes e nos mandaram atravessar a fronteira pelo mesmo lugar que íamos, mas não podíamos porque não tínhamos visto para Espanha. Passamos e do outro lado da fronteira já havia um outro carro de um amigo à nossa espera...

Depois me encontrei com a amiga que me havia ajudado a ir para Portugal. As minhas primas sempre me telefonavam para eu vir, e acabei vindo, quando uma outra prima que estava na Espanha foi veio para Itália. Passamos a fronteira, dormimos uma noite em França... Atravessamos de carro, fizeram o controle os passaportes estavam OK e passamos... mas só que não eram nossos. Quando cheguei na Itália fui diretamente para casa da minha senhora, depois de três dias já tinha o visto.

Outras viagens podem anteceder, não sendo esse deslocamento o primeiro na vida da pessoa, muito menos da família, como mostra Tina

Primeiro estava na Boavista. Depois, fui morar em casa da tia na Praia. Fiquei muitos anos na Praia, cresci lá. Depois viemos para a Portugal, voltei para a Boavista. Quando era maior, vim para a Itália. Eu entrei em Portugal com carta de identidade. Fiz passaporte quando vim para a Itália!

Mana também veio de Portugal

Hoje em dia o entusiasmo é menor, mas naquela época havia a emigração. As mulheres vinham para a Itália e os homens para a Holanda. E ouvíamos dizer que na Itália ganhava-se muito dinheiro e poderíamos fazer... Eu trabalhava em Portugal, estava muito bem e não ganhava mal. Mas foi aquele entusiasmo de vir para Roma para trabalhar. E depois, um ano antes uma prima, que também era a minha melhor amiga, tinha vindo para cá. Ela vivia em Cabo

Verde, passou uma temporada conosco em Portugal e depois veio. Antes de vir me disse: assim que eu chegar eu mando te buscar.

Também não foi a primeira imigração de Maria

Eu nasci em Portugal, mas meus pais são de Cabo Verde. A dada altura eu e meus irmãos tivemos que voltar para Cabo Verde, porque meus pais trabalhavam e não havia ninguém que pudesse olhar por nós.

Fui, vivi e cresci em Cabo Verde. E foi onde tive meus dois filhos. Depois fui para Portugal, onde tinha algumas irmãs... tenho irmãs em Portugal, na França, enfim, estamos todos espalhados.

Depois resolvi vir para a Itália, e chamei a minha irmã para vir comigo.

É importante que muitas se referem ao frio que sentiram à chegada a Roma, que ficou gravado na memória, resgatado como memória no corpo.

Quando cheguei, Roma estava toda com neve! Os carros ficaram 4 ou 5 dias sem se movimentar porque não tinham estrada. Com a mudança, estava calor em Cabo Verde, eu me resfriei por uns 6 meses, andava sempre com lenço na mão.

Dina como as demais que fizeram a viagem tradicional entre Cabo Verde e Itália, conta como foi sair e chegar, e também a memória do frio no seu corpo.

Saí de Cabo Verde no dia 3 de novembro e era um dia cheio de sol. Assim que cheguei a Lisboa, tinha aquele frio mas era... Cheguei à Itália e era uma chuva, um frio!! Em Lisboa fiquei numa pensão indicada. Vim com outras meninas e tinha pessoas mais velhas que eu já conhecia, passei dois dias em Lisboa, tinha outras pessoas, outros imigrantes, pessoas que iam para a Holanda, etc. Para a Itália ainda tinha poucas. Tinha pessoas que iam e viam, da Holanda, França... Aqueles dias em Lisboa foram mesmo divertidos, nem parecia que tinha saído de Cabo Verde, estava no meio de gente que falava português, crioulo... Tinha pessoas que conhecia, outras que viraram amigas.

Na Itália foi traumático, embora tenha encontrado a pessoa que me foi buscar, eu estava com um vestido grená e a minha pele. Com sandália branca, mamma mia!

Germana veio encontrar-se com a mãe aos 13 anos e associa vários eventos à sua saída e chegada, período de histórias importantes para a adolescência que se avizinha

Foi horrível quando cheguei! Eu me lembro... logo quando cheguei, primeiro de tudo, era fevereiro, tinha um frio incrível! Como sabes, em Cabo Verde faz calor, só de manga curta, aqui... cheguei, encontrei-me com esse frio, até fiquei doente por ter mudado de clima. Naturalmente eu era pequena, nem pensava em sair.

Ao referir-se à Itália, F. retoma as suas primeiras experiências

Chegamos a Itália⁴³, embora tenha ficado triste logo no início. Não conhecia ninguém, e o pessoal falava mal do trabalho por cá. Comecei a chorar e a dizer que queria voltar, porque não queria levar aquele tipo de vida, ainda por cima longe de meus filhos. Muitos me aconselharam a ficar, me encorajaram, dizendo que as coisas não eram assim tão más, que era só eu me relacionar bem que tudo daria certo. A minha irmã dizia-me que, já que cá estava que tivesse coragem e comesse a trabalhar. Depois de dois meses, consegui emprego. Ainda não sabia a língua, mas pedia ajuda a uma amiga com quem morava, que freqüentava a escola.

Entrar num mundo novo que, em certa medida deve ser dominado, transforma cada fato em sinal importante sobre o futuro, mesmo com experiências anteriores

Foi num domingo, eu pensei que, como a minha prima já cá vivia há algum tempo, pensei que iria me buscar no aeroporto. Mas ela não pôde ir, acho que havia convidados na casa em que ela trabalhava e ela se atrasou. Quando cheguei no aeroporto, primeiro comecei a procurar a saída, porque não estava a ver onde ficava. Acabei rodando o aeroporto inteiro procurando a saída e demorei algumas horas lá dentro e ainda por cima sem ver nenhum conhecido. Às vezes pedia informação para as pessoas, mas ninguém entendia

português. Foi um momento difícil. Depois de um certo tempo veio uma funcionária do aeroporto que me pegou pelas mãos e me levou para fora. Na rua havia uma senhora e um senhor com uma placa com o meu nome. Apontaram-me ao cartão e perguntaram se era esse o meu nome ao que respondi que sim. Falavam comigo, mas eu não percebia nada. Somente a senhora disse-me o seu nome, que era o nome que se encontrava no contrato. Eram os meus patrões, e ia trabalhar na casa deles.

Para mim foi dramático o tempo que fiquei dentro do aeroporto sem saber por onde sair e sem conhecer ninguém

Tentei falar algumas coisas com os meus patrões, para ver se eles conseguiam me entender. Para mim não foi traumatizante, porque já tinha vivido em Portugal. Se estivesse vindo directamente de Cabo Verde seria pior. Lá nos tornamos mais espertos⁴⁴ e com os olhos mais abertos.

Conceição tem a memória da chegada, acontecimento que parece não ter interrompido o cotidiano de quem se encontrava no destino

O meu primeiro foi um 24 de Dezembro, chovia. Cheguei ao aeroporto, e um senhor que falava português e italiano, ajudou-me a ligar pra minha irmã . Ninguém atendeu. Ela estava em pleno hospital a dar à luz... Depois dei ao senhor, o numero da senhora para quem vinha trabalhar. Eles conversaram, e ela foi me buscar ao aeroporto, de onde fomos directamente pra casa dela... No dia seguinte, eu e meu cunhado fomos visitar minha irmã ao hospital. Cámos de moto! Não nos ferimos gravemente, mas tivemos alguns raspões, perdi meus brincos... Era muita névoa, não conseguíamos ver bem...Portanto, o primeiro, segundo dia foram maus. Imagina, acabas de chegar a um país e caís de moto, com o risco de te ferires...Mas felizmente, não me aconteceu nada! Passou um carro que nos deu "passagem" e levou-nos pró hospital...Cheguei e a minha irmã tinha tido um rapaz...

⁴³ Quando resolveu ir para a Itália, Maria diz que "chamou" a irmã para ir com ela.

⁴⁴ confiantes, espertas

Germana que tinha 13 anos ao chegar, as portas fechadas das casas de Roma já são indicadoras da qualidade provável dos afetos

Em Cabo Verde era difícil ver a porta fechada, naquele tempo. Hoje também já fecham a porta. Mas, em Cabo Verde, quando eu era criança, as portas ficavam abertas. Quando cheguei aqui, entrei num prédio, quer dizer, em frente ao portão, depois, entrei naquela escada, aquela porta fechada... eu disse "mas que coisa...", sabe, aquela coisa, uma pessoa... é como se fosse na cadeia!

O momento foi difícil, eu cheguei em novembro e..., um mês depois, tinha natal, e... tinha natal, ano-novo, coisas que em Cabo Verde era tudo outra coisa, era totalmente diferente! Para mim foi quase um trauma! E... natal, ano-novo, ficar, assim, dentro de casa..., sem pessoas, etc, para mim, foi difícil nesse primeiro ano.

Assunção mostra o que parece ser claramente diferente nos dois lugares

Gosto muito de viver na minha terra. Quando se está fora, encontra-se muitas dificuldades. Por isso, depois de trabalhares e adquirires algo na tua terra, a vontade é ir para lá usufruir. E se morreres? O que acontece? Pra quê todo o trabalho?

Essa é a minha fé. Depois de chegar lá, não sei como será a minha vida. O importante é que eu vá.

E explica o que pretende fazer em Cabo Verde, que é o que não pode ser feito na Itália

Acho que, com os meus 22 anos de trabalho, voltando pra minha terra, a minha vida será melhor. Mais descansada, já não terei de me levantar às 7 horas... É sempre melhor. Volto pra minha terra, pra minha casa, não terei de me levantar às 6 horas. Poderei levantar-me às 5, às 10 horas, ou inclusive, se não quiser não me levanto. A nossa casa é outra coisa! Ficas livre pra dormir e levantar à horas que quiseres. Acreditas que, num ano que fui de férias, dormi o dia todo? Deitei-me numa noite, e só fui acordar na noite seguinte. As pessoas não costumam acreditar, mas é verdade. Dormia, levantava, dormia, levantava... Por isso é que sonho tanto com a minha vida em Cabo Verde.

Tânia também traz o que parece ser partilhado sobre Cabo Verde, principalmente por causa das diferenças de clima e de estilo de vida

Em Cabo Verde existe mais convivência entre as pessoas, diferentemente do que acontece aqui na Europa. Pode ser um país pobre mas tem essa riqueza que aqui na Europa não existe.

Germana encontra a razão para ambos os lugares.

Cabo Verde é o meu país. Cabo Verde é a minha raiz. Cabo Verde é a terra de meus pais. Como te posso dizer? Cabo Verde emociona-me, é um país que... é outra realidade! A Itália e "belo" é uma parte importante da minha pessoa, já passei mais anos na Itália que em Cabo Verde, porque tenho cá 20 anos e em Cabo Verde 13.

Certamente que a referência aos lugares se faz, primordialmente, pelas comparações que podem ser estabelecidas.

A Itália é legal, mas já estou aqui há muito tempo... (risos) Eu nem pensava... nem imaginava onde vinha!!! (ri) Quando cheguei aqui, que (?) a passar ano, então, passei um... 1 mês ou 2 meses, eu só queria voltar a Cabo Verde! Eu dizia "Ah, mas não fico aqui! Com todos estes lugares ruins, estes carros...! Eu nem queria sair à rua!"... Todos esses carros na rua, às vezes, eu não conseguia nem atravessar a estrada! Eu dizia " Não, eu vou para Cabo Verde!". O B. disse " Ah, queres ir para ir ter filhos?! Vais ficar ali!!!" Quando, se B. se ele tivesse concordado comigo, ele teria me mandado! Mas o B. não quis, ele disse "Não, ficas aqui e te acostumas, como todos! E , se fores, não peças para voltar!" Eu dizia "Ah, vou mesmo pedir!" Não! Até que me acostumei, quando eu (?), passaram-se anos!!!...Vou fazer... 16 anos...

Quando se localiza mais afeto num dos lugares, é possível, agora, manter-se entre idas e vindas constantes, como faz Angélica

Eu venho... ele (o marido) ficou de vir no próximo mês. Está em Cabo Verde. Eu fiquei 9 anos aqui, fui a Cabo Verde, e... é uma pessoa que eu já conhecia, passamos um ano juntos e. Eu vou sempre. Passei 9 anos aqui e, depois de 9 anos, comecei a ir todos os anos. Depois do casamento, quando vou a Cabo Verde, fico 6

meses lá. Mas da próxima, parece-me que fico até 1 ano! Se Deus quiser.

Também para Tina, os dois lugares apresentam-se pela contradição *Dizem "Ah, a Itália é boa!" mas... a vida aqui na Itália é muito cansativa. O que tenho daqui prá frente é que espero que me dêem a minha pensão ou entro com pedido e vou para Cabo Verde. Essa é que é a minha idéia. Mas também depende da minha saúde porque eu vivo à base de comprimido.*

Tenho um remédio que tomo todos os dias... tenho de tomar... 3 remédios!!! O remédio de Cabo Verde e o remédio daqui não é a mesma coisa! Se eu for... eu levo remédio pra mim ou, senão, fico a mandar remédio de lá... ou senão, o doutro de lá é que sabe como é que faz para me cambiar o remédio.

No caso de Linda, embora neste caso a escolha pela Itália pareça clara, em outro momento apresenta-se a ambigüidade porque em Cabo Verde encontra-se o filho e a mãe que devem ser cuidados.

Sinto muito pela minha terra, mas se tenho que trabalhar aqui, pelo menos tenho que tentar evoluir. No dia que eu for para Cabo Verde, se eu for, vamos ver, mas por enquanto é a Itália que me dá alguma coisa. No dia que tiver todos os documentos, falta-me só a certidão de nascimento, a minha senhora já se informou... Mas eu sempre digo que não vou esperar a reforma. Se me derem os documentos, eu não nego. Assim poderei ir para Cabo Verde e para outros lugares porque gosto muito de viajar.

Madalena define o que é significativo para ela em Roma

Não que eu queira falar mal da minha terra, mas tenho mais gente aqui do que em Cabo Verde! Porque aqueles meninos que eu deixei pequenos, estão todos fora, aquela gente mais velha... morreram quase todos. Aqui tenho tantas amigas! Tenho mais amigas aqui do que em Cabo Verde. Por exemplo, aqui, tenho amigas de Santo Antão, de S. Vicente, do Sal... e até da Praia. Eu tenho família na Praia.

A nostalgia, que é a medida do tempo, também já se encontra atribuída tanto ao sonho do lugar de origem como ao lugar de destino que

passou por mudanças. Por um lado, fica clara a ambigüidade, por exemplo, na fala de Dina que conclama as mulheres a superarem a sua condição na Itália e lutar por uma outra vida ali mesmo. Ao mesmo tempo, Cabo Verde é o lugar do descanso e dos afetos.

Em Cabo Verde, estás na tua terra, tens a tua família, tens o... os teus amigos... Aqui, embora tenhas amigos, mas não ficar sempre a...e a família está distante, não podes vê-la sempre, Depois, tens a vida e quem trabalha, por exemplo, na casa de patroas, a saída é só de domingo, quinta-feira, etc. Quem é que vês? Nem amigos podes ver⁴⁵!

Mas eu espero ir ficar em Cabo Verde. Não agora; tenho de esperar o tempo de reforma, se não morrer antes... se conseguir chegar à reforma, quero ir para Cabo Verde.

Sabes, quero encontrar pessoas, sinto falta daquela simplicidade que tem lá em Cabo Verde que aqui não há! Já é mais fácil para quem vive em Lisboa do que para quem vive na Itália... mas, mesmo em Lisboa, não tem aquela coisa que tem em Cabo Verde, aquela amabilidade.

Quando vou a Cabo Verde, sinto mesmo... pode ser que seja só para mim, não vivo na pele das pessoas de Cabo Verde, as pessoas que vivem mesmo lá é que sabem. Mas eu comparo que viver em Cabo Verde é mais fácil que na Itália. As pessoas vivem mais ligadas. Na Itália, as pessoas são muito... bom, não sei se é a Itália ou o mundo em geral, as pessoas são frias, é cada um por si. Moras num prédio e não conheces ninguém que vive naquele prédio. Vives isolado. No meio de muita gente, mas isolado, ao mesmo tempo. Não é porque somos estrangeiros, porque sou extra-comunitário, ou que ele é preto... porque sou branco, não. Não é por isso, é mesmo pela mentalidade daqui. Eles vivem muito separados, às vezes, como dizem, moras num prédio, ouves dizer que alguém ali morreu... 'Como morreu? Mora no meu prédio!' Em Cabo Verde, se morrer uma pessoa, já sabes de subito, aqui não, aqui é diferente.

⁴⁵ Dina é enfermeira e refere-se ao fato de ter horários diferentes da maioria das imigrantes cabo-verdianas que, como empregadas domésticas, costumam ter folgas ao domingo e quinta-feira à tarde.

O tempo somente cria a nostalgia dos lugares, sem se importar se a este é permitido à pessoa pertencer, sem se lembrar das marcas que o lugar pode ter deixado no corpo e na mente. Germana tem a nostalgia da Itália; é onde converteu o espaço num lugar com significado pessoal

Diria que Roma é una bella citá... Bastante!.. Itália é bonita!!... Roma é bonita!!!! A maior parte das coisas bonitas que existem em Roma são as igrejas, os restos romanos, muitas praças... Há muitos lugares bonitos mas eu, em particular, gosto mais de um lugar aqui em Roma... pode não ter muito significado porque é uma região que é Circo Maximo, que são restos romanos né... Mas eu adoro aquele lugar!!! Só olhando pra ele assim... acho bonito. Sempre que estou naquela região, tenho de olhar para aquele lugar. Eu... não sei, eu acho romântico.

Sempre fui apaixonada por aquele lugar assim. Sou apaixonada por aquele lugar, especialmente, depois que puseram todas aquelas luzes... na cidade, de noite, acho-o ainda mais bonito! Não há nada lá, em particular, só... restos romanos, paredes... meio caídos, meio subidas, assim. Mas eu sou enamorada daquela zona! Há outros lugares muito mais bonitos, há a Fontana de Trevi... Piazza de Spagna... lugares que, seguramente visitarás antes de ir, para conhecer... São muito bonitos mas eu sou apaixonada por aquele outro!!!! Não tem nada lá, mas eu sou enamorada daquele lugar!

Valores e desejos podem ser igualmente experimentados em relação a ambos. Referem-se aos acontecimentos e às pessoas e o lugar pode ser um cenário móvel

Quando me casei, estava convencida de que o casamento era eterno. Aquilo terminou depois de 20 anos. Daquela vez eu era criança, com 17, 18 anos, era criança. Não agora, porque agora com 17 anos és quase adulta, porque a mentalidade é diferente, as pessoas são mais abertas, etc. Naquela época, com 18 anos em Cabo Verde não podias... Embora eu tenha vindo com 13 anos para a Itália, mas em Cabo Verde com 18 anos não podias trocar assim tantas idéias com a tua mãe. Pelo menos com a minha que tinha uma mentalidade um tanto fechada. Não havia uma relação fácil

com a minha mãe. Eu ainda era muito inocente. Por isso, aquele casamento era tudo, era para sempre. Mas depois de alguns anos as coisas mudam e a tua ilusão cai. Hoje, aos 40, não posso ter ilusões.

Os afetos também podem ser a via para se juntar os dois lugares, descobrir novas modalidades de futuro, como mostra C.

Eu vim de Cabo Verde em setembro. Foi bom. Vim com dor no coração, mas tinha de vir trabalhar. Levei um italiano comigo. Ele gostou de Cabo Verde. E como sabe que eu quero ir, ele me convém. Disse-lhe que poderíamos viver 6 meses lá e 6 meses na Itália.

PARTE 3

A PESQUISA

6. O CAMPO

Conforme nos referimos no capítulo teórico, propusemos investigar sobre as formas pelas quais as migrantes cabo-verdianas constróem o seu próprio mapa do mundo. Com esse objetivo, requisitamos esses mapas das suas viagens, tentando acompanhar as linhas que preservam a ligação entre os diferentes espaços que ligam os seus pontos mais distantes. Certamente encontramos muitos mapas diferentes do mundo que, no entanto, encorajam um processo de decifração ilimitado, em que os fatos são a ponta do "iceberg" e, os quais, também nos fazem interrogar se as aparências (neste caso, os fatos) são dispensáveis ou, ao contrário, fazem parte da coisa mesma. A metodologia, os instrumentos metodológicos escolhidos deveriam permitir que as palavras, ao invés de exalarem o aroma dos velhos mapas, de outras migrações, descrevessem uma viagem que vai além de todas as fronteiras conhecidas e discorressem sobre as possibilidades infinitas de um percurso que não terminou.

Foram entrevistadas quinze¹ mulheres nascidas em Cabo Verde, migrantes, a viver na cidade de Roma, para onde emigraram foram com o objetivo explícito de trabalhar como empregadas domésticas. A escolha deste grupo justifica-se por ser Roma a primeira cidade onde, a partir de 1960, se instalaram as pioneiras da imigração para a Itália e, ainda, onde é possível encontrar o maior número de imigrantes, em relação ao restante do país².

¹ Conforme esclarecemos no item "Forma de análise", uma das entrevistas não pôde ser utilizada por causa das más condições do registro fonográfico.

² Conforme os dados estatísticos referentes ao ano de 1998 informam que são cerca de 7.000 para um total de 10.000 no país.

A escolha deste grupo remete à nossa interrogação sobre se o gênero traria especificidades à migração e deveria ser a migração feminina separada, como um objeto que deve ser abordado de forma particular. Certamente que nos fundamentamos em pressupostos sobre a especificidade dessa categoria sexual quando se trata de migração mas, o que em essência propomos questionar é se a própria determinação como algo peculiar dentro do contexto migratório cabo-verdiano não traria a justificativa para a diferenciação e a dominação de que este campo se mostra adequado para que se perpetuem. Quer dizer, a atenção estará voltada para determinados pressupostos, mesmo que estes nos levem a verificar que o estudo, tal como proposto pelo destaque que dá ao fato de ser uma migração feminina, não reflete, afinal, uma confirmação da dicotomia apresentada no senso comum e da qual a ciência não tem conseguido se afastar. No caso da migração feminina, as condições sócio-econômicas na origem imprimem um tipo de determinação e o sexo é considerado como mais uma determinação (as condições biológicas não agem diretamente mas são um tipo de condição objetiva) que é retraduzida numa ordem cultural (Rodrigues, 1978). Muitos autores não consideram que os fatores biológicos são retraduzidos para cada configuração sócio-cultural e podem dar respaldo a uma condição social, sempre mediatizados pelo social; por causa das condições biológicas, devem ser analisadas duas vertentes do *habitus* dentro de cada classe: a masculina e a feminina.

Perfil das mulheres

	Local de nascimento	Com que idade emigrou? Para onde?	Escolaridade	Estado civil	Filhos
Idade	Nascimento				
40	Boa Vista	6 anos, um país africano	Todo o liceu; Curso de Enfermagem	Solteira	1 em Roma
39	S. Nicolau	9, S. Vicente 15, Portugal 18, Itália	Quarta classe	Solteira	Não tem
32	Tarrafal, S. Nicolau	18, Itália	Não estudou	Casada há sete anos. Marido cabo-verdiano, em Roma.	1 em Cabo Verde com a avó
27	Lisboa, Portugal	7, Cabo Verde 25, Itália	Até ao segundo ano Cabo Verde	Solteira	2 em Cabo Verde com a bisavó materna
27	S. Nicolau	13, Itália	Liceu; curso de cabeleireira	Solteira	Não tem
48	Boa Vista	Praia, Portugal, Roma	Não estudou	Casada. Marido vive na Holanda	Não tem
31	Chã de Tanque, Santiago	Praia, Itália	Até à terceira classe	Casada desde 1996. Marido vive em Cabo Verde	Não tem
56	S. Nicolau	Praia, S. Nicolau, Itália	Primária	Casada desde 1982. Marido vive em Cabo Verde	Não tem
49	S. Vicente	Itália	Enfermagem	Divorciada (italiano)	3 na Itália, com o pai
47	S. Vicente	Praia, Itália	Quarta classe	Solteira	3 em Portugal, Cabo Verde
48	S. Nicolau	18, Roma	Pedagogia	Casada (italiano)	Não tem
62	Boa Vista	35, Roma	Quarta classe	Solteira	Não tem
74	Santo Antão	45, Roma	Não estudou	Solteira	Não tem
40	São Nicolau	20, Roma	Segunda classe	Solteira	1 na Itália

Metodologia

Adotamos uma metodologia qualitativa para investigar os conteúdos internos a propósito da condição de imigrante/emigrante. A estratégia de recolha de dados deveria estar de acordo com os objetivos do estudo, a natureza do objeto e a necessidade de compreender os conteúdos mais profundos que identificam processos de significação e atribuição de sentido à experiência migratória e a construção das representações sobre a mesma, consideramos que o método de pesquisa deveria permitir acessar a memória, os conteúdos inconscientes relativos às situações de vida, bem como os afetos nelas envolvidos.

Neste caso, os parâmetro e paradigmas para "caminhar no conhecimento", indicam uma preocupação com um nível de realidade não quantificável, com o aprofundamento sobre o mundo dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes que levam ao espaço mais profundo das relações, dos processos sociais e dos fenômenos. Com relação à migração, não tem sido consensual a definição sobre os instrumentos que seriam adequados para constituir um material sociológico perfeito. Chant (1989) mostra como o suporte em histórias ou causas individuais só tem sido aceite na pesquisa sobre migração, quando se descubra neles os vestígios de um ser coletivo, de uma história que seja, na verdade, uma história social, determinada por causas externas e impessoais que seguem a lógica racional e levam em conta a relação entre meios e fins e os interesses e as regras sociais. Caso contrário, considera-se que não colaboram para a elaboração de uma teoria da migração, pois, pela soma das respostas individuais, questões relevantes como, por exemplo, os motivos pelos quais as pessoas se mudam e o modo como se adaptam ao novo lugar permanecem sem respostas (Chant, 1989).

Ferraroti refere-se ao predomínio das pesquisas quantitativas, dos tratamentos numéricos e das formalizações durante o século 20. No entanto, este autor verificar que a utilização da autobiografia do imigrante, dos documentos biográficos como instrumentos possíveis e completos não deixam de ser utilizados. Diversos autores mantêm-se fazendo do método dos relatos de vida uma arte, sobretudo a partir da segunda metade do século em referência, buscando uma realidade que ultrapassa o narrador e

o produtor, explicando como os personagens e as famílias são reveladores das situações sociais, das relações com uma cultura no debate da vida cotidiana e, reafirmando, na sua opinião, que a pesquisa deve buscar o vivido social, o sujeito nas suas práticas, na maneira pela qual ele negocia as condições sociais que lhe são particulares. Quando o sujeito, o cotidiano e seus sentidos ocupam o centro das preocupações da pesquisa, explica o autor, o relato de vida toma novamente um lugar central e produz obras muito importantes. Ao contrário dos métodos quantitativos que resultam em muita técnica para pouco emprego numa sociedade em movimento e muita ambição explicativa das grandes elaborações teóricas que, contudo, é colocada em causa por uma história imediata.

No mesmo sentido, Ferraroti (1983), considera a relação entre história e as múltiplas histórias individuais, sublinhando dois aspectos: o carácter sintético do relato de vida (oposto aos resultados da sociologia analítica) e a possibilidade de "ler uma sociedade através de uma biografia"³. Neste trabalho, compreendemos que para tal "leitura", devemos utilizar instrumentos mais ricos e menos rígidos⁴ para alcançarmos aquilo que é digno de ser conhecido aquilo e não pode ser medido (Rodrigues, 1999).

Quando, no caso da migração, não se considerem os pontos de vista e as estratégias dos próprios migrantes, a ambigüidade e a variabilidade apontadas como inerentes à natureza do próprio fenómeno, permanecem escondidas nas generalizações das abordagens macro. Na medida em que o interesse é pelo conteúdo simbólico inscrito em tal situação, torna-se necessário aproximar-se da própria palavra dos migrantes, pela produção de um discurso sobre o cotidiano, suas justificações, táticas e recursos utilizados. Ainda, os instrumentos utilizados devem assegurar o alcance da contradição do próprio discurso e entre o que se diz e o que se faz, não

³ A obra de Ferrarotti é um dossier crítico de referências indispensáveis ao reconhecimento dos novos caminhos da sociologia qualitativa que fornece uma base teórica ao método das biografias situando-o doravante num campo epistemológico em "ebulição".

⁴ A este propósito, Ferrarotti mostra que o método não é apenas um meio de verificar um modelo interpretativo; as suas pesquisas sociológicas sobre as consequências humanas do desenvolvimento técnico e económico-industrial através unicamente de questionários estruturados e muito rígidos mostravam que este método relativamente rigoroso do ponto de vista metodológico formal, não permitia que aflorassem problemas como o mundo dos valores vividos e compartilhados e as experiências vividas. Conclui, então, o autor que, em nome de uma empiricidade de tipo paleo-positivista bruto e fragmentário, os aspectos da trama viva do mundo escapam ao domínio das ciências sociais., a trama vivida considerava determinados problemas não permitindo sequer que estes aflorassem. (Ferraroti, 1983)

para apontá-lo como significativo de uma ruptura mas para aproximar-se do investimento simbólico dos indivíduos e da negociação simbólica impostos pela situação -tradicionalmente apontada como ambivalente e dipolar- do migrante, vivendo entre dois Estados e duas culturas. Assim, pode-se mesmo verificar se essa dipolaridade é efetivamente vivida, ou, ao contrário, apresentada como uma construção *a priori* sem ecos no cotidiano.

Estudos de caso e histórias de vida são freqüentemente recusados pela investigação sociológica como instrumentos capazes de produzir um conhecimento adequado a propósito de um fenômeno social. Mas, ao contrário das críticas que lhes são dirigidas, estes instrumentos não são pretensamente neutros nem os seus resultados pretendem generalizações precisas e objetivas, já que o significado é o conceito geral de investigação e toma a subjetividade como constitutiva do social. Pela crítica a tais abordagens, considera-se que acentuam os processos psíquicos e, por isso, não atingem as causas sociais que conferem a objetividade e a possibilidade de explicar cada contexto particular no interior de um corpo coerente de hipóteses e teorias. Este fato apoia-se na crença de que fatores subjetivos e irracionais não podem ser capturados através do raciocínio objetivo e lógico dos pesquisadores, determinando, assim, que termos como fatores emocionais, irracionalidade do comportamento, determinações inconscientes possam ser apenas mencionados e não estudados (Rodrigues, 1996). Mas a cientificidade como idéia reguladora da pesquisa em ciências humanas é de alta abstração, pois, face à relatividade do processo de conhecimentos dos fenômenos e processos sociais, não pode se apresentar como sinônimo de modelos e normas a serem seguidos. Até porque não está absolutamente testado que as ciências da natureza já tenham atingido a expressão mais adequada de tal idéia de cientificidade (Minayo, 1994). A relatividade do objeto das ciências sociais descreve o seu caráter histórico, o que nos leva a considerá-lo sempre em relação a determinado espaço, formações sociais, configurações específicas, num presente marcado pelo passado e projetado para o futuro. O objetivo é o de trabalhar com produtos (vivência, experiência, cotidianidade, estrutura e instituições) como resultados da ação humana objetivada, o modo de

conhecimento exterior ao sujeito, a interioridade e exterioridade dos fenômenos constituídos pelo pensamento e sua base material (Bourdieu,1998).

Como aponta Bourdieu, a prática da pesquisa não encontra a sua expressão mais adequada nas prescrições de uma metodologia mais cientista ou na abordagem inclinada à fusão afetiva. O domínio de padronização dos procedimentos, dos velhos princípios metodológicos, imitações do rigor das disciplinas científicas não consideram o essencial que os pesquisadores que respeitam o seu objeto conhecem há muito tempo: estar atento "às sutilezas quase infinitas das estratégias que os agentes sociais desenvolvem na conduta comum da sua existência (1998,p.693). Pela especificidade do campo humano, os procedimentos não são uniformes, cabendo mesmo a interrogação sobre a possibilidade de objetivação quando tratamos de uma realidade da qual nós próprios somos agentes. Não há que temer as implicações pessoais do pesquisador para com o tema, ao contrário, devem ser consideradas nas condições de pesquisa e incorporadas como critério de realidade. Mesmo que tenha por fim o mero conhecimento, trata-se, a pesquisa, de uma relação social como as experiências comuns, mas, que exige uma atenção ao outro e uma abertura oblativa que raramente encontramos da experiência comum (Bourdieu, 1998, p.701). Pelas suas características de relação social, traz os efeitos da estrutura social na qual ela se realiza para os resultados obtidos. É necessário, portanto, que o pesquisador reconheça e domine as possibilidades de violência simbólica que podem afetar as respostas e também as possibilidades de distorções na própria relação de pesquisa., medindo a amplitude e a natureza da distância entre a finalidade da pesquisa tal como é percebida e interpretada pelo pesquisado, e a finalidade que ele próprio tem em mente. As distorções podem, assim, ser reduzidas ou, então, pelo menos o pesquisador poder compreender o que pode ser dito e o que não pode, as censuras que o impedem de dizer certas coisas e as incitações que encorajam outras.

Geralmente, é o pesquisador quem atribui à entrevista, de maneira unilateral e sem negociação prévia, os objetivos e hábitos, e, esta dissemetria revela também a dissemetria social "todas as vezes que o

pesquisador ocupa uma posição superior ao pesquisado na hierarquia das diferentes espécies de capital, especialmente do capital cultural" (Bourdieu, 1998, p. 695). Emerge, assim, também, a questão de aparência contraditória sobre a escuta ativa e metódica do pesquisador, afastada tanto da pura não-intervenção da entrevista quanto do dirigismo do questionário. Considera Bourdieu que a postura que se deve adotar "associa a disponibilidade total em relação à pessoa interrogada, a submissão à singularidade de sua história particular que pode conduzir (...) a adotar sua linguagem e a entrar em seus pontos de vista, em seus sentimentos, em seus pensamentos, com a construção metódica, forte, do conhecimento das condições objetivas, comuns a toda uma categoria" (1998,p.695).

Instrumentos metodológicos

Na medida em que as significações atribuídas à experiência migratória se referem a conteúdos que dão conta dos mundos subjetivados e interiorizados e do investimento simbólico dos indivíduos, os instrumentos metodológicos devem possibilitar a evidenciação de processos que não são conscientes para os sujeitos, mas se encontram presentes na própria palavra, no discurso produzido sobre o cotidiano e as táticas e estratégias nele utilizadas pelos sujeitos, bem como as suas teorias sobre o mundo.

Sobre a entrevista como instrumento metodológico não há uma reflexão profunda porque os componentes emocionais e sua dinâmica são tratados como aspectos irracionais e, por se tratar de uma interação humana, não tem regras fixas e imutáveis, nem permite que se alcancem normas operacionais rígidas. Lembra-nos Ferraroti (1983), a propósito da entrevista biográfica, que seus aspectos se referem a uma interação social complexa, um sistema de papéis, de expectativas, injunções, normas e valores implícitos e, possivelmente, sanções. Cada entrevista biográfica esconde tensões, conflitos, hierarquias de poder, e o relato de vida se situa no interior de uma reciprocidade relacional mesmo que o interlocutor aparentemente pareça recusar qualquer reciprocidade. Por isso, as formas e conteúdos de um relato biográfico variam conforme o interlocutor e dependem da interação que representa o campo social da comunicação.

Por seu lado, conforme mencionado acima, Rodrigues afirma que o caminho para uma investigação qualitativa em profundidade com a utilização das técnicas de entrevistas abertas ou guiadas por roteiro não pode contar com regras estipuladas tal como no procedimento quantitativo; em geral, são deixadas por conta do 'talento' do pesquisador, como se a palavra "empatia" pudesse tocar todas as implicações ao problema e os fatos irracionais fossem, de fato, algo que existe mas não pode ser apreendido pela razão. Ao mesmo tempo, a possibilidade de captação dos significados mais profundos e encobertos da verbalização tem sido discutida pela teoria psicanalítica como ênfase na situação dual e nos procedimentos que formam o *setting* analítico. O método desenvolvido por Rodrigues, com base em um tipo de entrevista, mostra que esses procedimentos podem ser reproduzidos fora do contexto analítico e, associados a procedimentos que visam captar as disposições básicas dos indivíduos, resultam na produção de um material que revela as representações, o tipo de percepção, os recursos explicativos (Rodrigues,1999)⁵. A entrevista é, assim, compreendida no que se produz como um tipo de discurso passível de análise, num ambiente imediato que suscita e mobiliza percepções e fantasias que imprimem seu selo ao material fornecido pelo indivíduo que produz o discurso (Rodrigues,1978).

O método permite acessar a memória, os conteúdos inconscientes relacionados com as situações de vida atual e anterior e os afetos nelas envolvidos, tomando as histórias, em primeiro lugar, e considerando que, tanto a nível cognitivo como emocional, existe uma contínua interação entre o indivíduo e o ambiente, o aqui-e-agora mobiliza, modifica, determina os conteúdos emergentes e, por conseguinte, o material produzido pelos indivíduos, já que não existe um universo fixo externo ou interno ao indivíduo (Rodrigues,1978).

As técnicas metodológicas que adotamos neste trabalho foram utilizadas em diversas investigações realizadas por Rodrigues, tendo sido acrescentados ao instrumental metodológico alguns recursos que vinham

⁵ A autora considera que o objetivo de captar o universo intrapsíquico dos indivíduos não pode ser alcançado pela técnica do questionário, pois este pressupõe a possibilidade de se isolar os "elementos" de um determinado fenômeno. Tais elementos, afirma, possuem identidade imutável em qualquer

sendo experimentados pela autora, como instrumentos para a aproximação do tema da investigação⁶. O instrumental metodológico é composto da combinação de uma localização amostral e abordagem dos indivíduos, discurso livre produzido pelos mesmos, espontaneamente, perguntas intermediárias e, por fim, a aplicação de um questionário sócio-econômico.

A localização amostral, a abordagem dos indivíduos e o discurso livre seguem todos os cuidados necessários para que não se produza nos indivíduos sentimentos paranóides em relação ao que será solicitado pelo pesquisador em relação ao encontro.

O discurso livre, parte central do método, é a fala espontânea do entrevistado e, as condições para a sua produção devem permitir que seja livre de qualquer objetivação ou controle. Propõe-se, inicialmente, a elaboração do discurso livre, pois, permite a captação de associações, fantasias, visões de mundo, percepção de si e das mudanças de vida mediadas pela presença dos afetos e das emoções (Rodrigues, 1992,1996).

As perguntas intermediárias pretendem explorar as respostas ao tema da migração e ao significado da vida de migrante. Tem por finalidade, portanto, aproximar a fala do entrevistado do tema central da nossa pesquisa e só deve ser aplicado de acordo com o que o sujeito já produziu na fala espontânea, portanto, evitando-se a repetição de assuntos já abordados anteriormente por ele de forma livre. Neste momento da entrevista, também procuramos que o entrevistado produza um discurso livre após a orientação dada em cada pergunta.

Como recurso para observar o *habitus* aplicamos, por fim, um questionário sócio-econômico detalhado para procuramos dados sobre as condições objetivas tanto do indivíduo como do grupo e que, na análise, deverão ser relacionados com as disposições subjetivas detectadas no discurso livre.

contexto, e não são definidos a partir da posição que ocupam dentro de um conjunto (Rodrigues, 1989; 1999).

⁶ Em acordo com a autora, neste trabalho o instrumento de "Perguntas Intermediárias" após o discurso livre foi aplicado pela segunda vez. A primeira aplicação fora realizada anteriormente na pesquisa "O hiato entre o conhecimento sobre as vias de transmissão e as práticas de prevenção em relação à AIDS entre estudantes da USP: a atuação das ideologias coletivas de defesa", de autoria de Arakcy Rodrigues (1999) e em que participamos como assistente de pesquisa. As discussões sobre este novo recurso foram interrompidas com o falecimento da autora, no ano seguinte.

Toda a neutralidade possível tem por objetivo a construção de um espaço interacional preenchido pela fala espontânea do entrevistado, que deve ser gravada. A finalidade do discurso livre é a captação de associações, fantasias, visões de mundo, percepção de si mesmo, padrão de explicação para as coisas, etc. A presença de indícios das suas elaborações inconscientes, dos afetos e sentimentos que percorrem a fala deve ser identificada e registrada pelo entrevistador que, para tal, após a entrevista, procura reunir num relato único as correspondências entre a fala do entrevistado e suas manifestações físicas e corporais durante o relato. Estas condições permitem que, posteriormente, o discurso livre seja passível de uma análise de discurso de acordo com a "lei da associação livre" de Freud (Rodrigues, 1998) e que leva em conta, igualmente, a transferência e a contra-transferência. As dificuldades com o discurso livre ultrapassam a questão da "privacidade" e "intimidade" dos conteúdos relatáveis porque suscita outras dimensões como: o fato de colocar diferentes partes do processo lado a lado, a percepção da coerência interna que as partes têm entre si e a compreensão de que algum princípio lógico fundamenta a sua estruturação (Rodrigues, 1984).

A metodologia aplicada apresenta uma flexibilidade que permite abarcar informações não previstas pelo pesquisador e que muitas vezes escapam à própria vigilância dos entrevistados. A técnica do discurso livre autobiográfico, a análise de poucos casos em profundidade tem a intenção de detectar modelos dentro dos quais se imbricam variáveis geralmente utilizadas em pesquisa empíricas quantitativas. Estas não podem recolher as diferentes sensibilidades dos informantes e não reconhecem a heterogeneidade do conjunto dos dados, tal como detectamos pela metodologia qualitativa (Rodrigues, 1984).

As entrevistas

Procurei as mulheres que queria conhecer na cidade de Roma e, antes mesmo de nos encontrarmos, como que numa orquestração sem maestro, cada uma, num ponto da cidade, colaborava para traçar o meu mapa de Roma, ao me explicar, por telefone, como deveria proceder para chegar até elas; o ponto em encontrara uma num dia era, no dia seguinte,

ligado por um traço que me levava ao lugar em que encontraria a próxima pessoa com que conversaria. Portanto, juntas, cada uma em seu momento, me construíram a planta de Roma, a que conhecem e pisam todos os dias. Fizemos um mapa do avesso de Roma, no meio de tantos mapas de uma das cidades mais turísticas do mundo. E não haverá mapa mais preciso! Todas as indicações, os caminhos, os meios de transportes que deveria tomar, os horários para chegar a tempo e, sobretudo, o ponto em que deveria descer do ônibus ou estação de metrô, sempre estiveram milimetricamente corretos. Nunca foi necessário andar mais para a frente, mudar de rua, descer mais atrás, meus passos foram seguramente guiados na cidade onde nunca estivera antes.

Amostra

Prevíamos a escolha de mulheres que tivessem chegado à Itália até ao início da década de 1980. Consideramos que o tempo de estadia influencia as elaborações a propósito da experiência de mudanças e é decisivo para a consolidação de hábitos, práticas e relações no novo meio. Por outro, a julgar pela época em que os fluxos clandestinos ganham força na Itália, pareceu-nos que as imigrantes com entrada até 1980 estariam agora com a situação regularizada. Não tínhamos pretensão de representatividade na amostra, mas a escolha de 15 a 20 sujeitos nos pareceu garantir a diversificação na amostra: mulheres que tivessem chegada à Itália em diferentes épocas, apesar de ser uma imigração relativamente recente. O número escolhido permitiria, ainda, identificar, pelas entrevistas em profundidade, regularidades e singularidades no conjunto das entrevistas. Contávamos que esta demarcação não circunscrevesse automaticamente o nível escolar, a idade e o estado civil; ao contrário, esperávamos que a diversidade estivesse garantida no conjunto.

Para a obtenção de informações essenciais sobre as imigrantes que nos permitiriam escolher as pessoas a entrevistar, considerávamos, antes da deslocação, que seria possível solicitar listas de imigrantes em associações a elas vocacionadas, ou, como última alternativa, recorrer a uma lista oficial da Embaixada de Cabo Verde. A preferência pela primeira

opção devia-se à nossa intenção inicial de garantir o contato também com mulheres em situação irregular. Porém, ao chegar a Roma, verificamos que o contato com as associações se resumiria, eventualmente, ao encontro com um dos seus dirigentes, já que a maioria funciona de forma muito precária, sem sede própria e com poucos recursos. Ainda, em conversas informais com pessoas que pertencem à comunidade, concluímos que apenas na Embaixada de Cabo Verde seria possível obter informações mais precisas sobre o número de imigrantes, já que, pelo que nos foi dito, as associações não possuem um serviço de dados com informações precisas sobre a comunidade. O trabalho dessas associações não é regular, e é mais intenso em períodos de realização de festas ou encontros com a comunidade. Apenas uma delas, a mais antiga, que existe há 40 anos, funciona regularmente, em alguns dias da semana, mas não mantém um banco de dados sobre a comunidade.

A Embaixada de Cabo Verde em Roma possui um arquivo bem organizado com as informações dos serviços consulares a respeito de cada imigrante que alguma vez tenha procurado os seus serviços. Cremos que a procura é intensa, em primeiro lugar, porque o número total de inscritos nos serviços consulares coincide e mesmo ultrapassa um pouco as estatísticas de 1998, segundo a qual, haveria 7.000 imigrantes em Roma. Em segundo lugar, foi-nos possível observar durante alguns dias que a procura pelos serviços consulares é grande, principalmente às quintas-feiras à tarde, quando, tradicionalmente, as empregadas domésticas têm folga do trabalho⁷

A escolha das mulheres começou aleatória, nos arquivos da Embaixada de Cabo Verde em Roma. Não tínhamos intenção de representatividade do conjunto dos sujeitos, considerados, portanto, alternativas possíveis dentro do grupo e no mundo da migração, sobre os quais se pretende perceber um mundo de significados das ações e relações e, portanto, não captável em equações, médias e estatísticas (Minayo, 1994).

⁷ Em vista disto, a própria embaixada modificou os seus horários para poder atender nesse período também.

Utilizamos o procedimento da amostragem obtida pela tabela de números equiprováveis que garante a aleatoriedade na escolha das imigrantes e maior representatividade dos diferentes perfis das migrantes. As pastas individuais dos inscritos na embaixada permanecem guardadas em vários arquivos e, cada uma possui um número. A numeração segue apenas a ordem cronológica de solicitação da inscrição. Cada pasta contém informações sobre a data de chegada à Itália e de todas as entradas e saídas do país, número de filhos, estado civil e possíveis mudanças neste, bem como procurações que os imigrantes enviam a familiares ou amigos em Cabo Verde autorizando a realização de investimentos em seu nome ou de qualquer trâmite que seja necessário junto a instituições oficiais. Estes últimos documentos referem-se, por exemplo, a propriedades ou heranças recebidas. Também encontramos procurações que autorizam a pessoa escolhida em Cabo Verde a representar o imigrante quando este contrai matrimônio com alguém que ainda está no país de origem. De igual modo, quando o imigrante precisa inscrever-se ou usufruir de algum benefício social junto a instituições italianas, recorre à Embaixada para que esta comprove a sua nacionalidade. As cópias destes documentos também ficam arquivados na sua pasta. Também encontramos documentos que são listas de materiais enviados para Cabo Verde por via marítima, principalmente os pertences de pessoas que regressam definitivamente: cama, geladeira, fogão, mobiliário diverso e pequenos objetos de uso pessoal.

Realizamos um sorteio escolhendo, em cada um dos arquivos, um número determinado de pastas. Consideramos o número já registrado nas pastas e utilizamos a tabela de número equiprováveis. A seguir, fomos verificar se a pessoa escolhida preenchia os requisitos iniciais. Várias vezes voltamos aos arquivos porque, principalmente as pastas que se referiam a inscrições mais recentes, muitas vezes, pertenciam a crianças ou homens. Ficou evidente que, nos últimos tempos, a tendência é para a diversificação do perfil da comunidade, com a entrada de mais indivíduos do sexo masculino e o nascimento de crianças, ou a sua vinda de Cabo Verde. Também encontramos vários casos de pessoas que não moram em Roma,

mas recorrem aos serviços da Embaixada por não haver representação consular de Cabo Verde em seu local de residência⁸.

Abordagem

Uma das principais dificuldades encontrada foi, sem dúvida, o fato de que, em muitos casos, as informações sobre o endereço ou o contato com a pessoa não estarem mais atualizados. Isso revela que tais pessoas não têm viajado de férias para Cabo Verde porque, após alguns anos, é necessário renovar o passaporte, trâmite este que também fica registrado. Por outro lado, o contato telefônico se revelou difícil. Por regra do nosso método, o contato deve ser feito diretamente com a pessoa, à qual se explica os motivos da solicitação do encontro. Desconsideramos a possibilidade de fazê-lo através dos patrões, por exemplo, porque, com este procedimento certamente se sentiriam envolvidos no trabalho.

Verificamos que as mulheres que trabalham como empregadas domésticas cumprem regras rígidas estipuladas pelos patrões quanto ao uso do telefone, sendo muito difícil contatá-las por essa via. Depois, descobrimos que, quando querem se comunicar com as amigas, por exemplo, combinam antecipadamente um horário e ficam atentas ao toque do telefone na hora combinada. Antes de conhecer esta regra tentamos contatar algumas por telefone, em diferentes horários do dia. Em muitos casos, o fato de lhes telefonar uma pessoa desconhecida (embora do mesmo país) suscitou imediatamente a negativa quanto à entrevista e a pergunta mais comum era sobre os procedimentos que tinha realizado para obter o seu contato. É certo que o fato de explicar que tinha sido obtido de forma aleatória junto aos arquivos da embaixada diminuía a ansiedade, mas, mesmo assim, o recurso seguinte que adotavam era o de prometer telefonar posteriormente e, no entanto, não mais se comunicar. Nestes casos, voltávamos a insistir alguns dias mais tarde mas, freqüentemente, colocavam a dificuldade em dispor de tempo livre para o encontro, explicando que, durante a folga de quinta-feira ou domingo (sempre à

⁸ Em toda a Itália, Cabo Verde mantém representação consular em Milão, Turim e Florença, além de Roma. Também, desconsideramos as pastas que se referiam a pessoas que já regressaram ao país, ou, realizaram uma segunda imigração dentro da Europa, deslocando-se, principalmente para a França, Holanda ou Portugal.

tarde), já estava destinada à realização de tarefas como ir fazer compras, enviar alguma coisa para Cabo Verde⁹, ir telefonar para familiares ou amigos residentes em Cabo Verde ou outros países da Europa.

Depois de algumas tentativas frustradas, concluímos que existem restrições no que se refere à utilização do telefone no trabalho para assuntos pessoais e passamos a procurá-las no melhor horário para serem elas a atender o telefone era próximo às duas horas da tarde, horário de sesta dos empregadores. Também o período entre as 13 e 14 horas de quinta-feira se mostrou favorável, pois, é quando aguardam o contato com as amigas para combinarem algum encontro durante a folga. Todavia, antes de conhecer esta estratégia, muitas vezes, um dos patrões é que atendia e a nossa conversa era marcada pela dificuldade com a língua e pela grande desconfiança que demonstravam, tentando investigar sobre os motivos de querer um contato com a empregada, o assunto a tratar e como tinha conseguido obter o telefone. Estas questões não eram respondidas por nós e apoiávamo-nos nas dificuldades com a língua para não fornecer explicações. Pareceu-nos que, nestes casos, a preocupação relacionava-se com o medo de ser uma investigação sobre as condições de trabalho e a sua situação da imigrante como trabalhadora. Muitas vezes solicitávamos que transmitissem o recado de que tinha telefonado, mas, em nenhuma situação houve retorno da ligação por parte da pessoa que procurávamos. Recorremos ao conhecimento informal de funcionários da embaixada sobre as pessoas que constavam da nossa amostra e, através deles, obtivemos o contato atual da pessoa escolhida. Para garantir o anonimato dos nossos sujeitos, aumentamos muito o número de pessoas a contatar e, assim, pedíamos informações sobre todos, mas, depois, escolhíamos os que, de fato, contataríamos.

Foi como se tivéssemos restringido o nosso universo inicial e realizássemos uma segunda escolha. Deste modo, não era possível aos nossos informantes, saber quem, de fato, seria entrevistado porque o último contato- para marcar o horário e local do encontro- era realizado diretamente. A propósito da possibilidade de escolha dos pesquisados apresentados por pessoas conhecidas, Bourdieu considera que a

⁹Através da única agência de viagens que realiza este tipo de serviço e que pertence a um cabo-verdiano

proximidade social e a familiaridade asseguram as condições para uma comunicação não violenta e, se o interrogador é percebido como alguém que está socialmente próximo, o interrogado pode perceber que a permutabilidade entre eles é possível. Esta serviria como garantia contra a ameaça de ver as suas razões subjetivas reduzidas a causas objetivas e suas escolhas vividas como livres reduzidas a determinismos objetivos. Mas, considera o autor, o universo das categorias sociais que podem ser atingidas pelas condições de familiaridade têm seus limites porque os riscos sobre o que o interrogado tem ao se expor também se apresentam, mesmo que compartilhem o essencial, a quase totalidade das características capazes de funcionar como fatores explicativos mais importantes de suas práticas e de suas representações (Bourdieu, 1998, p.696-697)¹⁰.

Assim, logo seguimos o caminho dos fios que tecem um mesmo tecido que é a migração, fazendo com que cada encontro continuasse no seguinte, pois, quem falara por último, também indicava pessoas que poderia nos deixar ouvir as suas histórias. Também nas visitas ao salão de convívio da associação religiosa Tra Noi, lugar de encontro nas horas de folga, além de pessoas já conhecidas, fizemos contato com várias pessoas.

Realizamos as primeiras entrevistas enquanto procurávamos acertar os demais contatos. Verificamos que as primeiras a responder favoravelmente à solicitação foram as três mulheres que mudaram de profissão. Como a sua aceitação fácil e imediata para conceder entrevista aconteceu em meio a recusas, levantamos a hipótese sobre uma visão mais favorável sobre si mesmas, ao contrário de uma visão geral que pode reinar entre a maioria, sobre as representações das trabalhadoras em relação ao que desempenham e a aceitação de uma percepção negativa exterior sobre o seu trabalho.

Em todos os contatos, conforme as instruções, explicávamos os passos que seguimos até chegar a ela e esclarecíamos que a entrevista seria longa. Sobretudo o primeiro cuidado mostrou-se importante por causa dos fortes laços entre os membros da comunidade, que geram desconfianças e fantasias sobre quem pode estar por detrás de alguma

¹⁰ Contamos retomar esta questão no momento da análise, observando se haverá especificidades nos discursos que indiquem a influência da familiaridade ou do distanciamento.

indicação e quais os seus motivos. A explicação sobre o método de escolha pareceu ter sido aprovado por todas as entrevistadas.

Em todas as ocasiões, marcamos um novo encontro para que houvesse mais tempo disponível, à exceção das entrevistas realizadas na sede da Tra Noi, favorecidas por se tratar de um horário em que as pessoas tinham disponibilidade naquele momento, calculando que seria o suficiente antes do início das atividades coletivas.

Durante um mês realizamos o contato e as entrevistas. Destacamos as adaptações que tivemos que fazer com relação às instruções que devemos seguir para a aplicação do método, e que se deveram às dificuldades que têm a ver com a própria natureza do campo. Conforme descrevemos acima, as diversas tentativas de seguir a intenção inicial com relação ao campo nos levaram a pensar sobre outras formas de contatar as imigrantes, de um modo que não comprometesse os objetivos que se pretendem com a utilização dos instrumentos metodológicos, em particular, o discurso livre.

O campo diz-nos o que é possível e o que não é possível fazer e, as dificuldades encontradas, na verdade conduziram-nos em direção ao que a comunidade de cabo-verdianos vem construindo nos interstícios da sociedade italiana. Para chegar às cabo-verdianas, foi preciso seguir "as pistas" que me deixavam, abandonar, em parte, o script original, estabelecer uma espécie de "convivência negociada"; estar de posse de informações oficiais sobre elas, não foi suficiente para encontrá-las e, nos parece que, efetivamente, a aproximação se deu após uma certa negociação. Quer dizer, o fato de que, para localizá-las, ter sido necessário acrescentar às informações oficiais sobre elas encontradas nos arquivos da Embaixada, o conhecimento informal de informantes da comunidade, nos remete a uma forte presença da comunidade, à importância das redes de relações no seu seio. Também indica que, para qualquer elemento externo à comunidade, é preciso conhecer as regras e a elas se adaptar¹¹. Essas redes são o meio de comunicação, a forma que as sustenta, até porque, é através delas que conseguem empregos para si e para as amigas. Também,

¹¹ Agradecemos à Leny Sato pelas sugestões de leitura e compreensão da realidade do campo durante o trabalho de pesquisa, apresentadas neste parágrafo.

por essas redes, mantêm o contato entre Cabo Verde e a Itália. Seguindo as análises de Lautier e Pereira (1994) sobre o trabalho doméstico, nos inclinamos a pensar que seria difícil trabalhar em funções subalternas, longe daquilo que é familiar sem ter essas redes. No entanto, são redes que dão suporte mas, ao mesmo tempo, exigem que o imigrante aja de acordo com as regras estabelecidas, para que o espaço conquistado pelo grupo na imigração possa ser protegido. Essas redes, freqüentemente, dificultam a entrada de agentes externos, mantendo-se voltadas quase exclusivamente para a comunidade (Portes, 1999).

Local de realização

No caso das entrevistadas que moram no próprio local de trabalho, foi maior a dificuldade para escolher um local para o encontro, pois, deixavam claro que não poderia ser no de trabalho. Apenas uma das entrevistadas fez questão que o encontro tivesse lugar em casa da patroa e fosse realizado na sala desta. Apesar de morar numa casinha "ali pertinho", segundo informou, ficou visível que, tanto ela como o marido¹² permanecem mais tempo em casa da patroa onde, aliás, ocupam um dos quartos. A entrevista centrou-se nas boas relações que mantém com a patroa, tendo salientado várias vezes que o seu caso é excepcional entre as cabo-verdianas.

Apenas em mais uma ocasião realizamos a entrevista no pequeno quarto de fundo ocupado pela imigrante em casa dos patrões. O prédio é grande e agradável, mas todos os empregados dos apartamentos vivem na cave, em quartos muito pequenos e com sinais de umidade nas paredes.

Em cinco ocasiões, foi possível realizar as entrevistas nas próprias casas, o que nos permitiu verificar as dificuldades da opção de ter sua própria casa: normalmente são lugares de mais difícil acesso ou, então, as dependências dos fundos de uma casa ou prédio, muitas vezes, lugares com muita umidade¹³. Mas, morar em casa própria significa mais independência e é sinal de ascensão social e melhor condição de vida. A exceção é quando

¹² Recém-chegado a Holanda e que agora fora prontamente acolhido pela patroa que tenta arrumar-lhe um emprego

¹³ Pareceu-nos que, o fato de irmos ao seu encontro, a partir das indicações de localização que nos forneciam era um aspecto positivo, que contribuía para a proximidade na entrevista.

a pessoa é obrigada a isso por ter filhos, como foi o caso de uma das entrevistadas¹⁴. Observamos que, nos últimos anos, tem se tornado prática entre as mulheres de imigração mais recente e que são mais jovens, a divisão entre si de um lugar para morar. Atribuem esta nova prática à sua vontade de se manterem mais autônomas e evitar abusos da parte dos patrões como, por exemplo, o de não cumprirem os horários estipulados para as suas folgas ou descanso à noite, à pretexto de precisarem dos seus serviços quando recebem convidados para jantar. As mais novas têm preferido o trabalho como diaristas que lhes dá maior liberdade.

Numa das ocasiões, entrevistamos uma imigrante que desempenha funções ligadas a uma profissão liberal (cabeleireira) e mora com a mãe e o marido desta que é italiano. O bairro escolhido é de classe média, de fácil acesso e o apartamento tem boas condições de moradia. Não ficou claro se pertence à mãe ou ao seu companheiro. A imigrante entrevistada orgulha-se de ter uma profissão que é valorizada entre as suas amigas imigrantes. O salão de cabeleireiro em que trabalha como empregada atende principalmente cabo-verdianas e outras imigrantes africanas.

Também, a entrevista à única freira do nosso grupo de imigrantes (converteu-se durante a imigração) teve lugar no apartamento simpático e bem cuidado onde mora com mais duas irmãs de uma ordem composta só por cabo-verdianas e fundada por um padre indiano. Esta irmã está quase cega, tendo que permanecer a maior parte do tempo em casa. As outras freiras com que divide o apartamento realizam trabalhos de assistência entre a comunidade cabo-verdiana e na igreja do bairro e trabalham como domésticas durante parte do dia, em residências no próprio prédio em que moram ou nas redondezas.

Também entrevistamos uma senhora com diabetes em grau avançado, que mora sozinha num bairro mais afastado, nos fundos do quintal de uma casa onde o dono aluga vários quartos-sala. Esta senhora depende da boa vontade dos vizinhos e amigos (como as freiras cabo-verdianas, por exemplo) para se deslocar ao hospital ou comprar alimentos. Sua casa é bastante úmida e, embora ainda estivéssemos no outono,

¹⁴ Neste caso representou um acréscimo nas dificuldades financeiras para manter-se e à filha, além de precisar pagar o aluguel.

mostrava-se fria e desagradável. Esta senhora mora há muitos anos em Roma e a aposentadoria que recebe corresponde quase ao salário de um técnico de nível superior em Cabo Verde. O seu argumento para não regressar é o de que, em Cabo Verde, não há remédios para controlar a diabetes, o que, provavelmente, ocorria no período em que emigrou.

A maior parte das entrevistas, entretanto, foi realizada em lugares públicos como praças, sala de uma empresa de telefone freqüentada por imigrantes sobretudo às quintas-feiras e domingos quando vão telefonar para longe. Ainda, duas entrevistadas sugeriram que o encontro fosse num café público. Dois encontros aconteceram numa das salas de convívio de um centro ligado à igreja católica e onde, às quintas-feiras e domingos, as imigrantes se encontram para rezar, jogar cartas, trocar notícias de Cabo Verde. Nestes casos, as entrevistas foram marcadas em horários em que os freqüentadores ainda não se encontravam lá.

As entrevistas realizadas em lugar público aconteceram sempre às quintas-feiras ou aos domingos, de acordo com os horários de folga das imigrantes nesses dias da semana, em que parte do dia deve ser destinado ao seu descanso.

As três entrevistadas que agora não desempenham mais funções de empregadas domésticas escolheram dias da semana, durante o dia. Também a imigrante que aceitou ser entrevistada no local onde trabalha, nos atendeu numa terça-feira ao final da tarde. O mesmo aconteceu com a freira e a senhora que está aposentada por causa da diabetes. Uma das imigrantes que mora numa pequena casa dos fundos com a sua filha, escolheu um sábado, o mesmo dia escolhido pela entrevistada que nos atendeu na sala da sua patroa.

O contato entrevistado-entrevistador

Todos os cuidados em relação ao encontro tinham por fundamento a proposta de o entrevistado produzir um discurso livre, com o mínimo de intervenção possível, para obter o tipo de material que pretendíamos para a análise.

A produção do discurso livre sugere um campo relativamente neutro, não ocupado por situações objetivamente ansiogênicas ou por bloqueio

emocional e que permita ao indivíduo "seguir a trilha das determinações internas" (Rodrigues, 1999).

As pressões específicas desta situação devem-se à intenção de captar a lógica e o princípio de estruturação das práticas e representações dos agentes e as dimensões inconscientes do entrevistado, o que não pode ser feito a partir da lógica do entrevistador.

A exigência de neutralidade ainda se mantém quando o entrevistador introduz as perguntas intermediárias, o que acontece somente quando verificar que, de fato, o indivíduo esgotou o seu discurso livre. As perguntas intermediárias são bastante abertas, de modo a que o entrevistado novamente produza um discurso livre, agora sobre o tema genérico sugerido, procurando caminhar do mais geral ao mais particular.

A aplicação do questionário-vida não pressupõe a neutralidade e permite a intervenção por meio de perguntas objetivas sobre a história de vida do entrevistado.

O discurso livre é o instrumento metodológico mais importantes para detectar as categorias construídas pelas migrantes para falar de si e da migração. Caso fossem colocadas perguntas ou itens de um roteiro, certamente não seria possível detectar as principais categorias de pensamento das mulheres, suas representações e a forma de estruturação destas.

Inicialmente, eram expostas as razões pelas quais a entrevista estava sendo realizada, o modo como chegamos até à pessoa e solicitávamos a sua colaboração. Dizíamos que estávamos realizando um trabalho sobre a vida das pessoas, para saber o que elas fazem, pensam, sentem, o que acham das coisas e que, por isso, a tínhamos contatado. Pedíamos licença para gravar e, a seguir, sugeríamos que falasse sobre tudo o que quisesse, que qualquer coisa que pudesse nos dizer interessaria, e deixávamos que a pessoa começasse a falar¹⁵. As omissões referem-se ao fato de não mencionarmos o fato de investigarmos sobre a migração, pois, acreditamos que, caso fosse colocado *a priori*, não seria possível verificar onde a pessoa coloca este assunto no conjunto dos dados da sua vida. Entretanto, foi o

assunto que, com maior predominância escolheram para começar a falar de si, o que confirma a sua centralidade na vida destas mulheres.

Esta etapa foi a que mais suscitou dúvidas por parte das entrevistadas; a maioria insistia em que fizesse perguntas porque não sabia o que dizer que pudesse me interessar. Efetivamente, em poucas ocasiões a pessoa começou a falar sem antes tentar várias vezes que eu fizesse perguntas diretas. Também foi comum que interrompessem várias vezes durante a entrevista para pedir orientações, ao que respondíamos, conforme as instruções, dizendo que estava indo muito bem e que era aquilo mesmo que gostaríamos de ouvir. A tarefa de atuar como facilitadora durante a produção do discurso livre, reduzindo a interferência ao mínimo tem o objetivo de permitir que o indivíduo inicie o seu discurso, o que, comumente, suscita a necessidade de "arrumar", "fechar" os dados que lhe são significativos¹⁵.

O tempo longo da entrevista foi objeto de observações por parte de quase todas, embora, como previsto nas instruções, tivéssemos solicitado anteriormente que o encontro se realizasse numa ocasião em que pudessem dispor de tempo. A maioria demonstrou cansaço quando, ao final, aplicávamos o roteiro de Perguntas Intermediárias ou o questionário sobre a situação sócio-econômica. Principalmente durante a aplicação do roteiro, começavam a perguntar se ainda ia demorar muito, observando que já tinham falado tudo sobre a sua vida. Em algumas ocasiões, o incômodo era tão grande que sugeríamos continuar a entrevista noutra ocasião o que não foi aceite por nenhuma das entrevistadas.

As perguntas sobre a entrevistadora também foram colocadas por todas, no início da entrevista e também ao final. Queriam saber, basicamente, a que ilha pertencia, quem era a sua família e onde morava. Todas tinham ficado com a idéia inicial de que a entrevistadora vinha de Cabo Verde para realizar as entrevistas e para lá voltaria, ao final.

¹⁵ As razões para o cuidado extremo sobre a entrevista e uma atitude honesta em relação ao entrevistado, evita, para o próprio pesquisador, sentimentos de culpa por estar sendo aceito como um amigo, quando, na verdade, tem um propósito dissimulado (Rodrigues, 1999).

¹⁶ Rodrigues afirma que a sua experiência neste campo não confirma a idéia comum entre os cientistas de que as pessoas não falam extensivamente com quem não conhecem. Ao contrário, uma vez convencidas de que não haverá utilização além daquela exposta pelo pesquisador e que se trata mesmo de uma pesquisa acadêmica, tendem a se abrir (Rodrigues, 1999).

Quanto à língua utilizada, a maior parte optou pelo crioulo de Cabo Verde, intermediando, no meio, com palavras em italiano. Apenas a senhora que é aposentada por doença (diabetes) falou sempre em italiano. Na maioria das entrevistas, o começo era com o português, a língua dos encontros formais em Cabo Verde, mas, rapidamente, optavam pelo crioulo, a nosso ver, no momento em que o pouco domínio do português, atrapalhava o mergulho nas formulações pessoais suscitadas pelo discurso livre.

A utilização do gravador suscitou também comentários no início da entrevista, principalmente, a propósito de ser, afinal, uma entrevista importante. Em uma ocasião, a pessoa começou por apresentar-se, dizendo o nome, idade, a origem e onde morava, enquanto falava diretamente para o aparelho. Muitas lançavam olhares para o gravador durante a entrevista, procurando verificar se já terminara a fita. Também, o fato de apresentar outra fita quando a primeira terminava, provocava exclamações sobre a intenção da entrevistada de fazê-las falar muito, o que, na sua opinião, não correspondia ao pouco que poderiam dizer a seu respeito. E isto após já terem falado o correspondente ao conteúdo de uma fita. Quando era necessário utilizar uma terceira fita, a surpresa era ainda maior e se espantavam por já ter falado tanto.

Ao final da entrevista, sempre procuravam conversar mais um pouco, depois de reclamar de terem já falado muito. A conversa se dirigia principalmente pela curiosidade em recolher informações sobre a entrevistada. Aí, explicávamos que não morávamos em Cabo Verde. Queriam saber também se permaneceríamos em Roma e por quanto tempo. Em diversas ocasiões manifestaram que tinham entendido que eu ia morar na cidade. Também questionavam sobre quem eu já tinha entrevistado, mas o conhecimento sobre as fortes redes de comunicação dentro da comunidade me faziam evitar referir nomes; dizia apenas que já tinha me encontrado com "algumas pessoas" e, quando havia insistência, dizia que não sabia ao certo quantas. Procuravam também saber onde estava hospedada e quem eram os meus conhecidos no seio da comunidade. Este fato coincide com uma observação que fiz em relação à comunidade, no seio da qual, as pessoas são definidas pelas suas amizades e relações mais

próximas. Observamos, por exemplo, que as que tiveram uma ascensão social ou têm uma condição financeira melhor (por casamento com italianos ou por terem estudado) não se relacionam da mesma forma com as que são mais pobres e continuam trabalhando como domésticas. Também as relações anteriores no país de origem determinam o círculo de amizades e, entre os fatos mais importantes na divisão, destaca-se a ilha de origem da pessoa importante na constituição das redes às quais a imigrante pertencerá durante a migração.

Sempre me era perguntado se tinha sido fácil chegar ao local marcado e se saberia voltar sózinha. Principalmente as mais novas sugeriam novos encontros, prometendo me levar a encontros com os amigos, todos eles cabo-verdianos. Perguntavam se não gostaria de me encontrar na Piazza Fiume na próxima ocasião em que lá iriam para me apresentar mais gente da comunidade. Ficava sempre uma possibilidade de isso acontecer num futuro próximo.

Observações do campo

Em primeiro lugar, embora não estivesse previsto anteriormente, o trabalho de recolha dos pastas individuais dos arquivos da Embaixada se mostrou uma ocasião muito favorável para acompanhar o movimento de imigrantes que procuram os serviços consulares e verificar que as suas principais solicitações relacionam-se a realização de casamentos, registro de crianças, emissão de passaporte, elaboração de procuração, tradução de documentos. Ultimamente aumentou o número de italianos que procuram os serviços consulares porque pretendem investir em Cabo Verde, sejam eles casados ou não com cabo-verdianas. Verificamos que, nos balcões desses serviços, os dramas da imigração são colocados todos os dias, embora, muitas vezes, não seja possível dar-lhes uma solução que considere os aspectos afetivos, como, muitas vezes, parece ser a expectativa dos imigrantes.

Sobre o contato com as associações ou grupos que se dedicam à comunidade, tivemos oportunidade de acompanhar encontros no centro católico após termos encerrado a fase de entrevistas. O centro realiza atividades religiosas e culturais nas quais participam, principalmente, as

que são católicas praticantes. Batizados e procissões são ocasiões especiais promovidas pelo centro. É muito reduzida a presença de homens, embora crianças e mulheres jovens também integrem o grupo. Informaram-nos que, só muito recentemente, passou a ser permitida a presença masculina. Aliás, nas ocasiões em que lá estivemos, alguns rapazes jovens entravam e saíam, tendo permanecido apenas um senhor já de certa idade que jogava cartas com as mulheres. É significativa a presença de mulheres mais velhas, muitas das quais são solteiras e se encontram há muitos anos em Roma. A senhora que cuida do grupo é uma italiana de uma Ordem de freiras sem hábito. As pessoas ocupam as diferentes mesas distribuídas pelo grande salão de acordo com a ilha de Cabo Verde a que pertencem originalmente. Isto me foi dito por uma das senhoras mais velhas e, de fato, verifiquei que as pessoas que entravam, já se dirigiam especificamente para uma ou outra mesa. Depois, é claro, cumprimentam outras amigas. Também me foi dito que os campeonatos de jogo de cartas costumam ser realizados por equipes divididas por ilha. Verificamos que outras associações reúnem imigrantes apenas por ocasião da realização de algum evento coletivo importante (festa, por exemplo), à exceção de uma, como já foi dito, que permanece sempre aberta e é freqüentada, sobretudo, por pessoas mais velhas.

A praça Fiume é o local de encontro da comunidade e fica perto do centro mantido pela organização religiosa Tra Noi que, como já dissemos, visitamos em duas ocasiões diferentes. Os mais jovens são os principais freqüentadores da praça. Normalmente, as pessoas se encontram ali, permanecendo de pé, em pequenos grupos. A praça não tem bancos, não é arborizada e há muito tempo os cabo-verdianos a freqüentam, talvez pela sua proximidade com a Associação Tra Noi. Foi-nos informado que, mesmo nos dias mais frios e chuvosos, os imigrantes ali se encontram nos momentos de folga. Surge nas entrevistas como o lugar mais importante de encontro, uma reconstrução, no imaginário, das praças de todas as localidades de Cabo Verde, muito freqüentadas antes do advento da televisão que, agora, à noite, prende a todos em casa. A Piazza Fiume divide as opiniões sobre a sua função de lugar de malidicências, mas é também o lugar de encontro dos amigos e conhecidos, onde o riso e crioulo

preenchem as tardes. Atualmente, as mais velhas que preferem freqüentar o salão da instituição religiosa Tra Noi, criticam a presença dos italianos argumentando que se deve ao comportamento muito liberal das moças mais novas que não se importam com o fato de serem procuradas pelos nacionais, na *Piazza Fiume*, apenas para divertimento. Entretanto, nas entrevistas, todas se referem aos momentos em que por ali passam também.

Forma de análise

Das quinze entrevistas que realizamos, uma não pode ser utilizada na análise devido a problemas técnicos que impediram a recuperação da gravação. Portanto, tudo o que é aqui tratado, refere-se a catorze entrevistas.

A intenção das perguntas do questionário é a de obter informações que permitam, na análise, estabelecer uma relação entre as condições objetivas de vida e as disposições subjetivas, e verificar sobre que espaço social se sucedem os acontecimentos da vida de uma pessoa. As informações fornecem um quadro da estrutura geral do espaço social, os campos que o compõem, as posições relativas deles entre si e as mudanças que sofre essa dinâmica, como, por exemplo, pela trajetória de três gerações.

A origem dos avós e dos pais mostra as migrações internas e para o exterior e o grau de escolaridade é um indicador forte do capital econômico e simbólico transmitido na família

Sobre a família, investigamos primeiro sobre os avós e verificamos que só em dois casos não se sabia da sua origem, sendo os restantes originários de Cabo Verde e da mesma ilha dos pais das entrevistadas. Há referência à emigração de avós em quatro casos, para os Estados Unidos da América, Portugal e São Tomé e Príncipe. Os demais ficaram em Cabo Verde, dedicando-se à agricultura, pesca, carpintaria, costura ou enfermagem. Entre os que se recordam da profissão dos avós, constata-se que quase todas as avós eram do lar.

Cinquenta por cento das entrevistadas refere-se à emigração de pelo menos um dos progenitores e em quatro casos, continuam na imigração,

em Portugal ou Holanda. Uma das entrevistadas mora com a mãe em Roma e o pai também é imigrante na mesma cidade e, em uma outra situação, o pai faleceu nos EUA, enquanto há referência também a emigração para São Tomé e Príncipe, com retorno a Cabo Verde.

Os pais tiveram as mesmas profissões que os avós, ou se ocuparam como capitão de barco, lavadeira, faxineira, trabalhador da construção civil, chefe de cozinha, tripulante de barco na Holanda, comerciante e guarda de cemitério. Entre as mães, prevalece o trabalho do lar.

Quanto aos irmãos, algumas não puderam precisar o número exato por causa dos cruzamentos entre filhos do mesmo pai e mesma mãe e filhos de um dos progenitores com outras pessoas. Há um caso relatado de trinta e nove irmãos do lado paterno (sem contar os irmãos de pai e mãe que são cinco), dos quais só conhece dois. Entretanto encontramos maior frequência de grupos de cinco, sete ou oito irmãos. Há apenas dois casos de três irmãos e de dois irmãos e os demais contam quatro. A maioria tem irmãos no exterior em maior número do que em Cabo Verde e, nestes casos, há referências freqüentes a migrações anteriores. Não constam irmãos que tenham ido para São Tomé, embora tenha sido mencionada a probabilidade de ter parentes próximos por causa da emigração anterior de avós ou pais para aquele país. Além dos destinos referidos anteriormente, os irmãos também se encontram nas ilhas dos Açores e Estados Unidos da América. O trabalho inclui também a mãe que é comerciante em Cabo Verde, viajando freqüentemente para o exterior, mas, na maior parte dos casos, não se referem à sua ocupação.

As que têm filhos mencionam que estes estudam, há o caso de um deles que já emigrou para Portugal onde trabalha na construção civil, é auxiliar da área técnica em Cabo Verde e outro é professor. Os demais freqüentam o ensino primário ou secundário e, em um dos casos, completou um curso técnico na Itália. Os filhos que são também de pai italiano estudaram ou ainda estão na faculdade e, em outro caso, o filho, que mora em Cabo Verde, no momento da pesquisa, aguarda que lhe fosse concedida uma bolsa de estudos para o exterior.

Em síntese, o que se destaca das informações sobre a família é a repetição de um certo padrão de migração e a permanência das condições

objetivas em Cabo Verde, reveladas pela continuidade da escolaridade baixa entre a geração de avós e pais e irmãos e dos tipos de ocupação mais procurados que requerem pouca especialização. Apontam para alguma possibilidade de superação nos filhos.

O baixo número de filhos e de casamentos levanta várias hipóteses para este grupo de migrantes, sobretudo as que se referem às suas expectativas afetivas quando se inserem numa rede migratória e, também, sobre suas causas, como as exigências que recaem sobre seus ombros quando se tornam emigrantes/imigrantes em relação à família que fica em Cabo Verde e as alternativas que podem encontrar de formar pares na Itália.

Em relação aos filhos, verificamos pela análise do discurso livre que se refere ao tipo de relação que se estabelece com os empregadores, entre nativos e estrangeiros.

Entretanto, sobre os baixos índices de pares conjugais, levantamos a hipótese sobre o papel que doravante passam a ter para a emigração cabo-verdiana, como responsáveis por se constituir mais uma alternativa para a emigração dos homens, jovens, impedidos de sair de forma legal por causa das crescentes restrições impostas pelos países receptores. Neste caso, é necessário verificar se, do ponto de vista social, as mulheres, além de participar de forma maciça na migração, não são, atualmente, uma das soluções mais importantes para garantir a continuidade do fluxo migratório dos homens, por meio dos casamentos por procuração.

Os depoimentos foram tomados junto às pessoas que têm a vivência da migração e as categorias foram construídas por aquilo que elas vivem e que, ao narrarem, dão corpo e tornam significativo.

Portanto, a organização dos depoimentos corresponde às categorias que foram retiradas das narrativas e que se estruturam de acordo com o que as pessoas apresentam na integridade das complexas relações que mantêm com a realidade (Mello, 1985). A construção de categorias considerou o fato de estarem presentes num espaço, a cidade de Roma, que só se torna comum às cabo-verdianas como consequência de um mesmo motivo original para a sua trajetória: o trabalho como empregadas

domésticas. Entretanto, pelos depoimentos, esta categoria somente adquire interesse maior nas suas imbricações com a categoria de migrante.

A principal indicação é que as narrativas associam-se às hipóteses iniciais a propósito da contínua correspondência de significados entre emigração e imigração o que não permitiu que os discursos e os conteúdos sobre um e outro fossem separados na apresentação da análise.

Neste trabalho, o material do discurso livre foi analisado pelas categorias de percepção e de raciocínio que a entrevistada utiliza, a ordem dos temas, o tempo e a importância atribuídos a cada item, os conteúdos apresentados.

A análise dos discursos produzidos e todas as circunstâncias envolvidas na realização dos encontros com as imigrantes procura alcançar as elaborações inconscientes, os afetos e os sentimentos que percorrem a fala e dão sentido ao seu conteúdo. Leva em conta, também, as percepções e fantasias suscitadas pelo ambiente do encontro da entrevista, considerando as influências deste ambiente na produção do discurso. As disposições subjetivas presentes no discurso livre deverão ser relacionadas com os dados sobre as condições objetivas obtidos por meio da aplicação do questionário.

Devem ser compreendidas também as circunstâncias coletivas que moldam a vida e as maneiras de estar, o que orienta a análise por dois níveis de leitura e compreensão, procurando conteúdos mais descritivos da trajetória material e mais explicativos sobre as mudanças ocorridas. A trajetória material permite que se identifiquem, por exemplo, os momentos considerados essenciais na biografia, marcados historicamente e temporalmente como o movimento empreendido a partir de Cabo Verde, a história familiar, prováveis momentos em que pensou em voltar ou não, etc. O nível explicativo destaca o que o sujeito comenta e justifica sobre as mudanças ocorridas, apreende as concepções, justificações, explicações dadas para ir e ficar e, provavelmente, a presença da matriz discursiva oficial. Este nível é essencial para compreender como se efetiva a integração dos dois mundos, ou mesmo antes, se há um momento inicial em que ambos se estabelecem objetivamente pela ruptura ou cisão e identificar as formas de olhar e viver Cabo Verde e Itália, assim como o tipo de relação que

estabelecem entre ambos, os efeitos da sociedade de emigração sobre as estadias no exterior e os motivos implícitos que orientaram a sua trajetória de vida, verificando se se encontrava desde sempre marcada pela viagem. Estes aspectos não esgotam as possibilidades acerca dos conteúdos dos discursos, servindo apenas como guias iniciais que utilizaremos para a leitura e compreensão do que for elaborado pelos sujeitos.

7. (DES) ENCONTROS

Uma das categorias que identificamos como síntese das falas das migrantes refere-se ao tipo de interação que a migração cria, considerando os que apontam como os que governam os encontros correntes da vida cotidiana em que se estrutura a experiência individual e coletiva da vida social na sociedade em que se fixam como imigrantes.

Indagamos sobre os objetivos e os resultados que tais encontros trazem para os envolvidos analisando os elementos característicos de uma interação¹⁷ e verificando se esta permite, por fim, o resultado esperado de um contato prolongado, no plano individual e coletivo: a redefinição de si sustentada na preservação da condição de sujeito¹⁸.

A face da imigração resulta de um movimento em que pessoas, antes física e geograficamente distantes, deverão ficar próximas entre si. Por causa dos deslocamentos mais intensos e das estadias mais prolongadas, a migração (pela sua face da imigração) oferece a oportunidade cada vez mais freqüente do encontro que, do ponto de vista psicológico, desde Freud, é a ocasião de se perguntar pelo outro e, portanto, sobre si mesmo¹⁹.

¹⁷ Referindo-se ao encontro como uma peça teatral, Goffman, inclui elementos relevantes como a forma como o indivíduo procede para obter a resposta desejada dos outros, quer dizer, como define a situação, o que o outro espera, o que se pode esperar dele, como obter informações e como utilizar as que já possui, numa tentativa de prever o comportamento presente e futuro. São mobilizados veículos de informação, fontes de informação, indicações a partir de indivíduos parecidos no que tange a conduta e aparência, estereótipos não comprovados, a tipificação a partir da inclusão do indivíduo em determinado cenário social, o que o indivíduo diz de si mesmo e traços psicológicos reconhecidos de uma experiência anterior sobre os quais se pressupõe persistência e generalidade (1985).

¹⁸ "A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é 'preenchida' a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos pelos outros (Hall, 2001, p. 39).

¹⁹ "Ao mesmo tempo diferente e semelhante, o outro é o espelho mais ou menos deformante que nos restitui uma imagem que gostaríamos talvez, por momentos, de não ver, modificar ou esquecer. Esta relação com o outro, feita de medo e de fascinação e presente em todos os níveis, indica-nos que a alteridade e a estranheza estão em nós mesmos. Que jamais o esqueçamos." (Chanlat, 1996, p. 156)

Instalaria, portanto, a condição constitutiva essencial do encontro humano, afastaria o perigo de o indivíduo *não ser encontrado*, catástrofe muito maior do que o *prazer de esconder-se*, na opinião de Winnicott (1990).

No entanto, a migração contemporânea tem sido descrita muito mais como uma situação que modifica a relação da coletividade e de cada indivíduo com a alteridade, pois, ao invés do conhecimento de si, freqüentemente, o reconhecimento do outro faz irromper a alteridade que acarreta a exclusão e a marginalidade²⁰. Os termos aplicam-se, respectivamente, aos membros da sociedade que recebe e aos novos integrantes, apontando que, de um modo geral, aqueles têm tratado estes apenas como adversários, saco de pancadas, no dizer de Girard (1987)²¹, ocultando as demais qualidades que, ao mesmo tempo, devem ser atribuídas a esse outro: um modelo, um objeto, um apoio²². Ao mesmo tempo, conclui-se, em geral, que, para os novos integrantes, a construção do outro pelas qualidades acima referidas é feita em razão contrária, ou mesmo, às custas da formulação de um predicado negativo de si mesmo e do seu corpo, o que delimita e restringe as áreas de abrangência do seu Ego.

Encontro, para as imigrantes, é a situação de contato com o outro que permite restabelecer a comunicação e as relações deixadas para trás ou que, por outro lado, constitui novas relações significativas. O trabalho é o principal ambiente em que tais encontros podem ocorrer e é avaliado como favorável se, por fim, permite uma aproximação favorável entre as representações de si e as representações da atividade do trabalho, estas, por sua vez, favoráveis à identidade da pessoa.

As atribuições qualitativas, pode-se dizer que encontram-se em torno de dois aspectos; por um lado, evitar a sensação de solidão e clausura na casa e, por outro, afastar todas as indicações de servidão humana. Por isso, conforme os discursos, uma boa patroa trata a empregada "como filha",

²⁰ No capítulo 1 tratamos das abordagens que sistematizam as alternativas de relações que podem resultar do contato entre imigrantes e nativos.

²¹ O autor usa o termo ao referir-se às sociedades ocidentais que, por causa de fatos como as migrações, cosmopolitizam o seu tecido cultural, o que modifica a relação com a alteridade, espelhada na figura do imigrante (Girard, 1987)

autoriza-a a comer com a família, se envolve com as suas tentativas de manter-se em comunicação com os parentes em Cabo Verde, tem confiança nela e não trata de forma discriminatória.

Os argumentos são sobretudo afetivos e referem-se a relações envoltas em ambigüidade. Mas a ilusão de que, efetivamente, ultrapassam a fronteira entre patroa, branca, nativa e empregada, negra, imigrante, costuma ser duramente percebida pela imigrante²³.

Subjaz a todas as histórias sobre os encontros, as tentativas de evitar a situação inicial relatada por Madalena

O primeiro problema é chegar num país e não saber falar a língua. As pessoas falam de ti na tua frente e não sabes responder, isso é algo... Mas aos poucos, com a ajuda de Deus fui ficando por aqui. Estar longe da família e da nossa terra, em alguns momentos a pessoa... Quando cheguei no início chorei muito quando trabalhava.

É a esperança de um encontro afetivo que torna a estadia mais significativa

A Itália é bonita, as pessoas vivem bem, mas estás bem quando estás na companhia das tuas amigas. Já no trabalho, depende das pessoas que encontrares. Há uns nos quais sofres muito e o pior é se não tiveres ninguém. Eles são maus e passas por más situações se encontras um senhor mau que fica em cima, limpas tal lugar e lá está ele a reclamar que não está bem; se te dá pouca comida ou nenhuma comida... Eu não tenho queixas. Estou bem. Mas tenho muitas amigas que sofrem muito.

A coisa mais importante que me aconteceu aqui foi conhecer aquele italiano. Foi mais importante porque tenho um ponto de referencia. Nós conversamos, discutimos, programamos nossas vidas, fazemos muita coisa juntos. Nos conhecemos numa discoteca, onde só fui uma vez. As cabo-verdianas costumavam lá ir, por isso também fui.

²² Chanlat, autor desta afirmação, assinala, igualmente, a necessidade de indagarmos sobre Interrogar-se sobre os fatores e as condições da exclusão ou da inclusão social é não só tentar compreender porque 'se é sempre estrangeiro de alguém', mas também como nos transformamos em nativos completos.

²³ Conforme descrição das imigrantes, o perfil da maioria dos empregadores é de profissionais liberais (profissionais liberais: arquitetos, prefeito, cientistas, professores universitários, jornalistas, astrônomo, cirurgiões), da classe alta, pertencentes às famílias tradicionais da cidade ou aposentados que vivem de rendimentos.

Conhecemo-nos, dançamos, gostamos um do outro, no fim... aconteceu! Ele é um homem bom, gosto muito de estar com ele, porque é uma companhia, um companheiro. Ele ajuda-me, dá-me tudo o quero, satisfaz todas as minhas vontades, dentro de suas possibilidades.

Não vivemos juntos. Conversamos ao telefone todos os dias., Ele vai buscar-me as quintas ferias e leva-me pra casa. Passamos todo o dia de quinta juntos, vamos... ficamos juntos e depois ele deixa-me no emprego.

Dina também se refere a um primeiro encontro que lhe permitiu reunir argumentos favoráveis em relação ao nativos, utilizados para inferências futuras, o que facilitou a sua adaptação

Fui trabalhar com a mãe da senhora que tinha 50 e tal anos e o pai com quase 70. Eu era a menina de casa! Eram todos adultos, eu era a única criança em casa. Mas não tenho de dizer, aquela gente foi minha amigas, não tenho mal a dizer. Por exemplo, essa senhora, a filha, nós somos tão amigas, é como se fosse minha irmã.

Maria define uma boa interação com os nativos

No meu primeiro dia de trabalho expliquei à senhora que tinha acabado de chegar de Cabo Verde, e que por isso não conhecia bem a língua nem o serviço que deveria fazer. Naquela casa trabalhava uma cabo-verdiana que já estava de regresso a Cabo Verde. Então, fiquei 20 dias com ela, aprendendo tudo. Desde como atender ao telefone... e como gosto de aprender - muita gente diz que sou inteligente e que aprendo depressa - aprendi rápido e fiquei com o lugar daquela minha colega. A senhora para quem trabalhava elogiava-me pelo facto de já ter aprendido muita coisa em dois meses. De início só compreendia, não falava. Mas no terceiro mês, já falava italiano... Fui aprendendo. Me dei bem por cá.

Em todas as casas onde vou trabalhar, ficam satisfeitos comigo, dizendo que sou inteligente, "brava ragazza". E eu também fico contente com eles. Costumam me dizer que sempre que precisar de algo, é só recorrer a eles. Uns são advogados, outros arquitetos,

engenheiros... desse tipo... Às vezes, quando não tenho nada para fazer aos domingos, passo pela casa deles para os cumprimentar, ou telefono e perguntam-me como é que eu estou...

Por enquanto não tenho mal a dizer dos italianos ... Antes eu não queria ficar, queria regressar a Cabo Verde. Mas agora, estou bem. Espero que continue tudo bem.

Angélica conta sobre relações que ficaram sólidas com o tempo, com espaço para a conflitualidade também

Eu e a mulher somos muito amigas, criei os meninos até agora que já estão grandes. A relação com eles é boa, de vez em quando, bato nos meninos²⁴! Eu bato neles porque são terríveis demais²⁵!!!! E... agora já estão grandes, se me pegarem, eu caio porque eles dão 2 de mim em altura. São 2 meninas. Acontece mais quando a mãe delas e o pai não estão, elas querem sair... eu lhes dou a hora de entrar, eu digo-lhes para "entrarem" às 2 horas. Mas elas saem e querem "entrar" às 3 horas!!! Elas dizem " Mas porque tenho de entrar às 2 horas, se quando a minha mãe está eu entro às 3 horas?" Então, não ouvem comigo, chega uma hora que... quando os pais estão de férias e vão para fora, elas ficam comigo, elas não ouvem o que digo porque são desordenadas... elas botam tudo pro ar, quando lhes digo pra por no lugar e elas não põem, eu tenho de bater porque não resisto. Eu própria conto à mãe!

Tânia descreve a sua experiência imigratória como singular, sugerindo elementos de um encontro ideal na imigração.

Acho que, a partir do momento que vivo na Itália, tenho de aprender a aceitar os hábitos deles apesar de haver algumas coisas das quais eu não goste; entrar num compromisso de não fazer mal nem a mim nem a eles. Não me preocupo em julgar as pessoas e acho que o importante é não dramatizar as coisas, resolver os problemas de forma eficaz para as partes e tirar vantagens do momento de dialogo. Mas de forma geral eu acho que os cabo-verdianos em Roma não vivem mal, pelo menos eu não vivo. É certo

²⁴ "Dou-lhes de pau". Expressão em crioulo.

²⁵ "Têm cabeça rixo demais!" expressão em crioulo para definir uma criança que é muito traquinas

que em alguns momentos eu me sinto uma estrangeira, mas coisas positivas que acontecem se encarregam de me fazer abstrair disso. Mesmo assim tenho a idéia de voltar para Cabo Verde um dia. Sou casada com um italiano e por isso fica mais difícil, mas nada é impossível, o importante é saber negociar de forma que nenhum de nós fique frustrado com a decisão. Chegar a uma solução boa para ambos. Não é fácil mas seria bom se todos reconhecessem a importância do dialogo na resolução dos problemas.

Partindo de situações anteriores, um conhecimento acumulado ao longo dos anos, Tânia faz inferências sobre as atitudes dos nativos

Porque quando eu cheguei aqui, em 1970, era muito mais fácil, havia muito mais emprego, as pessoas eram muito mais disponíveis, não havia problema de racismo e intolerância que hoje existe; é certo que éramos em menor numero e hoje já existem pessoas de outras nacionalidades e como consequência existem mais problemas que até são compreensíveis, mas nessa era de globalização é claro que temos que aprender a conviver com homens e mulheres de raças diferentes. É certo que quem não passou por um processo de colonização tem mais dificuldades para aceitar esse tipo de emigração que às vezes é um pouco selvagem.

Eu pessoalmente não tenho muitas queixas. É claro que existe discriminação.

Também parece ser a percepção de Linda

Quando cheguei à Itália, encontrei uma senhora com a qual trabalhei onze anos e através da qual vim para cá. Para mim, esta senhora é como se fosse uma mãe e eu como uma filha. Sempre tive apoio dos italianos. Não tenho necessidade de ir sempre ao consulado cabo-verdiano. Só vou quando preciso tratar do passaporte ou. Essa minha senhora, neste momento é como uma mãe ou mais. Em 1992 tive de ir para Cabo Verde resolver um problema, acabei por ficar mais tempo do que o previsto. Na fronteira do Sal tive problemas para sair porque os meus documentos não estavam em ordem, mas no final acabaram por me deixar seguir a viagem para a Itália. Como a viagem foi via Malta,

de lá não me deixaram seguir para a Itália. Fiquei lá uma semana e não tive acesso à embaixada cabo-verdiana. A minha senhora fez de tudo, me mandou passagem de Malta para Cabo Verde onde acabei por ficar nove meses. Fez de tudo para que eu voltasse, arranjou outro contrato e acabei conseguindo voltar.

Depois disso não tive mais problemas. Tentei trazer o meu marido que vivia na Holanda. Tivemos de nós encontrar em Cabo Verde, mas depois conseguimos que ele viesse. O meu único problema neste momento é que ele ainda não começou a trabalhar. Está cá há três meses e ainda não consegui emprego. É a minha senhora que paga o aluguel, de 800 mil liras, do apartamento em que moramos.

E Tânia novamente

(Quando cheguei) Fiquei dois dias em casa da minha amiga e no terceiro dia à noite a senhora me foi buscar. Na viagem, perguntou os nomes do meu pai, da minha mãe, quantos irmãos eu tinha. Disse-lhe que tinha um irmão pequeno, de oito meses e ela ficou muito contente porque tinha uma filha de treze meses. Lembro-me que me perguntou de quem eu sentia mais saudades, disse que era desse meu irmão e ela me disse tinha ficado contente pois me consolaria muito com a filhinha dela.

Quando chegamos me mostrou a casa inteira que era enorme, como eu nunca na vida tinha visto antes. Tinha até medo de me perder dentro dela de tão grande que era... Preparou o jantar, arrumou a mesa de jantar para eles na sala de jantar e outra para mim na cozinha, mas tudo direitinho. Como era a primeira vez que vivia uma situação dessas comecei a chorar, mas escondida dela porque não queria que me visse. O marido dela me viu e veio falar comigo. Expliquei o que sentia e ele me perguntou com quem eu costumava me sentar á mesa em Cabo Verde ao que respondi com a minha mãe o meu pai e os meus irmãos. Nesse momento ele apanhou o meu prato e os meus talheres e levou para a mesa deles... E me disse que aquele era o meu lugar a partir daquele dia.

Para mim essa foi a primeira atitude de aceitação por parte daquela família. No dia seguinte chegou uma senhora que haviam

contratado, durante uma semana, para me ensinar os trabalhos da casa. Era italiana. Fomos nos conhecendo e para mim ela é uma segunda mãe... Não sei. Mas para mim eles são os meus segundos pais. Sempre nos demos muito bem, depois resolvi estudar e fui morar sozinha mas somos amigos até hoje. Ano passado, por exemplo, tive problemas no peito telefonei para avisar, e em mais ou menos uma hora, já tinha consulta marcada e tudo pronto com o melhor especialista que conhecia. Me acompanhou durante toda a fase de operação.

No Natal sempre recebia presentes nos aniversários também. Levei uma vida regular com eles. Acho que outras viveram experiências piores. O único problema é que não podíamos receber telefonemas durante a tarde, nem eu nem ela, porque o telefone era para o studio²⁶. Só podia telefonar duas vezes ao dia, ou de manhã ou depois do jantar. Entre as quatro e meia e as oito e meia não era possível, nem para receber chamadas. Só se fosse algo muito urgente. Tinha folga às quintas, durante a tarde, e domingos. Só não gostavam que eu voltasse depois das oito e meia. Os domingos eram livres, eles saiam para almoçar fora e eu poderia escolher entre ir com eles ou não. Dependendo do lugar, se fosse um lugar onde eu tivesse amigas eu ia. Por exemplo, quando iam para Marine eu sempre ia junto, porque tinha várias amigas de lá. Alguns lugares eu ia para conhecer. No meu primeiro natal em Roma, eles não viajaram porque eu tinha chegado de Cabo Verde, e me levaram para a igreja Francesca Romana um lugar muito bonito.

Eu cheguei de Cabo Verde dia 22 de Agosto e logo no domingo fui levar os peixes frescos que a minha mãe lhe mandou. Através da nossa relação a minha mãe mandou-lhe uma carta há alguns anos atrás. Quando eu me casei ela se fez de minha mãe. Me acompanhou para comprar o vestido, para a costureira, me ajudou a vestir, o marido dela é que me levou no altar e a minha mãe é muito agradecida por isso. E na época da minha doença me acompanhou me ajudou e cuidou de mim.

Eu acho que não sou só eu que tenho boas relações com os meus patrões. A minha irmã por exemplo também tem. Mas eu acho que também depende de nós, não podemos esperar só por eles. Se vou para Cabo Verde mando um postal, se vou para Lisboa telefono, ano passado o marido esteve doente eu ligava para saber como estava... É um relacionamento familiar.

Dina contou com a atenção do seu influente patrão e considera a sua influência na decisão de estudar

Lembro-me daquele senhor a consultar o dicionário de português-italiano toda a vez que quisesse me dizer alguma coisa. Ele tinha mais paciência, não que a senhora não fosse calma, mas quando precisava de mim, ela não olhava no livrinho, fazia gestos com as mãos e eu entendia. Já o senhor abria seu livrinho e dizia-me o que precisava. Dali a um mês, eu já entendia quase tudo do italiano.

Ele era prefeito de Roma, aquele que tinha a responsabilidade pela cidade de Roma. Ele era uma pessoa importante, tinha choffeur que o vinha buscar a casa. A esposa ficava em casa, não trabalhava.

Ele chegava a casa e dava-me o jornal para eu ir ler. Tenho de dizer que o meu intelecto desenvolveu-se bastante, imagino que já tivesse algum, mas foi graças a ele. Ele nunca me deixou dormir ou perder tempo em frente à televisão, ou com outras coisas. Por exemplo, se houvesse algo importante a passar na TV, algo cultural, ele chamava-me. E dizia-me, 'aquele é tal, aquele é tal...'. Fazia-me ler o jornal cotidianamente. Um bocadinho de cada vez, um parágrafo. E depois, com a ajuda do dicionário, me explicava "Alora, isto que tui leste, o governo quis dizer isto, aquilo..."

Tenho de lhe agradecer para sempre. Ele ajudou-me a ser pessoa. Tens de ser superior, quando uma pessoa sai da sua terra, quando emigra, ela tem de melhorar. De qualquer maneira ela tem de melhorar.

Ele dizia-me 'Tens de melhorar a tua posição, não tens de ficar sempre no mesmo. Quando voltares para o teu país, tens de lhes mostrar que o teu sacrifício serviu para algo'.

a ferro. Sempre há uma coisa para fazer! O jantar é sempre diferente. Porque ela come ligeiro, não come pesado. Aqui na Itália, costumam comer prima e segunda. Mas ela, em vez de comer prima, come segunda? Come ou pasta, ou carne, ou peixe... por exemplo, às sextas-feiras, como é dia do santo ou quê... ela come peixe. Hoje dei-lhe peixe. Para a noite, comprei verdura... tipo e... sopa, tudo de verduras.. - vou cozinhar e dar-lhe. Com... com queijo... formaggio... come muito queijo!!!! Eu teimo para que ela me diga porque eu sei que se eu fizer, ela me diz que não.

Quando ela tem gente importante que vem aqui, ela tem um irmão que é casado com uma alemã às vezes ele vem comer aqui e quando ele vem é diverso, porque tenho de ficar a servi-los, compreendes? Ele briga com ela porque ela não gosta de sair, ele me diz para eu empurrá-la para que ela saia, mas mesmo assim, ela não ouve, não sai. Eu já não lhe digo nada porque, se lhe disser, ela briga... (ela está chata hoje) é porque eu lhe dei comida tarde!!!! Ela... mas a culpa não foi minha!!! Ela fica nervosa, vem, fica a chatear, como hoje, comprei um saco de coisas de costume, que compro todos os dias, quando faço compras... ela ficou a guardar... abrindo o frigorífico e ficou a guardar! Compreendes? Quando está assim, ela guarda tudo.. Ela faz as contas! Eu levo-lhe o papel e ela faz a conta! Sempre!!!! (mesmo que seja uma comprinha) Tenho que lhe dar o papelinho. O troco e o papelinho. (compra todos os dias) Mas a conta... Quanto está e coisa... Não, quer dizer, a verdura... compro verdura no mercado... uma volta setimana... uma vez por semana... Mas, as coisas de mercearia... tenho de ir todos os dias, se falta uma coisa... eu vou... e.... e o formaggio que ela quer que seja fresco. (tens de saber o nome de todos os queijos)

À noite... ela come ali pelas 8 e meia, 8 e um quarto... E também, conforme lhe dá na cabeça, come ora cedo, ora tarde, ora cedo, ora tarde, ora cedo. E se comer tarde, ela... arruma... "Ah, come mei, o que aconteceu, hoje ainda não me deste comida!", Claro, se ela é que me deu o dinheiro para eu ir, tive de voltar porque o dinheiro não foi suficiente! O correio fica longe... Na ida eu peguei o auto,

mas quando eu voltei que tinha de ir outra vez, não esperei o auto porque o auto demora, senão ia ficar ainda mais tarde, compreendes?

Por volta das 9 horas (saio do trabalho)... bom, conforme ela comer hã. Porque, uns comem cedo, outros comem tarde.

Madalena viaja muito a Cabo Verde para passar alguns meses do ano com o marido. Não fica muito tempo num mesmo lugar para ter a liberdade de escolher o momento em que viaja. Descreve a rotina do lugar em que trabalha no momento, em regime fixo, preferido das mais velhas.

Levanto-me de manhã, às sete horas. Preparo 3 bandejas de café. Depois que lhes dei o café, despacho-me na cozinha e... pego no trabalho, a fazer a limpeza decasa, limpo, passo aspirador... e depois, se tem de lavar, lavo, passo a ferro...no meio do dia, preparo o almoço... depois do almoço, vou para o quarto durante uma hora, uma hora e meia... conforme... depois, levanto-me, passo a ferro... todos os dias... depois... páro de passar e vou fazer o jantar, dou-lhes o jantar, por volta de 10, 10 e meia, já estou desocupada, e vou para o meu quarto. (faz compras) coisa... pão, leite...porque eles gostam de pão fresco, pão fresco. Todos os dias! Se for possível, porque a senhora costuma ir comprar de manhã... Sobre o almoço, tenho de lhes perguntar o que é que eles querem, o que querem para o almoço hoje...o que querem jantar hoje... Tenho de perguntar porque... às vezes posso fazer e... talvez não lhes fique no esgravimento non?... Sempre lhes pergunto o quê que posso fazer hoje... E me explica. A senhora... Todos os dias. É diário. Todos os dias...

Angélica há mais de 15 anos numa mesma casa, conta como administra os horários em função do que deve realizar. Resulta esta organização de um cálculo implícito e minucioso, freqüentemente pouco considerado, das características do lugar e das pessoas que o habitam, o esforço que a casa exige, colocado em relação ao que pode dispendir.

Eu levanto-me sempre cedo. Acordo às 6 horas... 6 e meia, entro na casa de banho. Eu lavo, ponho o café na mesa, eles tomam o café, entro no quarto deles, faço a cama... porque tenho muito o que

Em primeiro lugar, é preciso um esforço para se entrar e compreender o mundo que se apresenta (e se esconde) à sua frente. Os relatos mostram que é necessário aprender os hábitos alimentares e de higiene e se conformar a eles, pois são interpretados no interior de um sistema já estabelecido e usado por elas. Exige que encontrem um equilíbrio entre estar presente na intimidade de pessoas e famílias, assistir aos procedimentos e condutas mais íntimas e, ao mesmo tempo, ser excluída, manter-se na sua solidão e na diferença. Muitas variáveis têm de ser mantidas sob controle pelas mulheres, o que, como pudemos ver, exige maturidade, obstinação, apego à obrigação e à disciplina. Sobretudo, exige uma consciência constante de que a sua presença, a proximidade de corpos não faz desse o seu lugar, dele estão excluídas desde o início.

Trabalho e superação

Um dos níveis de negociação se dá no primeiro momento, o de conseguir o emprego. A participação da rede, neste caso, é essencial, quase não se relatam outras formas de conseguir emprego, como, por exemplo, órgãos sindicais ou estatais. É neste ponto que a rede cruza com a das empregadoras que, entre si, trocam informações e recomendações sobre as empregadas.

Maria descreve a sua escolha pelo regime de trabalho que lhe permite maior controle do seu tempo, mesmo que tenha a aspiração de um trabalho fixo

Sempre vou substituir pessoas em férias . Todos os lugares onde fui "agüentar" férias, foi um trabalho "fixa". (Quando a pessoa volta) Eu procuro outro. Se não, vou para casa da minha irmã. Ela tem casa onde vou e páro uns dias. Só trabalho substituindo porque estou a pensar ir de férias para Cabo Verde. Quando voltar, aí sim, penso procurar um trabalho onde possa ficar "fixa".

As opções de Maria sobre a sua forma de trabalho são orientadas também pelo objetivo de não deixar prevalecer o corpo- cansaço, mas mantê-lo também próximo do prazer³⁴.

Cheguei há dias da ilha. Fui lá trabalhar com uma mulher que tem uma casa lá para as férias. Gosto muito de lá. Foi o lugar que mais gostei na Itália. É um lugar cheio de estrangeiros, americanos, espanhóis... É muito belo, tem muitas praias. Eu fazia a limpeza da casa, cozinhava, passava a ferro, lavava, fazia tudo. Depois do almoço ia prá praia, ou então nos meus dias de folga, ou no domingo que não trabalho. Encontrei um amigo meu nigeriano lá que estava com uns amigos e nós saíamos todos juntos.

Para Zelinda, há toda a conveniência em trabalhar como diarista, que, na sua opinião, permite maior autonomia.

Sempre aparece para quem quer um trabalho fixo. Eu não o faço. Já tenho casa, não vale a pena... É a mesma coisa. A hora ganhas mais que "fixa". Na "fixa" não tens liberdade para sair quando bem entenderes. Só tens quinta e domingo. Nos outros, quando trabalhares aquelas duas três horas, já podes sair. "No, no" quando forem três horas de trabalho, se eu não fizer tal coisa, não é problema meu. Se não, pagam-me as horas extras.

Eu não conhecia a língua, então não falava com ninguém. Fazia o meu trabalho e vinha-me embora. Fui com a T., e foi ela quem conversou com eles. Ela sabia falar italiano. Discutiram as horas e o preço do serviço. A relação é boa. Eles são gentis comigo, e eu com eles. Só isso. por acaso são todos simpáticos. Eu não gosto de quem chateia muito, de quem me causa "fastio" no trabalho. As pessoas com quem trabalho, deixam-me fazer o que eu bem entendo. Explicam-me no início, mas depois eu é que tomo conta de tudo. Já não preciso que me digam nada.

Não precisei aprender nada! Eu não lavo roupa, a máquina é que o faz.

³⁴ No seu estudo, Mello identifica nas atitudes diante da saúde e da morte das mulheres empregadas domésticas e as distinções entre doença, que é tratada com remédios e a falta de prazer, que indica uma condição de vida e de classe social. Cremos que aqui também, F. quis dizer que o corpo necessita de

a ferro. Sempre há uma coisa para fazer! O jantar é sempre diferente. Porque ela come ligeiro, não come pesado. Aqui na Itália, costumam comer prima e segunda. Mas ela, em vez de comer prima, come segunda? Come ou pasta, ou carne, ou peixe... por exemplo, às sextas-feiras, como é dia do santo ou quê... ela come peixe. Hoje dei-lhe peixe. Para a noite, comprei verdura... tipo e... sopa, tudo de verduras.. - vou cozinhar e dar-lhe. Com... com queijo... formaggio... come muito queijo!!!! Eu teimo para que ela me diga porque eu sei que se eu fizer, ela me diz que não.

Quando ela tem gente importante que vem aqui, ela tem um irmão que é casado com uma alemã às vezes ele vem comer aqui e quando ele vem é diverso, porque tenho de ficar a servi-los, compreendes? Ele briga com ela porque ela não gosta de sair, ele me diz para eu empurrá-la para que ela saia, mas mesmo assim, ela não ouve, não sai. Eu já não lhe digo nada porque, se lhe disser, ela briga... (ela está chata hoje) é porque eu lhe dei comida tarde!!!! Ela... mas a culpa não foi minha!!! Ela fica nervosa, vem, fica a chatear, como hoje, comprei um saco de coisas de costume, que compro todos os dias, quando faço compras... ela ficou a guardar... abrindo o frigorífico e ficou a guardar! Compreendes? Quando está assim, ela guarda tudo.. Ela faz as contas! Eu levo-lhe o papel e ela faz a conta! Sempre!!!! (mesmo que seja uma comprinha) Tenho que lhe dar o papelinho. O troco e o papelinho. (compra todos os dias) Mas a conta... Quanto está e coisa... Não, quer dizer, a verdura... compro verdura no mercado... uma volta setimana... uma vez por semana... Mas, as coisas de mercearia... tenho de ir todos os dias, se falta uma coisa... eu vou... e.... e o formaggio que ela quer que seja fresco. (tens de saber o nome de todos os queijos)

À noite... ela come ali pelas 8 e meia, 8 e um quarto... E também, conforme lhe dá na cabeça, come ora cedo, ora tarde, ora cedo, ora tarde, ora cedo. E se comer tarde, ela... arruma... "Ah, come mei, o que aconteceu, hoje ainda não me deste comida!", Claro, se ela é que me deu o dinheiro para eu ir, tive de voltar porque o dinheiro não foi suficiente! O correio fica longe... Na ida eu peguei o auto,

mas quando eu voltei que tinha de ir outra vez, não esperei o auto porque o auto demora, senão ia ficar ainda mais tarde, compreendes?

Por volta das 9 horas (saio do trabalho)... bom, conforme ela comer hã. Porque, uns comem cedo, outros comem tarde.

Madalena viaja muito a Cabo Verde para passar alguns meses do ano com o marido. Não fica muito tempo num mesmo lugar para ter a liberdade de escolher o momento em que viaja. Descreve a rotina do lugar em que trabalha no momento, em regime fixo, preferido das mais velhas.

Levanto-me de manhã, às sete horas. Preparo 3 bandejas de café. Depois que lhes dei o café, despacho-me na cozinha e... pego no trabalho, a fazer a limpeza decasa, limpo, passo aspirador... e depois, se tem de lavar, lavo, passo a ferro...no meio do dia, preparo o almoço... depois do almoço, vou para o quarto durante uma hora, uma hora e meia... conforme... depois, levanto-me, passo a ferro... todos os dias... depois... páro de passar e vou fazer o jantar, dou-lhes o jantar, por volta de 10, 10 e meia, já estou desocupada, e vou para o meu quarto. (faz compras) coisa... pão, leite...porque eles gostam de pão fresco, pão fresco. Todos os dias! Se for possível, porque a senhora costuma ir comprar de manhã... Sobre o almoço, tenho de lhes perguntar o que é que eles querem, o que querem para o almoço hoje...o que querem jantar hoje... Tenho de perguntar porque... às vezes posso fazer e... talvez não lhes fique no esgravimento non?... Sempre lhes pergunto o quê que posso fazer hoje... E me explica. A senhora... Todos os dias. É diário. Todos os dias...

Angélica há mais de 15 anos numa mesma casa, conta como administra os horários em função do que deve realizar. Resulta esta organização de um cálculo implícito e minucioso, freqüentemente pouco considerado, das características do lugar e das pessoas que o habitam, o esforço que a casa exige, colocado em relação ao que pode dispendir.

Eu levanto-me sempre cedo. Acordo às 6 horas... 6 e meia, entro na casa de banho. Eu lavo, ponho o café na mesa, eles tomam o café, entro no quarto deles, faço a cama... porque tenho muito o que

apanhar no chão e começo a arrumar. Ponho tudo no lugar, então, começo a passar aspirador, um dia sim, um dia não. Tem dia que levo o cachorro pra fora porque têm cachorro, tem dia que eles levam o cachorro para ta... até o levam para o trabalho.... É... são todos arquitetos. Mas, como eles trabalham no lugar que é mesmo deles, eles levam o cachorro. Tem dia que faço compras, tem dia que não... hoje eu fui fazer compras, por isso estava correndo assim... Quando entro com o cachorro, é quando passo o aspirador, limpo toda a casa, quando termino de limpar, passo para o banho, quando saio do banho, passo para a cozinha, lavo e chão... é isso, é o meu trabalho de todos os dias! Faço almoço, faço jantar, para festas, para tudo, , para... para hóspedes de tudo!

Na descrição das suas atividades, emerge o papel da rede, no caso, de irmãs que se auxiliam mutuamente quando o trabalho de uma é mais pesado. Tal ajuda constitui parte das trocas internas e não há recompensa material por parte dos empregadores, embora, seja praticada em situações em que é evidente a sobrecarga de trabalho para uma só pessoa. No caso relatada, a irmã de Tina teria de servir um grande encontro em casa dos empregadores

No domingo elas batizam um bebê... na senhora. A Z.³² vem lhe dar una mano cosi. Não, não pagam à Z... a Z. vem ajudar-lhe. Ela faz pela minha irmã, compreendes?... Ela me disse que são 70 pessoas... ela vai servir... como ela me disse, acho que eles ordenam de um restaurante e ela só vai ficar a.. lavando bicchiero³³ (sic), arrumar coisas, assim... Ela e a Z. é que servem, as duas. Colocar as coisas que já estão todas prontas, é só tirar bicchiero... e coisas assim. Olha, quantas vezes já servi mesa de 20 pessoas sozinha aqui!!! Tanto anni fa!!!! É! E fazes! Corres, vais correndo e tudo, mas fazes... Até que virei pra ela (a irmã) e disse-lhe que se... porque eu vou visitar uma amiga minha no domingo. Eu disse-lhe que vou subir cedo e vou dar-lhe una mana, pura, vou ajudá-la.

³² A outra irmã delas.

³³ Copos.

Em primeiro lugar, é preciso um esforço para se entrar e compreender o mundo que se apresenta (e se esconde) à sua frente. Os relatos mostram que é necessário aprender os hábitos alimentares e de higiene e se conformar a eles, pois são interpretados no interior de um sistema já estabelecido e usado por elas. Exige que encontrem um equilíbrio entre estar presente na intimidade de pessoas e famílias, assistir aos procedimentos e condutas mais íntimas e, ao mesmo tempo, ser excluída, manter-se na sua solidão e na diferença. Muitas variáveis têm de ser mantidas sob controle pelas mulheres, o que, como pudemos ver, exige maturidade, obstinação, apego à obrigação e à disciplina. Sobretudo, exige uma consciência constante de que a sua presença, a proximidade de corpos não faz desse o seu lugar, dele estão excluídas desde o início.

Trabalho e superação

Um dos níveis de negociação se dá no primeiro momento, o de conseguir o emprego. A participação da rede, neste caso, é essencial, quase não se relatam outras formas de conseguir emprego, como, por exemplo, órgãos sindicais ou estatais. É neste ponto que a rede cruza com a das empregadoras que, entre si, trocam informações e recomendações sobre as empregadas.

Maria descreve a sua escolha pelo regime de trabalho que lhe permite maior controle do seu tempo, mesmo que tenha a aspiração de um trabalho fixo

Sempre vou substituir pessoas em férias . Todos os lugares onde fui "agüentar" férias, foi um trabalho "fixa". (Quando a pessoa volta) Eu procuro outro. Se não, vou para casa da minha irmã. Ela tem casa onde vou e páro uns dias. Só trabalho substituindo porque estou a pensar ir de férias para Cabo Verde. Quando voltar, aí sim, penso procurar um trabalho onde possa ficar "fixa".

As opções de Maria sobre a sua forma de trabalho são orientadas também pelo objetivo de não deixar prevalecer o corpo- cansaço, mas mantê-lo também próximo do prazer³⁴.

Cheguei há dias da ilha. Fui lá trabalhar com uma mulher que tem uma casa lá para as férias. Gosto muito de lá. Foi o lugar que mais gostei na Itália. É um lugar cheio de estrangeiros, americanos, espanhóis... É muito belo, tem muitas praias. Eu fazia a limpeza da casa, cozinhava, passava a ferro, lavava, fazia tudo. Depois do almoço ia prá praia, ou então nos meus dias de folga, ou no domingo que não trabalho. Encontrei um amigo meu nigeriano lá que estava com uns amigos e nós saíamos todos juntos.

Para Zelinda, há toda a conveniência em trabalhar como diarista, que, na sua opinião, permite maior autonomia.

Sempre aparece para quem quer um trabalho fixo. Eu não o faço. Já tenho casa, não vale a pena... É a mesma coisa. A hora ganhas mais que "fixa". Na "fixa" não tens liberdade para sair quando bem entenderes. Só tens quinta e domingo. Nos outros, quando trabalhares aquelas duas três horas, já podes sair. "No, no" quando forem três horas de trabalho, se eu não fizer tal coisa, não é problema meu. Se não, pagam-me as horas extras.

Eu não conhecia a língua, então não falava com ninguém. Fazia o meu trabalho e vinha-me embora. Fui com a T., e foi ela quem conversou com eles. Ela sabia falar italiano. Discutiram as horas e o preço do serviço. A relação é boa. Eles são gentis comigo, e eu com eles. Só isso, por acaso são todos simpáticos. Eu não gosto de quem chateia muito, de quem me causa "fastio" no trabalho. As pessoas com quem trabalho, deixam-me fazer o que eu bem entendo. Explicam-me no início, mas depois eu é que tomo conta de tudo. Já não preciso que me digam nada.

Não precisei aprender nada! Eu não lavo roupa, a máquina é que o faz.

³⁴ No seu estudo, Mello identifica nas atitudes diante da saúde e da morte das mulheres empregadas domésticas e as distinções entre doença, que é tratada com remédios e a falta de prazer, que indica uma condição de vida e de classe social. Cremos que aqui também, F. quis dizer que o corpo necessita de

Se tiver outras casas onde ir, eu vou. As vezes, as pessoas pedem-me para, por exemplo ir ter com os filhos... Aí trabalhas mais horas. Às vezes vou ate as dezoito horas. Eu tento ir no mesmo horário para ver se termino mais cedo. (Mas quando aparece outro) faz três casa num dia. Aí saís as 16h30 e vais para o outro.

O direito a horas de folga é onde os empregadores mais desconsideram as necessidades das trabalhadoras e onde exige maior negociação, cujo resultado, em geral, lhes é desfavorável, como demonstra Madalena

(Tenho folga) de quinta-feira, (saio) às três e meia... três horas... Três horas, três e meia... depende. Depende de quando almoçam... depois de limpar a cozinha, já posso sair.... Se atrasarem, saio mais tarde! Porque... o senhor é engenheiro, ele trabalha... Às vezes, saem para almoçar fora, mas a maior parte... é sempre em casa... Eles costumam até chamar gente para ir almoçar lá em casa... pessoas amigas, non... sentam-se à mesa por volta da uma hora, levantam-se por volta das duas e meia. Mas...(avisam antes) para eu preparar, senão... às vezes descanso uma hora... a gente tem direito a duas horas de repouso. Às vezes, hã... vais... se tens de limpar a cozinha, vais descansar, depois, tens de te levantar e pegar a passar... às vezes, é preferível passar ainda com luz... passar com a luz assim, não? A roupa... parece que fica bem passada, mas, no outro dia, seguinte, fica sempre com aquelas... como dizemos em Cabo Verde, " pé de galinha", non?!!! (risos)

Angélica

Já sabem sobre isso das horas porque sabem que quinta-feira, a gente sai às 2 horas de... aos domingos, tem gente que sai à tarde, tem quem sai cedo. Eu saio cedo, de manhã, às 9 horas. Se quero chegar em casa, ponho o café à mesa e depois saio.

Quando eu comecei, disse à mulher que eu tinha de sair... saio às quintas-feiras às 2 horas porque essa é a hora de todo o mundo. Mas tem gente que não sai porque tem muitas senhoras que não

deixam, elas se aproveitam. Eu entrei num acordo para que fosse essa a hora, e então, é nessa hora que eu saio. (?) vens e vês que os meninos já mudaram de escola, quando eles eram menores, chegavam cedo na hora do jantar.... Agora, chegam mais tarde porque a escola é mais longe... Por isso saio mais tarde.

Para se manter a situação sob controle, M.P. aponta para estratégias que lembram a submissão a que devem se sujeitar

Muitas pessoas que vêm para cá não encontram tanto bene, trabalham numa família por três meses, saem e têm de procurar outro emprego. Mas têm que saber que cada família tem os seus problemas, se alguma coisa não vai bem numa, outra não vai bem na outra. Temos que ter calma e paciência para levar a vida. Às vezes vemos algumas pessoas com muita irritação por coisinhas de nada. Na vida precisamos ter calma, porque problemas sempre teremos. Enquanto um não sai pela porta o outro não entra pela janela.

Madalena explica o que está envolvido na negociação

Dizem assim "hoje é domingo, precisamos de ti... te pagamos..." Assim... aí, em vez de saíres naquele dia, saís num outro. Às vezes, eu trabalhava até às 3 horas aos domingos. Depois do almoço, despachava-me na cozinha, limpava... e saíamos. E voltávamos às 8 e meia, 9 horas. Agora, aos domingos, a maior parte fica em casa, trabalha até de sábado, sexta-feira... Bem, quem trabalha... é conforme a hora que fizeram, conforme o contrato que fizeram com aqueles senhores... De 75 (1975) para cá, ainda tem gente que não sai de manhã (domingo de manhã). Não sei se a senhora lhes dá as horas.

Sei que eu trabalhava numa casa até às onze horas da noite, mas tens direito de trabalhar até às dez horas. Eles vão até às onze horas, doze horas. Os filipinos trabalham... nem que for mais cinco minutos... eles preferem receber... Pois, sim. Eles pagam... quando falta cinco minutos para fechar o trabalho, para deixar o trabalho, pronto, e basta! Mas eles falam, rodeiam, não sei, acho que temos outro coração, outra mentalidade...

Mas os filipinos são pontuais. Quando chega aquela hora, se for para largar, eles largam!!! Hã... ao contrário, nós temos, se estamos a lavar uma roupa e chega a hora... se estás a lavar a roupa, vais acabar de lavá-la, né? Secas e tudo... e só depois então é que... É outra mentalidade. Nós pensamos de outra maneira.

Quem entra em acordo com a senhora e tudo mais... fica tudo tranqüilo, porque, às vezes também eu digo " Senhora, amanhã preciso de sair, tenho de fazer um..., ir a um médico ou quê...", ela te diz " Sim, sim."

Quando fui a Cabo Verde, a senhora com quem eu trabalhava... eu disse-lhe " Vou a Cabo Verde, não sei quando é que volto." Ela me disse " Quando voltares, me telefona. Se caso... se estiver com falta de ti, tu me telefonas.

Angélica e os empregadores estabeleceram de forma implícita

Quando vim de Cabo Verde, aumentaram em 50 mil liras. Não vão aumentar mais porque agora quando sair, vou trabalhar menos, menos horas. Não estou lá 24 horas, 24 horas como antes. Não vão aumentar mais que isso. E, depois, pagam contributo... sempre pagaram. Por isso é que quero agüentar lá mais um bocadinho. Nem sei quanto tempo! Aqui muda uma coisa todos os dias!

As folgas, depende. Quando não estão (saem de férias), tomo mais tempo; quando estão, tomo pouco tempo. Quando eles não estão, posso parar o trabalho de uma hora até às 4. Se estão em casa, páro das 2 às 4 (às vezes até às 5). Depende. Se bem que eles trabalham de tarde. Às vezes, sento-me à frente da televisão e deixo o trabalho atrasado. Quinta-feira é obrigatório. Gosto de sair às 2 horas para telefonar para Cabo Verde e nem sempre consigo. Por isso é que quando deixo os pratos lá, eles não dizem nada, porque sabem que é a minha hora. Quando o., segunda-feira, acordo mais cedo e ponho na máquina. A nossa briga é com a quinta-feira. Com a quinta-feira e com as suas desarrumações! Mas já me acostumei com as desordens.

Conforme o perfil da empregadora, às vezes, a negociação deve ser sutil, explica Tina

Eu fui a Cabo Verde, quando voltei, eu lhe disse que queria aumento, ela ficou aí com história, brigando, porque, sabes, eles te pagam contributo, que eles chamam de seguro... porque aqui, tens de ter doutor, porque... se tiveres uma doença ou qualquer coisa... tens doutor, não pagas nada! Ela é que me paga tudo porque é obrigatório! Mas eu não pago, ela não me desconta, compreendes? E assim, ela me dá mas, se lhe pedir aumento, como agora, vou lhe pedir aumento, ela me diz que me dá esse... contributo, ela me xinga sempre por causa desse contributo, compreendes? Mas é pouco! Porque, hoje, como por exemplo, há meninas que ganham 1 milhão e meio, 1 milhão e 3, milhão e dois... é pouco, compreendes? Porque hã... hoje as meninas que entram agora, ganham muito! Elas pedem 1 milhão e meio, milhão e 4! E eles dão!!! Se não, elas vão para outro, compreendes? Mas eu, como não gosto de sair daqui por causa de dinheiro, eu não... não tenho interesse em sair de lá. Também porque eu não posso fazer trabalho de esforço, porque eu operei, não posso fazer..., se fôr para uma casa, para arrastar um móvel! Não posso pegar coisa pesada.

As possibilidades de negociação referentes sobretudo às folgas são reduzidas, é difícil calcularem com precisão o tempo utilizando padrões objetivos que permitam apontar a invasão do seu tempo³⁵. A natureza do trabalho doméstico não favorece as atitudes reflexivas em relação às condições de trabalho, pois, a infra-estrutura doméstica reduz o controle sobre tais condições e a produtividade em relação ao que lhe é oferecido de recurso e instrumento para cumprir as tarefas³⁶.

Encontra-se nos relatos o que define as características das relações de trabalho quando se trata de empregadas domésticas, quase que

³⁵ Os padrões normativos do trabalho domésticos são entendidos por um grande volume de tempo e trabalho dedicados a satisfazer as demandas do grupo doméstico e da casa (Abreu e Sorj, 1993).

³⁶ Por exemplo, fornecem o valor exato da sua remuneração sem, entretanto, incluir o pagamento dos benefícios feito pelo empregador, como parte do seu salário, mantendo-o de certa forma associado à generosidade pessoal, embora reconheçam que é uma obrigação legal.

totalmente personalizadas e em que as folgas são consideradas como um favor, a critério e conforme disponibilidade da patroa³⁷.

Há uma determinação individual sobre as formas de cada uma exercer o controle do tempo, das etapas do seu trabalho e de lidar com o envolvimento emocional que é intenso neste tipo de trabalho. Trata-se, entretanto, de tentativas no seio de interações pautadas pela visão da empregada doméstica como não-pessoa, cujas ações e discursos são ignoradas no seu objetivo de responder às necessidades de um sujeito que não se reduz ao sujeito do trabalho, reconhece palavras, ações e o cansaço. Ocorre isto, em relação a um trabalho realizado que não é percebido como um trabalho profissional, e, portanto, não é avaliado em termos puramente racionais.

Dina descreve as restrições sofridas quando começou a trabalhar

Eu tinha saído do colégio, disse (à irmã de caridade) que estava procurando trabalho, ela me disse "Então calhou-te bem porque tem uma senhora que está procurando uma pessoa para lhe fazer companhia", ela falou com a senhora, disse-me se eu podia ir falar com ela, me disse logo que eu pegasse no trabalho. Portanto, eu tinha feito quinze anos na... há, dezoito anos, peguei no trabalho, não soube o que foram os meus dezoito anos porque passei lá dentro, eu não saía pra festas, a gente costuma dizer que não vê a hora de fazer 18 anos para tomar a liberdade... eu, estando com essa senhora, eu não tinha a liberdade de sair muito.

Maria fornece um quadro claro das limitações que, conforme explica, outras colegas já vivenciaram

O que as meninas costumam dizer ...há senhoras que têm problemas com a comida. Como se te estivessem a pôr num regime. Se comprarem carne, é só para seus filhos e esposa. A ti só te dão "pasta". Não se lembram que tu também trabalhas, e que por isso precisas comer. Além disso, há outros que te dão uma panela na qual deverás cozinhar só para ti. Tens o teu prato, o teu copo, o teu talher. Por quê que não podes cozinhar a tua comida junto com a

³⁷ Lautier e Pereira descrevem esta situação em relação a empregadas domésticas brasileiras. As mulheres que entrevistamos referem-se a uma regra, conhecida por todos, que estipula os períodos de

deles? Como fazem uns, que depois da refeição pronta, tiram a tua parte e dão-ta. Há outros que compram "pastas" mais caras para eles, e das mais baratas para nós. Há outros na casa dos quais tens um horário certo para chegar, por exemplo 10 horas. Um dia eu e minha amiga saímos de casa as 10 horas e a senhora ligou-me para o celular a dizer que se não chegasse a horas que fecharia a porta. Outros não, dão-te a chave, e podes chegar à hora que quiseres. Se eu for para uma festa e quiser ir trabalhar mais tarde, sem problemas. Há muitos que dão a chave, e muitos outros que não. E há aqueles que tem de entender que chegues atrasada de manhã, porque, muitas vezes, saímos tarde da casa deles. Há muitos que também, conferem o teu trabalho. Se limpaste, se limpaste bem... Com isso eu não me preocupo, porque dou muito bem conta do meu trabalho. Porque não gosto que me digam que não fiz tal coisa. Sei o que é meu dever. Mas há muitos cabo-verdianos que tem dificuldades em trabalhar.

São percebidas mudanças na profissão quando ocorre uma alteração no regime de trabalho, em geral, substituindo-se o de trabalho fixo para o de diarista. Mas a superação é percebida quando há substituição por outra profissão. Entretanto, caso a aspiração central desta nova profissão seja a de tornar-se autônoma, o projeto pode ser adiado para um futuro, ainda incerto, em Cabo Verde. Germana que veio para encontrar-se com a mãe na imigração lembra-se:

Eu via a minha mãe a fazer aquele trabalho. e dizia-lhe "Ó mãe, ontem tu limpaste, hoje não precisa.", ela me dizia "Ó minha filha... aquilo que eu fiz ontem, que fiz hoje, que faço depois de amanhã, é o que faço daqui a uma semana... é sempre o mesmo!". Assim, aí fui vendo que... eu disse, "Bom, eu... acho que a vida de... 'casa de senhora' não é pra mim!" Nunca gostei de, ir limpar em 'casa de senhora'.... eu disse "Tenho que fazer alguma coisa porque eu não quero fazer o trabalho da minha mãe..." Naturalmente, ele não matou e nem mata ninguém... mas eu não sentia de... ir limpar casa de gente. Em parte porque eu também sou um pouco

desaforenta. Hã, se me dizes "A", eu quero te dizer "B" também. Tendo razão ou não, eu sempre quero... Assim... fui fazer a minha escola de...(cabeleireira.) E penso que o meu futuro é abrir um salão em Cabo Verde. É o que mais desejo. Só não sei quando.

Engajar-se em outro trabalho é, a par do casamento com italiano, a alternativa de conseguir outro modo de vida. Os resultados da mudança são incomensuráveis, porque libertam, mostra Dina

Porque, na Itália tem duas coisas com crioulo imigrante; ou continuas sempre na casa da patroa, ou decides a tua vida. Ainda se casares, se não tiveres uma vida própria... ou casar com uma pessoa rica e vais para casa sentar, ou senão, tens de ter uma vida, uma coisa razoável, para não ficares na casa da senhora. Senão, tens de passar a vida em casa de senhora, as pessoas sempre... ficam todo o tempo da vida com a senhora, a lutar com a senhora.

Quem superou tem "licença" para explicitar claramente a proximidade do serviço doméstico com a servidão, pelas relações de subordinação e submissão à arbitrariedade, além das tarefas pesadas e repetitivas. A dominação da patroa é o elemento dominante para que, segundo H., as mulheres procurem mudar a sua condição, não se contentar com o trabalho como empregada doméstica, transformá-lo num trampolim para ocupações melhores na Itália.

Trabalhar e viver tem de implicar a soma de outros sentidos à vida, a vida na "casa dos outros" traz os limites da humilhação, exploração e submissão, marcas, saudades, cuidado, amizade perene.

Mesmo que o que é feito no trabalho se mantenha separado do seu resultado, o que desencadeia em Cabo Verde mostra como trabalhar é mais que sobreviver e sobreviver é mais que trabalhar " de certo modo, é colocar as coisas no lugar, arrumar o mundo, dar ordem nas circunstâncias que, de outra maneira, seriam devastadoras" (Mello, 1985, p.277).

A ocupação dos espaços

O trabalho descreve elementos de autonomia e também de subordinação e, em contraste com a forte integração no grupo e sua rede, o espaço de trabalho é disperso, distribui-se por toda a cidade e seus

arredores e ao mesmo tempo, encontra-se contido dentro de casa, no cruzamento de todas as intimidades familiares. Há, pois, uma superposição que, ainda, tem de conviver com a objeção dos nativos sobre a ocupação e uso do mesmo espaço e dos mesmos lugares³⁸. Supõe-se que o estranho entre num espaço preexistente, que pertence anteriormente a um grupo, foi por este construído e produzido para o seu funcionamento. Além de ser o espaço por onde circulam pessoas e objetos que servem às práticas capitalistas e econômicas, reproduzindo, portanto, um determinado uso e qualificação, a forma como as pessoas circulam entre os lugares introduz novos sentidos aos mesmos e à distância entre eles.

Paulatinamente, as que vieram trabalhar no regime de emprego fixo, vão saindo das casas, aventurando-se além da mercearia e da igreja, primeiro, refazendo a sua malha de amigos cabo-verdianos.

Madalena

A primeira coisa que fiz aqui em Roma foi... fiquei 7 meses sem ver ninguém! Trabalhava naquela casa...às 7 horas tinha de ir à missa que era perto de casa. Saía de casa, entrava na igreja, da igreja, pegava no trabalho, não tinha domingo, não tinha quinta-feira... Depois, devagar, devagar... descobri que tinha domingo e quinta-feira para sair... E as pessoas começaram a chegar? E descobri o Tra Noi.

É sobretudo a mudança de emprego, as tentativas de melhorar as suas condições que as fazem entrar na cidade e vivê-la de um modo peculiar. Descubrem os lugares de assistência médica, sabem como ir ao consulado e desenvolvem uma sociabilidade com os porteiros, motoristas, faxineiras, italianos, filipinos ou da Eritreia, relações que se revelam úteis para a troca de informações sobre o caráter de eventuais futuros empregadores, as condições de trabalho e de moradia oferecidos, o valor do salário. Estas informações são trazidas para o grupo e formam a parte de pertença a um grupo maior, à categoria dos imigrantes e dos pobres.

³⁸ "Considerados como corpos (e indivíduos biológicos), os seres humanos estão, do mesmo modo que as coisas, situados em um lugar (...) e eles ocupam um espaço. O lugar pode ser definido absolutamente como o ponto do espaço físico onde um agente ou uma coisa se encontra situado, tem lugar, existe. Quer dizer, seja como localização, seja, sob um ponto de vista relacional, como posição, como graduação em uma ordem. O lugar pode ser definido como a extensão, a superfície e o volume que um indivíduo ou uma coisa ocupa no espaço físico, suas dimensões, ou melhor, seu entulhamento(...)" (Bourdieu, 1997, p.160)

Para as que trabalham como diaristas, também a descoberta da cidade é feita pela via do trabalho, fazem um mapa cujos pontos de apoio são os lugares aonde trabalham. A cidade é finalmente descoberta, passam a deslocar-se com facilidade, reconhecem detalhes da urbe, muitas vezes, despercebidos para quem é nativo.

Para mórar, entretanto, conhecem a sua face feia, ocupam os bairros mais distantes, pobres, mal servidos de transportes públicos, geralmente, nos fundos húmidos e mal iluminados de outras casas, muito perto de pessoas que fingem não as ver e, ao mesmo tempo, vigia todos os seus movimentos. Em contrapartida, alugar uma casa é sinal de autonomia, de superação, um ganho para si e para o grupo, que já tem aonde se encontrar nos momentos de lazer.

Todos estes esforços devem servir para estabelecer um compromisso e um modo de viver na cidade, selecionando e combinando valores novos, costumes novos, garantindo a consolidação dos padrões estáveis da sociedade, quer dizer, assegurando que não pretendem questioná-la com a sua presença. Um dos recursos é manter-se dentro do seu grupo de origem.

Os espaços escolhidos e ocupados pelo grupo³⁹, Tra Noi e Piazza Fiume, um ao lado do outro, representam a face da solidariedade, do calor humano, do sentimento de pertença a um grupo. Espaço e momento para esquecer a solidão, desabafar os problemas com os empregadores. Também ali se vai disfarçar a pobreza e se estabelece uma espécie de hierarquia no seio do grupo, fundada na antigüidade, nas melhores colocações profissionais e nos sinais exteriores de bem-estar material, como viagens mais freqüentes a Cabo Verde, por exemplo⁴⁰.

Atribui-se implicitamente o papel de porta-voz a alguns membros, como as mulheres que mudaram de profissão e se encontram numa situação mais favorável, como é o caso de Dina

³⁹ "(...) a proximidade no espaço físico permite que a proximidade no espaço social produza todos os seus efeitos facilitando ou favorecendo a acumulação de capital social e, mais precisamente, permitindo aproveitar continuamente encontros ao mesmo tempo casuais e previsíveis que garante a freqüência a lugares bem frequentados." (Bourdieu, 1997, p.164)

⁴⁰ Estas informações foram retiradas das observações que efetuamos no local. Por exemplo, M., uma senhora de 70 anos, sempre chegava vestida de modo diferenciado, com um lenço ao pescoço, símbolo de distinção e que foi sinônimo de elegância anos atrás, certamente, também entre as senhoras italianas. Em outra ocasião, uma jovem que chegara de Cabo Verde recentemente, de férias, contava o que tinha gasto ali e todas as oportunidades de lazer que tivera, mostrando verdadeiro desprendimento em relação ao custo da viagem e relatando seus planos para uma futura viagem em breve.

Friamente, agora eu percebo como é que algumas cabo-verdianas levam uma vida sacrificada. Trabalham de manhã até a noite... Aquelas que tem as suas casas trabalham até tarde, cansadas... Pelo menos aquelas com as quais eu tenho contacto, são pessoas estressadas ao máximo para ganhar qualquer coisa. São pessoas que praticamente passam a vida a trabalhar, e vão para Cabo Verde... da show⁴¹(ri). E as pessoas que vivem lá, pensam que vivemos a "fazer dinheiro" por aqui. Mas a vida não é assim... Não é assim tão fácil quanto parece. Trabalhar em casa de estranhos não é bom. Para trabalhar em "casa de senhora"⁴² tens que agüentar todas as suas chatices e fazer tudo que o pedem. Para nós... A época que eu vim era mais fácil. Como cabo-verdianas éramos melhor faladas que todos os outros estrangeiros que viviam aqui. Diziam que trabalhávamos bem, éramos honestas, mas hoje em dia já não é mais assim.

Outros fatores diferenciais são o tempo de estadia, os que se aproximam da migração definitiva e conseguiram a cidadania italiana, que têm mais família e amigos espalhados pelo mundo, as que se casaram com italianos, os que adquiriram casa e já têm algum negócio em Cabo Verde.

Mas são os lugares essenciais para a rede, para que circulem com rapidez as informações sobre os empregos, sobretudo porque as que têm trabalho fixo e dormem no emprego, só mantêm contato com os demais nos horários destinados às folgas semanais. Além dos endereços, transmitem-se as informações de forma subjetiva e com base nas relações pessoais e afetivas com os prováveis empregadores. A rede pode colocar restrições ou bloquear o acesso a determinadas informações que poderiam ampliar o ângulo de ofertas de trabalho. Parece que ficam restritas à rede montada pela sobreposição entre a sua rede e a das empregadoras já conhecidas.

No seio da comunidade as aquisições se tornam significativas, por isso, quando as que se consideram mais integradas manifestam o seu afastamento dos seus conterrâneos e passam a condenar determinadas

⁴¹ Para se exibirem

⁴² casa de família

atitudes do grupo, ao mesmo tempo, revelam que seus momentos de lazer são partilhados com eles. Neste grupo são maiores as queixas sobre a degradação da Piazza Fiume como lugar de encontro. Há uma preocupação com a opinião dos italianos sobre a comunidade e as críticas se dirigem para o interior desta, pela permissão ao uso do lugar à noite por prostitutas⁴³, ou, durante o dia, por ser palco de brigas e freqüentada por italianos que procuram estrangeiras.

Fica claro que os lugares, Tra Noi e Piazza Fiume, únicos espaços públicos tomados pela comunidade, espelham as divisões e desigualdades internas e, com a comunidade em crescimento, evidencia-se a reprodução das divisões originais em termos de classe ou segmento social de acordo com o capital simbólico ou econômico. Neste sentido, Tra Noi é conhecido pela freqüência de pessoas mais velhas e algumas crianças, católicos praticantes. Os demais "passam por lá" no horário de maior convívio no salão e antes de ir para a Piazza Fiume, em frente, freqüentada sobretudo pelos mais jovens.

A chegada do estranho

A objeção que freqüentemente aponta-se nas sociedades de recepção sobre a presença do imigrante refere-se às mudanças na substancialidade social do espaço. Entende-se de antemão que o sujeito é capaz de produções sociológicas e psicológicas, subjetivas e objetivas no espaço, atribuições que podem alterar as suas definições, somar outro sentido e valor às suas características estigmatizadas à partida. Se o estranho vai a muitos lugares, tem mais a dizer sobre os encontros com os nativos, sobre o que vê e vive, pode tornar-se o narrador, portanto⁴⁴

Tal como em outros momentos do seu discurso, Mana apresenta suas reflexões em que compara acontecimentos e modos de conduta de lugares diferentes

⁴³ Apenas em uma ocasião e brevemente, uma das entrevistadas se referiu a uma moça cabo-verdiana que seria prostituta. Este tema foi mencionado apenas em mais outra ocasião, como sendo uma atividade realizada sobretudo por nigerianas. Entretanto, é fato que, à noite, também cabo-verdianas utilizam a Piazza Fiume para conseguir clientes. A queixa das demais é que isso se apresente à luz do dia.

⁴⁴ Como explica Bauman, estar do lado de fora, pois é a partir daí que bate à porta, confere ao estranho a posição de objetividade: um vantajoso ponto de vista exterior para examinar, observar e criticar os nativos (1991)

Trabalhar em Portugal é diferente de trabalhar em Roma, porque os portugueses são racistas, ao menos eram. Aqui em Roma algumas famílias nos tratam tão bem como se fossemos da família. Em Portugal o tratamento é de patrão e criada. E assim é mais difícil. Não é bom trabalhar em Portugal. Os italianos parecem um pouco mais humanos do que os portugueses.

E se, para o nativo, não é possível desviar-se do espaço que eles ocupam ou dividem, a melhor solução então é um encontro que não é realmente um encontro, que finja ser um encontro, um *desencontro*. E este só é possível se se negar que se trata de um sujeito moral, após, portanto, excluir as situações que possam dar ao estranho uma importância moral.

Mas porque surgem, de antemão, aqui, suposições de que são negativas as avaliações que se fazem sobre a entrada da imigrante?

Desde que possuam uma característica observável que pode ser primeiro salientada à atenção pública, um sinal visível de alguma falha, um traço que pode torná-la identificável como inferior, menos desejável, ruim e perigosa, estão reunidos os elementos para, imediatamente, se atribuir uma identidade virtual difícil de ser negada por mais que tentem afirmar a efetiva identidade. Ainda mais quando se trata da côr, diferença que está, em princípio, além do *conserto*, e que justifica uma permanente exclusão, reconhecem os nativos nesses traços, meios de se proteger de quem chega, o estranho, que não se sabe se é amigo ou inimigo e que coloca o exterior dentro, por conseguinte, introduzindo na ordem a suspeita do caos.

Estas características imputadas definem o estigma, sinal que circula nos discursos como definição que lhes é atribuída, apesar dos seus protestos, por contrariar e esconder quase todos os atributos dos quais se reconhecem portadoras. E a sua origem, as circunstâncias que a fazem chegar são reforços para este sinal agarrar-se com ênfase ao corpo e às mentes. O estigma visível⁴⁵ significa que o sujeito fica invisível, não tem opinião ou não é conhecida. Sinais de mulher, de outras atribuições e características devem se tornar invisíveis, pois podem ocultar o estigma. A

⁴⁵ Conforme Bauman, são sinais exteriores de um interior supostamente mórbido, escolhidos por não cederem facilmente às habilidades cosméticas humanas (1991).

luta para que o estigma se sobreponha a todos e que a ordem desigual das coisas seja reposta, elimina a possibilidade de negociar⁴⁶

Fui trabalhar em casa de uma senhora de uns setenta anos. Era viúva de um ministro. Não me dei muito bem com ela, porque era uma pessoa muito chata. Era boa pessoa me tratava bem, mas em alguns momentos me fazia nervoso. Ganhava mais do que na outra casa, mas não me dei bem com ela. Nessa casa não tinha liberdade. Coincidiu que estava a aprender a tocar violão, mas a senhora não agüentava me ver com o violão na mão e eu tinha que o esconder. Se lavasse o cabelo e colocasse rolos⁴⁷ para secar o cabelo, tinha que me esconder dela, ou seja, só podia fazer isso quando ela fosse dormir. Às vezes lava o cabelo, depois do jantar e punha rolos. Nesse horário se me chamasse e eu estivesse com os rolos, brigava comigo. Mas saí da sua casa não por esses motivos, porque eu pensava que apesar de ela ser como era, lá não havia muito trabalho. Ela era sozinha e não dava muito trabalho, então eu dizia vou ficando e vou suportando. Mas depois acabei por sair de lá porque naquela época senti a chamada para entrar na comunidade, e a comunidade necessitava de alguém que ficasse pelo menos aos domingos, o dia inteiro, e eu só tinha folga no período da tarde. Falei com a senhora para me folgar aos domingos, o dia inteiro, mas não aceitou, porque não podia ficar sozinha em casa, o dia inteiro, e me pediu para sair da casa dela. Acho que assim foi até melhor, porque já não a suportava.

À chegada, parecem ser mais insistentes as condutas que procuram incluir a imigrante nas categorias e inferências anteriores relativas ao seu grupo e categoria profissional, como mostra Madalena

Quando cheguei, o senhor padre foi nos receber, cheguei nesses senhores para quem ia trabalhar e disse bon djiurno... como já trabalhava com o senhor padre italiano em Cabo Verde, dei bon

⁴⁶ O diferente é percebido como ameaça à identidade estabelecida "quando as identificações são mal-estabelecidas, levando ao medo de perder o que já se estabeleceu, se construiu, se organizou, impedindo o eu de continuar a se constituir pelas suas experiências que só podem ocorrer com o contato com os que são diferentes" (Crochick, 2002, p. 126)

⁴⁷ bobs

giurno. Eles falavam comigo em italiano. Eu respondia... com um pouquinho que sabia de português.

Eles compraram sabão à peça né? Eu ainda estava... foi naqueles dias que eu tinha começado. Disse " Senhora, o sabão acabou.", ela me disse " O que é que estás a fazer com esse sabão? Andas a comê-lo?". Eu disse " Não, na minha terra, a gente não com sabão!" Eu disse-lhe, e ela compreendeu... Sim, eu disse-lhe... Eu disse-lhe " Na minha terra, a gente não come sabão!".

Quem vem é o estranho porque o estranhamento é feito do não reconhecimento sistemático de que um sujeito se apresenta diante de nós. Os comportamentos individuais cotidianos, efeitos diretos da relação com a alteridade, assim como o contato com o outro resultam da diferenciação de todo o grupo humano, refletirão agora, relações marcadas pela diferença e pelo inabitual.

A exclusão, os maus tratos, a discriminação e a submissão referem-se ao tratamento que lhes costuma ser destinado, remetem a aspectos da sua posição como dominadas⁴⁸, pretendem incutir que pertencem à categoria de pessoas que são inabilitadas para a aceitação social⁴⁹

Maria

O interessante seria que todos nós nos reuníssemos, sem guerra, sem diferenciação, sem racismo. Isso é importante. Uma outra coisa que me deixa igualmente triste é a nossa situação: não estamos na nossa terra, e as pessoas tem a "mania do branco", a mania do racismo. Eles, quer dizer, não são todos, mas há muitos que tratam mal as pessoas. Como por exemplo, há bocado eu estava ao telefone, terminei uma e ia fazer mais uma chamada. E atrás de mim estava uma italiana que, me perguntou se eu ia fazer mais uma ligação. Eu disse que sim, que seria rapidinho. Ela disse-me que eu tenho de pensar que não estou na minha casa, nem tão pouco no meu país. Enquanto fazia a segunda chamada, ela continuou a dizer um monte de coisas, coisas essas que não fiz

⁴⁸ Autores como Bauman, Sayad, Bourdieu, Spire, na migração contemporânea, face à ameaça de durabilidade da estadia dos imigrantes, o estigma tem a função de instalar os imigrantes definitivamente na provisoriedade

⁴⁹ Apesar do que fazem, da importância para a economia doméstica, familiar e das afetividades.

questão de ouvir. Não é por não estar na minha casa, nem na minha terra, que não posso telefonar. Por eu estar no país dela, eu não posso ter os mesmos direitos que ela? Isso não tem nada a ver. Até porque se ela estiver, assim como muitos estão no meu país, eu não farei o mesmo com eles.

Eu não lhes diria " olha, não estás na tua casa, nem no teu país. Aqui quem tem direito sou eu." Isso não. Isso é bruto! Não gostei do que ela me fez hoje. Fiquei muito chateada com isso.

Em Cabo Verde há muitos estrangeiros e sempre os tratei bem. Não gosto de diferenciação.

Todos nós somos iguais. Todos nós somos humanos. Não podemos diferenciar pessoas. É algo que me deixa realmente triste, de que não gosto nada.

Racismo é... só porque temos uma cor escura, isso não quer dizer nada. Eles nos tratam... claro que não são todos, sempre achas alguns que te tratam bem.

Eu não tenho mal nenhum a falar dos italianos. Agora estou cá, comecei a trabalhar, não tenho mal nenhum a dizer. Onde trabalho, todos me tratam bem. Gostam muito de mim. Mas vejo muitos colegas meus passarem por más situações.

De fato temos de suportar tudo porque não estamos na nossa terra, saímos de lá para vir cá trabalhar. Mas há muita coisa que às tantas já não consegues agüentar. Não é por estarmos cá, que temos de agüentar tudo o que dizem e fazem. Isso não pode ser!

Eu estou cá. Sou de Cabo Verde, estou contente, e espero que as coisas continuem a correr da melhor forma, enquanto cá estiver. Não fiz mal a ninguém. Tratarei toda a gente bem, até voltar pra minha terra.

A qualidade do estigma como recurso para afastar a similaridade que o tempo constrói nas interações e repor "o outro no seu devido lugar" aparece em situações que são esforços da imigrante se apresentar por seus demais atributos. As ações têm a intenção de fazê-la retomar o lugar que lhe foi destinado e recolher a ilusão da partilha

Tina

Quando cheguei, fiquei um ano porque briguei com a mulher... era assim, ela não era muito boa da cabeça, quando o marido lhe fazia qualquer coisa, ela vinha explodir aquele "nervoso" em mim! Eu já não a suportava mais. Ela tinha um menino e esperava outro, então, estava sempre deitada na cama, não podia se levantar da cama, compreendes? Aquele homem sempre me pedia que eu ficasse com calma, com paciência. Um dia, não sei o quê que o marido lhe fez, ela me fêz, eu disse-lhe... foi ela mesmo que me disse que eu pusesse na rua!!! Naquele tempo, estávamos com português⁵⁰, chamei o senhor Jorge é que era o embaixador português porque naquela época, não podias mudar de casa como mudas hoje. Porque... se tens um contrato, tens de deixar que termine naquele tempo para começares outro.

Naquela época, era brocha, não era como hoje que podes estar quinze dias numa casa e, se queres sair, é só sair! Naquele tempo, tinhas de sair depois de um ano, quando o teu contrato já tivesse fechado.

Dina nos explica o ponto a partir do qual o encontro é impossível

Em casa de uma senhora, mesmo que tiveres vontade de te instruíres, mesmo que tiveres possibilidade, podes ser mais instruída que a senhora mas ela é que é a senhora. Tens de te sujeitar àquilo que ela diz porque ela é que é a patroa.

Angélica tem uma relação de confiança com os seus empregadores e filhas, construída em mais de 16 anos de trabalho mas, o olhar mais marcante que cada teve do outro foi construído por meio do estigma

Discutíamos porque ela não ouve nada do que a gente lhe diz ou, senão, ela xinga de todas as maneiras, na língua dela... e eu disse-lhe "olha, eu te criei até agora, que já estás grande... então, não vou tolerar isso!". Eu queria sair e... a mulher me disse "Não, vai descansar a cabeça... quando fores e voltares, elas já terão mudado...". Uma delas mudou de fato, mas a outra... a menor... Ela

⁵⁰ Quer dizer que, na época, os cabo-verdianos eram considerados portugueses. Refere-se a uma época anterior à independência.

diz "Putá! Cachorra! Tu vendes a cabeça...", é isso que ela diz, que é "fazer... mulher de vida."

Eles são racistas! Eu, se fosse para casar com um branco... ficaria titia por toda a vida! Enquanto é só no trabalho e estou "tomando" o meu dinheiro, está tudo bem, mas... senão... Se bem que eu não tenho do que me queixar porque... coisas de racismo comigo nunca... Eu vi um bocadinho disso na menina e fiquei muito espantada mesmo! Mas, no fim, a gente ficou bem...

Seguramente ela ouve no meio dos seus amigos. Porque eram umas meninas tão educadas, foi depois que mudaram de escola e passaram a ir à escola e... Foi depois que começaram a se achar grandes porque nem são grandes porque a mais velha fez 16 anos no dia 4. A outra faz 14 e... 14 anos no dia 4 do próximo mês.

Quando elas me insultaram, eu disse aos pais que ia embora... porque ela tinha me insultado, e... então, por acaso, naquele dia, o B. passou lá para me levar o passaporte, a mais nova... só faltou ter um ataque porque queria saber o quê que a mais velha tinha-me dito porque o B. tinha ido me buscar?!!! Porque eles sabem que o B. é que me trouxe, então, se há alguma coisa, um documento para assinar ou quê eu chamo o B. para assistir, se é de firma, se não é de firma, isso ou aquilo. Porque o B. é um... é um pai adotivo.

Então, quando a menina viu o B. na porta, ela sentiu medo porque... basta que telefonou à mãe dizendo que o B. tinha ido me buscar. Eu disse ao B. que ia embora junto com ele. Ele me disse "Não, tu não vais! Primeiro, fala com a mulher, depois fazes... só depois é que sais! Porque, se como... tu fechaste aquelas portas e vieste, então, tu é que deves abrir essas portas e entrar! Tu é que tens a chave, portanto, não saias assim por causa de uma menina!" Então, depois, pensei... falei com a mãe dela e o pai dela... eles saíram do trabalho naquele momento. Eles têm medo que eu os deixe!

Durante 3 anos, eu fui a Cabo Verde todos os anos! Por 3 meses, por 2 meses... e... ela vai fazendo o trabalho com as suas próprias mãos! Ou então, procura alguém que fique no meu lugar até à

minha volta! Da última vez, exagerei porque saí... e fiz bem porque precisava mesmo deixá-los por um bom tempo para então voltar. Para eles poderem me dar valor!

Disse-lhes que ia embora, disseram para eu não ir, para pensar bem... porque as meninas cresceram na minha mão, que elas não encontram alguém que... que se dê com as meninas como eu! Mas senão... que eu estaria a desorientar a vida deles... então... disseram que eu tomasse férias. Eles brigaram com as meninas, ficaram um mês de castigo... a mais velha... e eu também eu precisava.

Porque isso é dos meninos italianos, sabem que os pais nunca lhes deram uma... eles zangam com eles mas, se levantarem a mão para bater... depois, metem a mão no bolso e dão 100 mil liras, 50 mil liras... pra consolar o menino! Para não ficar chateado com eles!

Ficaram chateados porque perguntaram à menina onde é que ela tinha ouvido esse... essas parola que ela me dizia porque... Porque eu é que... que eu é que estou com eles desde que elas eram crianças, eu é que cuidava delas, que quando eles viajam por um mês, por 2 meses... que nunca mais eles querem ouvi-las a dizer essas coisas a mim ou a outra pessoa, ou... a ninguém, a ninguém mesmo! Ou... que, mesmo à sua volta, eles não admitem ouvir que se chame alguém de preto, ou de puta ou de outra coisa! Nunca.!

Ela pediu desculpas, pediu para que eu não fosse, que ficasse com eles, que nunca mais me insultaria...

Me aborreceu mais porque me chamou de preta... Não, porque ela tinha um monte de roupa jogada no chão né, eu disse-lhe que apanhasse, ela não apanhou... estava chateada... eu disse-lhe que se não apanhasse, que eu chamava a mãe e dizia-lhe... Ela então disse que se eu fizesse isso, que eu era uma puta, um isso e aquilo, estás aqui para fazer, tens que fazer!!! Eu disse-lhe, "Ah, eu tenho que fazer? Então, espera, vais ver!" E fui-me embora⁵¹.

⁵¹ "A procura do conhecimento do outro para que me reconheça, ou do conhecimento do mundo e da sua verdade para nele também me reconhecer e encontrar um lugar, são ambas essenciais à constituição da identidade, de um equilíbrio, da integração" (Torres, 1987, p.24). O desencontro cresce das margens da incerteza, da perturbação que nasce e leva à não realimentação do encontro.

Mas para a imigrante não há como ficar indiferente a todas tentativas de ser imobilizada na sua identidade de Outro. Todavia, os sinais exteriores que continuamente lembram a sua condição não podem ser erradicados. Mas, para tolerar a incompreensão que é o racismo e a discriminação, pode adotar diferentes caminhos.

Uma das alternativas é ter as mesmas crenças que os "normais", tornando-se suscetível ao que vêm nele como seu defeito

Dina

Às vezes, crioulo diz 'Ah, é porque sou preto'. Não, não, não é isso! Sim, é verdade que há racismo na Itália, não digo que não tem. Para ser sincera, eu vivo... todo o tempo aqui na Itália não tive problema de racismo, me dou com os amigos no trabalho e tudo mais e não tenho problemas com a mentalidade deles⁵².

Como incorpora-se o estigma e repete-se o discurso em relação a mim e aos outros, o discurso da imigrante pode aproximar-se do discurso dos nativos

Antigamente, há tantos anos dizias que a Itália era mais gostoso, mais tranquilo... andavas tranquilamente, ninguém te incomodava, não te tiravam as coisas. Mas agora, o que veio de estrangeiros, de outras terras...! Até, de noite, não podes voltar... porque não são só os estrangeiros, mesmo os italianos... eles não têm trabalho, compreendes, ou são malandros ou o que fôr... há muitos que são malandros.

Antes éramos só nós, cabo-verdianos, no tempo em que eu vim. Pessoas da Sardegna, que é uma região da Itália, é que trabalhavam como camareiro. Assim como nós vínhamos de Cabo Verde, eles também vinham para ser criados⁵³ aqui em Roma.

Naquele tempo éramos poucos e naquele tempo, não vias filipinas... quando eu vim..., não vias tanta gente de Etiópia.

Era contado nos dedos aqueles que, como eles dizem... de misto. Porque tens italianos que tiveram filhos mistos por lá (na Etiópia),

⁵² A identificação com a classe dominante gera uma imagem boa que todos os segmentos da sociedade aspiram possuir. Ao lado, gera-se uma identidade "mã" que acaba por coincidir com a identidade do grupo ao qual pertence o indivíduo.

⁵³ Empregados

no tempo de guerra. Mas, naquela época, na Itália... éramos nós, de pretos, como eles dizem, aqui na Itália, éramos nós, de Cabo Verde. Não vias dos outros países.

Pelo perfil da maioria dos empregadores, profissionais liberais, classe alta e tradicionalmente muito religiosa, algumas condutas preconceituosas ou estigmatizantes são consideradas incorretas e inaceitáveis, de modo que, freqüentemente, as mulheres entrevistadas referem-se à interação baseada neste modo correto de lidar com estrangeiros. A mentira, denominação encontrada nas entrevistas para descrever a descoberta do engano, pretende mascarar a dominação e a desumanização. Ao mesmo tempo, evidencia que a luta é desigual e que quem cria as regras são os nativos, portanto, podem mudá-las a qualquer momento.

Diz Tina sobre a empregadora para quem trabalha há mais de 16 anos

Ela é uma pessoa que, por mais tempo que estejas em sua casa, não confia em ti. Ela te diz "Ah, és como uma família em casa!", mas é tudo mentira. Por exemplo... quando a Z.⁵⁴ vem cá, se eu lhe disser que a Z. vem, parece-me que lhe dá fastio! Ou a V.⁵⁵, ou as meninas. Assim, ou não deixo que ela saiba, ou... mais um pouco, ela vem, por exemplo, não sei quando é que ela resolve vir aqui, compreendes, e logo eu as ponho para fora, compreendes? Senão... Às vezes, eu faço fita que é... a televisão que está ligada, ou o rádio... compreendes?

Ela vem porque quer dizer que a casa é dela, toda a casa! Antigamente, não, ela ficava só lá pela sala, o seu quarto, sala, seu quarto. Depois, a sua mãe morreu, ela vou ficando... quando o irmão dela morreu, ela era muito apegada com o seu irmão.

Embora o trabalho que realizam não exija contatos com a esfera pública, a percepção de que, mesmo estando nas suas bordas, o mundo do trabalho na Itália e um mundo de direitos trabalhistas, orienta os seus esforços para a aquisição de conhecimento sobre como recorrer aos meios de assistência médica e social disponibilizados ao grupo, por pertencerem à

⁵⁴ Irmã dela que também mora em Roma.

⁵⁵ Filha de Z.

categoria de trabalhadoras e pobres. Constatam a crescente precarização dos seus direitos trabalhistas, que é uma forma de mantê-las distantes dos direitos reservados aos autóctones, modo de igualar todos.

É neste momento que se torna mais evidente a mentira, com as tentativas de evitar que os efeitos da generalização dos direitos trabalhistas alcancem os estranhos ao grupo, mesmo que incluídos anonimamente como trabalhadores.

Assunção

Quando vim de Cabo Verde, aumentaram em 50 mil liras. Não vão aumentar mais porque agora quando sair, vou trabalhar menos, menos horas. Não estou lá 24 horas, 24 horas como antes. Não vão aumentar mais que isso. E, depois, pagam contributo... sempre pagaram. Por isso é que quero agüentar lá mais um bocadinho. Nem sei quanto tempo! Aqui muda uma coisa todos os dias!

Existem tantas estrangeiras aqui, que eles preferem as outras às cabo-verdianas que são mais caras. Quase todas as cabo-verdianas que vivem cá tem documento, tem permeso de residência é um permeso jorno o que obriga as senhoras a pagar o contributto para a assistência. Nesse caso preferem trabalhar com as polacas que não tem documento e por isso não recebem contributto. E as cabo-verdianas encontram maior dificuldade para trabalhar(ri), porque as opções se tornaram muitas e as "senhoras"⁵⁶ poderão escolher. Antes éramos em menor numero e não havia muitas opções e talvez éramos nos é que escolhíamos as "senhoras"... Agora são elas é que escolhem. Assim é a vida!!

A modificação das regras lembra aos imigrantes que, apesar do tempo prolongado em que, naturalmente, o seu percurso em algum ponto toca o dos nativos (por exemplo, e na medida em que as leis são de aplicação anônima e geral), continua sendo, de direito, dispensável e expulsável.

Desta vigília social, somente escaparam as mais antigas, como Madalena, que ainda se beneficiaram, antes do sistema perceber que era necessário criar uma diferenciação dentro das categorias de pobre e

trabalhador de forma a excluir os imigrantes que, até ao momento, se tinham beneficiado do anonimato das duas primeiras categorias. Tal a precariedade das condições atuais e a dificuldade em conseguir uma condição trabalhista que, no grupo de imigrantes, se valoriza quem obteve tais regalias do sistema italiano. Parte da sua hesitação em regressar definitivamente a Cabo Verde, aonde, diz, se encontra ligada somente pelos laços matrimoniais, já que “todas as amigas estão aqui”, se devem à avaliação do custo e do valor que representa a aquisição da cidadania italiana para a sociedade de emigração. As tentativas do estrangeiro entrar num mundo “sem ser convidado” lança o nativo para o lado receptor da sua iniciativa, ameaça transformá-lo em objeto da ação de que aquele é sujeito.

A mais clara evidência, no caso estudado, são as recusas em reconhecer todas as tentativas de instaurar a sua humanidade na imigração, a mais essencial delas que é da procriação. É o momento em que mais facilmente a mentira se despe totalmente, não deixando lugar sequer para os modos e condutas considerados nos limites da humanidade⁵⁷.

Linda

Muitas cabo-verdianas que vêm para cá não tem filhos não constróem suas vida, porque enquanto não tiverem uma casa, se ficarem grávida vão para a rua, porque não são todas as senhoras que aceitam que as empregadas tenham filhos. E quando se pensa em ter uma casa tem-se que pensar no aluguel que é muito caro e nas outras despesas que uma casa dá.

O estigma também manifesta a sua face no aviso dos nativos aos que ousam juntar-se aos estrangeiros, por causa do “perigo” da contaminação. O nativo que se aproxima dos estrangeiros põe a sua lealdade para com o seu

⁵⁶ patroas.

⁵⁷ Tal como no racismo, o que torna o outro um estrangeiro, portanto com prerrogativas muito mais ameaçadoras que o inimigo, não é tanto a diferença mas a possibilidade de vê-lo tornar-se o mesmo, descobrir nele semelhança e similaridade, o que ameaça e fragiliza a identidade. Poder encaixar o outro em algum sistema que o define como diferente nos tranquiliza na nossa identificação. Quando ameaça escapar dessa definição, não caber mais nela, é preciso fazê-lo voltar a ela, manter-se como o outro, não me deixar perder os meus contornos.

grupo original em risco, constitui ameaça para este. Sobretudo se gerar filhos com o estranho⁵⁸, questiona a segurança atribuída à pertença a um lugar apenas⁵⁹.

Ao mesmo tempo, experimenta a possibilidade de poder ser também de outros lugares, conhecer o lugar aonde seus filhos têm uma parte de si e, ele mesmo também tornar-se um narrador

*O acontecimento mais importante na Itália foi o nascimento do meu primeiro filho. Foi importante, foi triste. Porque eu era uma pessoa sozinha, Não tinha mãe, irmã, irmão...era uma pessoa completamente sozinha. A minha sogra não ...?... porque eu era negra. Casei com o filho dela e tal... Portanto, quando tive o meu primeiro filho eu estava sozinha! Foi uma coisa que vivi sozinha! O meu marido estava contente, ate um certo ponto, é que naquela altura ele ainda não se sentia confortável com a idéia de ser pai. Foi diferente com o segundo filho, mas o primeiro foi meio assim... Portanto, vivi aquilo sozinha! Foi importante!*⁶⁰

No contexto das sociedades que insistem na presença de corpos-trabalho, nega-se constantemente a dignidade nos encontros humanos pois, a avaliação é somente por meio de um trabalho que não garante o sentimento de valor pessoal e a auto-estima. Resiste-se ao que as pessoas dão o melhor de si, que é a sua humanidade (idéias, pensamentos, sentimentos, individualidade), que têm de ficar de fora dos encontros.

Além da categorização por meio do estigma, a dominação é assegurada pelo fato de que a sociedade de imigração aborda o fato da imigração durante a sua realização e a tornou uma questão de ordem

Mas se ser único, no sentido narcísico, é uma característica exigida para os indivíduos ocuparem um lugar ao Sol, , quanto mais diverso o outro, mais difícil a identificação que constitui o indivíduo (Crochick, 2002, p.131)

⁵⁸ o que deveria ser visto como a parte da sociedade que permite instaurar um espaço de construção de novas subjetividades, para usar expressão de Koltai (2002), de constituição de um espaço transicional em que o estrangeiro não se sinta acossado.

⁵⁹ O episódio da entrada do estranho só pode ser feito por alguém que tem opção e a escolha que apenas nativos não possuem, mas cujo status não pode jamais ter a mesma solidez, finalidade e irreversibilidade que o dos nativos, pois, para estes, a lealdade é um destino comum e portanto está garantida. Para o estranho, a lealdade é uma adesão, portanto, uma decisão, escolha, portanto desde sempre comprometida pois pode ser objeto de renúncia. É sempre duvidosa (Bauman, 1991).

⁶⁰ A discriminação é na verdade indiscriminação entre o eu e o outro, quando o indivíduo não encontra a delimitação bem-establishada entre ele e os seus desejos e as possibilidades de realizá-los, tem receio de se perder na experiência com o diverso, pois, o que o outro suscita não foi precedido da diferenciação desse outro (Crochick, 2002,p.127).

pública, uma necessidade da vida prática, mantendo-se indiferente às condições e circunstâncias que governam a emigração⁶¹. Procura-se, por conseguinte, manter invisível a participação do nativo na emigração e na imigração, atribuindo totalmente ao imigrante o custo da estadia, seus motivos e resultados. Assim, quando as empregadoras formam uma rede informal de recrutamento de empregadas domésticas, não estão interessadas no que e a quem esta iniciativa automaticamente move no outro lugar, apenas aguardam o resultado de uma indicação segura.

Linda

A minha senhora arranhou um contrato de trabalho para a minha irmã vir para Itália e hoje responde a um processo em tribunal, por irregularidade. Como eu já trabalhava com ela e ela não podia se responsabilizar pelas duas (eu e minha irmã) arranhou uma outra senhora para a minha irmã. Tenho muitas pessoas da família que poderia ajudar, mas fico com receio.(...)

A rede de empregadoras tinha um ponto de coincidência com a das empregadas interessadas em trazer amigas e parentes. Tradicionalmente, a participação dos nativos iniciava-se quando uma provável empregadora observava o trabalho de uma cabo-verdiana em casa de alguma amiga ou conhecida. A partir de então, acionava-se a rede de informações entre as italianas empregadoras.

Assumção conta como a irmã e o namorado, imigrantes em Roma, decidiram trazê-la

Eles é que tiveram a idéia de vir e de me mandar buscar. Conversaram com uma amiga da tal senhora, que lhes disse que a amiga precisava de alguém. Então, a minha irmã disse-lhe que tinha uma irmã em Cabo Verde, e que se ela quisesse, poderiam mandar buscar-me. A senhora aceitou e escreveu-me pedindo os meus documentos. A minha mãe enviou-os. E logo de seguida enviaram-me o bilhete de passagem, e vim. Primeiro mandam o contrato de trabalho, depois o bilhete. Entretanto, envias os teus documentos,

⁶¹ Para entender como se podem manter distantes dos motivos por detrás da emigração, Lautier e Pereira lembram que se considera o mercado de trabalho como um dado intrínseco com o qual se confronta um indivíduo desqualificado, pronto a tudo para sobreviver. Este mercado, por sua vez, constitui-se em torno

nos quais eles põem todas as datas necessárias. Depois mandam-te o contrato e o bilhete.

Os primeiros empregadores de Dina, pertencentes à burguesia de Roma, ocupando um alto cargo administrativo, sabiam que ela tinha apenas 13 anos quando manifestaram o interesse numa empregada doméstica vinda de Cabo Verde

Uma amiga minha veio para a Itália, devia ter uns... uns 18 anos quando veio. E quando ela veio para a Itália perguntei-lhe porque não me mandava buscar pra vir para a Itália... ainda achava que pessoas da minha idade não poderiam vir porque assim, tão pequenina, era impossível. Mas calhou que a outra senhora, a filha de uma amiga da sua senhora perguntou (à amiga de H.) "Mas porque não me arranja uma pessoas assim para... para a nossa casa também, uma pessoa como tu?". Ela disse "Ah, não tenho uma pessoa como eu, tenho uma menina pequena que deseja vir." E... eles eram todos já de uma certa idade. Disseram, "Então, faça-a vir!". Fizeram contrato e me mandaram buscar. Mas eu, quando peguei o contrato, nem queria acreditar! Para dizer, pra vir para Itália, com contrato de trabalho!!! E ainda por cima, o contrato naquele tempo era com pessoas adultas.

Madalena

Eu trabalhava em casa de uma senhora. Os italianos gostam muito de jogo que fazem em casa, jogo de bridge, canastra, coisa assim. Elas mesmo pediam quando te viam a trabalhar. Ou a tua senhora dizia 'Estou com esta menina, ela é trabalhadeira, é limpa..'. Logo diziam "Não tens uma amiga igual a ti para mandares buscar?. E assim passavas a palavra

A participação dos nativos na emigração e imigração e as suas necessidades em pessoas mantêm-se ocultas pelas estratégias que os transformam nos benfeitores profundamente benevolentes para com uma estadia que não foi solicitada. Mesmo o que deveria ser apresentado como resultado do esforço e das superações dos imigrantes, torna-se símbolo da

desta ausência de qualificação e funciona porque os trabalhadores estão condenados a agir através da negação e si mesmos, quer dizer, a se tornar desqualificáveis (1994).

bondade e da caridade dos autóctones. A religião, no caso das famílias burguesas tradicionais italianas, fortemente vinculadas à igreja católica, é uma justificativa para as condutas caritativas e a prática do assistencialismo. O colégio dirigido por irmãs de caridade e onde os mais pobres (na maioria, mulheres imigrantes) colocam os seus filhos a um custo muito baixo, a Tra Noi, lugar criado pela igreja, administrado por uma ordem religiosa, e que presta assistência às imigrantes, associam-se às doações dos empregadores, em roupas usadas, objetos pessoais, como formas de relativizar as tensões entre as classes e confirmar a imigrante no seu lugar⁶². O assistencialismo é a forma social de aceitação da diferença como destino e, na prática, o reconhecimento de que não estão contempladas as prerrogativas que fariam do encontro uma relação clara e objetiva de trabalho, com regras, responsabilidades, benefícios claros para ambos.

Síntese do (des) encontro

Contra a proposição inicial de migração como um encontro, mas reconhecendo a necessidade de uma presença, o ideal é conceder ao imigrante o mínimo indispensável para a sua sobrevivência e reprodução como imigrante. Como trabalhador, portanto, destina-se o alojamento apenas suficiente para poder se repetir no trabalho a cada dia; como doente, deve haver o lugar em que seja tratado de forma rápida e econômica, sem tomar tempo e cuidado. Caso contrário, como Palmira, arrisca-se a ver o imigrante ultrapassar uma fronteira e incluir-se num lugar destinado exclusivamente aos nativos, que requer cuidados especiais.

Ainda mais, tratando-se de mulheres, a vigilância parece ter de ser redobrada no que tange a trazer filhos, "cooptar" nacionais pela via afetiva ou mesmo ter filhos no lugar de destino que é a expressão definitiva do processo de similaridade. Caso a vigilância não seja eficiente, restam as estratégias de oferecer às crianças o estritamente necessário de escolarização em termos legais, garantindo a reprodução *in loco* da força de

⁶² "A 'caridade' confirma o pobre no seu papel de pobre, de necessitado, de carente, e aquele que dá, no seu papel de benfeitor. Não se trata de solidariedade, exercida entre iguais, em momentos de

trabalho que sua mãe trouxe ao emigrar. Contra todas as restrições, Betinha condena o sistema que não oferece à filha o que lhe é devido por ter nascido ali e ser italiana.

As descrições mostram como a imigração e a migração se inscrevem na relação dominante e dominado e, mesmo, encontram-se sobredeterminadas por ela, porém, sujeitas a algum tipo de moral que explica os esforços para demonstrar boas intenções e bons sentimentos, ainda mais, quer se trate da sociedade de emigração, quer da de imigração, de grupos profundamente implicados com os princípios católicos de justiça, igualdade e humanidade, numa palavra.

É de se supor que esta imigração, originalmente estruturada e assegurada por religiosos, com data, hora e lugar marcados para o início do encontro entre migrante (e, conseqüentemente, sociedade de emigração) e sociedade de recepção, tenha produzido inicialmente as imigrantes como seres "evoluíveis", "educáveis" ou "consertáveis"⁶³ aos olhos dos empregadores cientes das suas responsabilidades de inculcamento e educação.

Não são objetivamente apontadas as estratégias dos imigrantes de tornar os nativos objetos das suas ações, não se apontam explicitamente, nos discursos e na literatura (que trata essencialmente dos ganhos para o imigrante), os proveitos materiais e simbólicos que a sociedade de imigração tem com a imigração. Assim, e desde o momento na história desta imigração, em que iam buscá-las ao aeroporto, os que pertencem à sociedade de recepção e que são os empregadores, neste caso, continuam a aparecer na interação, no papel de desinteressados, e de credores de tudo o que se realizou como obra da imigração, pelo menos no país de imigração, enquanto os imigrantes são tidos como os principais devedores. As aquisições que resultam dos esforços e das imposições das imigrantes na imigração costumam aparecer, mesmo no discurso destas, como aspectos positivos, resultados da benevolência e mérito da sociedade de recepção, na figura de um empregador que incentivou o interesse pela leitura e por

necessidade. O rico não pode ser solidário com o pobre na sua miséria, essa postura é uma contradição que encobre todas as outras contradições de uma sociedade dividida." (Mello, 1985: 232).

⁶³ Expressões de Abdelmalek Sayad

assuntos políticos, ou da empregadora que "tratou como filha", ou "desde o primeiro momento, a fez sentar-se à mesa com eles".

As intervenções dos empregadores mostram como a relação de subalternidade proporcionada pelo tipo de ocupação profissional que as imigrantes desempenham favorece o etnocentrismo, presente nas iniciativas de ação educativa civilizadora, que inclui desde o aprendizado profissional no nível mais rudimentar das regras domésticas até à formação lingüística geral. Não nos parecem visíveis, entretanto, tentativas mais amplas de reabilitação dos imigrantes e a sua cultura de origem, como partes de um projeto assimilacionista, ao contrário, identificamos esforços em apontar as diferentes interpretações que as imigrantes constroem inicialmente sobre os códigos do novo meio social como indicações óbvias dos atributos esperados no interior do estigma do imigrante.

Modificações nos benefícios trabalhistas, a orientação de determinados serviços sociais com a vocação para o trabalho social com os imigrantes que torna a espera por uma aposentadoria exasperante, procuram recolocá-los no que é constitutivo da sua condição, de cada vez que se mostram dispostos a livrar-se dela, o que é o mesmo que dizer que revelam a construção da semelhança com o nativo cujo trajeto profissional inclui, por fim, o gozo das regalias trabalhistas pelo esforço laboral dispendido ao longo do tempo.

Pela adaptação que realizam, reconhecem os pontos de conflito, constróem um modo peculiar de viver a cidade e na cidade e a emigração. Embora duramente conquistada, às custas da submissão, da marginalização, da exclusão, da ausência e da presença ignorada, a migração resulta numa vida mais fácil, no sentido das probabilidades de experiências humanas significativas e, por isso não pode ser facilmente descartada. Porque um futuro teima em se desenhar, em formas incertas, é certo, de que pode ser menos dependente e mais seguro: por isso, o que as faz desafiar um destino já certo, é o valor precioso da aposentadoria e da aquisição da cidadania italiana, provas de que a rota seguida compõe uma determinada ordem.

Vivem com pertencentes a uma categoria estigmatizada, participam de uma ordem social objetivamente pela via da segregação. Apesar dos

esforços dos outros para que não seja vista como “um sujeito como eu”, a sua presença é um evento histórico que imprime determinada temporalidade no lugar, pois há um antes e um depois da sua entrada, que não deixa margem às tentativas de atemporalidade de quem não viaja. Mostra que deslocar-se é abrir as possibilidades para um vir-a-ser inimaginável para quem fica entre paredes familiares e perturba a ressonância entre distância física e psíquica, pois traz para o círculo o tipo de diferença e alteridade que são previstas e toleráveis à distância.

Neste modo de existência em que nenhum subsistema funcional pode reivindicar a submissão exclusiva de uma pessoa, as qualidades de sujeito são experimentadas em circunstâncias não mais fixas, coerentes e estáveis, mas que lhe permite viver identificações continuamente deslocadas e empurrando em diferentes direções, ou mais precisamente, produzindo diferentes posições de sujeito.

8. DESTINO, CABO VERDE

Os discursos e as práticas referem-se a determinada idade da migração⁶⁴: pela perspectiva histórica, em um determinado tempo cronológico, cria-se uma classe particular de emigrantes, resultantes numa forma particular de imigrantes que se traduz numa forma particular de sociedade de emigração e da imigração e num relacionamento específico com cada uma delas. Ao mesmo tempo, dizem respeito às estruturas e ao funcionamento dessa sociedade, a um destino econômico que encontra-se inteiramente lá fora, no exterior, e de tal forma que, por seu lado, a afetividade detém-se quase exclusivamente na família e no grupo que importa e faz sentido para a imigrante. Evidencia-se nas suas estratégias para lidar com as distâncias, os espaços e os lugares, procurando manter próximos e identificáveis entre si os que compõem o seu núcleo.

Os discursos são deslocamentos no tempo e no espaço, podem retroceder até às origens, ao cenário em que se criou a viagem, fornecem imagens do mundo onde as pessoas formaram as suas sensibilidades em relação à migração⁶⁵. E quando se afastam para dentro de si para melhor recordar, os outros mais facilmente ali se tornam presentes⁶⁶.

⁶⁴ Há uma determinação dos períodos e lugares para onde se deve ir, por exemplo, a migração para a Itália, que explica os mecanismos subjetivos para manter as mulheres imigrantes, servindo, atualmente, para o reagrupamento familiar, mesmo que de fachada porque, muitas vezes, os homens se casam com elas por procuração sómente conseguir como fôrme de driblar as proibições de entrada legal.

⁶⁵ O espaço dos deslocamentos não é apenas um espaço físico, mas também um espaço qualificado em muitos sentidos (Sayad, 1998)

⁶⁶ Bosi nos alerta que não se pode recordar sem ter pertencido a um grupo que sustente nossa memória (1987)

Uma história familiar

Para encontrar o sujeito e o que ganha sentido a partir de uma emigração é que seguimos os discursos das mulheres e encontramos a seqüência básica de vida descrita nos fatos relacionados com a família, os que mantêm proximidade afetiva e os lugares. Por meio destes temas, conduzem-nos por entre as múltiplas dimensões das relações sociais, elementos essenciais para a construção das identidades coletivas e individuais.

Tal como aqui referidos, os laços familiares feitos ou desfeitos pelas viagens incluem, além da família nuclear, parentes e compadres que se mantêm próximos daquela mas sem laços biológicos, formando uma família alargada.

Num sentido amplo, se a família já não é o locus de produção econômica direta, que foi transferido para as fábricas e as indústrias ⁶⁷, as histórias são as tentativas de cada família em aproximar-se desses pólos de produção. Ainda mais, em contextos de existência freqüente de famílias muito extensas, constituída por filhos de diferentes envolvimento de mulheres com o mesmo homem, comum em Cabo Verde.

O meu primeiro irmão é de... mãe, de mãe e pai, está em Portugal. Saiu de Cabo Verde primeiro. Ela (mãe) vendia no mercado, depois perdeu o segundo filho... e eu depois desse rapaz. O meu pai casou-se (depois que a mãe morreu), mas antes de casar-se teve 2. Depois casou-se, teve mais 9. Sou a segunda. O terceiro é um irmão meu que sempre ficou em casa. Aí, ele(o pai) se casou, a minha mãe morreu, o meu irmão era pequeno, tinha 3 anos, eu 5, 6 anos. Antes de se casar, morávamos nós e uma irmã nossa, era filha da minha mãe com outro senhor. Dos 8 que ficaram, 3 são homens, as outras todas são mulheres. Bom, então, na verdade, teve... 9... 10, 11, 12, 13, 14. Ou 13?

Cada história particular é parte da história coletiva da migração, do que se imprime na subjetividade e tem ressonância coletiva, forjada entre relações humanas envolventes e constantes que asseguram a humanidade

de deslocamentos aparentemente físicos, agora preenchidos pelo desenrolar de dramas como separações, encontros, ausências, desligamentos e tudo o mais que implica a inteligência e a imaginação.

Palmira

Meu Deus, viemos para trabalhar para conseguir um futuro melhor e poder ajudar a nossa família. Não só á nossa família, mas também outras pessoas que necessitem, nós damos uma mão. Porque também é importante na nossa vida ajudarmos os nossos irmãos. Se temos condições de ajudar aos nossos irmãos sentimos alegria por isso. Nós cabo-verdianos apesar da nossa pobreza ajudamos uns aos outros. Sou da Boa Vista e acho que o povo de lá é muito solidário.

Falar da família é a forma do indivíduo e o seu grupo tecerem o seu próprio tempo, tomando as memórias familiares como verdadeiras crônicas genealógicas⁶⁸ para construir um discurso sobre o tempo, sempre intrinsecamente ligado ao espaço.

As migrações de Zulma seguiram a rota da de outros parentes, até chegar a Roma para juntar-se aos irmãos. Primeiro, estabeleceu-se em dois países do continente africano

Tinha lá um tio. Irmão de... da minha mãe. Eles pediram para eu ir lá ficar com eles. Também tinha família paterna lá.. Eles queriam ter a companhia de uma criança. Esta tia era casada com um ivoirense, que também era diretor dessa escola. esse tio achou que era preferível eu ficar em Abidjan com essa tia, ele não morava em A.. Mas primeiro fui para D., onde passei seis meses.

Em Roma agora estamos os 4 irmãos. Nós três trabalhamos como domésticas, a T. e a L. trabalham "fixo", na casa mesmo né? Eu trabalho a dias, sou faxineira. O meu irmão trabalha numa oficina, faz a limpeza. Acho que nos Estados Unidos da América se chama fábrica.

⁶⁷ A migração como um movimento muito específico da família ao encontro aos novos lugares da produção econômica é uma idéia adotada por autores como Torres (1987) e Abreu e Sorj (1993).

⁶⁸ Utensilagem mental, no dizer de Zonabend (1991). A história é uma rede genealógica em que toda a pessoa encontra inscrita e está organizada espacial e temporalmente, misturando-se passado e presente, esboçando o futuro (1991).

Do mesmo modo, o retrato da família é feito pelo caminho seguido por cada um dos seus membros, quase sempre para o exterior.

Tânia

Eu vim para Itália, uma irmã também e um irmão foi para a Holanda. O primeiro foi o meu irmão que foi para a Holanda, depois outro, em seguida eu e a última foi a minha irmã... Um na Holanda, um infelizmente morreu também lá... Uma outra irmã ficou na Holanda também e uma irmã aqui na Itália.

O pai do meu pai viveu um tempo nos EUA mas depois voltou para São Nicolau, ainda jovem... Só sei voltou ainda jovem... Sei que ainda trabalhou na Câmara Municipal de São Nicolau depois de voltar.

A minha bisavó, mãe da minha avó materna também foi para os Estados Unidos da América mas também voltou cedo para Cabo Verde. A minha avó materna infelizmente adoeceu, viajou para Portugal mas acabou por falecer lá. O pai da minha mãe estudou enfermagem na Praia, voltou para trabalhar em São Nicolau, viajou algumas vezes para Portugal de férias mas a sua vida foi praticamente feita em Cabo Verde.

Tenho uma irmã que é doméstica aqui em Roma, uma outra que faz a mesma coisa na Holanda, mas essa tem uma formação em jardins de infância. Uma outra irmã estudou até o quinto ano aqui na Itália, voltou para Cabo Verde, casou-se e abriu uma mercearia; uma irmã vive em casa com a minha mãe em São Nicolau, faz doces e vende num bar além de ajudar a minha mãe nos trabalhos de casa; uma fez o curso de formação de professores e faz supervisão no campo pedagógico e o meu irmão mais novo é dono de um bar/restaurante.

Linda

Ouvia dizer que o avô do meu avô era dos Estados Unidos da América. Sim, o pai dele era dos EUA mas eu não o conhecia. Não sei se foi ou se era filho de um negro americano. Porque até mandavam tambor¹ de lá.

A minha irmã que vive na Holanda faz limpeza nas repartições. O meu irmão que vive em Açores trabalha num navio. O meu irmão tem 27, se não estou em erro, a minha irmã tem 26 anos e o outro tem 34.

Natalina

Tenho muitas amigas minhas que vivem cá. Por exemplo aqui tenho algumas mas outras moram longe. Muitos parentes meus vivem longe. Sim tenho parentes que vivem aqui, tenho uma sobrinha que vive cá. São tantos!! Mas como estão longe não me podem ajudar. Só se for alguma coisa muito urgente é que eu telefono. Alguns vieram antes outros depois. A minha sobrinha é filha da minha prima-irmã que vive em Cabo Verde.

Somos quatro irmãos. Eu estou cá, uma está na França, outro em Santo Antão e outra em São Vicente.

Madalena

A primeira filha da minha mãe vive em Angola. eu estou em Roma. O segundo filho está no Sal, o terceiro filho está no Sal... eu estou na... na Itália e a outra irmã está no Sal. A minha irmã trabalhou durante 9 anos aqui. Mas... não sei aonde estão os documentos dela!!! Porque senão hã... tinha de ir para (?) e iam ver o que fazer com ela. Podiam lhe mandar alguma coisa. 9 anos de trabalho!!!! Mas não sei o que foi que ela fez com os documentos.

Mana

Meus avós quando morreram ,eu ainda era pequena. Quando a mãe da minha mãe morreu, ela tinha dezasseis anos; quando o pai dela morreu, eu não tinha nascido. E os pais do meu pai morreram em São Tomé. O meu pai foi com a família para São Tomé... Não, o meu avô morreu em Cabo Verde, antes do meu pai ir para S. Tomé. Por causa disso foram todos para São Tomé com a mãe. Eram vários filhos, mas não me lembro quantos. Acabaram por morrer por lá. A minha avó e vários irmãos (do meu pai) morreram em São Tomé.

O meu pai contava que eles eram oito irmãos. Em São Tomé, morreram todos os irmãos e a mãe. Só ele e um outro irmão voltaram para Cabo Verde depois alguns anos. Sei que quando ele

voltou, já era bem crescido. Mas não sei quanto viveram lá. Trabalhou algum tempo na Praia com o irmão e depois foi para São Nicolau. Acho que eram oito irmãos e uma tinha ficado em Cabo Verde. Ela era mais nova. Mas faleceu... Eu a conhecia. Hoje o meu pai tem apenas um irmão. Eles voltaram de São Tomé.

Enfim... A mãe da minha mãe morreu... Tinha apenas um irmão de mãe e pai. O pai casou-se com outra mulher, e seus outros irmãos são todos filhos da outra mulher. Creio que são seis. Então esse único irmão de mãe e pai foi para São Tomé, eu não tinha nascido e nunca o conheci. Apenas por foto.

Dizem que eles trabalhavam no mato, a colher cacau. Mas dizem que a vida lá era muito, muito difícil!! Diziam que as pessoas iam para São Tomé para morrer. Quem fosse para lá e voltasse vivo era "afortunado". Muitas pessoas que foram contam experiências muito negativas.

A impressão trazida pelas histórias é a de uma dispersão violenta e um esforço intenso para não perder os parentes e o fio que os entrelaça na diáspora. Igualmente, nas suas histórias pessoais, contam como partem cedo e parece que o processo nunca se dá de forma solitária, na sua decisão ou no empreendimento

Primeiro, pela mão dos Padres Capuchinhos, a saída e a chegada eram amplamente organizadas.

Madalena

Foi há 35 anos por aí!!! Foi a travessa de... de Padre Gesualdo, aquele que está em Cabo Verde... eu trabalhava no seminário.. com padre. Vinha duas de cada vez, para Roma... Depois de dois meses, quatro meses... que tinham entrado, sempre a senhora... amiga das senhoras das duas que tinham vindo, pediam... esperavam... dois, três meses... enquanto vinham as outras duas. Quando chegou a minha... grau (sic) de vir... éramos só... em Roma, éramos só em 17 cabo-verdianas ... de pessoas que vieram através do senhor padre.

Naquela época...demorava três dias de... de Cabo Verde até chegar em Roma... Porque saíamos... de S, Nicolau, descíamos no Sal, tinha

o padre no Sal que nos recebia... comunicava ao padre de Lisboa, o padre de Lisboa ia nos buscar no aeroporto... levava-nos para o hotel e com a... com o dia, com a hora marcada e tudo, tomava avião e... e o padre aqui em Roma ia nos encontrar na...Era duas de cada vez.

Assunção

Cheguei com a minha irmã. Antes disso, o namorado dela mandou-lhe buscar. Depois falaram com uma senhora que precisava de alguém, e mandaram-me buscar... Ele (o namorado da irmã) também veio trabalhar. Veio pra Itália, trabalhar... um primo dele é que o mandou buscar em Cabo Verde. .. Sim. Fomos mandando buscar um ao outro, e eu fui a ultima a vir.

A minha vida em Cabo Verde , era cuidar dos meus irmãos mais novos, porque sou a mais velha. A minha mãe ia vender no mercado, ia fazer compras em Santa Catarina, e eu é que ficava e me ocupava deles. Quando vim, a minha irmã mais nova, a seguir a mim, é que passou a tomar conta dos mais novos.

Lembro-me de minha mãe me dizer que me tinham mandado buscar e a enviar os documentos. A minha mãe disse-me para vir e trabalhar, ao menos saía de Cabo Verde . Já cá estou há 22 anos, e Cabo Verde é mais gostoso porque não tinha todo esse movimento. Mas ficaram todos contentes. Eu também fiquei contente!

Às vezes com toda a família ou então, com a participação da família e dos mais próximos, não fosse a emigração um acontecimento de todo o grupo. Quando é toda a família que parte, interrompe-se uma história que deve ser retomada em outro lugar e de tal forma que não há garantias de se poder voltar, pois sabe-se que também os amigos se vão.

Mana

Somos nove filhos. Vivíamos em São Nicolau, trabalhávamos com a terra e isso rendia alguma coisa. Quando parou de chover, o meu pai preferiu ir morar em São Vicente. Foi fazer carpintaria e conseguia ganhar um pouquinho mais. Após algum tempo mandou buscar a família inteira. Fomos vivendo em São Vicente, com algumas dificuldades. Até que conseguimos construir uma casinha.

Logo depois meu pai achou uma oportunidade e foi para Lisboa. Ficamos todos os filhos com a nossa mãe em São Vicente. Passados dois anos...Passados três anos, meu pai resolveu que não queria ficar sem a sua família e mandou nos buscar. Primeiro foi a minha irmã mais velha, em seguida meu irmão mais velho e depois ele disse que queria a família dele inteira perto dele. No início, minha mãe reclamou dizendo que estava cansada com as mudanças e que até se tinha habituado a morar em São Vicente, onde já tinha a sua casinha e tudo estava tranqüilo e por isso não queria ir para a terra dos outros. Como tinha eu e meu irmão, eu então com quinze anos e meu irmão com um pouquinho mais, dissemos: se não quiseres ir vamos sozinhos. Temendo ficar sozinha, ela acabou cedendo. Hoje não quer mais voltar, nem de férias. Diz que não tem ninguém mais aqui⁶⁹.

Tânia

Uma parte da família ficou contente porque a emigração na Europa era muito promissora e diferente da emigração para São Tomé. Uma parte ficou triste e outra contente. Contenta porque tinha a possibilidade de me realizar e conseguir uma vida melhor. E triste porque como dizia o meu pai, tínhamos que emigrar porque ele não tinha possibilidade de nos dar além do já nos tinha dado. Se fosse pelas possibilidades dos meus pais não seríamos ninguém. Mas se fosse pelo meu pai nós não emigrávamos. Eu vim para Itália, uma irmã também e um irmão foi para a Holanda.

Dina

Eu vim para a Itália porque tinha falta "econômica". Éramos muitos, éramos uma família de seis, naquela época, porque dois nasceram depois de eu ter vindo. Os meus pais eram separados, o meu pai morava na (cidade) Praia e a minha mãe no (ilha) Sal. E ela não nos

⁶⁹ As famílias que emigraram em massa, como no caso de Mana, perdem o que poderia lhes atribuir maior posição social na sociedade de emigração, ao contrário das que conseguem número de membros significativo tanto na emigração como no lugar, conforme análise de Sayad, de modo a poder acumular as vantagens e os sinais das duas espécies de capital que se encontram no princípio da hierarquia social, o capital econômico (cada vez mais fornecido pela emigração) e o capital simbólico (que depende do bom uso que os membros, na origem, fazem do capital econômico). Podemos pensar, por esta ótica, que as idas e vindas correspondem a cálculos implícitos realizados no seio familiar sobre as formas de manter o equilíbrio entre o capital econômico adquirido e o capital necessário na origem.

podia dar tudo o que queríamos, ou ..., não sei qual era o desejo dela. Mas, por exemplo, eu gostava de ir a escola, mas quando eu e meus irmãos chegávamos a quarta classe (quem chegasse) dizia, pronto termina aqui porque não dá para ir mas longe.

Lembro-me que quando ia uma festa vestia um vestido qualquer, e ao ir ao quarto da minha mãe, ela mandava-me trocar a roupa e pôr uma que fosse de gente. Tinha de ser aquele um, ou dois, no máximo, vestidos que tínhamos na mala para ocasiões especiais. Porque economicamente, ela não podia dar-me mais que isso. Isso é falta! Ela tinha muito boa vontade. Fez-nos sair para o estrangeiro, para ajudar a família.

Sou a mais velha e tenho 47 anos... a seguir vem a A., que tem... (já que lhe levo 2 anos) 45. Depois a I. com 43 anos, trabalhava cá em Roma (veio com 20 anos). Depois voltou para Cabo Verde e as três, as quatro (incluindo minha mãe) vão fazer compras nos EUA, no Brasil e em Lisboa. A minha mãe só vai aos EUA. As minhas irmãs, hoje, fazem compras e revendem no (mercado) Sucupira. (A I. voltou) porque tinha dois filhos... E se tiveres filhos, não podes trabalhar em casa de outras pessoas. Eles trabalhavam de casal. Por exemplo, trabalhavam para uma só senhora, o meu cunhado cuidava do jardim, e a minha irmã cozinhava, limpava, passava a ferro, ... coisas assim... eles vivem em Cabo Verde ... ficaram aqui uns 21 anos... A D. tem 32 anos!

Os relatos mostram que devem ser tomadas com cautela as afirmações sobre uma relação direta entre o aumento do poder económico das mulheres e a contribuição para o orçamento doméstico e o seu poder de decisão na família⁷⁰. O que mais se tem evidenciado neste caso é que ao incluir-se na migração, o seu trabalho socialmente desqualificado de um lado, do outro, faz mover toda uma nova dinâmica familiar.

⁷⁰ Abreu e Sorj encontram que se a atividade produtiva encontra-se muito desvalorizada em termos profissionais, a auto-identidade ou a auto-imagem da mulher "não consegue se desenvolver de forma autónoma das expectativas tradicionais e da hierarquia de género.(...) Assim, o impacto positivo das atitudes geradoras de renda sobre as posições de poder relativo das mulheres no âmbito familiar não está assegurado antecipadamente. Dependerá do estatuto que a ocupação goza nos sistemas normativos da família e da sociedade, nos quais o controle de recursos económicos é apenas uma das possibilidades" (1993, p. 54).

A migração significa a atribuição de novos papéis e uma reestruturação da família, agora, em grande medida, dependente dos recursos que são enviados; a saída de uns implica na permanência de outros e, ao partir, as mulheres assumem o papel de provedor da família que fica em Cabo Verde⁷¹.

Linda

Tenho um filho em Cabo Verde e a minha mãe; o meu pai é morto; tenho três irmãos, um rapaz e duas meninas. Se não ajudarmos a nossa mãe ela não conseguirá viver, porque meu pai morreu cedo, e não recebemos nenhuma ajuda da empresa na qual ele trabalhava. Eu ajudei a minha mãe a criar meus irmãos menores, embora não sejam filhos do meu pai. Ganhava 30 mil liras, e mandava 10 mil para casa. Era 1/3. Sim, naquele tempo era muito.

Dina

Mandava em carta registrada. Duas vezes por ano fazia encomendas com vestuário e tudo e mandava para casa. 10, 20 quilos por correio. Duas vezes por ano: no natal e na páscoa. Não sei se ainda é assim, mas antes tinhas de comprar aquele vestido para o natal e para a páscoa. Lembro-me que quando vestia roupas bonitas toda a gente olhava para mim. E a minha mãe sabia que podia contar com o dinheiro todos os meses. Quando passei a ganhar 35, 40 mandava 15, outras vezes 20. E quando a minha mãe morreu eu já mandava 500 mil liras por mês. As dificuldades foram aumentando. Eu tinha três filhos, e depois não tinha um trabalho "fixa".

Mas graças a Deus, ela também emigrou para Lisboa. Devia ter uns 43 anos. Foi para Lisboa trabalhar e depois, com a minha ajuda, mandou buscar mais três filhos, tendo ficado outros dois em Cabo Verde. Ela teve de vir trabalhar. Diminuí minha ajuda, depois teve épocas em que não mandei nada. Depois vim ter um emprego "fixa", um diploma, já estava bem e minha mãe morreu. Morreu em Portugal, ainda nova, com 65 anos. Era 1/3.

⁷¹ Quando as mulheres sustentam economicamente suas unidades domésticas e cumprem o papel masculino de provedor econômico, podem continuar designando, em algum nível, um chefe masculino, representando a autoridade moral que confere respeitabilidade à família. Verificamos que, o pai e a mãe foram igualmente apontados como responsáveis pela família em Cabo Verde.

Linda

Sinto muito prazer de ir para lá pela minha mãe e pelo meu filho, que são as pessoas mais importantes que eu tenho em Cabo Verde. Tenho também todas as minhas tias, tios e primas. À minha mãe por exemplo, sempre que posso mando dinheiro. Às vezes mando presentes e malas com algumas coisas...materiais escolares, roupas e sapatos para meu filho, café, macarrão, enfim, as coisas que eu sei que são muito caras para serem compradas em Cabo Verde. Antes eu mandava de avião através das agencias. Mas, às vezes, demora muito tempo porque as coisas ficam em São Vicente por um bom tempo

Todas as minhas tias e tios algumas pessoas que gosto... sempre dou dinheiro para as pessoas comprarem um quilo de arroz ou um quilo de feijão e assim Deus dá mais. Mas às vezes não compensa mandar pouca coisa, é melhor juntar e depois mandar porque senão fica muito caro, pois pagamos aqui para mandar e eles voltam a pagar para retirarem.

Assunção

Os meu pais é que me fizeram a casa. Eu mandava dinheiro e eles faziam a casa. Só que não fizeram tudo, quando ela estava na metade o pessoal mudou-se. Então, todos os anos, faço um bocadinho do que falta. Este ano pinte a rua, coloquei a porta do roupeiro, as escadas... e pronto!

Tânia

Em Cabo Verde tenho tão pouco! Tenho um primo que tem problemas com asma, ele vive de remédios e eu sou sua farmácia.

Os relatos apontam para modos de organização familiar flexíveis, e além de uma matriz básica de família nuclear, a família estendida é um fato social e inclui muitas crianças nascidas fora do casamento oficial, ou, mesmo sendo oficialmente reconhecidas, fazendo parte de um número muito grande de filhos. Como resultado, as histórias tocam, com frequência, nas histórias de crianças que viveram o abandono paterno desde muito cedo e o agravamento que a migração trouxe à situação. Por vezes, o reencontro acontece na imigração mas, se o convívio não mais pode ser

restaurado, evidencia que os deslocamentos apenas escamoteiam as verdadeiras razões do abandono que pode ter as suas raízes nas formas de acasalamento e de constituição de agregado familiar.

Assunção não conheceu o pai por causa da emigração deste e, depois, acredita, por causa da sua própria emigração.

Eu ainda não conheço o meu pai, porque ele foi pra Angola, quando eu ainda não era nascida. Do lado do meu pai, só conheço essa minha tia (que morreu)... (Meu pai era) de São Vicente.... A minha mãe diz que, quando meu pai viajou, nem ela sabia que estava grávida de mim... Ele viajou escondido num barco...

(ele) voltou, acho que foi em 1983. Mas eu já estava na Itália, e por isso não tivemos a sorte de nos conhecer... eu sou a primeira e única de meu pai.

Os outros são do casamento da minha mãe com outro senhor da ilha do Fogo, os dois agora moram na Praia... a minha mãe foi para São Tomé, eu tinha 9 anos. Eles se conheceram lá. Fiquei com a minha madrinha em S. Vicente. Depois de três anos, o contrato da minha mãe terminou, e ela voltou. O senhor foi pra Praia, porque já lá vivia. E a minha mãe foi buscar-me a S. Vicente. E de lá voltamos pra Praia...

A minha mãe tem agora 73 anos, ela ainda trabalha. Antes vendia no mercado. Hoje, com 73 anos, acredita que ela vai fazer compras nos EUA para revender no (mercado) Sucupira?! Acho que ela está mais forte do que eu.

O marido é aposentado português, ele trabalhava como pedreiro em Portugal. Quando eles voltaram de S. Tomé, nós ficamos na Praia, enquanto aquele senhor (que agora chamo de pai) foi para Lisboa. Depois de ele ter trabalhado uns 10 anos, ele voltou pra Praia. Hoje em dia está na Praia. Não faz nada, é aposentado..

Fiquei sabendo do retorno do meu pai (o pai biológico que tinha ido para Angola) porque ele se encontrou com a minha mãe, e um outro irmão meu (filho dele) ...(sou a filha mais velha dos dois) Ele teve outro filho em Angola... Pelo que me disseram, não sei, ele vive com uma senhora da Praia, com quem tem três filhos... Então, em S.

Vicente, ele se encontrou com a minha mãe... Ele nunca tinha voltado... E como estava também com o meu irmão, este pediu meu endereço e escreveu-me para Roma.

O meu irmão (que nasceu em Angola) é que me escreveu para Roma... Escreveu-me a dizer que estava em S. Vicente... Depois a minha mãe também escreveu-me a dizer que ele estava lá, que se tinham encontrado. Gostaria muito de o ter visto, mas paciência! Foi para Cabo Verde só de férias, passou 1 mês e tal, e depois voltou para Angola.

Depois disso, não tive mais notícias. Sei que meu pai é aposentado. Ele antes trabalhava numa fábrica de vidro em Angola. Quanto aos meus irmãos (de parte do pai) não sei.

Maria tem 2 filhos morando em Cabo Verde, com a avó de F. que a criou porque a sua mãe estava na emigração. O registro de abandono também é relatado por Dina.

A primeira coisa na qual eu penso são os meus filhos. Já tenho dois meninos e trabalho para que Deus me ajude com eles, para que consiga dar-lhes um futuro melhor do que aquela infância que eu tive, que não foi bonita. Quero trabalhar para ter algo mais tarde, porque, se me acontecer alguma coisa, ficarei tranqüila ao saber que meus filhos têm algo.

Sei que meus avó maternos nasceram e viveram na Praia. Já o pai da minha mãe, foi para Portugal, onde morreu. A mãe da minha mãe está em Cabo Verde, tem 87 anos. Já foi algumas vezes para Portugal, mas ela não pára, agora está em Cabo Verde. Não conheço muito bem os pais do meu pai. Como não fui criada por ele, ninguém me falou nos meus avós.

Nós nascemos em Portugal, mas pequenos fomos enviados para Cabo Verde para sermos criados por nossa avó. Entretanto, meus pais não escreviam, não telefonavam, não davam nem queriam saber notícias. Por isso, quando fomos para Portugal, tiveram de mostrar à minha mãe, quem era quem, entre seus filhos.

É uma coisa muito triste! Teres teus filhos, e ser preciso alguém identificá-los por ti. Peço a Deus que isso não aconteça comigo.

Não eram casados porque o meu pai tinha vários outros filhos com outras mulheres. Viviam juntos, e juntos foram para Portugal. Tiveram-nos a nós, mandaram-nos para Cabo Verde, e só ficaram eles em Portugal. Dos mesmos pais, somos sete (filhos). Eu sou a quinta filha, existem mais dois depois de mim. No total, somos dezassete, contando com os irmãos pelo lado paterno. Existem mais velhos e mais novos que eu. Porque acho que as outras como que faziam concorrência à minha mãe. Existem uns quase que da mesma idade. Mas estamos sempre em sintonia. Mantemos relações. Inclusive, eu e outros irmãos (filhos da minha mãe) costumamos de chamar "mãe" à mãe de nossos outros meio-irmãos.

Eu não me relaciono com a minha mãe. Ela nos deixou com nossa avó, não escreveu, não telefonou, não nos mandou nada. Nada! A minha avó me tratava como filha, não como neta. A minha mãe não sabe que eu era uma criança que adoecia muito quando cheguei a Cabo Verde. Ela não sabia nada sobre nós. A minha avó foi passar férias a Portugal, tinha vontade de lá ficar, mas sempre regressava porque dizia que não me deixaria. Tinha eu 13 anos. Imagina, ela sempre voltava, embora já tivesse os filhos todos crescidos. Ela não tinha nada a ver com os netos, a mãe é que tinha de tomar conta de seus filhos, não ela. Mas ela sempre voltava para Cabo Verde.

"Allora", eu sempre dizia que quando crescesse não me importaria com meus pais, porque eles nunca se importaram connosco, eles nos abandonaram. Eu fiquei com aquilo na cabeça. E eu chorava e dizia que tudo aquilo era culpa dos meus pais, que eles é que me tinham ali a sofrer.

Quando a minha mãe foi para Cabo Verde e lhe mostraram quem eu era, a mim e a meus filhos, eu não a cumprimentei. Ela chorou. Os presentes que ela me levou, deu a outras pessoas, e trouxe alguns de volta. Eu e ela não nos relacionamos. Sei que é minha mãe, mas abandonar o filho com 6 anos, 7 anos. ..? Não escreves, não telefonas, não mandas nada. Só a minha avó, é que trabalhava num

mercado, é que se importava conosco. O meu pai também não mandava nada.

Quando fui para Portugal, a minha irmã achou que eu deveria ir cumprimentar a minha mãe. Eu não quis ir mas, quando lá cheguei ela é que não me cumprimentou, alegando que eu fiz o mesmo quando ela foi para Cabo Verde .

Eu não tive o futuro que queria. Gostaria de estar junto a meus pais, Como vejo muitos outros. Não chamo de mamã à minha mãe, nem de papá ao meu pai. Chamo de mamã à minha avó, que me criou.

Gostaria de ter uns pais a quem pudesse chamar de mamã e papá. Gostaria de poder conversar com minha mãe, de lhe contar meus problemas, abordar outros assuntos, essas coisas... Não aconteceu, pronto! Mas não quero que aconteça com os meus filhos o que aconteceu comigo. Não quero que passem pelo que passei.

O pai de Germana sempre esteve distante, desconhecendo-a até agora que se encontram ambos agora no mesmo país de imigração.

Fui criada em casa da minha avó, chamava o meu papai de papá e minha mamãi de mamã. O meu papai me faltou quando tinha sete, oito... dez anos!! Tinha 10 anos e... acho que me faltou muito cedo e era mesmo naquela época em que eu tinha mais falta. Mas depois, cheguei aqui na Itália, minha mãe foi pai, mãe, irmã, tia, amiga... foi tudo. Assim... graças a Deus, minha mãe nunca me deixou sentir falta do meu pai. Em parte é que... eu não cresci com ele, não sabia como era... a coisa... porque, para mim... eu vi a figura de pai em casa, que era o meu avô, eu o chamava de papá, quer dizer, ele é que era o meu pai e mais ninguém. Pra mim, ele era um estranho, tanto que eu não o chamo de papá, eu o chamo de S., como todos o chama, que é o seu nome!

E o abandono se repete com as novas gerações, nos filhos que ficaram para que elas pudessem viajar.

Maria

A primeira coisa na qual eu penso são os meus filhos. Já tenho dois meninos e trabalho para que Deus me ajude com eles, para que

consiga dar-lhes um futuro melhor do que aquela infância que eu tive, que não foi bonita. Tens de trabalhar pensando no futuro.

Assunção

Tenho uma casa em Cabo Verde. Tenho 3 filhos. Quando vim, deixei-os ainda pequenos com a minha mãe. Vou vê-los todos os anos. Por isso não lhes deixo faltar nada. Nem amor de mãe!

É por isso que te digo que não quero mais ficar cá... Eles agora já estão crescidos e já entendem muita coisa. Antes era mais triste, quando me vinha embora eles choravam muito. Agora já entendem, entendem que vim porque... problema... de é melhorar a tua situação , ter mais coisas, melhorar de vida... Um tinha... não me lembro... o C. tinha 1 ano, o N....deveria ter 6 anos, e o outro tinha 10. Sim! Um 10, um 6 um 1. Se não me engano...

Linda

Tenho um filho em Cabo Verde que fez onze anos dia 29 de Agosto. Neste momento não tenho possibilidades de trazê-lo para cá, mas tenho planos de fazer isso um dia. Terá oportunidade de frequentar uma escola melhor e estará perto da mãe, porque normalmente quando saíamos de Cabo Verde deixando os filhos com os avós, eles acabam ficar mais ligados a eles do que aos próprios pais. Vou de dois em dois anos de férias para Cabo Verde e meu filho já não me trata como mãe. Ou me trata com amiga ou com uma pessoa estranha. Mesmo que eu lhe dê tudo o que me pede, porque só não dou o que não posso, porque o desejei muito.

Ao mesmo tempo, partir é assegurar as esperanças de saída dos outros no futuro.

Assunção durante muito tempo sustentou os pais e os três filhos em Cabo Verde e, agora, estes têm os seus projetos de vida, que representam aquilo que a emigração da mãe pôde trazer-lhes em termos de capital simbólico.

O meu filho mais velho está em Lisboa, Certamente foi procurar uma vida melhor da que ele tinha em Cabo Verde. Ele trabalha

numa empresa de construção⁷² de casas, por isso deve ser pedreiro. Ele ajudava a minha irmã a vender no Sucupira, mas aquilo não é trabalho para homem. O segundo filho trabalha no hospital, como eletricitista, e o último está à espera de uma bolsa de estudos e é professor.

As primeiras imigrações não incluíam muitas crianças ou casamentos. Entre as imigrantes do grupo pesquisado, H. é a única que foi trazida pela mãe, de Cabo Verde, aos 13 anos e conta como o lugar escolhido para ela estava antecipadamente definido pelo lugar ocupado pela mãe no trabalho e na nova sociedade, trajetória igual às crianças trazidas ou nascidas ali. Do mesmo modo que os filhos deixados em Cabo Verde, na Itália também significam um motivo maior para o trabalho mais duro e a ligação mais forte a esse país.

É para não deixar que nada falte à filha e que esta possa ter um futuro melhor que Zulma explica a sua existência na Itália

Eu não fui para outro país da Europa⁷³ porque o problema são os documentos. Aqui os dão facilmente. Noutros países europeus não dão documentos. E como se vive mal sem documentos, quis evitar por minha filha.

Então, vim para cá porque se consegue documentos e porque tenho cá minhas irmãs. Quando se recomeça do zero, é sempre bom se ter uma ajuda, né?

No início, tive muitos problemas e minha irmã e meu irmão me ajudaram.

Ajuda! Uma pessoa que vem para a Europa com um filho, tem de ter ajuda! Até por causa do trabalho porque não encontras um com facilidade. Aqui não te querem com filhos! E como não largo minha filha. Passei um tempo sem trabalhar. Vivi na custa de meus irmãos. Eles te perguntam se tens filhos. Houve trabalhos onde não queriam que tivesse filhos. Minha idéia era ter um trabalho que me

⁷² A maioria dos cabo-verdianos de baixa escolaridade, imigrantes em Portugal procura ocupação no setor da construção civil.

⁷³ Antes da Itália, Zulma, era imigrante num país africano onde nasceu a filha. Com a guerra civil, abandonaram o país e foram se juntar aos irmãos de Zulma (um homem e duas mulheres) que há muito vivem em Roma.

permitisse ganhar um "tostãozinho". Depois que minha irmã a colocou na escola, pois ela tem documento, as coisas começaram a andar melhor.

Germana emigrou para se encontrar com a mãe e sobre elas recaiu a rejeição da sociedade para quem, a presença de filhos denuncia claramente as intenções da imigrante se instalar no país em definitivo

Depois daqueles dois meses é que ela me levou para o colégio, eu só saía aos sábados. Saía só aos fins-de-semana e ia vê-la. Ela me levou para o colégio porque não podia ficar lá comigo. Aquelas pessoas nunca lhe tinham dado... nunca lhe tinham proposto "a tua filha pode ficar aqui contigo." E a filha daquela mulher não queria que eu fosse para o colégio, ela dizia à mãe sempre " Mas por quê que tu não a deixas ficar aqui conosco?", e ela dizia " Não, porque a mãe dela trouxe-a com intenções de a pôr no colégio!". Assim, naturalmente, a minha mãe me pôs no colégio!". Até que quando eu saí do colégio, a minha mãe estava com aquelas pessoas.

Quando eu cheguei aqui, veramente... eu chorei por 2 meses... seguidos! Até um dia que a minha mãe me disse que eu não podia... ela não podia me mandar naquele momento porque ela tinha me trazido e poi... ela não tinha possibilidade, por enquanto... então, eu fiquei 2 meses com ela na casa... do trabalho e depois é que eu fui pro colégio... fui no mês de abril... abril, maio, junho, a escola terminava... Depois, em setembro voltei à escola, já era menos há, duro porque já entendia um pouquinho de italiano, já estava... depois tive uma grande ajuda porque tinha uma prima lá que me... se falassem comigo e eu não compreendesse, ela me explicava ou lhes explicava, já foi mais... mas a vida do colégio, eu passei... passei bem e passei mal. Porque, naturalmente, há... eu já era grande e... um pouco... quando eu via os meninos menores que eu, eu sofri muito porque... eles eram menores e não podiam... pensar como eu, porque, naturalmente, eu sabia porque é que eu estava lá, e eles... eles podiam pensar ao contrário. Passado um ano que eu tinha entrado lá, veio uma menina também que é de S. Nicolau como eu... e... até hoje ainda vivemos como irmãs.

O relato da sua vida no colégio é o retrato acabado da dos filhos de imigrantes que optaram pelo colégio para manter a menor distância entre si que a sua condição de migrante permite

Lá havia muitos meninos, de raça... Eritréia, do Perú, tinha nós, cabo-verdianos, italianos, éramos de raça... lá... maurícios⁷⁴. Tomavam meninos de... cinco anos para cima. Só tinha tomado uma menininha de... dois anos, filha de uma crioula, ela não tinha como ir trabalhar com ela, tinha duas menininhas, a mais velha tinha 4 anos e a menor tinha 18 meses. Ela criou dentro do colégio e chamava-nos a todas de mamã! Até hoje, ainda ela me telefona...

Às vezes, eu ajudava a dar banho aos menores...! Nós dividíamos, dar banho, comida... era sempre só as duas é que cuidavam de nós.... Na época em que eu estava lá, éramos uns vinte e quatro... ao todo, sim... uns vinte e tal. Éramos muitos.

Nós é que limpávamos. Nós é que fazíamos o nosso trabalho. Todos os sábados lavávamos o chão, lavávamos aquilo tudo. Durante a semana, só varríamos e... As irma nos ajudavam. Fazíamos, mas elas nos ajudavam... Os trabalhos, fazíamos sozinhos. Os pratos também... quando comíamos, nós é que lavávamos os nossos pratos, tínhamos turno... Tinha outras irma... que ficavam na cozinha... Elas eram só da cozinha. Nós é que fazíamos tudo o que precisava porque... nós, os mais velhos é que fazíamos tudo..

A maior parte dos pequeninos que lá tinha era de Cabo Verde, eu é que os penteava também, eu é que lhes fazia as camas... Por isso é que todos esses meninos com quem estive no colégio, quando me vêm, saltam-me no... no pescoço, porque, eles dizem que não se esquecem do que eu lhes fiz porque eu lhes digo que, também, eles eram pequeninos, não tinham como... coisa. Mas sempre havia mais meninos cabo-verdianos. Pequeninos. Sim. Dos meninos pequeninos, havia mais cabo-verdianos.

Na minha época éramos nós as cinco é que éramos as mais velhas. Podias ficar até quando quisesses. Ou, senão, quando chegasses

numa certa idade, tinha outro... piano de baixo, com outra irmã... que era só universidade... havia pessoas que moravam lá... e que estavam na universidade... Moravam fora de Roma, não tinham casa, pagavam renda⁷⁵ às... irmãs. Eu também pagava, a minha mãe pagava... por mês para que eu ficasse lá... Trezentos e cinquenta mil liras... realmente, pagávamos muito! Só que tinha uns que tinham feito pedido na comuna⁷⁶ porque não podiam ou quê, então, a comuna a... comuna de Roma ajudava-os, a assistência social ajudava-os, eles davam metade e o Estado dava a outra metade... mas a minha mãe nunca fez isso.

Aos sábados limpávamos, depois íamos prá escola... Quando voltávamos da escola... deixávamos tudo arrumado... a nossa bolsa de roupa que era pra trazermos pra casa... era só chegar, quem quisesse almoçava, quem não quisesse... eu era grande, vinha sózinha pra casa... chegava, só trocava os livros de... que eram pra segunda que... eu tinha de estudar, e ia pra casa sózinha. Às vezes, levava duas primas minhas que estavam na escola comigo, levava-as à casa da minha tia que também trabalhava em casa de uma senhora porque, às vezes, ela terminava de arrumar a cozinha muito tarde. Ela só podia ir buscá-las no seu horário de repouso... assim, às vezes, eu ia levá-las a ela e, de lá, eu ia pra casa. E..., no princípio, quando a minha mãe me pôs lá, eu tinha medo de ir pra casa sózinha. Naturalmente, esperava que ela fosse me buscar porque ela também, quando arrumava a cozinha (era longe também), depois de arrumar a cozinha é que ia me buscar... no seu horário de repouso e depois é que íamos. Um dia, ela... disse-me que não podia ir me buscar porque tinha um jantar..., ela tinha um jantar pra dar... ou eu ia sózinha, ou ficava e dormia lá. ela disse-me "tu é que escolhes!! eu disse " Bom, eu não vou dormir aqui porque ninguém vai ficar aqui, no fim-de-semana, todos nós saíamos. Como eu não ia dormir lá, pensei "tens é de ir pra casa!" Enchi-me de

⁷⁴ Provavelmente refere-se a originários das Ilhas Maurícias.

⁷⁵ Aluguel

⁷⁶ Solicitação na prefeitura.

coragem (devia ter uns 14 anos)... enchi-me de coragem, quando... e fui. Quando cheguei, a minha mãe me disse " Morderam-te em algum lugar? estás com alguma mordida, sem algum pedaço do corpo?". Eu disse "Não!". Ela disse " Ah, já aprendeste o caminho, de hoje em diante, vens sózinha!". Quando aprendi o caminho e fiquei mais velha, levava as menininhas, duas gêmeas... e depois ia pra casa...

Mesmo na comunidade, a opção do colégio é tida como a extrema. Entre os que conseguem adotar outras alternativas, verifica-se um esforço para mantê-los mais tempo na escola e de dilatar a sua infância. Zulma, conta com um irmão e duas irmãs, também imigrantes com os quais distribui tarefas e responsabilidades de manter a sua filha distante do mundo de trabalho que lhes foi destinado desde muito cedo⁷⁷. Livramento relata uma vida de muitos sacrifícios e renúncias para que a filha pudesse estudar até completar um curso médio, sem que, entretanto, tenha usufruído de algum benefício, mesmo sendo italiana. Perante as instituições e órgãos oficiais, mantém a nacionalidade da mãe, o que a torna uma cidadã de segunda, sujeita as limitações que são impostas a tal categoria.

A ideologia de que a escola é a fonte para o "bom trabalho" e as boas posições⁷⁸ domina o discurso das que têm filhos ainda na escola, e a sua assimilação não se deu apenas pela repetição próxima e anônima desses valores, mas, também, por uma condição atual (no caso de H.) ou anterior (Z. estudou enfermagem também, tal como H., mas não pode exercer na Itália) de aquisição de capital cultural suficiente para ser transmitido.

Eu exijo que ela estude, que ganhe seu "diplome". Até porque hoje, nem doze "diplomes" são suficientes, para se achar algo que te satisfaça. É para isso que procuro ajudá-la. Porque se não for pelos

⁷⁷ Verificamos, em diferentes momentos, que há uma espécie de calendário que define quem tomará conta da menina enquanto Zulma trabalha. Uma das irmãs trabalha num bairro central, o que lhe permite "esconder" a menina da patroa durante as tardes, enquanto esta aguarda a mãe para retornarem ao bairro distante aonde moram e que os irmãos ajudam a manter, pois é o lugar da família. Todos funcionam como uma ponte de equilíbrio entre mãe e filha, a quem recorrem quando em dificuldades. Há um esforço visível para reforçar as suas identificações com outras meninas pré-adolescentes, que formam seu círculo de amizades na escola.

⁷⁸ "A escola é sempre referida com relação a um trabalho futuro, mais leve, mais fácil e mais limpo. Não podendo acompanhar o desenvolvimento da aprendizagem confiam implicitamente nas avaliações escolares. O fracasso nunca é atribuído à escola, mas à própria criança e às vezes, por extensão, à própria família ou grupo social. (...) A pesada carga da herança de classe recai sobre as mulheres e sua prole. (Mello, 1985, p.212).

livros, que procure uma terra onde leve uma vida mais tranqüila, onde possa viver "libremente" ... no seu trabalho, sem outros que a aborreçam.

As migrantes referem-se às tentativas de fazer as crianças viver um mundo de infância mais dilatado, sem sobreposição das fases da vida seguintes, valor essencial da sociedade de recepção. Porém, mais tarde, este valor assimilado, contradiz as oportunidades de as crianças, filhos de imigrantes continuarem no campo acadêmico ou outro paralelo, procurar inserções sociais e profissionais que correspondam às dos nativos, a não ser em casos, como o de H., em que o pai italiano garante brechas de inserção aos filhos que têm formação superior.

Os filhos representam as esperanças de um avanço, uma entrada diferente na sociedade, um modo de unir passado e presente e de não desconfiar do futuro, arriscando-se a ter um projeto corajoso para ele, por meio de algo perene e que representa a sua continuidade num lugar que não é tido como seu por direito.

Quem tem filhos na Itália, conhece as brechas pelas quais se insinua um futuro diferente do seu presente e identifica sem hesitar, as estratégias que, nem sempre de modo sutil, impedem que os filhos de imigrantes se tornem implicados no lugar. Se a condição subalterna as impede muitas vezes de um tratamento igualitário, tratando-se dos filhos, embora pouco possam fazer, reconhecem claramente que a sociedade devia ser nova para eles também, têm a consciência dolorosa do que se lhes é subtraído por causa da sua condição de classe e de trabalhadora imigrante.

Poucas venceram a barreira escolar, não conseguiram usufruir dos benefícios da ampliação da escolarização e sua massificação em Cabo Verde. E reconhecem que, apesar de recursos próximos, como a Escola Portuguesa⁷⁹, consideram-se fora do circuito escolar, não conseguem conciliar o aprendizado com a vida de empregada doméstica e avaliam como falta de força de vontade. Em Roma não foram à escola por causa do trabalho e por terem folgas só às tardes de quinta-feira e aos domingos. Entretanto, acrescenta Palmira que depende muito da patroa ceder a

⁷⁹ Desde as primeiras imigrações, esta Escola oferece a oportunidade de estudarem nos horários de folga.

disponibilidade para que a empregada freqüente a escola, pois, como descrevem da rotina do seu trabalho quando trabalham pelo sistema de fixo, os horários muitas vezes não são respeitados.

A angústia é ainda maior quando pertencem a um grupo que, no contexto da migração cabo-verdiana, é conhecido por ter mais imigrantes que superaram a sua condição por meio do estudo. Tânia é uma das cabo-verdianas que começou a trabalhar como empregada doméstica, mas estudou e se formou numa área das Ciências Humanas, numa instituição católica de ensino superior. O seu relato é de uma vida de muitos sacrifícios, mas com um propósito claro

Acho que foi depois de cinco anos. Fui de férias para Cabo Verde e naquela altura já havia uma escola portuguesa que a Lina freqüentava. Um amigo um dia me perguntou porque que eu não ia para lá estudar também ao que disse que ia ver. Ele era cabo-verdiano. Disse ao meu pai e ele me disse que eu é que tinha que decidir... Em Cabo Verde... (Durante as férias) Meu pai me disse que dependia de mim, porque ele havia dado igual oportunidade a todos os filhos. Se eu quisesse até podia mas sem contar com o apoio econômico dele porque para ele todos tinham que ser iguais. Quando voltei me decidi e entrei numa escola italiana porque era mais compatível com as minhas disponibilidades de tempo. E tudo começou como um jogo. Sim trabalhava de manhã (com a mesma família de sempre) estudava à tarde e ia para as aulas à noite. Trabalhei com eles por mais três anos, mas era muito cansativo. Ana Paula é uma pessoa fora de sério mas é uma mãe que sufoca os filhos. Por isso arranjei um quarto em casa de uma família. Continuei a trabalhar com a Ana Paula mas dormia na outra casa para poder ter mais tempo para estudar.

O fato de ter horário para sair então acabava por facilitar. Sim, porque eu ficava mais independente. Na casa dela acordava às cinco para estudar e começava a trabalhar às nove mas, às vezes, acabava por começar às sete e meia por causa das crianças, acabava por ficar com pouco tempo para estudar. Independentemente do apoio que eles me davam, eu queria ter o

meu espaço, traçar o meu caminho. E parece que não foi tão mau. Os anos foram passando as coisas começaram a ficar mais sérias. Até que cheguei à "maturidade" italiana e fui para a Universidade. Fui um pouco ingênua nesse aspecto porque não pensei nas dificuldades que ia ter caso contrário acredito que não teria nem começado. Estudar numa Universidade onde a frequência era obrigatória num país onde eu tinha que trabalhar para me sustentar e ainda mandar alguma coisa aos meus pais em Cabo Verde não era fácil. Mas se me perguntar se faria tudo de novo digo-lhe que faria. Só não cometeria alguns erros. Por exemplo, teve uma época que me dediquei muito a associações e hoje eu não faria. Por um lado foi uma época frutífera para mim, na qual eu me dediquei muito mas eu acho que poderia ser um pouco mais limitado. Se voltasse atrás não faria isso. Primeiro terminaria o meu curso e só depois me dedicaria à associação.

Sempre trabalhei para sobreviver. Trabalhei também com uma outra família, que também era boa. Quando entrei na Universidade arranjei uma senhora com a qual trabalhava duas horas por dia e em cambio me dava uma parte da casa. Entretanto nessa família o ambiente não era bom, havia uma certa ambigüidade de fundo que eu não compreendia. Quer dizer andava sempre envolvida em problemas relacionados com dinheiro. Empréstava dinheiro às pessoas para receber juros. No meu segundo dia de Universidade conheci uma senhora que me tinha visto no dia anterior e me achado simpática. Conte-lhe que procurava uma casa para morar e ela disse-me que procuraria a casa para mim. Eu até achei que fosse brincadeira. Mas no dia seguinte disse-me que tinha achado a casa.

Não. Era parte de uma vivenda que uma senhora queria alugar. Tinha quarto, bagno, cozinha e terraço. Fui ver a casa e aluguei por 35 mil liras. Era muito barato. Trabalhava... Na casa da segunda família. Trabalhei com eles por um ano. Como tinha frequências obrigatórias tive que parar. Deixei de ajudar os meus pais por algum

tempo arranjei outro trabalho, só na parte da tarde e continuei a estudar.

Sim dava para me virar. Não que eu tinha muito dinheiro. Mas esse tipo de escolha tem que ser bem ponderada, tive que saber renunciar algumas coisas. Mas eu renunciei na época para conseguir alguma coisa depois. Não parecia que eu trabalhava para me sustentar, as minhas roupas eram todas bem cuidadas os meus sapatos eram sempre limpos.

Apenas entreguei os documentos que me disseram que eram necessários e me inscrevi. Não na época não, mas hoje é necessário. Sempre sonhei vestir uma bata branca. Era uma bata parecida com aquelas que os médicos usam. Sempre sonhei com isso. Quando criança brincava muito de professora. Era uma das minhas brincadeiras. Mas sempre sonhei vestir uma bata branca. Se tivesse meios econômicos eu faria o curso de Medicina. Era. Mas fazer o curso de Medicina é mais difícil e exigia mais tempo de dedicação. A Pedagogia para foi uma segunda escolha. No fundo gostaria mesmo era de ser médica. Isso não quer dizer que não estou feliz com o meu trabalho, porque o faço com paixão.

Dina chegou a Roma aos 13 anos para trabalhar e a sua história também é de luta para conciliar a labuta com a escola. Como resultado, formou-se numa área de prestação de serviços médicos e, agora, é funcionária num hospital público de Roma.

Não tenho muita (essência) da minha vida em Cabo Verde porque vim para a Itália com 13 anos. Aqui é que vivi a vida, vida de rapariga, de mulher, de mãe, etc. Portanto, há... a vida foi praticamente na Itália. Até à 4ª classe, foi em Cabo Verde. Em Cabo Verde tinha 10 anos quando acabei a 4ª classe. A minha mãe me pôs em casa de uma... que era mesmo a minha professora, de escola, para trabalhar... E...

Eu não me contentei com essa 4ª classe e fui prá frente. Depois do 2 anos na Itália, comecei a escola, depois larguei a escola de novo, foi depois de ir para o 2º ano de liceu português. Depois, eu vi que a vida não ia prá frente, assim, portanto... e que teria de continuar na

mesma coisa, trabalhando na casa de senhora, sempre. Aí, decidi, depois que eu casei, naturalmente, fiz 3 filhos, etc resolvi voltar à escola. E foi nesse caso aí que cheguei no 7º ano, italiano mesmo. Larguei o português e passei para o italiano⁸⁰. No italiano... aí, fiz mais 3 anos de curso... Enfermagem. Não me contentei, fiz concurso, portanto, empregada de Estado... Não tenho de lamentar da minha situação, mas penso sempre em Cabo Verde. Quero ficar lá. Eu vivo na Itália por de... já 30 anos. Sou a pessoa que veio para cá mais nova, não tinha família aqui, naquele tempo, non. Porque, depois de mim, vieram pessoas da minha idade, não mais novas, mas da minha idade, 13 anos, 12 anos non. Mas são pessoas que tinham mãe aqui, irmã, (?). Quando eu vim, não tinha ninguém, vim com 13 anos, diretamente para casa de senhora (ri). Já com um contrato de trabalho e tudo, por minha conta.

Porém, a situação mais comum é a de fraca escolaridade em Cabo Verde que não é suprida em Roma, como Palmira que aprendeu a "assinar o seu nome" em Cabo Verde ou Madalena que, como seus irmãos, sabe "ler e escrever e basta".

eu estava quase na segunda porque estive no colégio, non, estive no orfanato... porque, naquela época... o meu pai tinha morrido... as irmãs queriam que eu fosse! Fui e fiquei... de ida... fui com 3 anos de idade, quando saí de lá, tinha qua... quase 12 anos... em S. Nicolau, sim. Meus irmãos estiveram na escola à noite. Porque a minha mãe não tinha força para pô-los na escola... então, foram para a escola à noite.... eles sabem ler e escrever. Sim, ler, escrever e basta...

⁸⁰ Normalmente, as imigrantes em Roma que estudam fazem os anos escolares básicos no Liceu português que há muito tempo tem um programa de ensino voltado para imigrantes.

Não se remetem, entretanto, à origem da sua relação com a escola, quase sempre construída de forma precária nos meios rurais ou urbanos onde apenas conseguem tocar uma parte muito pequena da vida, como mostram nos relatos.

A escola foi substituída pela aprendizagem da subsistência e a escolarização formal, embora importante, não é mais o que conduz à superação e às identificações.

Angélica

Não, eu vim estudar aqui em... porque me puseram na escola, mas que... eu não fui. Então, vim estudar aqui, com 20 anos, repeti até à 3ª classe, parei. Na Escola Portuguesa. Repeti até à 3ª classe, aí parei porque a cabeça não dava mais. fiz e fiz novamente, e... a escola... tinha pouca gente, todo o mundo deixou a escola, fiquei sozinha com aquela professora que tinha de ser paga... Depende de pessoas. e... C. e... não, a C. e mais outros que nem me lembro mais do nome de... de Cabo Verde... Mas, éramos poucas da Praia... Tudo de adultos... Quinta-feira e domingo. Nos dias que saímos, ainda por cima, tínhamos de ir para... Pagavas 100 mil liras de 3 em 3 meses. Comecei com 20 anos, depois é que... depois... 4, 5 anos, parei porque... a cabeça não dava mais.

Os patrões ficaram contentes quando entrei lá porque... eu assinava o meu e... agora quando telefonam, já sei, escrevo em português e digo-lhes em italiano. Ficaram contente, quando larguei, não ficaram muito contente, mas eu tinha de deixar porque... não estava... não estava podendo ir em frente. A minha cabeça estava lá em Cabo Verde. Passei uns... 3, não, uns 4 anos depois que fui à escola. passei a ir a Cabo Verde todos os anos, e as férias que tomava eram muito grandes para a escola, pagava a escola e quase não ia então, preferi deixar. Mas não sei se no futuro... foi bom... Espero que apareça algum aluno para não ficar sozinha. Sabes, aquelas salas têm de ser pagas, têm de ser pagas, se ficares sozinha, um aluno sozinho, desanima. Quando arrumar a minha vida bem arrumada, e... porque, na minha classe, tinha mãe e filha... iam à escola... tinha pessoas que iam junto com os seus

filhos à noite... Porque não estudaram em Cabo Verde, queriam estudar aqui, então, iam com os seus filhos à noite... Deixavam os seus filhos com as irmãs, entravam na sala... e isso, realmente, foi o que me deu mais coragem para estudar porque eu disse que... eu que sou sozinha, me deu coragem para estudar, mas, quando todos deixaram a escola. No fim, eu até procurei alunos para ir prá escola! Mas alguns, quando a gente se encontrava pelo caminho diziam que por enquanto, não dava para ir.

Os motivos podem ser encontrados ainda em Cabo Verde, na época mais apropriada para os estudos

Mana

Eu estudei até à quarta classe. Mas parei de estudar porque os meus pais eram pobres. Éramos muitos filhos, e tínhamos que dar oportunidade aos outros irmãos. E também por causa do meu problema de vista, que se eu não tivesse eu depois continuaria a estudar já que era algo que eu gostava muito. Estudei até a quarta classe, era para entrar no liceu, mas a vista não me ajudava... até dava para ler. Mas me metiam medo dizendo que o liceu era difícil e algumas vezes as aulas iam até tarde e eu à noite não via nada⁸¹. Fiquei com medo e não fui. Por outro lado os meus pais não conseguiam...Economicamente...Éramos tantos filhos e eu preferi largar e dar oportunidade aos outros. Todos os meus irmãos mais novos tiveram oportunidade de estudar, mas alguns estudaram até o quinto ano. Mas todos largaram. Somente o mais velho é que estudou até o sétimo ano e fez um curso qualquer, que neste momento não me lembro qual, mas não tem nenhum diploma de curso superior.

Maria

Eu estudei até ao segundo ano, porque quando ia passar pró Liceu, já não tinha mais idade. E o meu pai, na altura, prometeu enviar-me dinheiro pra eu poder estudar à noite. Só que ele acabou por não mandar, e eu não continuei os estudos. Mas eu gostaria de continuar e terminar meus estudos. Mas não deu.

Assunção

Todos nós temos a quarta classe. Só o D. (irmão) é que estudou mais porque foi para o exterior.

A dimensão afetiva é uma das dimensões sociais e opera em todos os domínios da vida social, por meio de operadores simbólicos como as relações amorosas, nas quais estão inscritos diferentes níveis de realidade. Quer isto dizer que, não apenas inclui-se o amor ou a inclinação sentimental na escolha do parceiro, mas, igualmente, a projeção de expectativas, a determinação social que definem o grau e limite das escolhas⁸².

A emigração marca um período de mutação de valores, ainda mais quando subverte o tradicional papel doméstico da mulher. Introduce mudanças fundamentais, de um modo de desempenho complementar de tarefas entre homens e mulheres (caracterizado pela assimetria e subordinação da mulher), aproxima-se da semelhança e do esbatimento progressivo das assimetrias detectáveis nas práticas e nas representações. A relação afetiva é aqui tratada como um código simbólico que informa de que maneira é estabelecida a comunicação.

A realidade migratória introduz mudanças no plano das vivências afetivas e as práticas sociais em torno destas se conjugam com representações, valores e sentimentos num contexto social específico; a conjugalidade (ou qualquer outra prática social de vivência afetiva) é vivida conforme os recursos culturais, afetivos e economicamente disponíveis. Poucas mulheres referem-se a envolvimento afetivos atuais e é reduzido o número das que têm filhos, o que parece estar vinculado ao dever e obrigação que pesam e fazem adiar o prazer, além da pressão para não ter filhos, as vinculações próximas e opostas entre ter um emprego e ser mãe. Parece que as decisões sobre as opções começam a ser geradas ainda no início do percurso

⁸¹ Mana tem uma doença degenerativa, responsável pela perda progressiva e irreversível da visão.

⁸² Pelo conceito de *habitus*, de interiorização das determinações sociais do grupo, Torres acredita numa margem muito menor de liberdade individual em relação ao gosto ou ao amor, atribuindo maior ênfase às condições de existências como orientadoras das escolhas do indivíduo. As regras e convenções, portanto, não estariam tão limitadas perante a liberdade do amor mas, não deixa de ser real, na sua opinião que este subverte constrangimentos do cotidiano. "Basta lembrar que embora haja homogamia dentro de cada grupo, escolhe-se A e não B. (...) sendo as escolhas ou as vivências amorosas socialmente condicionadas, elas existem como escolhas e vivências, são dotadas de uma autonomia efetiva, aliás, como importantes efeitos em múltiplos planos da vida social" (Torres, 1987, p.136-7)

Palmira

Eu trabalhava no senhor padre, lá no seminário... o senhor padre estava estava mandando duas de cada vez, quando chegou o meu grau, o meu momento, ele perguntou-me se eu queria vir. E, na altura, eu tinha um namorado, que veio para a Holanda, escrevi ao namorado, perguntei-lhe o que pensava, " Por acaso... já estava com idéia de trabalhar, com intenções de me casar contigo". Eu ainda tinha 21 anos, 20 anos. Então, aquele rapaz perguntou-me qual é que eu preferia, vir para o estrangeiro, ou casar com ele. Eu disse-lhe que ainda era nova, queria descobrir, descobrir, outro tipo de lugar, de vida e tudo mais... então, ele casou-se com outra e... Quando cheguei aos 30 anos, disse " Ó que bela!". Eu falei "Ó que alegria!". Hã... " já não vou me casar, não tenho marido, não me caso, fico sempre... livre", non.

A sociabilidade e os afetos depositados na família não incluem, na maioria dos casos, objetivamente, compromissos matrimoniais, embora se apresente, de forma implícita, que o parceiro deve ser procurado dentro do grupo, no seio do qual se partilham códigos sociais e as mesmas inclinações para pensamentos⁸³

Maria e Germana mostram determinação e clareza nas suas escolhas, preocupadas com a preservação da sua autonomia⁸⁴. Apresentam-se como mulheres que têm independência financeira, são responsáveis pela família em Cabo Verde, viveram a adaptação à vida na Itália sem interferência masculina, bem como todas as suas decisões, pelas quais são as únicas a sofrer as consequências. Ao mesmo tempo, o tipo ideal de companheiro atualiza a tradição e os valores. Há coincidência na apresentação da infidelidade como um dos maiores motivos para se encontrarem sós. A queixa é maior em relação a cabo-verdianos, mas vêem que os italianos que se aproximam da comunidade também ficam influenciados por esse modo tradicional de relacionamento e o repetem.

⁸³ Girard avalia a regularidade da homogamia, quer dizer, à escolha dentro do próprio grupo, pela tendência à regularidade e partilha de códigos sociais e inclinações. A escolha fora do grupo responde à expectativa de superar restrições do grupo (ou impostas de fora) e aproximar-se dos espaços reservados aos nativos (Girard, 1981).

⁸⁴ Entendida no sentido apontado por Mello, como algo exterior e interior, um sentimento positivo, afirmativo do próprio eu, ao mesmo tempo, um mínimo de domínio sobre as circunstâncias (1985, p.292)

As mulheres referem-se à troca de informações sobre possíveis parceiros amorosos na importante rede que se estabeleceu entre protagonistas de imigrações para diferentes lugares. Verifica-se que a rede tem sido utilizada para o reatamento de laços de amizade entre pessoas que foram vizinhas ou com familiares em comum, interrompidos durante os anos de imigração, como que numa retomada de uma história interrompida, por vezes, os reencontros têm resultado em casamentos. As dificuldades maiores surgem com os cônjuges que não se adaptam à vida na Itália, o que parece, em parte, estar ligado ao tipo de trabalho que lhes é destinado na maior parte das vezes: servir nas mesmas casas que as esposas, fazendo serviços de jardineiro, etc, o que sentem como uma desvalorização perante uma mulher cabo-verdiana. Os acertos para a reunião após um casamento na imigração não parecem fáceis e algumas, após o enlace desistiram por causa da grande hesitação do marido. Outras planejam viajar e, agora, realizar uma segunda imigração, para o agrupamento familiar.

Em poucos casos planejam a vida em Cabo Verde, como Angélica e Madalena cujos esposos permanecem nas ilhas e planejam reunir-se quando alcançarem algumas metas materiais que a migração delas permite projetar.

Retornar às histórias, percorrer o passado em movimento, é um modo de mostrar o que permitiu a vida até hoje e também, uma forma de provar que os seres quando se deslocam não são desgarrados, ao contrário, têm uma memória que, circulante, colabora para dar sentido ao presente e o enraiza.

Sociedade de emigração: as interferências nas viagens

As histórias pessoais e familiares identificam os sujeitos em relação ao seu grupo mais amplo que, no caso de Cabo Verde, é por elas descrito como uma sociedade de emigração, por causa do que leva famílias inteiras para fora, o prolongamento e continuidade das estadias na imigração, a

instalação e a configuração da condição de imigrante e o agravamento da precariedade das estruturas familiares e sociais⁸⁵.

Referem-se tais histórias a uma sociedade superexposta, marcada pela velocidade e dinâmica da grande rede tecida por partidas e chegadas, procurando construir uma textura entre pessoas, imagens e informações, perseguindo incessantemente o mito de uma unidade num constante refazer de laços e nós⁸⁶.

Em parte, as suas características encontram-se fincadas na reafirmação do senso comum acerca de um destino coletivo. Significa isto que lhes resta postar-se dóceis perante a necessidade de migrar?

Palmira

Temos que abraçar tudo o que é de Deus. É uma questão de merecimento, temos de aceitar apesar de ser duro. Temos que aceitar a vida porque ela continua e por isso temos de nos confortar. A vida é uma luta, temos que lutar com coragem e sempre com Deus porque nele sentimos toda a força, toda a força vem dele. Às vezes aparecem coisas difíceis mas com a ajuda de Deus conseguimos suportar. Deus nos dá inteligência para umas coisa ou para outras.

Linda aponta-nos o valor do rompimento inicial que acontece na biografia do migrante

Todos disseram que se eu pude largar a minha mãe e o meu filho em Cabo Verde, também podia largar a senhora com quem

⁸⁵ É necessário proceder a estudos sistemáticos sobre os efeitos da migração nas relações internas da família e da sociedade de imigração, pois tal a dinâmica das partidas e ausências, que um instrumento específico poderá alcançar o resultado desse movimento. Não se trata de algo que atinge a sociedade e ali termina a sua influência, mas que desencadeia uma diversidade de combinações de laços e desencontros difícil até mesmo de medir e apontar.

⁸⁶ Os custos e vantagens da migração têm sido predominantemente avaliados em relação à sociedade de imigração, e questiona-se se, nos poucos casos em que tal medição é feita em sociedades de emigração, as técnicas utilizadas pelas primeiras, poderão avaliar corretamente o que esta vive como custos e vantagens. Assim, a medição dos resultados qualitativos da emigração pode permitir alcançar que as definições sobre vantagens e custos dependem do momento histórico. Podemos considerar que as definições sobre o que são custos e vantagens da emigração que se tornam explícitas nas afirmações das mulheres dependem de negociações e refletem o estado das relações de forças nesse momento: "cada parte trabalha para convencer o seu parceiro de que ele encontra no fenómeno migratório uma 'vantagem' maior ou, pelo menos, uma soma de 'vantagens' que compensa amplamente o inconveniente que resulta para ele; vantagens sempre renovadas para colocar em benefício do outro. Trabalhar, por um lado, para maximizar as vantagens que se atribui a seu parceiro e, por outro, para mascarar suas próprias vantagens ou minimizá-las: é desse trabalho de imposição que resulta a definição do que se entende, a cada vez, por 'vantagens' e 'custos'" (Sayad, 1998, p.50).

trabalhava na Espanha e vir para a Itália encontrar a minha irmã aqui.

Uma história coletiva e quadros sociais de memória contêm os pontos de apoio para a jornada e se encontram na textura mesma da sociedade que se constitui na emigração e pela emigração/imigração. De tal forma que, como relatado pelas pessoas, não apenas muito antes de viajar recebem os ecos das terras distantes, como depois, em suas vidas lá fora ressoam constantemente as interferências de dentro. As condutas e as relações são tomadas sobre um conjunto de preposições a respeito daquilo que se ensina que é destino, da vida que é apropriada fora dali, ao mesmo tempo em que a vida só vale a pena ser vivida em Cabo Verde. E, na medida em que o indivíduo tem o suporte de múltiplas classificações que, ao longo da vida, vêm enriquecer a sua definição social, neste caso, conforme relatado, a emigração é a classificação que funciona como a verdadeira marca social, num contexto em que o sistema de recompensas diferenciais é aplicável não apenas aos que têm mobilidade socio-espacial como aos que migram e aos que não migram. A emigração é o modo privilegiado para o reconhecimento social e o reforço do sentimento pessoal de dignidade, onde se fixam os sinais exteriores de dignidade, as marcas de respeito e estima. A história do indivíduo apresenta-se como certa especificação da história coletiva⁸⁷, as mulheres descrevem, ao mesmo tempo, a confiança implícita na submissão voluntária, as exigências do controle internalizado que se perpetua e se reproduz no coletivo, a eficiência dos meios para que a experiência cotidiana de submissão às viagens se transporte também para os que ainda não foram.

Veremos que Cabo Verde não é, por conseguinte, apenas o lugar de onde se saiu, mas cuja história insiste em ser contada, a cada dia, também por todos e com todos que estão na emigração. As pessoas abordam as condições sociais que engendram a emigração e criam a sociedade de emigração, as determinações sociais que sustentam as práticas cotidianas e todos os sentidos que se vão formando e constituindo as sociedades de

⁸⁷ Sociedade de emigração como a expressão do tipo de determinações que as condições sócio-econômicas imprimem no indivíduo, considerando como as condições objetivas são traduzidas na ordem social (Bourdieu, 1983; Rodrigues, 1978; 1992).

emigração e de imigração como vertentes mutuamente correspondentes, que sobrevivem e se prolongam uma na outra.

Ao mesmo tempo em que é necessário reforçar os motivos para justificar a não permanência em Cabo Verde, de modo aparentemente contraditório, a alimentação constante dos fluxos exige que se encantem as histórias da terra longe onde tudo parece estar ao alcance do esforço de qualquer um. Para alcançar este objetivo, tem-se o desvelamento das outras razões da emigração, inicialmente ocultas, como segredo coletivo, e pela razão primordial do trabalho. Antes da solução da partida, procura-se a realização dentro do antigo ideal de mulher, até descobrir que perdeu valor demonstrativo e nada mais faz do que perpetuar, de forma inútil, a dependência. As que se referem às tentativas de trabalho em Cabo Verde e aos filhos que tiveram antes de viajar -sendo que nenhuma se casou antes disso- viveram o processo que conduz, por fim, à solução da emigração, já que agora, também às mulheres se aplica o valor do reconhecimento social pelo que pode fazer fora da comunidade.

Um novo valor sobre a mulher e a maternidade é fortemente mencionado após a independência e a defesa da emancipação feminina, mas, nos discursos é perceptível que já vinha sendo construído anteriormente como justificativa para a emigração feminina. Paulatinamente chega ao meio rural a atribuição de valor negativo à maternidade muito precoce e sem planejamento. Constrói-se como um dos motivos fortes para a emigração a fuga ao destino de *encher a barriga, ser mulher parideira*, o que exige uma intervenção muito cedo, quando a jovem ainda está diante de uma quase imperceptível maturidade sexual.

O grupo que se dirige para a Itália vive toda a mudança na ordem social não apenas camponesa, de desagregação por causa de fatores como as secas sucessivas e a emigração dos homens, com o abandono das atividades que poderiam ser produtivas e a mudança de mentalidade que, agora, orienta os valores do empreendimento individual para a emigração⁸⁸. Também elas são filhas de emigrantes e, na entrada na vida adulta, quando não emigraram antes, assistem a uma alteração social em que a emigração não poupa sequer os de famílias melhor colocadas socialmente, entre estas,

também, primeiro os homens e depois as mulheres cuidadosamente escolhidas pelos padres para primeiro emigrar para a Itália.

Os agentes anônimos

A impressão trazida pelos relatos e as histórias de família é a de uma diáspora intensa e desorganizada mas, examinada mais de perto, esta se sustenta em uma lógica e organização pelas quais o sujeito tem acesso à memória do grupo não disperso e os hábitos sociais resultam em verdadeiros ritos de memorização e de integração.

Para que o grupo disperso se mantenha não disperso em relação ao lugar de origem, é necessário que a vida em perigo em Cabo Verde, razão inicial das partidas, não retire Cabo Verde da memória, que este não fique para trás, que ao salto espacial não se some o salto temporal, quer dizer, deve-se garantir que Cabo Verde fique com os que viajam.

Às mulheres que primeiro emigraram, cabe trazer, no corpo e na bagagem, sinais favoráveis do lugar de destino. Encarregadas de transmitirem as informações sempre fragmentárias sobre o emprego que espera as que ainda não viajaram, há o cuidado com o embelezamento sobre aquilo que o emigrante vai encontrar, para que se reduza o efeito do estigma. Também, lá mesmo no destino, a responsabilidade dos que primeiro se instalaram no exterior para com as que chegam depois parece ser o de fazê-las ver a triste escolha, orientá-las apresentando-as ao sacrifício, mostrando como tudo é difícil⁸⁹. Explicam o que é solidão, maus tratos, tristeza, estranhamento, estigma até deixá-las na dúvida sobre o que eles mesmo fazem ali também. Ao mesmo tempo, como se passado o teste, têm os argumentos⁹⁰ que impedem que desistam nos primeiros

⁸⁸ Discutimos anteriormente, com Meintel, as implicações da emigração para Cabo Verde.

⁸⁹ Ao chegarmos a Roma, na nossa primeira acomodação, ao acompanharmos os movimentos cotidianos que tinham de ser cumpridos por mãe e filha, verificamos que eram feitos com uma grande preocupação de se poupar recursos (água, energia elétrica e alimentação). Pareciam viver no escuro e a forma de higiene exigia um cuidado grande com o gasto de água. Todos esses movimentos a apontar para uma vida tão contida eram confirmados pelo discurso da senhora que me explicava como a vida era difícil ali, o que foi inteiramente assimilado. Dias depois, num encontro de almoço (que incluiu familiares e amigos da família) na mesma residência, a expressão era muito diferente, com apresentação à vontade, incluindo recursos para a diversão. Ficamos com a impressão de que tanto a mãe como a filha pareciam mais à vontade em relação ao uso dos mesmos recursos, o que, na época, nos trouxe a hipótese de haver uma espécie de "cartão de visita" cujo principal tema é a escassez também na Itália.

⁹⁰ Entre estes, inclui-se a lembrança das condições difíceis em Cabo Verde, as expectativas da família e o destino que resta a uma mulher na origem: engravidar e viver só para cuidar de crianças.

tempos, face às primeiras dificuldades e ao embate com o estranho das pessoas, da língua e do lugar. Quem chegou antes torna-se o guardião da continuidade da comunidade no exterior, assumindo todas os argumentos pelos quais não se deve regressar sem antes cumprir o que se prometeu à partida⁹¹.

Tina

Quanto à minha vida aqui na Itália, não foi legal né, pelo que passei. Quando cheguei aqui não sabia a língua, passei um bocado... queria voltar para Portugal (porque eu vim de Portugal), estava lá, em casa da tia. Não queria ficar...

A minha irmã L. é que insistiu, dizendo que não era fácil para ninguém, porque todos que chegam aqui, no princípio é difícil, não sabem a língua... não estás acostumada... naquele tempo... éramos poucas, poucas cabo verde-verdianas, éramos muito poucas.

Há um registro intenso na memória dos homens e das mulheres que primeiro emigraram, muitas têm a lembrança visual dos que vinham de férias, procurando carregar consigo, no corpo, todas as vitórias alcançadas e deixando para os familiares mais próximos os resultados mais visíveis do seu empreendimento. Não apenas o núcleo familiar tem as repercussões das viagens; as férias são importantes para os lugares há muito intensamente penetrados pela emigração, que se mantêm constantemente alertas em relação a essa parte separada de si, para que se mantenha sempre ligada. As aldeias, as comunidades sempre se preparam para as férias dos emigrantes, incluindo no seu calendário de festejos, as atividades que assinalam a presença dos mesmos e registrando a sua participação.

Depois das férias, devem permanecer na memória dos que ainda ficam para que a decisão de partir seja tomada. Assim terão cumprido o

⁹¹ A rede garante a viagem mas sobretudo nos processos que visam a colocação ocupacional no destino e representa a hierarquia interna que o grupo produz no exterior, sendo os novos imigrantes são posicionados de acordo com a hierarquia e a diferenciação social. A eles estão destinados os trabalhos mais penosos, menos estáveis e menos remunerados, não apenas por desconhecimento dos mecanismos sociais e econômicos do novo universo. As causas não se reduzem, ainda, à falta de familiaridade com os modos de organização ou com métodos de trabalho, ou à integração à condição de trabalhador que exige, por exemplo, reflexos adquiridos com longa experiência no trabalho assalariado. Sayad concorda tudo isso é verdadeiro mas, "(...) mais determinantes ainda são os efeitos do sistema de exigências que continuam a sofrer esses imigrantes que ainda não foram completamente desenraizados de seu mundo tradicional e de seus modos de pensar e de agir" (Sayad, 1998, p. 64).

que delas se espera, que é encantar com as suas histórias e provar que a viagem vale a pena.

Tânia

Me lembro quando as primeiras moças que tinham vindo para Itália voltaram de férias para Cabo Verde e todas fomos encontrá-las na vila... Acho que eram quatro... Não tinha a mínima idéia . Só sabia a localização geográfica (da Itália).

Escolhem o tempo de férias normalmente no verão ou em época das festas do calendário anual da localidade de origem. A sua contribuição já é esperada, trazem um novo ar às pequenas vilas, mas ninguém parece perceber que a alegria é feita ali mesmo e não trazida de fora. Têm de ser eficientes para que, mal desembarquem nas ilhas, aconteça o esquecimento. Zulma e Assunção, por exemplo, contam que dormem muito quando chegam para as férias, de tal forma que as pessoas ficam preocupadas. E aguardam o retorno definitivo para adotar a prática de nunca ter hora para levantar da cama. Tina se refere aos bailes que frequenta, quase todos os dias dormindo muito tarde, traduzindo o lazer mais comum entre elas, além das praias.

O ritual das férias é constantemente reproduzido, como mostram as histórias. O que deve ser dito ou feito está no código das condutas, incluindo a linguagem repleta de termos inventados entre o crioulo e o italiano que, assim, encontram-se próximos da sua origem latina; o dinheiro deve ser gasto como se não fosse ganho com dificuldade e não exigisse a vida de miséria, sacrifício, dor, fome e escuridão. Espera-se delas que guardem entre si o que sabem que se passa na imigração, que participem da mesma mentira para aqueles que ainda não viram nada.

E não produz efeito repetir que se trabalha duro lá fora porque o que interessa é o que trazem de sucesso como resultado. A sociedade parece não querer saber do seu estatuto real na imigração, e fica a critério de cada uma delas, fortalecer ou não a imagem social que se tem das "italianas" em férias, constantemente embelezadas e com seus vestidos coloridos. Constitui-se a criação para as férias em verdadeira estratégia de sobrevivência, uma forma essencial de suportar a sua condição objetiva na

imigração e que, em parte, pode explicar a frequência significativa das viagens a Cabo Verde.

Quem fica não se contenta em vê-las bem vestidas ou trazendo muitos presentes, mas avalia a capacidade de empreendimento, de construir uma casa ou ajudar os parentes a abrir um negócio. Todas referem-se à construção de casas, em perspectiva, em fase de realização ou já concluídas, e mostram que regressar e voltar assegura o seu estatuto de emigrante e a sua posição social, produzidos pelo que se obtém fora dali e mantidos pelo que se realiza na sua terra de origem.

De tal modo a sociedade e a migração estão intrinsecamente dependentes que outros membros da sociedade podem ser identificados pelo seu papel em relação à diáspora. Quem fica? Quem escolhe quem fica? E quem, dos que ficam, deve convencer os hesitantes a viajar? A família transnacional que parece ser a que melhor descreve a forma de organização familiar atual dos cabo-verdianos, não resiste se não estiver apoiada numa forte dependência afetiva mútua para assegurar a migração, a troca permanente que se estabelece entre Cabo Verde, Itália, Holanda, França, Portugal, Estados Unidos da América. O apoio não está restrito à sobrevivência dentro do espaço de origem, mas a abrir um mundo de esperança também de emigração para outros, de cada vez que um emigra. Verifica-se que é a família o centro da rede de sustentação alargada da migração e onde se reproduzem os valores e normas que sustentam o modo de estar na migração. As imigrantes falam sobre isso na família, sobre os que já foram ou parecem estar sempre a ponto de partir. Pela emigração pergunta-se se haverá segredos familiares nos motivos sobre quem pode e quem não pode partir e os seus destinos. Há escolhas implícitas que, por um lado, referem-se ao tempo histórico e, por isso, não mais se apontam destinos como São Tomé e Príncipe, por exemplo. Não aparece um modelo único de família, e, se esta comporta a dispersão e a inclusão de membros não diretamente ligados por laços consanguíneos, deixa a dúvida sobre se seria uma forma de ruptura com as configurações originais dos papéis masculino e feminino, ou um modo de eternizá-los?

Saem os novos, os mais jovens que podem preencher os outros lugares e deixarão um vazio neste. Só ficam os que não servem mais para

encher a terra dos outros, quer dizer, os que não podem dar o máximo de si para os outros fora dali. São os que, de alguma maneira, têm um lugar ali, estão encarregados de guardar algo, como o marido de uma imigrante, que retornou aposentado da construção civil em Portugal, e a aguarda, guarda a casa e cuida da pequena horta e de alguns animais domésticos. Constitui aquele grupo que segue a rotina pacata de ser um ex-emigrante, dos que já regressaram porque ficaram cansados ou porque lá fora se cansaram deles. Já não servem para viver e desejar trabalhar, gozam de uma aposentadoria pequena, a maior conquista dos tempos de tanto esforço, ficam nas pequenas vilas andando todos os dias como se tivessem muita coisa para fazer, para juntar entre aqui e lá, como se tivessem descoberto a ponte entre os lugares. São tratados como convidados permanentes, importantes no seu papel de regressados, a terra recebe bem os que deixaram fora a sua melhor parte mas trouxeram alguma parte do lugar aonde trabalharam. E como sempre têm algum filho, irmão ou primo no exterior, podem partir quando tiverem vontade, de férias, como turistas, durante um ou dois meses, renovando sempre, nas conversas, o que é o lugar de destino, onde e como está cada um que ficou lá fora. Ninguém escapa de ouvir sobre aonde se deve ir para realizar o que é ser adulto, na opinião do grupo.

Também há os que podem ter regressado para voltar a partir, ou se envolvem em alguma atividade que lhes permite ir e vir, como os irmãos de Assunção que foram responsáveis pela sua ida para a Itália e depois regressaram a Cabo Verde aonde se dedicam à atividade comercial, viajando com frequência para os Estados Unidos da América, Brasil, Canárias e Portugal, comprando para poder vender na ilha.

Outros nunca serão esquecidos, mesmo tendo esquecido a sua família, a sua comunidade, mas são perdoados porque foram os destinados a lugares de triste emigração, quase desterro, como São Tomé e Príncipe e, para não voltar e destruídos e destruir a ilusão do retorno glorioso, devem parar em outro lugar, como muitos que ficaram em Portugal.

As famílias que emigraram em massa, como no caso de Mana, perdem o que poderia lhes atribuir maior posição social na sociedade de emigração, ao contrário das que conseguem número de membros significativo tanto na emigração como no lugar, de modo a poder acumular

as vantagens e os sinais das duas espécies de capital que se encontram no princípio da hierarquia social, o capital econômico (cada vez mais fornecido pela emigração) e o capital simbólico (que depende do bom uso que os membros, na origem, fazem do capital econômico).

Mostram que fazem parte de uma sociedade em que a condição de emigrante se torna permanente e o estatuto de emigrante se estabiliza pelas estadias cada vez mais longas e contínuas. Daí a ambigüidade dos projetos de retorno, o estabelecimento de formas de ligação entre os dois lugares e os outros lugares que implicam num constante ir e vir.

Uma comunidade “entre lugares”

Os discursos confirmam a evidência da identificação de um grupo como “cabo-verdiano”, cuja existência, no entanto, é marcada pela descoincidência entre a territorialidade geográfica de Cabo Verde (dez ilhas e 4033 km²) e o nacional (as ilhas e a diáspora). As estatísticas confirmam que há mais cabo-verdianos no exterior do que no país⁹² e, portanto, por um paradoxo singular, sustenta-se a afirmação de que a existência do arquipélago depende da ausência dos cabo-verdianos, tais as implicações deste fato para a vida do país, em particular, para o seu universo sociológico e cultural, forjado em todos os espaços objetiva e simbolicamente ocupados pela migração.

Portanto, a continuidade da emigração na imigração explica o envolvimento de agentes anônimos e as formas de engajamento social que são exigidas dos indivíduos, como pertencentes a uma nação e a uma comunidade simbolicamente situada entre lugares, como veremos a seguir.

Uma das formas mais apontadas pelas quais as migrantes se mantêm na ambigüidade da estadia no exterior necessária e do desejo da terra de origem, é o mito do retorno, identificado em todo o projeto de migração e que exerce a ilusão de permanência e previsibilidade no fato migratório por afirmar um destino pré-fabricado para os que partem. Parte dos teóricos e o senso comum consideram como universal e intrinsecamente ligado a uma antropologia do ato total de emigrar e imigrar, capaz de traduzir-se num

movimento físico de volta ao país de origem. Para Monteiro (1994), Rudder-Paurd (1975) e Perrotta, 1988), serve de suporte ao discurso de conotações de "sentimentalização" excessiva, como parte das metáforas gerais que são construídas sobre a imigração. Para os autores, nem os cientistas estão livres; ao invés de questioná-las, preferem reproduzi-las, evidenciando os aspectos da origem do imigrante, tratando-o por uma suposta ligação visceral ao país de origem. Rudder-Paurd considera que o discurso está de acordo com a expectativa de que o imigrante efetue uma adaptação de acordo com o trabalho que deve realizar, sem mudar o equilíbrio social e cultural do país de acolhimento, mantendo, para isso, uma visibilidade mínima (1985).

Conforme Rudder-Paurd, uma das conseqüências mais importante desta orientação é a que funda as investigações numa espécie de "psicologia do imigrado" que explica o seu comportamento como estando sempre orientado por um projeto de retorno. Todavia, Monteiro encontrou nas suas pesquisas a concordância com outros autores de que a idéia de regresso não continua a determinar os comportamentos anos mais tarde e as estratégias desenvolvidas não revelam a intenção de voltar, sendo a idéia do retorno paulatinamente abandonada, embora as avaliações costumem definir o desligamento como algo pouco natural. Sayad observa que a construção do desligamento da terra de origem como algo pouco natural está de acordo com o mito do retorno, que é o mito tranquilizador do trabalhador importado que, de posse de um pecúlio, voltaria para a sua terra para deixar o lugar para outro e, assim, reproduzir a imigração (1991).

Por seu lado, ao estudar mulheres imigrantes em São Paulo, Mello verifica como referem-se ao passado, elaborando continuamente comparações entre o ontem e o hoje. O ontem é o tempo vivido que, às vezes, adquire tonalidades mitológicas. Além de incluir reminiscências sobre o trabalho pesado, a vida frugal beirando a miséria, as mulheres que a autora entrevistou lembravam do seu passado antes da migração e do trabalho na cidade grande por um discurso com um tom poético de nostalgia e elegia dos bons tempos da infância (Mello, 1994,p.26).

⁹² Dados preliminares do Instituto Nacional de Estatística indicavam, para o ano 2000, mais de 500.000 cabo-verdianos emigrantes e 434.263 habitantes em Cabo Verde.

Para Sayad, a idéia do retorno deve ser estudada não como uma categoria que prevê o retorno físico mas a nível fantasmático, da ordem das consciências

o mito é para o próprio imigrado, mas também para o seu grupo, um retorno sobre si, um retorno sobre o tempo anterior à emigração, uma retrospectiva, portanto, uma tarefa da memória que não é apenas uma ação de nostalgia, no sentido primeiro do termo. Na verdade, a nostalgia não é o mal do retorno, pois, é quando uma vez completado que descobre-se que o retorno não é a solução: não é possível acontecer realmente o retorno (semelhante ao que era). Se se pode sempre voltar ao ponto de partida - o espaço se presta bem a estas idas e vindas -, ao contrário, não se pode voltar ao tempo de partida, voltar a ser aquilo que se era no momento da partida, nem reencontrar os laços e os homens que se deixou, na forma como foram deixados. (1994, p.17)

Por exemplo, Tina refletia sobre quem realmente retornou e concluiu sobre o que, efetivamente, acontece

Outras fizeram as suas vidas aqui. Há muitas que vão, vêm, vão... e voltam. Algumas das que vão, por causa de... coisa de saúde, vêm controlar aqui. E algumas não voltam. É tudo assim. Mas, a maior parte, hoje, muitas dizem que vão e não voltam mas depois voltam.

A participação dos autóctones na alimentação do mito do retorno, tal como referido por Sayad, traduz-se, na prática, pela adoção de estratégias para obrigá-las à volta, como explica Dina

Naquele tempo, quando eu vim, não nos pagavam pensão porque diziam que voltávamos para a nossa terra. Era uma maneira deles para poderem ganhar. Porque aquele dinheiro que eles não pagavam a reforma, punham na algibeira. Diziam que voltávamos para a nossa terra, mas eles não podiam saber qual era o destino da tua vida, se voltavas ou não. Naquele tempo diziam que tu saías por um tempo, tantos anos, vais e pronto, aquele dinheiro ficava perdido.

Parece, pelos depoimentos que, cada vez mais, fica evidente o lugar da nostalgia atribuído a Cabo Verde

Não faço nada de importante lá. Quando vou para Cabo Verde , não penso muito em festas, bailes, posso até ir. Mas o importante é estar com a família, com as amigas. Relembrar algumas coisas. Da escola, do caminho com minhas colegas, das brigas. De ir buscar água no poço Verde, não sei se ainda existe porque agora quase todas as casas tem água. Havia um barril no qual eu ia buscar água. Aquilo era quase uma brincadeira. Para um adulto, era uma canseira, mas para nos crianças era bom encontrarmo-nos de madrugada e vir brincando pelo caminho.

E quando me vinham convidar para algum baile, tinha de ir com minha mãe ou outra pessoa mais velha, tipo minha irmã que me ia levar e buscar.

Além dos eventos que não podem ser vividos novamente, para o imigrante cabo-verdiano, é preciso perguntar se no lugar de origem, os outros do passado o esperam.

Hoje a minha mãe vive em Portugal, e ela sempre se pergunta: para quê voltar para se todos os meus filhos estão cá? E também os meus irmãos... Quando foram para Portugal eram todos pequenos, fizeram as suas vidas, estudaram, fizeram todos os seus amigos e por isso nenhum deles quer... Dizem que só vão para visitar. Todos tem as suas vidas ligadas a Portugal e aos portugueses. Hoje em dia ela também diz que só vai para Cabo Verde para visitar os familiares, mesmo porque a nossa casa de lá foi vendida.

Ou se são esperados em outros lugares

Primeiro fui para Portugal, mas nunca tive a intenção de lá ficar, queria sempre ir para a Espanha. Eu nunca nem sonhei que viria para a Itália. O meu sonho era ir para Holanda, e ainda é. Tenho uma irmã que vive lá e gostaria muito de viver com ela. Tem também os meus sobrinhos. E acho que poderíamos ajudar uns aos outros. O marido da minha irmã morreu na Holanda e ela agora vive com os dois filhos, mas está bem. Tem uma outra irmã que é irmã do meu marido que sempre me diz para morar lá. Mas existe um problema, na Holanda só se consegue os documentos através do casamento. Na época que eu fui eu ate já namorava com o meu

atual marido, propus a ele que casássemos e ficássemos mas ele não quis, porque prefere viver na Itália. Enquanto que lá todos têm a sua casa, trabalham até mais ou menos e voltam para casa e ficam com os filhos, aqui na Itália as pessoas não conseguem fazer isso. Depois que consegui trazer meu marido para cá e pensando bem, o tempo que falta para ficar fora e construir a minha casa, posso agüentá-lo aqui na Itália que já conheço e sei falar a língua.

A afirmação do retorno fica confusa porque as idas e vindas se tornaram mais fáceis

Se fosse agora que estou grande, não teria vindo, porque vou sempre de férias. Fui e até... nem queria vir. Só vim porque tinha de trazer o marido prá Itália e... hã... espero que ele venha aí por novembro... acho que passamos uns 3 anos aqui e depois vou embora para Cabo Verde.

O retorno apresenta-se como a possibilidade de realização imaginária da reunião entre emigrante/imigrante e emigração/imigração, origem e destino. A emigração e a imigração são, antes de tudo, uma mudança de espaço, de território e o espaço se conforma mais facilmente que o tempo a todas as idas e vindas que nele podem ser inscritos, na condição de que nada venha contrariar esta relativa liberdade de movimento, que não se trace fronteiras, estes produtos de um ato jurídico de delimitação que decretam a união e a separação.

Mudar de espaço, se mudar no espaço que é sempre um espaço qualificado, é descobrir e aprender na mesma ocasião que o espaço é, por definição, um espaço nostálgico, um lugar aberto a todas as nostalgias, quer dizer, carregado de afetividades. Não se trata do espaço abstrato, contínuo e homogêneo dos matemáticos, este conjunto de ligações indiferentes e intercambiáveis entre os quais se pode ir e vir em espírito, com toda a liberdade que postula a geometria; as mudanças mostram que o espaço é, no fundo, o lugar da nostalgia porque se trata de um espaço vivo, de um espaço concreto, qualitativa e emocionalmente, ou seja, passionalmente distinto.

Como o amor e os efeitos do encantamento, a nostalgia do lugar tem o grande poder de sacralizá-lo e santificá-lo. Cada um dos lugares

privilegiados da nostalgia e por ela e, em cada um desses lugares, os objetos particulares aos quais se dirige um intenso investimento da parte da memória nostálgica, tornam-se partes sacralizadas, lugares benditos, terras santas. O retorno torna-os lugares de peregrinação, como um retorno a lugares da natureza e da história tornados santos pela graça da nostalgia. Na valorização da terra natal se engaja toda a identidade social e cultural (individual ou coletiva) que, do ponto de vista político, significa o engrandecimento da pátria e a nostalgia estabelece a melancolia com o lugar do qual nos separamos, com o tempo que escapou, com o grupo que deixamos.

A relação nos dois grupos (emigrado/imigrado) nunca é clara nem totalmente límpida porque, por um lado, não se pode voltar à rocha de origem e, por outro, também não se reside impunemente num outro país, não se vive morando num outro lugar, no seio de outra sociedade, de outra economia, num outro mundo, em suma, sem que alguma coisa fique, sem que se submeta mais ou menos intensamente e profundamente segundo as modalidades do contato, os domínios, as experiências e as sensibilidades individuais. A imigração não acontece sem deixar marcas, mesmo que se acredite numa integridade formal e numa fidelidade a si próprio e que das marcas não se tenha consciência. Presença e ausência se entremeiam, misturam suas características e destacam a duplicidade da figura do imigrante estrangeiro, na sua inscrição social em dois mundos. Definido por uma pertença geográfica cambiável que o leva à exclusão, este sujeito, situado numa relação de exterioridade incontornável com relação a um lugar dado implicitamente como referência legítima, precisa unir internamente os dois países.

Os discursos esclarecem sobre aquilo que o sujeito pode fazer no espaço, nas suas produções sociológicas, psicológicas, subjetivas e objetivas. A maneira como os espaços aparecem é indicadora da sua força modeladora da sociedade; pela sua delimitação, assegura e enquadra os indivíduos, a territorialidade tornando-se uma forma de comunicação entre as pessoas.

Cabe, então verificar as correspondências e proximidades entre aquilo que as experiências vividas e conhecidas do sujeito determinam do espaço

psicológico e seu grau de complexidade cognitiva e o espaço percorrido pela migração, constituído pela razão dominante e definido pela dominação simbólica e econômica.

É necessário percorrer o terreno que encerra as possibilidades de definir toda a pertença, mesmo a existência de uma pessoa. Em suma, os discursos nos remetem à verificação sobre como o espaço concebido (os dois lugares, as duas nações e países) é submetido ao espaço vivido e quais as relações entre fronteiras simbólicas e topológicas.

Quer isto dizer que se trata de um coletivo identificado por uma nacionalidade que contraria o pleonismo prático e teórico da modernidade a propósito do Estado e da soberania nacional, apoiado na presunção de que todas as prerrogativas atribuídas ao Estado moderno se realizam na área delimitada onde este reivindica o monopólio dos meios de coerção e o uso deles (Bauman, 1999). As delimitações deste grupo não coincidem com as dos Estados-nação, tradicionalmente, comunidades rigidamente organizadas e fechadas, com populações homogêneas e fixadas ao solo, cuja identificação cria automaticamente o grupo dos não-nacionais e as restrições específicas a que o deslocamento dos emigrantes deverá obedecer (Arendt, 1989).

As ordens nacionais analisadas por Sayad estão relacionadas a duas sociedades que se comunicam a partir da migração e refletem o predomínio de certos sentimentos sociais em relação à presença/ausência de determinados sujeitos. Com atraso, a ordem nacional também passou a ser das sociedades de emigração e nesses países, a emigração torna-se um problema nacional e não só de grupos ou localidades. No sentido apontado por Hobsbawm sobre a abrangência do fenômeno nacional após a descolonização, a emigração atual é de nações independentes, e, portanto, a migração envolve estados e nações, reconhecendo a existência de fato, de comunidades e de ordens nacionais na origem, com forma territorial e estatal politicamente garantida. Assim, além da imigração significar a presença de não-nacionais numa ordem nacional, a emigração passa a representar a ausência da ordem nacional de nacionais pertencentes a essa ordem (Sayad, 1998).

Como se constitui então um coletivo identificado e identificável tal como no caso de Cabo Verde e os cabo-verdianos?

Na opinião de Hobsbawn (1998), não há critérios objetivos sobre a existência de nacionalidade; certos grupos se tornaram nações freqüentemente com base em critérios simples como a língua ou a etnia, ou por uma combinação de critérios como a língua, o território comum, a história comum e os traços culturais comuns. O autor considera-os critérios ambíguos e mutáveis, e lembra-se da definição de Renan para o qual a nação é um plebiscito diário, tentando aderir às pessoas onde elas vivam ou como vivam. Todavia, para Hobsbawn, definir a nação pela consciência que têm seus membros de a ela pertencer fornece apenas um guia a posteriori sobre o que é uma nação, cuja construção, no entanto, pressupõe processos de conscientização para que elementos objetivos comuns sejam partilhados. No caso das ordens nacionais que se comunicam no processo migratório, trata-se de insistir em "subordinar sem discernimento os muitos modos pelos quais os seres humanos se definem" (Hobsbawn, 1998, p.17), apostando numa redefinição única: a escolha de pertencer a uma 'nação' ou 'nacionalidade' (Hobsbawn, 1998, p.17).

Para que Cabo Verde exista como entidade nacional para as demais ordens nacionais do mundo, em especial as que são países de imigração de cabo-verdianos, é necessário, por um lado, um esforço oficial para demandar o status de nação a um corpo de pessoas através de suas organizações ou porta-vozes, sustentando, com o termo nacionalismo, uma unidade política e nacional que deve ser congruente.

O Estado configura a esfera da subjetividade, defendendo e fortalecendo a identidade do nacional, estabelecendo padrões de identidade que se relacionam a vínculos estruturais e estruturantes que se operam de forma ascendente sobre o indivíduo (Lopes, 1998, p.61)⁹³.

Do ponto de vista oficial, portanto, há estratégias objetivas que procuram garantir o reforço do prolongamento dos elos entre o "eu" do migrante e a nação, num espaço muito mais alargado do que aquele fornecido pelos limites insulares. Para isso, procura-se fortalecer a

existência de uma mesma identidade com base na homogeneidade cultural-linguística, social, econômica, política e religiosa que pretende repôr a ilusão de uma ordem nacional perfeita, sem as conseqüências drásticas da divisão e da diversidade impostas pela migração. Estas tentativas de unidade fazem parte da história da migração cabo-verdiana, mas, sobretudo após a independência, verifica-se maiores esforços oficiais para garantir o integrismo nacional e a submissão das ausências (que sempre se querem e se acreditam provisórias) à competência e à autoridade do Estado. O ideal a ser atingido refere-se a uma nação indivisa, sem a imperfeição que a ausência dos seus nacionais- pessoas- impõe, sem o perigo que a migração representa para a afirmação e identidade do Estado e como ameaça para o tripé formado pelas soberanias militar, econômica e cultural em que se apoia.

Neste ponto encontramos a face contemporânea da história de Cabo Verde, em que, simbolicamente, o estado precisa *deslocar-se*, fazer-se presente no cotidiano das comunidades imigradas, inventando novas formas de manter incluídos na nacionalidade, os seus nacionais/ausentes. De alguma foram tais objetivos fazem parte de um discurso formal partilhado e incorporado, a ponto de orientar um tipo de queixas dos imigrantes sobre a falta de apoio do estado no seu cotidiano no exterior, como vemos na opinião de Linda. Esta expectativa acerca do papel do estado revela, ao mesmo tempo, o tipo de *cimento* que parece associar as diferentes comunidades, exigindo algum papel do órgão governamental cabo-verdiano

Aqui na Itália não temos muito apoio, em termos de organização estamos muito pouco desenvolvidos em relação aos outros países. Olhe eu por exemplo fui quatro vezes à Holanda, e não dá nem para comparar, podem ter lá os seus problemas mas aqui na Itália não temos apoio não temos nada. Nos EUA recebem apoio, na Holanda e Portugal também, na Espanha eu não sei mas acho que sim, e nós aqui em Roma não temos nenhum apoio. O nosso consulado tem de pensar um pouco mais em nós, como acontece nos outros países.

⁹³ A extensão da nacionalidade aos imigrantes e até à terceira geração nascida no exterior, bem como as facilidades de aquisição de nacionalidade e de estadia em Cabo Verde aos cônjuges, são recursos utilizados para que se constitua uma unidade com os que permanecerão fora do arquipélago.

Pelo que eu ouço contar, o tratamento no consulado não é dos melhores. Mas não percebo o que o governo pensa.

Este é um dos recursos pelos quais esvazia-se, simbolicamente, a categoria de "ausente", criam-se metáforas nacionais em torno do mito do retorno (como um ato desejado e alcançável por todos), da constituição de uma cultura nacional sem fronteiras e de uma identidade cultural como sinônimo da identidade nacional.

Pode ser compreendido como a forma de, efetivamente, inculcar a nacionalidade como termo de referência para o sujeito cabo-verdiano, numa época por excelência do nacionalismo, da terra natal, nacional e não apenas local. Neste tempo, toda a existência social e individual se estrutura em torno da pertença ao tempo, ao espaço, ao grupo, portanto, uma pertença nacionalmente definida: a pertença de cada um ao seu tempo é uma pertença à história nacional; a pertença ao espaço é uma pertença ao território nacional; a pertença ao grupo é uma pertença ao grupo das nações, e uma pertença à nação e à nacionalidade que lhes são comuns. Só existimos como resultado de uma nação e de uma nacionalidade (Arendt, 1989; Sayad, 1994).

Este processo exige critérios de afiliação não apenas formais mas sobretudo simbólicos porque, explicitamente, pretende-se tornar as pessoas participantes ou partes de um empreendimento conjunto de longo alcance e abstração. E mesmo que tal afiliação se refira a um agrupamento abstrato, deve tornar-se guia da ação e de uma identidade pessoal que considere não apenas a história pessoal como a história social (Strauss, 1996). Deste modo, estariam garantidas as formas pelas quais as pessoas se persuadem e são persuadidas a aceitar (e incorporar) aquilo que está implícito a uma nova condição de Estado e a fundir a sua identidade (nacional e regional) em relação a objetos e instituições políticas.

Entretanto, como insiste Hobsbawm, deve-se considerar a 'nação' como uma entidade social originária ou imutável porque é uma entidade social relacionada a certa forma de estado territorial moderno que é o estado-nação. O autor enfatiza o elemento do artefato, da invenção e da engenharia social presente na formação das nações, observando-as como fenômenos duais, "construídos essencialmente do alto, mas que, no

entanto, não podem ser compreendidas sem ser analisadas de baixo, ou seja, em termos de suposições, esperanças, necessidades, aspirações e interesses das pessoas comuns, as quais não são necessariamente nacionais ou menos ainda nacionalistas" (1998, p.20).

A insistência nas categorias do nacional/não nacional parece estar a serviço da eliminação da tensão entre subjetividades individual x coletiva, já que pretende que o migrante e o cidadão da sociedade de destino se identifiquem com uma idéia que ultrapassa sua identidade cotidiana. Além disso, ao definir que o imigrante continua nacional do país de origem mesmo vivendo em outro território, esta categoria procura manter, a nível abstrato, o que é negado em termos concretos e contextuais; no tempo e no espaço, o imigrante é o que realiza no cotidiano e por sua própria presença.

No entanto, a idéia de nação, para além de entidade política, encerra o sentido de ser algo que produz sentidos, como afirma Hobsbawm. As referências às práticas e sentidos atribuídos aos lugares indicam como se encontram implícitos nas atividades ordinárias, os acordos que os imigrantes devem alcançar entre a adesão e a afiliação e as exigências colocadas pelas suas estadias cada vez mais permanentes (embora definidas pela provisoriedade) e, igualmente, como aponta Strauss (1996) pela participação das pessoas em diferentes mundos sociais, em grupos extremamente reais, mas esquivos se comparados ao grupo da nacionalidade e da imigração.

Os relatos mostram que uma comunidade apenas pode se sustentar entre lugares se apoiada em simbolizações sólidas, a ponto de formar o cimento da coletividade. Este seria o objetivo da *caboverdianidade*, um conjunto constituído por um tipo de representações mentais referentes à relação profunda dos cabo-verdianos com a sua terra natal, a língua e a cultura.

A cultura, neste sentido, representa a *caboverdianidade* pois, produz sentidos sobre a nação, com os quais podemos nos identificar e construir identidades. Estes sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas (Hall, 2001, p.51). Corresponderia, neste

caso, às 'teorias' do senso comum sobre a origem e as causas da migração que as mulheres reproduzem nos seus discursos e às metáforas que dentro e fora de Cabo Verde se constrói sobre a origem e o destino, os motivos e os modos de estar em ambos, como vimos nos discursos.

A caboverdianidade reuniria todas as formas que visam garantir a perpetuação e reprodução do grupo: ritos de convivialidade (formas de receber, de tomar as refeições), de sociabilidade (assinalamento das datas, festejos, formas de celebrar), comportamentos (formas de cumprimento e condutas entre pais e filhos, jovens e mais velhos, entre classes sociais), quer dizer, costumes quase ritualizados que devem oferecer a possibilidade de voltar a contactar com um outro tempo, "Esse tempo dos antepassados que cumpriam os mesmos gestos, que se conformavam com os mesmos hábitos" (Zonabend, 1991, p.189). A caboverdianidade está presente nos momentos que representam, por exemplo, o convívio no grupo e, como sistema de representação, serve de moldagem e remoldagem de relações espaço/tempo, acionadas para construir o senso comum dos cabo-verdianos sobre o pertencimento.

Ao descreverem o grupo (na imigração e no arquipélago) as caboverdianas referem-se a características, hábitos, valores, tomados como naturais e que comporiam algo como uma personalidade de base do cabo-verdiano, identificável pelos outros. Estes elementos não são tomados historicamente e, em geral, descrevem um jeito de ser e estar para a migração, para o país e os demais conterrâneos que caracterizariam o cabo-verdiano, independente do lugar e da história. Tratando-se de um caso de emigração estrutural, a identidade, a caboverdianidade, portanto, funciona como um elemento poderoso de solidariedade, permite as trocas com o mundo exterior, entre migrantes e suas famílias que ficam no exterior e a nível nacional.

Para Vieira (1998) a caboverdianidade é essencial para a identificação da pertença à comunidade de imigração, garante a alimentação das redes pelos valores de entreaajuda, solidariedade, fé católica, dever de ajudar a família na origem e de ajudá-la a emigrar também. Por ela, introduz-se nas práticas cotidianas, a presença intensa do modelo sócio-cultural do grupo original e, igualmente, a sua interferência nas orientações dadas à

imigração. As imigrantes na Itália referem-se a uma certa homogeneidade em termos de lugares de expressão da caboverdianidade, favorecida pelas associações que são apoiadas pela igreja católica, como a Tra Noi ou os grupos informais.

Todavia, ao mesmo tempo em que são apresentados como elementos identificatórios de qualquer cabo-verdiano, principalmente, por meio das condutas dos grupos de imigrantes mais antigos e complexos, podemos identificar a reprodução das clivagens originais no arquipélago e as divisões entre classes ou grupos⁹⁴. Este fato torna-se mais visível com o crescimento numérico dos imigrantes, quando as especificidades de origem vão conformando pequenos grupos dentro do grupo maior e evidenciam-se certos elementos identificatórios e discriminatórios, como acontece em Roma, nos momentos de convívio na Tra Noi, por exemplo, em que as pessoas se agrupam nas mesas de acordo com as ilhas de origem⁹⁵.

Em termos coletivos, a caboverdianidade atua como forma de reduzir o impacto nas ligações com a origem da inevitável reconversão das atitudes do imigrante na imigração, em relação a si mesmo, em relação ao seu país e à sociedade na qual ele vive cada vez por mais tempo.

Como afirma Viñar a idéia de uma identidade nacional (expressa pela caboverdianidade) é uma criação discursiva "não há um objeto ou referente que a constitua como preexistente ao discurso, mas sim como seu produto (...) somos o que somos, não por um fatalismo de imanência essencialista, mas somos o que coletivamente podemos construir, na dinâmica de um tecido social em contínua metamorfose e na reformulação contínua de suas expressões jurídico-institucionais" (1998, p.179).

⁹⁴ As manifestações da caboverdianidade, entretanto, cumprem as características do grupo nos diferentes lugares de imigração; conforme o grau de complexidade da comunidade, assim são atualizadas, na imigração, as clivagens originais em termos de classe ou grupo social. Em Portugal, a heterogeneidade caracteriza os grupos de cabo-verdianos, formados por artistas, intelectuais ou integrantes da elite política em oposição aos operários e empregadas domésticas (Saint-Maurice, 1999). As associações dos diferentes grupos sociais promovem a cultura cabo-verdiana, como expressão nacional no exterior ou, no caso dos grupos mais pobres, procuram resolver os problemas de trabalho, racismo, educação e saúde.

Vieira (1998) considera que as associações são os únicos lugares de expressão da cultura na França além de algumas iniciativas individuais. Identifica na Holanda associações dinâmicas que apoiam a integração na sociedade, embora componham uma minoria silenciosa, pouco participante na municipalidade e com a comunidade voltada para o país de origem.

⁹⁵ Conforme vimos em capítulo anterior, as clivagens sociais que incluem as origens por ilha como conformadoras do caráter, da personalidade e civilidade, são historicamente reproduzidas desde as explicações baseadas na maior ou menor presença do elemento africano na composição da população de cada ilha.

Para as migrantes, neste sentido, a nação é o que acontece entre os lugares, não há distância para as ocorrências afetivas pois, desde que se nasce, ouve-se falar dos lugares aonde se deve ir, onde todos se encontram, os parentes e amigos. Viajar é ter a expectativa de encontrar no exterior, um pouco do bairro ou da vila e de que todos estarão à sua disposição.

No caso de Cabo Verde, a caboverdianidade é uma forma de instituir subjetivamente um padrão de deslocamento, de estadia e de ausência, de forma a ultrapassar a geografia minada e a rapidez com que se atravessa os lugares. A caboverdianidade refaz a memória, o sujeito e a sua forma de ser. É um meio de memória, assim como há locais de memória e como circula, dilatou-se, incluindo também as combinações com outros meios.

PARTE 4

CONCLUSÃO

9. O DESAFIO DO ESTRANHO

Os aspectos estruturais, as determinações sócio-políticas-econômicas que governam a migração cabo-verdiana do último século são atualmente bastante conhecidas entre nós, ao contrário dos aspectos psicossociais dessa realidade. Sob a ótica da psicologia social, da explicação interativa entre o homem e os processos sociais, neste trabalho nos detivemos na compreensão sobre as formas de elaboração da realidade objetiva da migração pelo migrante, as percepções e explicações que utiliza para dar sentido ao mundo que o rodeia e a visão que constrói de si e do mundo.

Entre os pressupostos que orientaram esta pesquisa, aquele que apontava uma interpretação de estilo tradicional (imigração como problema e tratamento dicotômico do par emigração/imigração) como uma abordagem insuficiente para compreender as migrações cabo-verdianas, talvez se relacione a uma das principais conclusões a que chegamos: deve-se questionar sobre a dominância das elaborações que partem da normalidade atribuída aos que se mantêm no mesmo lugar para interpretar as várias modalidades de deslocamentos humanos contemporâneos. Essa é, possivelmente, a principal conclusão que se deve extrair da pesquisa, mas para chegar a afirmá-la foi preciso antes investir em novas possibilidades de análise que fundamentaram nossas hipóteses e verificar a sua pertinência junto ao universo empírico. No processo algumas conclusões específicas foram se desenhando de modo a sustentar nosso ponto de vista.

Nas suas dimensões cognitiva e emocional, o universo de vida externo e interno descrito pelas mulheres, abrange as experiências, quer no aqui-e-agora da vida em Roma, quer as de um cotidiano mais alargado,

como membro de uma comunidade de migração, à qual passam a pertencer desde que se põe em movimento um projeto migratório. Quer isto dizer que referem-se não apenas aos modos pelos quais se tornam implicadas aos lugares de origem e de destino, a partir da razão objetiva do seu deslocamento: o trabalho como empregadas domésticas. Em simultâneo, incluem o seu papel no seio da comunidade cabo-verdiana que se espalha internacionalmente compondo uma rede que suporta um "Cabo Verde maior", para além de uma sociedade enraizada num território formal e nacional. Por conseguinte, o deslocamento físico aciona o pertencimento a múltiplas localizações sociais, desde a de emigrante/imigrante às que derivam desta nova comunidade formada pela diáspora.

Apontadas nas hipóteses deste trabalho, as vantagens da análise integrada dos processos de emigração e imigração (fazendo deles realmente um par) surgem mesmo nos depoimentos das protagonistas. As suas representações e as explicações sobre o seu papel mostram que o processo é vivido sem a dicotomia, na medida em que o mundo que as gerou, as práticas e condutas cotidianas, compõe-se de aspectos inseparáveis de todos os momentos da migração. Este caso não parece ser o único e, conforme literatura mencionada, não cabem, igualmente, no estilo tradicional de abordagem, as novas situações em que os migrantes se estabelecem entre a sociedade de origem e de destino, em simultâneo, e mantêm laços e interesses em dois lugares, realizando pequenos negócios que constituem redes de intensas trocas entre os lugares.

O caráter cumulativo dos processos de ida e volta, os investimentos e contatos intensos na atualidade vêm apontando para um sujeito disposto a que as suas ocorrências sociais significativas não caibam apenas nos espaços ocupados pela presença física pois, os espaços se oferecem à experiência de múltiplas composições entre si e a diferentes posicionamentos pessoais em relação à distância, à ausência e à presença.

Em particular, a ambigüidade sobre o retorno mostra que as antigas proposições sobre este mito (constantemente reafirmado em canto, poesia e prosa pelos cabo-verdianos) não mais sustentam os projetos sobre o futuro. A idéia do retorno é forte, e do que mais se referem a literatura e os que estão envolvidos na migração é da perda de um lugar que sofre o

migrante. fala é da perda de um lugar que sofre o imigrante, embora, conforme a psicanálise, as separações sejam arcaicas e haja sempre um corte nas histórias dos lugares. Mas não se costuma falar que também ganha um lugar e esta proposição, porém, pode estar presente implicitamente na percepção que identificamos nas mulheres; ao invés desta volta definitiva, síntese que conclui o ato do total da migração, tornou-se possível cumprir a promessa da volta, de forma parcial, ao menos garantindo o não desligamento, por um sistema de férias e de simbolização do sucesso (no exterior) e da saudade da terra, no ato de vir. As mobilizações pessoais, familiares e sociais em torno desses momentos de estadia temporária do emigrante reafirmam o lugar do sujeito e representam o retorno triunfante desejado e poucas vezes realizado. Este fato sugere que a provisoriedade, anteriormente identificada com referência às estadias no exterior, é agora experimentada em relação à origem, quer dizer, os deslocamentos implicando numa relação de ir e vir muito mais intensa para com o lugar de onde se saiu. Há, assim, indicações de que esta é uma das dimensões atuais da migração que reforça a atuação das identificações múltiplas constituídas pelo sujeito, incluindo o que foi constitutivo e costuma ligar-se à terra de origem, e o que resulta do seu envolvimento com as experiências no lugar de destino.

Neste sentido, acrescentam-se novos elementos para a compreensão das suas decisões sobre a permanência no destino, a ambigüidade sobre os lugares aonde estarão no futuro. Estas não se referem somente às condições que encontram no destino para realizar a sua imigração, mas a uma mudança da percepção das certezas acerca da sociedade de emigração, o que reestrutura a busca de certezas de cada um. Por exemplo, o que se considerava certo num estágio de vida e da carreira social do indivíduo (voltar a Cabo Verde, investir em algum negócio, fazer casa) não terá de ser estruturado face à intensidade das viagens e à constatação da crescente precariedade da vida na origem e, igualmente, considera-se que, com freqüência, os que interessam para a pessoa encontram-se quase todos no exterior.

As articulações de significado feitas à revelia das distâncias, demonstram que estas podem não reduzir a importância dos grupos e das

peças e, também, são um dos argumentos de que a dimensão de *problema* imputada ao *viver em outros lugares* não é uma proposição válida para compreender a vida de muitas pessoas, merecendo ser tratada ao menos pela sua significação semântica. A confirmar-se a intensificação dos contatos e deslocamentos globais, soma-se a argumentação de que as lutas pela legitimidade e legitimação das presenças estrangeiras não lograrão efeitos para os sujeitos se não se partir da desconstrução do deslocamento como um fato que instaura a anormalidade, conseqüentemente, a ilegitimidade de todos os atos que se lhe seguem.

Uma outra ordem de conclusões está relacionada à existência histórica de uma modalidade migratória impossível de ser apreendida pelo modelo dicotômico, na medida em que as peculiaridades da migração caboverdiana foram constituídas a partir de um contexto muito anterior ao transnacionalismo, em que o ir e vir já estava presente e institucionalizado no caso de Cabo Verde (entre todos os que imigravam), mesmo considerando que o principal suporte no passado era o correio e o movimento dos próprios personagens da imigração.

Algumas marcas mais fortes dessa peculiaridade estão presentes relativamente ao caso que investigamos, como o cultivo da caboverdianidade, um jeito de ser, de sentir e de se comportar e reagir que seria específico do cabo-verdiano e que permitiria reforçar (ou retomar) a unidade do grupo. Tem-se atribuído ao contexto da diáspora o lugar mais adequado para se observar a caboverdianidade em suas manifestações como provas da ligação permanente do migrante com as suas raízes. No entanto, se considerarmos que as trocas entre exterior e interior definem uma comunidade acima das localizações territoriais formais, pouco se compreendeu ainda sobre a participação dos que ficam no arquipélago e recebem as influências das produções da comunidade na diáspora. É de se supor que, do mesmo modo que os emigrantes, também devam atuar no sentido de mostrar que se mantêm iguais aos que estão fora.

Diversos estudos mostram que a atuação de redes e de identificações como a da caboverdianidade têm, para o grupo, a função de contraposição em relação às dificuldades de inserção e aos processos de exclusão a que os imigrantes estão sujeitos. Ao mesmo tempo, tratando-se de uma rede

muito presente, o conjunto de elementos identificatórios como os que compõem a caboverdianidade dificultam a inserção no lugar de destino, por exemplo, caso se demonstre a não aceitação total de casamentos mistos. Por tratar-se de um conjunto de elementos que identificaria qualquer cabo-verdiano, supõe-se como algo coletivamente compartilhado e os aspectos que a definem são tratados como igualmente vividos e presentes nas condutas dos sujeitos. No entanto, em geral, não se menciona que, para pertencer ao grupo, não necessariamente o sujeito o faz por livre escolha, mas deve ceder parte dos seus desejos e modificar outros para que a integração se dê. Mesmo que as exigências sejam grandes e pesadas para o sujeito, caso saia do grupo, perde-se a possibilidade de troca e identificação mútua, fato este a que nem se referem as que consideram que suas trajetórias são realizações da superação a um destino limitado previamente estabelecido.

Um dos aspectos mais importantes foi a possibilidade de verificar o funcionamento real de uma comunidade na diáspora, por meio das elaborações discursivas das mulheres. Grande parte da sua inserção num contexto da migração refere-se a uma estrutura geográfica em arquipélago, logo reticular e topológico, assim como esse Cabo Verde maior (igualmente arquipélago e topológico), um território cabo-verdiano (fruto principal da caboverdianidade), redes de lugares dispersos da comunidade caboverdiana pelo mundo que não coincide com o território formal, mas caracterizada por uma dinâmica intensa de relações humanas, tal como em outro grupo humano em terreno firme. Cabo Verde formal está deixando mesmo de ser o ponto de partida da emigração, a emigração pode se sair desse Cabo Verde mais amplo, as biografias apontam outros pontos de origem das mulheres no interior da rede. Igualmente, retornar pode ser ir para qualquer parte desse território amplo das comunidades cabo-verdianas, não necessariamente o arquipélago-primeiro. Inclusive, as relações afetivas (típicas das relações no lugar) acabam se desenvolvendo nessa relação entre lugares (que inclui necessariamente uma distância não percorrível no cotidiano), porque as pessoas algum dia se encontram, nas férias, de passagem por um dos lugares, e se conhecem ou se reconhecem depois de muitos anos e de outras diásporas.

Há também na literatura da psicologia social a admissão do ponto de partida de um sujeito integrado que reafirma a sua identidade buscando outras mediações na prática cotidiana que não apenas as que lhe são concedidas pelo trabalho (o motivo oficial da migração atual) e pela hierarquia social. Estas mediações constituem o campo da subjetividade e estão presentes desde a identificação de desejos pessoais entre os motivos para a emigração e o papel heróico que assumem ao partir com a missão de salvar a família que fica (mais velhos e crianças): se ela fracassa os que ficam querem sair para continuar a ajudar a família; se tem sucesso, os que ficam querem sair para também ter esse sucesso, mesmo porque sair no caso de Cabo Verde é entrar no Cabo Verde maior anteriormente mencionado. É de se supor, por este estudo que essa nova razão da emigração possa ser, no futuro, claramente admitida, tal como a razão do trabalho, o que depende das transformações nas relações dos grupos envolvidos na migração, na origem e no destino. Deste modo, as expectativas em relação ao lugar de destino serão ampliadas em relação aos critérios atuais referidos pelas migrantes: lugar em que é mais fácil ter documentos, lugar que tem cabo-verdianos pioneiros, alguém mandou buscar (depende da rede), tem exemplos de cabo-verdianos bem sucedidos (esse é o caso da Itália onde algumas mulheres puderam estudar e funciona a escola portuguesa voltada para a imigração).

As práticas e representações descrevem a complexidade que é exigida em termos de estruturas cognitivas e recursos psíquicos para que possam funcionar nas situações que exigem a adoção de novas perspectivas para lidar com a mudança, por exemplo, a necessidade de atender às exigências da condição social que lhe é atribuída por causa da condição biológica de ser mulher: em Cabo Verde, os mais velhos reforçam a necessidade da saída com o argumento de evitar a gravidez precoce e constante, na Itália, engravidar traz como consequência a expulsão.

As relações com os nativos são marcadas pelo estigma do imigrante (cor, gênero, origem africana, presumida ausência de hábitos higiênicos e da "civildade" em geral, por exemplo, por inicialmente não saber lidar com "a tecnologização" da vida doméstica). Pelo que é relatado das estratégias cotidianas para lidar com este fato, trata-se de circunstâncias que exigem a

constante defesa contra a ameaça de fragmentação do ego e, por conseguinte, a necessidade de acionar os recursos pessoais para tal, em particular, para defender-se no processo de aquisição tardia do ego estigmatizado, e das experiências que procuram contradizer a imagem de si, reduzir a concepção de si a um único traço.

Conclui-se que o eixo central das relações na imigração está em torno do estigma, e encontramos explicitado pelas mulheres o que Goffman nos ensina a respeito, como a descrição das alternativas que incluem os processos pelo qual o ego deve auxiliar o sujeito a repetir constantemente a experiência de encontrar-se a si mesmo e sentir-se ele mesmo. Goffman (1973) mostra que o estigmatizado e o seu grupo podem compartilhar o seu estigma, o grupo pode instruí-lo quanto à forma de lidar com a situação: ajudá-lo a conformar-se, incluindo-se dentro da categoria social que descobre ser-lhe devida, assumindo as mesmas crenças dos normais sobre si; indicar-lhe onde pode refugiar-se e procurar apoio moral, sentir-se em casa, em seu ambiente, como uma pessoa que é realmente igual a uma normal; ensinar-lhe a usar a sua desvantagem como base para organizar a sua vida, o que significa resignar-se a viver num mundo incompleto, por exemplo, vivendo somente em determinados lugares e realizando as mesmas escolhas e os mesmos gostos.

O estigma abala cotidianamente a crença na pessoa normal que acreditava ser, conforme confirmação constante dos outros e das suas práticas. Na imigração, fraca menção aos outros estigmatizados, ou as tentativas de afirmar as diferenças em relação aos mesmos (por exemplo, os outros imigrantes africanos) confirma que o encontro é cercado de ambivalência porque estes não só serão pessoas nitidamente estigmatizadas, mas, como afirma Goffman (1973), também poderão ter outros atributos que dificilmente podem ser associados ao seu caso; o encontro provoca um estremecimento e ambivalência da vinculação das mulheres com a sua categoria estigmatizada, com oscilações de apoio, na identificação e participação entre seus iguais.

As situações que buscam desconfirmar as afirmações do sujeito para si mesmo e para os outros reforçam a caboverdianidade como refúgio. Mas são as subversões que se destacam nos discursos das mulheres. Por

exemplo, os modos de penetrar o mundo da cidadania e dos direitos trabalhistas mesmo que da forma fronteiriça que se oferece ao imigrante, as astúcias e os desvios cotidianos que conseguem em meio ao controle exercido tão perto, os movimentos que são formas de contornar o não cumprimento do direito formal ao tempo do não-trabalho, as invenções que governam os expedientes de ultrapassar a ordem que segue a lógica dos empregadores. Acrescentam-se outras estratégias que não se referem diretamente ao cotidiano, como a subversão tradicional, reconhecida como a mais eficiente que é a dos estudos, única que garante a saída da condição de empregada doméstica; a subversão clássica por meio das relações individuais com o casamento com o nativo; a busca do benefício das leis anônimas dos nativos, até que estes descubram tal uso e modifiquem as regras do jogo para impedir a entrada dos estrangeiros.

Outro fortíssimo argumento para justificar a análise integrada é o fato de que, enquanto são tratadas como imigrantes/expulsáveis, como se fossem constituídas unicamente pelo traço do estigma, os nativos ignoram o papel que possuem na realimentação dos fluxos migratórios essenciais para o "Cabo Verde maior", e de alguma maneira, o processo que os nativos julgam ser sua prerrogativa (que é a de escolher entre aceitar e inserir ou expulsar), encontra-se em realização sustentado pela caboverdianidade. A plena precarização da vida não impede que novos viajantes procurem esses lugares e, por conseguinte, a lógica da presença pelo trabalho, imposta ao imigrante pobre contemporâneo, não comporta todos os demais argumentos para explicar as estadias.

Esta pode ser uma das formas pelas quais outras localizações sociais se tornam significativas, mesmo que sejam inicialmente negadas pelos nativos, como formas de reivindicar viver para além do estigma. Mudar o estigma, o que quer dizer, reinterpretar o seu significante como inócuo ou neutro, recusar-lhe a significação semântica e se tornar assim socialmente invisível naquilo que hoje lhe é apontado. No dizer de Goffman, ao invés de se apoiar na muleta, poder jogar golfe com ela.

Sob o signo da dominação e da opressão, somente o ponto de vista do nativo parece definir o que a migrante pode ou não trazer e levar entre a Itália, Cabo Verde e os outros lugares, enfim, nas suas viagens. No entanto,

nas práticas e condutas, as imigrantes mostram como instauraram a transposição de fronteiras psicológicas, instalando-se no mundo e criando um modo de estar com a nacionalidade que parece ultrapassá-la e revela como as nacionalidades terão uma função simbólica e não restritiva. No entanto, como se verifica ainda em países que recebem, como a Itália, a resistência em aceitar a perda da pureza regional ou étnica, o terreno não favorece o desenvolvimento da tolerância, embora, a nosso ver, as condições para tal estejam dadas, pois consistem em aceitar as pessoas que são novas no sentido que é demonstrado pelas imigrantes: é possível ser cabo-verdiana na Itália e italiana em Cabo Verde e, o que as faz sujeitos é poder ser cabo-verdianas em outro lugar, sem que isso signifique, não poder ser daquele lugar.

A ambivalência existencial e mental (que poderia ser traduzida em *posso ser daqui e de lá também*), tornou-se condição humana, afirma Bauman (1991), virou rotina. É possível, então, que estejamos perante mulheres de cruzados "eus", expressão de Rushdie, entre eles o da identidade estigmatizante, em relação à qual, as outras identidades (e identificações) auxiliam no esforço de não deixar que o estigma se cole definitivamente ao corpo e à mente.

As estratégias descritas lembram que é da qualidade do forasteiro adaptar-se a outros pontos de vista, ligar-se e ter discernimento dos problemas, ter acesso a uma universalidade, ao contrário do que aparentemente tem mostrado a sua condição. Ainda mais tratando-se de um sujeito que se reconhece numa comunidade que está em vários lugares.

Este processo, conforme Bauman, coincidiria com as intenções vistas na modernidade, que é a pressão para tornar o estigma invisível, uma rebelião contra o destino e a imputação, em nome da onipotência do desígnio e das realizações. O estigma restaura o destino e não a promessa de aperfeiçoamento ilimitado, em desacordo com o que a modernidade acredita, que é a onipotência das realizações (1991).

Hall nos lembra que, antes, as paisagens culturais, de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais e a experiência migratória atual enfatiza a experiência do indivíduo contemporâneo de viver em vários

mundos divergentes em simultâneo. O autor questiona se o resultado é o sujeito tornar-se extirpado de cada um e não ficar à vontade em nenhum deles. Para ele, na medida em que o ambiente, dividido em fragmentos com pouca conexão entre si, perde muitos dos seus contornos e de sua autoridade definidora de significados, o ego, como lugar e foco de toda a experiência interior, encontra-se sobrecarregado com a tarefa de sustentar a produção da identidade do sujeito, de fazer a si próprio o que antes era confiado à comunidade nativa, como quadro de referência da própria identidade. No caso que aqui estudamos, caberia à caboverdianidade e às estratégias que inventam por meio da opressão e dominação auxiliar o ego na tarefa de reunir os diferentes mundos e subsistemas?

O sujeito pós-moderno não tem uma identidade fixa, essencial ou permanente. Por fim, incumbem-se de pôr em causa as tentativas de se criar mundos fixos e estáveis. Como diz Hall, lembrando Derrida, " Tudo que dizemos tem um 'antes' e um 'depois'- uma "margem" na qual outras pessoas podem escrever. O significado é inerentemente instável: ele procura o fechamento (a identidade), mas é constantemente perturbado (pela diferença). Ele está constantemente escapulindo de nós. Existem sempre significados suplementares sobre os quais não temos qualquer controle, que surgirão e subverterão nossas tentativas para criar mundos fixos e estáveis. (Hall, 2001, p.41)

A identidade torna-se uma celebração móvel, formada e transformada continuamente, conforme as formas que nos representam e interpelam nos sistemas culturais que nos rodeiam, apoiados em uma definição histórica e não biológica e diferente em diferentes momentos. Afirma Hall: "dentro de nós há identidade contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que as nossas identificações estão continuamente deslocadas" (2001, p.13).

A experiência que descrevem revela o confronto com diferentes sistemas de significação e de representação cultural, pelos quais, nos confrontamos com uma multiplicidade cambiante de identidade possíveis com que podemos nos identificar, cada uma delas, ao menos temporariamente. Hall prefere designar este posicionamento cambiante e diversificante de produção de diferentes posições de sujeito, de identidade,

sem que haja uma identidade mestra a que todos os variados interesses e identidades das pessoas possam ser reconciliadas e representadas.

A experiência das mulheres cabo-verdianas parece caber no que Hall e Rushdie (2001) descobrem nos humanos que se deslocam pelo mundo. Conforme aquele autor, pode ser um falso dilema pensar que a identidade está destinada a acabar num lugar ou noutro, ou retornando às suas raízes ou desaparecendo através da assimilação ou homogeneização. Há formações de identidade que atravessam e intersectam as fronteiras naturais, compostas por pessoas que foram dispersadas para sempre de sua terra natal. Essas pessoas retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado. Obrigadas a negociar com as novas culturas, são produtos de várias histórias e culturas interconectadas, pertencem a uma e a várias casas e estão dispostas a renunciar a qualquer tipo de pureza cultural perdida ou absolutismo étnico. Diz Rushdie (1991) citado por Hall (2001) que os homens transportados através do mundo, são homens traduzidos, produtos das novas diásporas criadas pelas migrações pós-coloniais. Devem aprender a traduzir, habitar e negociar com pelo menos duas identidades, a falar duas linguagens culturais, criando cruzados eus, com os quais se movimentam. Contra os argumentos acerca da sua indeterminação, dupla consciência e relativismo, Rushdie defende as culturas híbridas, destacando que a mistura é a entrada do novo no mando, é a grande possibilidade que a migração de massa dá ao mundo, a mudança-por-fusão, mudança-por-reunião e não por ruptura e dicotomia.

Não se trata apenas de reafirmar sobre as capacidades humanas de adaptação aos lugares, dotando-os de novos sentidos, assim como ao seu lugar de origem; aquele que pode estar em qualquer lugar (por ausência de raízes, cosmopolitismo ou alheamento total) não se torna a pessoa temporariamente deslocada, um recém-chegado, mas sempre e em toda a parte errante, sem esperança de jamais chegar (Bauman, 1991, p. 89). Por conseguinte, se se definem os homens pelos seus lugares e raízes, não estará este sujeito cabo-verdiano pertencente à comunidade de um "Cabo Verde maior" a apontar para um lar que pode ser em todo o lugar? Ou será isto o sinónimo de em nenhum lugar? Essa liberdade, esse domínio de

todos os lugares pode não se traduzir como conquista ou benção, mas quase uma maldição. Estaremos fadados a não ter raízes, a poder estar em qualquer lugar e com qualquer pessoa?

Os estranhos, que vivem entre as nações-estados, lembram a relatividade da nacionalidade e dos limites externos do nacionalismo, "o último resíduo de selvageria num mundo repleto de ordens locais, ervas daninhas que se propagavam no mundo composto de jardins cuidadosamente cultivados, nômades entre os sedentários, a incongruência última, uma nação sem o nacional (Bauman, 1991, p. 97). Presença e ausência se entremeiam e misturam suas características e também o seu poder : o poder de se ausentar do lugar e por um momento, de um lado, e, inversamente, o poder de se tornar presente em um outro e num outro tempo (Sayad, 1991; 1994)

Neste ponto, retomamos a questão que os resultados interrogam: como continuar a entender a verdade dos viajantes a partir da lógica dos que se mantêm em terreno firme e seguro, que extirpa o desconhecido e a deriva? A universalidade forjada a partir da verdade que se encontra num

todos os lugares pode não se traduzir como conquista ou benção, mas quase uma maldição. Estaremos fadados a não ter raízes, a poder estar em qualquer lugar e com qualquer pessoa?

Os estranhos, que vivem entre as nações-estados, lembram a relatividade da nacionalidade e dos limites externos do nacionalismo, "o último resíduo de selvageria num mundo repleto de ordens locais, ervas daninhas que se propagavam no mundo composto de jardins cuidadosamente cultivados, nômades entre os sedentários, a incongruência última, uma nação sem o nacional (Bauman, 1991, p. 97). Presença e ausência se entremeiam e misturam suas características e também o seu poder : o poder de se ausentar do lugar e por um momento, de um lado, e, inversamente, o poder de se tornar presente em um outro e num outro tempo (Sayad, 1991; 1994)

Neste ponto, retomamos a questão que os resultados interrogam: como continuar a entender a verdade dos viajantes a partir da lógica dos que se mantêm em terreno firme e seguro, que extirpa o desconhecido e a deriva? A universalidade forjada a partir da verdade que se encontra num lar firmemente trancado, que dificilmente terá utilidade fora, pois só pode nascer da ausência de lar. Manheim (1974) lembra que o aprendizado da existência nômade, do estranho universal, por causa da rejeição, pode abrir os olhos para o significado e o valor da própria posição, ou melhor, da falta de posição. O estranho, o viajante que está mais exposto ao choque de pontos de vista opostos é o excluído que foi banido para o único lugar 'do qual se pode ter uma perspectiva global'. Algumas experiências, como a que aqui estudamos, parecem apontar para a necessidade de se aceitar a universalidade como forma de vida, que será defendida se o estranho, no seu processo de auto-construção, puder reafirmar e conseguir provar os valores da universalidade.

Cada vez mais os migrantes cerram fileiras contra as sociedades que os transformaram em estranhos, a universalidade como forma de vida solapa a segurança dos valores que o grupo nativo considera como absolutos. Resta saber, como Bauman alerta, "se todas as técnicas de vida, a aceitação da irredimível pluralidade do mundo, em suma, todas essas tendências aflitivas mas estimulantes em geral enfeixadas sob o nome da

pós-modernidade, são consequências duradouras da abolição da estranheza, alcançada com sua elevação a condição humana universal.(Bauman, 1991, p.109).

Esta promessa só será alcançada, a possibilidade da universalidade como ponto de partida poderá ser adotada como parte de uma mudança que inclui a substituição dos processos de dominação que governam as partidas na época contemporânea por outra tábua de valores, desta feita, criada e interpretada por aqueles que partem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, A. ; SORJ, B. Trabalho a domicílio e relações de gênero: as costureiras no Rio e Janeiro, In: ABREU, A. ; SORJ, B. (orgs.) *O trabalho invisível- estudo sobre trabalhadoras a domicílio no Brasil*, Rio de Janeiro, Ed. Rio Fundo, 1993, p.43-61.
- AMÂNCIO, L. Gênero- Representações e Identidades, *Sociologia- problemas e práticas*, n. 14, 1993, p.127-140.
- _____. *Masculino e feminino. A construção social da diferença*, Porto, Afrontamento, 1994.
- AMARO, R. Emigração e desenvolvimento em Cabo Verde, *Economia e Socialismo*, ano X, n. 69/70, dez., p.129-42, 1996.
- AMSELLE, J-L. (dir.) *Les migrations africaines: réseaux et processus migratoires*, Paris, Librairie François Maspero, 1976.
- ANDRADE, E., *Histoire economique des iles du Cap-vert de la " découverte" à l'indépendance (1490-1975)*, tese de doutoramento do terceiro ciclo, sob orientação de M. Claude, Univeersité Paris VII, 1996.
- ARENDT, H. "O declínio do Estado-Nação e o fim dos direitos do homem", In: *Origens do totalitarismo*, São Paulo: Companhia das Letras, 1989: 300-336.
- BAMMER, A. (ed.) *Displacements: Cultural Identities in Question*, Bloomington: Indiana University Press, 1994.
- BARBOSA, J. *Poesias*, Praia- Cabo Verde, Instituto Caboverdiano do Livro, 1989.
- BASCH, L; GLICK-SCHILLER, N. e BLANC-SZANTON, C. *Nations unbound; transnational projects, post-colonial predicaments and de-territorialized nations-states*, Langhorne, PA, Gordon and Breach, 1994.
- BASTENIER, A. e DASSETO, F. (eds). *Immigrations et Nouveaux Pluralismes- une confrontation de sociétés*, Bruxelles, Universitaires; De Boeck Université, 1990.
- BAUMAN, Z. "A criação e anulação do estranho", In: *O mal-estar da Pós-modernidade*, Rio de Janeiro, Zahar ed., 1995, p.27-48.

- _____ "Depois do Estado-nação, o quê?", In: *Globalização. As consequências humanas*, Rio de Janeiro, Zahar, 1999, p. 63-84.
- _____ *Modernidade e Ambivalência*, Rio de Janeiro, Zahar Ed., 1999
- BERGER, P. e LUCKMAN, T. *A construção social da realidade*, Petrópolis, Vozes, 1974.
- BERRY, W. "Intercultural Relations in Plural Societies", *Canadian Psychology*, 1999, 40, p.1-9
- _____ "A Psychology of Immigration", *Journal of Social Issues- immigrants and immigration*, v.57, p. 615-631, 2001.
- BERRY, W.; KIM, U., POWER, S., YOUNG, M., BUJAKI, M. "Acculturation Attitudes in Plural Societies", *Applied Psychology: An International Review*, 1989, 38 (2), p.185-206.
- BÖHNING, W.R. "Elements of a Theory of International Economic Migration to Industrial Nation States", In: KRITZ, M.M.; KEELY, C. e TOMASI, S.M., *Global Trends in Migration*, Nova Iorque, Center of Migration Studies, Nova Iorque, 1981, p.28-47
- BONEVA, B.; FRIEZE, I. "Toward a Concept of a Migrant Personality", *Journal of Social Issues- immigrants and immigration*, v.57, p. 477-492, 2001.
- BONIFAZI, C. Italian attitudes and opinions towards foreign migrants and migrant policies, *Studi Emigrazione*, ano XXIX, marzo, n. 105, p. 21-42, 1992.
- BORJAS, G. Economic Theory and International Migration, *International Migration Review*, vol.XXIII, n.3, fall,p.(?), 1989.
- BOSI, E. *Lembrança de velhos*, São Paulo, Edusp, 1987,
- BOURDIEU, P. *A dominação masculina*, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1999.
- _____ Compreender. In: *A Miséria do mundo*, Petrópolis, Vozes, 1997, p.693-732.
- _____ Contra a dominação masculina. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 8 nov.,1998, p. 5-7.
- _____ *O Poder simbólico*, Lisboa, Difel, 1989.

- _____. Um analista do inconsciente. In: SAYAD, A. *A imigração*, São Paulo, EDUSP, 1998, p.9-12.
- BOURDIEU, P.; SAYAD, A. *Le Déracinement. La crise de l'agriculture traditionnelle en Algérie*, Paris, Les Éditions de Minuit, 1964.
- BOURDIEU, P. e WACQUANT, L. *Réponses*, Paris, Éditions du Seuil, 1992.
- CABRAL, A. "Cape Verde: The Oldest Portuguese Colony in Africa", In: *World Studies News*, Praga, 1971.
- CAHEN, M. "A la recherche de la nation", *Lusotopie*, 1995, p. 71-74.
- CAMPANI, G. "Present Trends in Women's Migration: The Emergence of Social Actors", In: D. JOLY, ed. *Scapegoats and Social Actors. The Exclusion and Integration of Minorities in Western and Eastern Europe*, Hampshire, Center for Research in Ethnic Relations, Warwick, University of Warwick, 1998, p.192-217.
- CANCLINI, N. G. *As culturas populares no capitalismo*, São Paulo, Brasiliense, 1983.
- CARREIRA, A. *Migrações nas ilhas de Cabo Verde*, Lisboa, ed. da Universidade de Lisboa, 1977
- CARREIRA, A. *Cabo Verde, Formação e extinção de uma sociedade escravocrata-1460-1878*, Sintra, CEE; ICLD, 1983.
- CARVALHO, A. "Emigração e Orfandade em Chiquinho, de Baltasar Lopes", in *Compilação das Comunidades apresentadas durante o Colóquio sobre Literaturas dos Países Africanos de Língua Portuguesa*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1987, p.220
- CÉRTIMA, A. *Trópico de Câncer*, Lisboa, Portugalia, 1949
- CHAMBERS, I. *Migrancy, Culture, Identity*, London, Routledge, 1994.
- CHANLAT, "O ser humano, um ser estrangeiro para o outro", In: *O indivíduo na organização: dimensões esquecidas*, São Paulo, Atlas, 1996, vol.III, 154-156.
- CIAMPA, A. *A estória do Severino e a história da Severina*, São Paulo, 1986.
- CORCUFF, P. *As novas sociologias. A realidade social em construção*. Sintra, Editorial Vral, 1997.
- COWAN, J. *O sonho do cartógrafo. Meditações de Fra Mauro na corte de Veneza do século XVI*, Rio de Janeiro, Rocco Ed., 1999.

- CROCHICK, L. "A visibilidade discriminada", In: CARIGNATO, T.; ROSA, M.; PACHECO FILHO, R. (orgs.) *Psicanálise, Cultura e Migração*, Ed.YM, 2002, p.125-131.
- DASSETO, F. Pour une théorie des cycles migratoires, In: BASTENIER, A. e DASSETO, F. (eds), *Immigrations et Nouveaux Pluralismes- une confrontation de sociétés*, Bruxelles, Universitaires; De Boeck Université Ed., 1990, p. 11-39.
- DeBIAGGI, S. *Changing gender roles: brazilian immigrant families in the U.S.*N.Y., LFB Scholarly Publishing LLC, 2002.
- DION E DION, "Gender and Cultural Adaptation in Immigrant Families", *Journal of Social Issues- immigrants and immigration*, n.3, 2001, p.511-521.
- ENRIQUEZ, E. Le changement social comme processus quotidien, *Sociétés*, n. 28, p.(?),1990,
- ÉVORA,I. *Desatando nós, refazendo laços*", *Relatório de pesquisa CAPES*,(mimeografado), 1999
- ÉVORA, M.D. A emigração cabo-verdiana para a Itália: origem e evolução, Paper apresentado na *Conferência Cabo-verdianos e cidades na Europa*, Roterdão-Holanda,1996, (mimeografado)
- FARR, R. *As raízes da moderna psicologia social*, Petrópolis, Vozes, 1998.
- FAUSTO, B. "Introdução", In: *Fazer a América*, São Paulo, Edusp, 1999, p. 9-12.
- FELDMAN-BIANCO "Entre a Saudade da Terra e a América: mulheres imigrantes", *Estudos feministas*, v.3, n.1, p. 96-121, 1995.
- _____. Imigração, confrontos culturais e (re)construções de identidade feminina: o caso das intermediárias culturais, *Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres . O Rosto Feminino da expansão Portuguesa*, Lisboa, 1994.
- _____. "Multiple Layers of Time and Space: The Construction of Class, Ethnicity, and Nationalism among Portuguese Immigrants". In: GLICK-SCHILLER, N.; L.BASCH; C.BLANC- SZANTON, (eds)., *Annals of the New York Academy of Sciences. Towards a Transnational Perspective on Migration: race, class, ethnicity and nationalism reconsidered*, Nova Iorque, n.645, p. 145-174, 1992.

- FERRAROTI, F. *Histoire et Histoires de vie*, Paris, Librairie des Meridiens, 1983.
- FERREIRA, M. *Terra trazida*, Lisboa, s/d.
- FORTES, C. *Pão & Fonema*, Lisboa, Ed. Sá da Costa, 1980.
- FREUD, S. O Estranho, In: *Obras Completas*, Rio de Janeiro, Imago, v.XVII (1917-1919), 1976, p.273-318.
- FURTADO, C. *As transformações das estruturas agrárias numa sociedade em mudança: Santiago de Cabo Verde*, São Paulo, Dissertação (Mestrado)-Departamento de Sociologia, Universidade de São Paulo, 1998.
- GALISSOT, R. Le racisme n'est pas chez l'autre, *L'Homme et la Société*, n.77-78, p.7-21, 1985.
- GARFINKEL, H. *Studies in Ethnometodology*, Englewoods Cliffs (N.J.), Prentice-Hall, 1967.
- GIARD, L. " História de uma pesquisa", In: CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano- Artes de fazer I*, Petrópolis, Vozes,
- GIDDENS, A. *New Rules of Sociological Method*, Londres, Hutchinson, 1976.
- GIRARD, A. *Le choix du conjoint- une enquête psycho-sociologique em France*, Paris, Institut National d'Études Demographiques, 1981.
- _____ Le culturalisme face au racisme ou d'un naturalisme à un autre. *L'Homme et la Société*, n. 77-78, p.143-155, 1985.
- _____ Sociologie des migrations. Présentations. *L'année sociologique*, v.26, p.9-19, 1975.
- GIUDICI, C." Les femmes face au projet migratoire", *Studi Emigrazione*, anno XXXIV, settembre, n.127. p. 467-485, 1997.
- GLAZER, N. e D. MOYNIHAN. *Ethnicity*, Harvard, Harvard University Press, 1975.
- GLICK- SCHILLER, N.; BASCH, L.; BLANC- SZANTON, C. (eds) *Towards a Transnational Perspective on Migration: race, class, ethnicity and nationalism reconsidered*, Annals of the New York Academy of Sciences, Nova Iorque, n. 645, 1992.
- GOFFMAN, E. *Estigma- notas sobre a manipulação da imagem deteriorada*, Rio de Janeiro, Ed. Guanabara, 1988.

- _____. *A representação do eu na vida cotidiana*, Petrópolis, Vozes, 1975.
- GORDON, M. *Assimilation in American Life*, New York, Oxford University Press, 1964.
- GRIGNON C.; PASSERON, J-C, *Le savant et le populaire*, Paris, EHESS-Galimard-Seuil, 1989.
- GRINBERG & GRINBERG, *Psicoanalysis de la migración y del exilio*, Madrid, Alianza, 1984.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*, Rio de Janeiro, DP&A, 2001
- HAMILTON, R. G. "As origens de uma sociedade crioula",. In: Hamilton, R. G., *Literatura, Africana, Literatura necessária - II -Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe.*, Lisboa, Edições 70, 1984, 93-211.
- HERNANDEZ, L. *Os filhos da terra do sol*. Tese de Doutorado em Ciência Política, São Paulo, PUC, 1993.
- HOBBSBAWN, E.J. *Nações e nacionalismo desde 1780*, São Paulo, Paz e Terra, 1990.
- INTERNATIONAL MIGRATION REVIEW, vol.XXIII, n.3, 1989, p.393-403, 1989.
- ISHAMO, S. "Forced labour and migration in Portugal's African colonies", In: Cohen, R. (ed.) *The Cambridge Survey of World Migration*, 1995, p.162-165.
- JACKSON, J.A. *Migration- Aspects of modern sociology. Social processes*, New York, Longman, 1986.
- JESUS, M.L. "Europa e Italia nell' immaginario di una donna di Capo Verde". In: MACIOTI, M.I. *Per una società multiculturale*, Napoli, Liguori, 1998, p.270-274.
- KINDLEBERGER, C. *Europe's Post War, the Role of Labour Supply*, Harvard University Press, 1967.
- KLEIN, H. "Migração internacional na História das Américas", In: BORIS, F. (org.) *Fazer a América*, São Paulo, Edusp, 1999, p.13-31.
- KUBAT, D.; HOFFMANN-NOWOTNY, H-J. Migrations: vers un nouveau paradigme. *Revue Internationale des Sciences Sociales*, Vol. XXXIII, n.2, p.(?), 1981.
- LAUTIER, B; PEREIRA, J. Representações sociais e construção do mercado de trabalho: empregadas domésticas e operários da construção civil da América Latina, *Cadernos CRH*, n.21, p.101-124, jul/dez., 1994.

- LEBARON, F. Rompre avec les idées reçues, *Actes de la recherche en sciences sociales*. Délits d'immigration, n.129, septembre, p. 3-4, 1999. ✓
- LEE, E. A Theory of migration. In: JACKSON, J.A., *Migration*, Cambridge, Press University, 1969, p.(?).
- LESOURD, M., "Insularismes et developpment en République du Cap- Vert", *Lusotopie- Geopolitiques des Mondes Lusophones*, nº1-2, 1994: 113-133. ✓
- LEVEAU, R. Immigrés, États et sociétés, *Revue Européenne des Migrations Internationales*, Vol. 5, nº 1, 2^{ème} trimestre, 1989 ✓
- LODIGIANI, R. Donne migranti e reti informali, *Studi Emigrazione*, ano XXXI, settembre, n.115, p.494-506, 1994. ✓
- LOPES FILHO, J. *Ilha de São Nicolau Cabo Verde. Formação da sociedade e mudança cultural*, Lisboa, Ministério da Educação, 1996.
- LOPES, B. *Chiquinho*, Lisboa, 1993, A.L.A.C.,1993 (7ªed.)
- _____ "Notas para o estudo da linguagem das Ilhas",In:*Revista Claridade*, nº2, 1936, p.5. ✓
- _____ "Romanceiro de S. Tomé", *Revista Claridade*, nº8, 1958. ✓
- _____ "O poeta foi para a Terra-longe",In *Revista Claridade*,nº4, 1947, p.13. ✓
- _____ "Uma experiência românica nos Trópicos I",In: *Claridade* nº4, 1947, p.20 ✓
- LOPES, M., "Tomada de vista", in:*Claridade*, nº1, 1936, P.5. ✓
- _____ *Chuva Braba*, Lisboa, Edições 70, 1982
- MARIANO, G. *Cultura Caboverdeana-Ensaíos*, Lisboa, Vega Ed, 1991.
- _____ Vida e morte de João Cabafume, Lisboa, Vega, s/d mars, 1986, 79-82.
- MATTEOS, S. "The Cape Verdeans and the PAIGC Struggle for National Liberation", *Ufahamu*, (winter), 1973.
- MEINTEL, D. Emigração em Cabo Verde: solução ou problema?, *Revista Internacional de Estudos Africanos*, n.2, junho-dezembro, 1984, p. (?) ✓
- MELLO, M.C.N.L. de *Configurações do Imaginário Emigrante na Literatura Caboverdiana*, dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1995.

MELLO, S.L de, *A sobrevivência, no campo e na cidade, segundo o relato de mulheres da periferia*, tese de livre-docência, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 1985.

_____ "Pensando o cotidiano em ciências sociais: identidade e trabalho, *Cadernos CERU*, n.5, série2, p.23-31, 1994.

MELLO, T. M.B.P. de. Dimensões e dinamismos da socialização. *Cadernos de Serviço Social*, n.9, p.10-15, 1996.

MONTEIRO, C.A. *Comunidade Imigrada- visão sociológica. O caso da Itália*, Mindelo, (edição do autor), 1997.

MOSCOVICI, S. *A máquina de fazer deuses*, Rio de Janeiro, Imago, 1990.

_____ "De la science au sens comum" In: JODELET, D.; Viet, J.; Besnard, P. *Psychologie Sociale*, Paris, PUF, 1990, p.539-566.

_____ "Le domaine de la psychologie sociale". In: JODELET, D.; Viet, J.; Besnard, P. *Psychologie Sociale*, Paris, PUF, 1990, p.539-566.

_____ "Preface". In: JODELET, D.; Viet, J.; Besnard, P. *La Psychologie Sociale, une discipline en mouvement*, Mouton, Paris, La Haye, EPHE, 1970, p.(?)

PALIDDA, S. La criminalisation des migrants, *Actes de la recherche en sciences sociales. Délits d'immigration*, n.129, p. 39-49, septembre, 1999.

PARK, R. The Bases of Race Prejudice. *The Annals of the American Academy of Political and Social Sciences*, 140, p.11-20, 1928.

PASSERON, J-C. Le raisonnement sociologique. In: GRIGNON C. e PASSERON, J-C, *Le savant et le populaire*, Paris, EHESS-Galimard-Seuil, p.?, 1989.

PERROTA, A. *Emigrazione e cooperazione allo sviluppo*, Roma, Lega Italiana per diritti e la liberazione dei popoli, 1989.

PETERSEN, W. A General Typology of migration. In: JANSEN, C. *Readings in the Sociology of Migration*, Oxford, Pergamon Press, 1978, p.(?)

_____ Migration: Social Aspects. In: SILLS, D.L. (org.) *International Encyclopedia of the Social Sciences*, Vol. 10, 1978, p.286-300.

- PHINNEY, J.; HORENCZKY, G.; LIEBKIND, K.; VEDDER, P. "Ethnic Identity, Immigration, and Well-Being: An Interactional Perspective, *Journal of Social Issues- immigrants and immigration*, vol.57, n.3, fall, 2001, p.493-510.
- PIORE, M. *Birds of passage: migrant labor and industrial societies*, Cambridge, Cambridge University Press, 1979.
- PORTES, A. Immigration Theory for a New Century: Some Problems and Opportunities. *International Migration Review*, vol.XXXI, 4, winter, p.799-825, 1997.
- _____ La mondialisation par le bas, *Actes de la recherche en sciences sociales. Délits d'immigration*, n.129, sept., P.15-25, 1999.
- _____ *Migrações Internacionais*, Lisboa, Celta, 1999.
- _____ Migration and Underdevelopment, *Politics and Society*, 8, p.1-48, 1978.
- _____ Modes of structural incorporation and present theories of labour. In: KRITZ, M.M.; KEELY, C.; TOMASI, S.M., *Global Trends in Migration*, Center of Migration Studies, Nova Iorque, 1981, p. 279-297.
- PORTES, A.; BACH, R.L. Dual Labour Market and Immigration: A Test of Competing Theories of Income Inequality. In: *Comparative Studies of Immigration and Ethnicity*, Durham, Duke University. 1978.(ocasional paper series).
- PRYOR, R.J. Integrating International and Internal Migration. In: KRITZ, M.M.; KEELY, C.; TOMASI, S. (eds) *Trends in Migration: Theory and Research on International Population Movements*, N.Y., Center of Migration Studies, 1981,p.110-129.
- RIBEIRO, O. Aspectos e Problemas da Expansão Portuguesa, 1962 Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1999,p.63-84.
- ROCHA-TRINDADE (org.) *Sociologia das Migrações*, Lisboa, Universidade Aberta, 1985.
- _____ Migrants et espaces de migration: cadres conceptuelles de référence culturelle", *Société*, n.29, p.37-44, 1990.
- _____ "Minorias. Polisssemia do conceito e diversidade de manifestações. In: SILVA, M.B. et al. orgs *Emigração/Imigração em Portugal- Actas do "Colóquio*

sobre Emigração e Imigração em Portugal (séc.XIX-XX), Lisboa, Fragmentos, 1993.

RODRIGUES, A. "Lugar e imagem da mulher na indústria". In: COSTA, A.O.; BRUSCHINI, C. *Uma questão de gênero*, São Paulo, Rosa dos Tempos; Fundação Carlos Chagas, 1992, 266- 288.

_____. *Operário, Operária-Estudo exploratório sobre o operariado industrial da Grande São Paulo*, São Paulo, Símbolo, 1978.

_____. "O padrão de distribuição de papéis em famílias operárias". In: AGUIAR, N., coord. *Mulheres na força de trabalho na América Latina: análises qualitativas*, Petrópolis, Vozes, 1984, p. 204-219.

RUDDER, V. "L'obstacle culturel: la différence et la distance". *L'Homme et la Société*, n.77-78: p.23-49, 1985.

_____. V. "L'obstacle culturel: la différence et la distance", *L'Homme et la Société*, nº77-78,

SAINT-MAURICE, A. *Identidades reconstruídas- cabo-verdianos em Portugal*, Oeiras, Celta, 1997.

SALES, T. *Brasileiros longe de casa*, São Paulo, Cortez, 1999.

SALGADO, S. *Êxodos*, São Paulo, Companhia das Letras, 2000.

SALT, J. "International labour migration in Western Europe", in KRITZ, M.M.; KEELY, C. e TOMASI, S.M., *Global Trends in Migration*, Center of Migration Studies, Nova Iorque, p.142 (?), 1981.

SANDOVAL, S. " Identificações étnicas na migração", In:CARIGNATO, T.; ROSA, M.; PACHECO FILHO, R. (orgs.) *Psicanálise, Cultura e Migração*, Ed.YM, 2002, p.15-28.

SAYAD, A. " 'Coûts' et 'profits' de l'immigration" , Actes de la recherche: science et actualité, nº 61,

_____. "Immigration et 'Pensée d'État' ", Actes de la recherche: Délits d'immigration, nº129,

_____. *A Imigração*, São Paulo, Edusp, 1998.

- _____. Immigration et 'pensée d'Etat', *Actes de la recherche en sciences sociales*, Délits d'immigration, n.129, septembre, 5-14, 1999.
- _____. Le retour, élément constitutif de la condition de l'immigré. *Migrations, Société*, vol.10, n. 57, p.9-45, 1998.
- _____. Les trois 'âges' de la migration algérienne, *Actes de la recherche en sciences sociales*, n.15, juin., p.59-80, 1977.
- _____. Qu'est-ce qu'un immigré?, *Peuples Méditerranées*, 9. p.3-23, 1979
- SCHILLER, N.; BASCH, L.; BLANC- SZANTON, C. Transnationalism: A New Analytic Framework for Understanding Migration, *Annals of the New York Academy of Sciences*. Towards a transnational perspective on migration, 645, p.1-24, 1992.
- SPIRE, A. De l'étranger à l'immigré. LA magie sociale d'une catégorie statistique, *Actes de la recherche en sciences sociales*. Délits d'immigration, n.129, p. 50-56, septembre, 1999.
- STALKER, P. (1995) *Les travailleurs immigrés- étude des migrations internationales de main d'œuvre*, Genève, Bureau International du Travail, 1995.
- STRAUSS, A.L. *Espelhos e Máscaras: a busca da identidade*, São Paulo: Edusp, 1999.
- TABOADA-LÉONETTI, I. "Le Projet de Migration- la nature du projet de migration et ses liens avec l'adaptation". *L'Année Sociologique*, v.26, p. 107-123, 1975
- TAPINOS, G., *L'économie des migrations internationales*, (s/data)
- TENREIRO, F. *Cabo Verde e São Tomé e Príncipe- Esquema de uma evolução conjunta*, (Separata de Propaganda e Informação- Cabo Verde), Praia, 1956.
- TEDESCHI, E. "Per una società multiculturale". L'immigrazione straniera in Italia, in *Studi Emigrazione*, 1990, anno XXVII, marzo, nº 97. pp-125-128, 1989.
- TIENDA, M.e BOOTH, K., "Gender, Migration and Social Change", In: *International Sociology*, vol.6, nº1, march. pp.-51-72, 1991.
- TILLY, C. "Reconsidered Transplanted Networks". In: MAC-LAUGHLIN, V. Y. *Immigration*. Oxford, New Oxford University, 1990.
- TORRES, A. Amores e desamores- para uma análise sociológica das relações afetivas, *Sociologia*, n.3, 21-33, 1987.

- _____. Mulheres, divórcio: tendências actuais, *Revista Sociologia. Problemas e práticas*, n.2, p.117-147, maio, 1987.
- VASQUEZ, A. e E. APFELBAUM, "Du sentiment d'étrangeté à la situation d'étranger", *L'Homme et la Société*, 77-78, p.51-61, 1985.
- VIEIRA, F. "La 'caboverdianidade', entre mythe et réalité- déconstruction identitaire ou condition minoritaire parmi les migrants capveerdiens en Europe?", *Lusotopie*, p.55-65, 1998.
- VIÑAR, M. "O reconhecimento do próximo. Notas para pensar o ódio ao estrangeiro", In: KOLTAI, C.(org.) *O estrangeiro*, São Paulo, Escuta/Fapesp, 1998, p.173-191.
- WACQUANT, L. "Introduction". In: BOURDIEU, P. E WACQUANT, L. (1992) *Réponses*, Paris, Éditions du Seuil, 1992, p.13-42.
- WALLERSTEIN, I. *The Capitalist World-Economy*, Cambridge, Cambridge University Press, 1979.
- WALLMAN, S. Identity Options. In: FRIED, C. ,org., *Minorities, Community and Identity*, Berlim, Springer-Verlag, 1983.
- ZOLBERG, A R. The Next Waves: Migration Theory for a Changing World; *International Migration Review*, v.XXIII, n.3, fall, p.403-430, 1989.
- ZONABEND, F. "A memória familiar. Do individual ao coletivo", *Sociologia. Problemas e práticas*, n.9, p.179-190, 1991.